Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

**A EXPOSIÇÃO E A INVISIBILIDADE: PERCURSOS E
PERCALÇOS POR LISBOA E SÃO PAULO.
AS NARRATIVAS DOS USOS E DOS CONTROLES
DO USO DE CRACK.**

Selma Lima da Silva

**Tese apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Saúde Pública
para obtenção do título de Doutor
em Ciência.**

Área de Concentração: Saúde, Ciclos
de Vida e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Rubens de
Camargo Ferreira Adorno

São Paulo
2017

Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

**A EXPOSIÇÃO E A INVISIBILIDADE: PERCURSOS E
PERCALÇOS POR LISBOA E SÃO PAULO.
AS NARRATIVAS DOS USOS E DOS CONTROLES
DO USO DE CRACK.**

Selma Lima da Silva

**Tese apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Saúde Pública
para obtenção do título de Doutor
em Ciência.**

Área de Concentração: Saúde, Ciclos
de Vida e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Rubens de
Camargo Ferreira Adorno

São Paulo
REVISADA

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste documento, tanto na sua forma impressa ou eletrônica, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ao meu filho Ébano e a meu companheiro Bert

A meus pais
(In memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus interlocutores que dividiram comigo suas histórias e já me desculpo pelas interpretações que, como sempre, podem ser redutivas.

Ao meu orientador Rubens Adorno pelo incentivo, orientação e amizade.

Aos membros da banca de Qualificação a Clarissa Corradi Webster e Paulo Artur Malvasi pela disponibilidade e pelas contribuições que muito me ajudaram no desenvolvimento deste projeto.

Agradeço à CAPES pela concessão da Bolsa Sanduíche que me possibilitou o período de estágio em Portugal que muito contribuiu para este trabalho, no projeto: Políticas Públicas, Vulnerabilidade e Risco (CAPES/FCT/ISCTE) e aos 20 meses de bolsa concedidos para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao *grupo de orientandos do Rubens*, grupo em que discutíamos nossos trabalhos e textos e nos apoiávamos.

À minha família, especialmente as minhas irmãs Sandra e Silene e aos meus amigos, pela torcida, paciência, ajuda e apoio que foram dados das mais diversas formas, Heidi Ann Cerneka, Joana Blaney, Maria Vitória Paiva, Mônica Silveira Brito Raquel Bernard, Roberta Marcondes Costa, Sônia Maria Soares de Almeida, Vanessa Oliveira da Silva, Cláudio Westphalen, Luís Vasconcelos, Raphael Escobar, Thiago Nagafuchi. Também e ao amigo Oswaldo Rosa pela ajuda com a revisão.

Agradeço aos funcionários da secretaria de pós-graduação da Faculdade de Saúde Pública, sempre atenciosos e dispostos a ajudar e em especial a Vânia dos Santos Silva.

RESUMO

SILVA, S. L. A exposição e a invisibilidade: percursos e percalços por Lisboa e São Paulo. A narrativa dos usos e dos controles do uso de crack. [Tese de doutorado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2017.

Desde a entrada do crack no cenário mundial, pesquisas nesta área geralmente tendem a focar no uso problemático, visto como resultado da perda de controle do uso da substância com interferência para vida social e privada do usuário. Vários estudos são desenvolvidos com pessoas que estão em tratamento ambulatorial ou internados. Outros focam nas cenas de uso público, como a “Cracolândia”, mas sem dissociar: uso da substância, e, viver em situação de rua (que, por si só, tal situação traz grandes prejuízos à saúde). Tendo isso em conta, a perspectiva desse estudo é de colocar em discussão a afirmação de que o uso do crack se daria sem nenhum controle por parte dos envolvidos nesta prática. Deste modo, propõe-se a investigar a existência de padrões de controle e autocuidados no contexto desse uso e os significados a ele atribuídos. Visa, também, examinar em que medida os usos problemáticos (associados às cenas de uso públicos), e, a produção de discursos morais e estigmatizantes performam as experiências dos usuários de crack de uso não visível. Identificar os diferentes padrões de uso e as estratégias desenvolvidas para um uso controlado, tendo em consideração o conhecimento construído pelos usuários, é importante para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e que respeitem os direitos e a autonomia dos usuários quer tenham desenvolvido problemas com o uso ou não.

Palavras-chave: uso controlado de crack, padrões de consumo, padrões de sociabilidade, saúde pública, redução de danos, Cracolândia.

ABSTRACT

SILVA, S. L. Pathways and obstacles throughout Lisbon and São Paulo. The narratives of use and limits for the use of crack. [Doctoral thesis]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2017.

Since the worldwide appearance of crack, research in this area generally tends to focus on problematic crack use, as seen as a result of the loss of control of the use of the substance with interference to the user's social and private life. A variety of studies is done with people who are in outpatient or inpatient treatment. Other studies focus on scenes of public use, such as Cracolândia, but without dissociating the use of the substance from living in a street situation that in itself causes great harm to health. Taking this into account, the perspective of this study is to put in discussion the assertion that the use of crack would occur without any control on the part of those involved in this practice. In this way, it proposes to do research on the existence of control and self-care patterns in the context of this use and the meanings assigned to it. It also aims to examine the extent to which problematic uses, associated with public use scenes, and the production of moral and stigmatizing discourses, perform the experiences of crack users of non-visible use. Identifying the different usage patterns and developed controlled use strategies, thereby taking into account the knowledge built up by the users, is important for the development of public policies that are more effective and that respect the rights and autonomy of users regardless of whether or not they have developed drug using problems.

Keywords: controlled use of crack, patterns of consumption, patterns of sociability, public health, harm reduction, Cracolândia.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
PARTE I - PERCURSO E PERCALÇOS DA PESQUISA / OS EMBATES METODOLÓGICOS.....	20
O crack como o grande protagonista dos debates públicos das drogas	32
A produção midiática das drogas: cocaína, crack e oxi.....	34
PARTE II - A CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS E AS CENAS PÚBLICAS DE USO EM SÃO PAULO E LISBOA: AS REGULAÇÕES DOS USOS EM DIFERENTES ESPAÇOS.....	45
A constituição do espaço: São Paulo	45
A constituição da cena de uso.....	50
A constituição dos espaços de uso público em Lisboa	58
As cenas de uso.....	65
As etnografias nas cenas de uso.....	68
As cenas de uso, os controles estruturais e as subjetividades de "usuários de crack"	81
PARTE III - OS USOS INVISÍVEIS E OS SEUS CONTROLES	88
Alguns estudos sobre os usos e controles.....	88
Os usos não públicos: narrativas e trajetórias.....	96
As narrativas em Portugal	124
Efeitos crack/cocaína	135
Relações sexuais com crack, cocaína e maconha.....	146
Motivações para o controle	149
Estratégias de controle.....	155
O uso controlado	169
Fatores que contribuíram para diminuir ou interromper o uso de crack e/ou cocaína.....	173
Modelos classificatórios do uso de drogas	182
Sobre a legalização das drogas	187
Uma breve discussão sobre visibilidades e invisibilidades do crack	191
CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
BIBLIOGRAFIA	198

INTRODUÇÃO

No carnaval de 2016, fui acompanhar o Blocolândia - bloco de carnaval composto por usuários de crack e dos serviços de saúde e por trabalhadores que atuam na cena de uso¹ paulistana, conhecida como “Cracolândia” - em companhia de um pesquisador austríaco de nome Michael. E, por ter tido um compromisso antes, tive de ir com uma bolsa, o que geralmente não faço quando vou para lá. Quando o bloco passava pela esquina da rua Dino Bueno, na esquina onde começa o fluxo², um rapaz branco que estava fumando crack reconhece Michael, chama-o e troca algumas palavras. Quando Michael se junta novamente a mim diz: *“Ah, estranho, ele falou para eu avisar na ‘casa’, (Missão Belém)³, que ele está aqui. Mas estou achando estranho porque se eu falar que ele está aqui, ele vai ter que sair da ‘casa’ ”*. Resolvemos voltar até a esquina do fluxo e chamar o rapaz para esclarecer se era esse mesmo o recado. Quando o chamamos, estava em meio a uma tragada, fez sinal para que esperássemos, virou o rosto para o lado, soltou a fumaça (norma de etiqueta, na cena de uso, para não soltar a fumaça na cara de quem não fuma), confirmou o recado e perguntou: *“Vocês estão com tempo para conversar, vamo conversar?”* Com a nossa afirmativa, ele nos chamou para sentarmos na praça em frente à Estação Júlio Prestes. Eu e Michael nos sentamos em um banco e o rapaz, de nome Miguel, se sentou no chão à nossa frente. Como segurávamos um papel com a letra da marchinha do bloco, faz um movimento rápido e puxa o papel das mãos de Michael ao que faz a seguinte observação: *“Tem que ficar esperto!”* Relata que saiu da casa do “padre” porque se envolveu em uma discussão que terminou em agressão física, mas que gosta do lugar, gostaria de poder voltar. Como já conhecia Michael da casa, tenta saber qual é a nossa relação, pedindo licença ao Michael para se dirigir a mim (uma regra dos presídios, adotada na rua, para não se dirigir direto às mulheres que podem ter alguma relação com o homem de quem estão acompanhadas e, assim,

¹Utilizo ao longo do texto os termos cenas de uso ou cenas de uso público de crack, em que pese que o termo Cracolândia também é utilizado pelos usuários da cena paulistana, por considerar que a generalização desse termo esconde, mais do que revela, questões políticas e dinâmicas particulares de cada região que apresenta esse uso público de crack.

²Fluxo: grande aglomeração de pessoas em um espaço delimitado onde acontece venda e consumo de crack. O fluxo pode mudar de lugar em função de fatores vinculados a acordos do tráfico e/ou repressão policial.

³A Missão Belém é uma associação da igreja Católica que faz um trabalho na cena de uso junto aos usuários, visando que estes deixem o uso da substância. Os acolhem por uma semana em uma casa próximo ao metro Belém e depois os encaminham para um sítio no interior de São Paulo.

desrespeitá-lo). Explicamos que somos colegas e pesquisadores. Enquanto falamos, tenta fazer a mesma brincadeira de tirar o papel da minha mão, mas consigo puxar o papel para junto do meu corpo e ele não consegue tirá-lo de mim, ao que observa: *“Tá esperta!”* Começa a falar de sua vida. Nos conta que é de uma cidade pequena do Paraná, que fazia trabalhos como marceneiro e que tinha feito todo o trabalho de revestimento de madeira nas paredes e no teto da casa do pai. Conta que tem um irmão de quem é muito próximo e que este começou a ser extorquido pela polícia pelo envolvimento com drogas. Em uma dessas ocasiões, viu, pela janela de casa, que o irmão estava sendo espancado pela polícia; então, para defender seu irmão, deu um tiro no policial, fato que o fez sair de sua cidade. Conta que morava junto com sua namorada, mas por problemas com o álcool, o relacionamento terminou. Diz que já usava crack em sua cidade, mas que: *“O meu problema é com o álcool”*, e nos mostra a garrafa de Corote⁴ em sua mão. Nos pergunta que idade achamos que tem porque se acha muito acabado, insiste na pergunta. Digo que deve ter 33 anos ao que ele responde ter 28, um pouco decepcionado por, realmente, aparentar mais idade. Fico um pouco desconcertada. Ele continua narrando a sua história pregressa no Paraná e de como a casa em que vivia era boa, como montou a casa com os equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos e de seu trabalho com madeira. Diz que tem fotos no seu Facebook, então me pergunta: *“Você tem celular? Coloca o meu nome no Facebook para você ver as fotos.”* Apesar de pensar que poderia ficar sem meu celular, que eu ainda estava pagando, e saber que na condição de vida dele, eu é que estava facilitando a situação para ser roubada, não consegui responder que não tinha. Muito embora me passasse pela cabeça que o celular, que para mim custou caro, para ele, muito provavelmente, a depender de sua necessidade e capacidade de negociação poderia valer de R\$ 300,00 até R\$ 50,00, mas qualquer quantia poderia ser muito dinheiro para ele também. Com todos esses pensamentos e me sentindo muito mal por estar me sentindo vulnerável por causa de um objeto, retirei hesitante o celular da bolsa e tentei encontrá-lo no Facebook. Como não consegui encontrar ele me diz para passar o celular para ele. Eu digo que vou tentar novamente, mas não consigo. Nesse momento ele está sentado a meu lado no banco. Passo o celular para ele e penso: *“Ok, perdi meu celular.”* Ele pega o celular nas mãos, olha para mim e

⁴ Corote, marca de cachaça do mercado popular, nome dado a bebida alcoólica consumida nas ruas junto com o consumo de crack

faz um movimento com o corpo, para começar a correr. Eu não esboço nenhuma reação, já que já havia dado o celular por perdido. Ele sorri e começa a digitar o seu nome na busca do Facebook. Começa me mostrar a sua página, entrar em seus álbuns, me mostra a casa em que vivia com o pai e seu trabalho de marcenaria nas paredes e no teto. Me mostra as suas fotos com a antiga namorada, de quem ainda gosta. Mostra as fotos de seu pai e irmão, as suas próprias fotos, vestido no estilo gangsta-rap, uma foto onde se lê, escrito em letras grandes com balas de revólver, a palavra amor. Ele queria mostrar a sua vida, falar de seus gostos, mostrar e/ou lembrar de quem era, me mostrar que era alguém, além de usar crack. Fiquei com uma sensação muito ruim por ter de me preocupar com objetos. A conversa durou em torno de duas horas, por fim eu disse que precisava ir embora e pedi meu celular de volta. Ele me devolve o celular, levantamos e então ele me abraça demoradamente e fala: *“Obrigado, você me permitiu ver pessoas que eu não vejo há muito tempo.”*

O relato acima, ocorrido na cena de uso que se tornou icônica no Brasil, desmonta o desfecho esperado, inclusive para a pesquisadora, como a única possibilidade para esse lugar, quando se envolve um objeto que é um dos itens mais roubados na cidade de São Paulo⁵. Nesse breve relato é possível também desmontar as crenças mais comuns a respeito do que o uso de crack pode fazer com uma pessoa e, principalmente, com uma que está vivendo em uma cena de uso e de acordo com algumas das estratégias lá utilizadas para conseguir dinheiro e garantir, minimamente, a sobrevivência e o consumo. As crenças de que o uso de crack levará, inevitavelmente, ao “descontrole”, perda da autonomia frente à droga levando a habitar a cena de uso (uma consequência quase natural para quem o fizer), também são constantemente reafirmadas.

Diversas pesquisas da área de saúde, geralmente da área da saúde mental, e acadêmicas (FIOCRUZ, 2014; HORTA et al, 2011; GUIMARÃES et al, 2008) são

⁵Segundo dados da Secretária de Segurança Pública, em janeiro de 2017, o telefone celular foi o item mais roubado no Estado de São Paulo, superando o roubo de veículos. Em Reportagem de 2015 da Revista da Defesa Social & Portal Nacional dos Delegados, o celular foi o item mais roubado na cidade de São Paulo, no ano de 2014, e segundo a Secretária de Segurança Pública *“ Os aparelhos levados seguem quase sempre para o mesmo destino: a Cracolândia, no Centro de São Paulo, o Rio de Janeiro e o Paraguai. Quando não são desmanchados para a revenda de peças, têm as “carcaças” reaproveitadas com a troca dos chips. ”* Disponível em:

<http://www.ssp.sp.gov.br/Estatistica/PerfilRoubo.aspx>

<http://delegados.com.br/noticias/veja-os-objetos-mais-roubados-e-furtados-em-sao-paulo>

desenvolvidas a partir do consumo problemático: usuários que estão em tratamento ou internados ou da visibilidade dada ao uso em contexto de rua, como no caso da cena de uso público de São Paulo, sem que se dissocie: uso da substância e viver em situação de rua; situação que, por si, só traz grandes prejuízos à saúde. Buscando traçar um perfil do usuário, homogeneízam-se os usos e os usuários sem levar em consideração os contextos e as trajetórias particulares desenvolvidas em cada contexto de uso.

A constituição do consumo de drogas como um problema de saúde e social, aliás, foi um esforço desenvolvido, no campo da saúde, pela medicina e psiquiatria e que se consolidou em meados do século XX. O uso de drogas ganhou visibilidade fora das esferas psiquiátricas e também jurídicas com o advento da AIDS, mas, ainda, dentro de uma esfera bioquímica, isto é, quando se pensa no corpo como um referencial restrito ao seu funcionamento biológico e à droga como agente, desqualificando contextos e agenciamentos dos sujeitos; da área de interesse da saúde pública, para intervir sobre os agravos à saúde da população. Com o uso de droga sendo alçado a um problema de saúde pública se demandará, ainda que de forma instrumental:

A introdução das ciências sociais e, mais recentemente, da etnografia no campo sanitário, que atribui às ciências sociais um papel “técnico” ou de ferramenta para trazer os grupos de difícil acesso para os serviços de saúde. Expressões como “populações ocultas”, “populações de difícil acesso” ou “populações vulneráveis” fazem parte do repertório da saúde pública contemporânea, notadamente após a epidemia do VIH-AIDS (ADORNO, 2011, p.543).

Contudo, o uso de drogas injetáveis:

(...) só se tornou objeto de preocupação das políticas de prevenção e controle da AIDS em 1988 quando foram elaboradas as primeiras propostas de intervenção junto a este grupo específico. Além disso, até o surgimento da AIDS o desconhecimento desse assunto era quase completo, sendo tratado mais no âmbito jurídico-penal do que como uma questão de saúde pública (GRANGEIRO, 1994, p.95).

A pesquisa sobre o uso de drogas passou a ser tema de interesse da Antropologia, a partir dos anos 50 do século passado, quando esse uso passa a se constituir em “problema das drogas”. No Brasil, até a década de 90 desse mesmo

século, a pesquisa sobre drogas nas ciências sociais era bastante incipiente e focavam mais na violência e criminalidade associadas ao tema. Quanto aos estudos etnográficos sobre uso de drogas, no Brasil, até 1994, segundo MACRAE (1994), podia-se contar, apenas, com quatro trabalhos pioneiros como os de VELHO (1975); MACRAE e SIMÕES (1989); LIMA (1990) e FERNANDEZ (1993).

EPELE (2010) sinaliza a mesma dinâmica com relação aos estudos sobre o uso de drogas na Argentina:

(...) Además de un conjunto de antecedentes locales sobre el uso de drogas, específicamente dentro del dominio de salud mental y de la epidemiología (...) el desarrollo del conocimiento sobre este tema estuvo forzado, principalmente, por la emergencia instalada por la epidemia del VIH-sida (p. 35).

A autora ainda destaca que pesquisar o uso de drogas definiu novos desafios para as ciências sociais e para a antropologia e que a noção de populações invisíveis e de difícil acesso, na área da saúde, criaram uma demanda para estudos etnográficos como possibilidade de acessar essas populações com desafios metodológicos que também se colocavam para pesquisas sobre o uso de drogas (EPELE, 2010).

Trabajar con poblaciones de usuarios/as de drogas impone la inclusión y la resolución de las distancias y obstáculos: el estigma, la discriminación, la ilegalidad, las sanciones sociales y los estados subjetivos asociados al consumo de sustancias psicoactivas. La observación participante hace posible confrontar y neutralizar los sesgos que implica el desarrollo de entrevistas en estas poblaciones y contextualizar en lógicas locales las características y consecuencias de determinadas prácticas de consumo de drogas (p.29-30).

EPELE (2010) ainda destaca, que o desenvolvimento de estudos antropológicos, que abordaram criticamente o uso de drogas e populações marginalizadas, ocorreram em um momento de revisão teórica e metodológica da etnografia como método, a partir da entrada dos antropólogos em territórios cercados pela violência cotidiana, onde intensos conflitos, enfrentamentos armados e guerras têm lugar, e sofrimentos intensos e demandas de saúde impõem suas agendas e essas tensões passam a fazer parte da pesquisa etnográfica.

Poder compreender os consumos de drogas, pela perspectiva do sujeito e de seu contexto de uso e conhecer o seu entendimento acerca do próprio uso, é um objetivo que a etnografia pode desenvolver. Esta pesquisa teve como objetivo

conhecer outros usos possíveis de crack e buscou, também, compreender os significados atribuídos ao uso durante as trajetórias de uso dos sujeitos, no contexto em que estão inseridos, suas práticas de utilização e estratégias para o controle do uso e para o uso, e verificar como essas práticas e estratégias, além de serem construídas na sua experiência e em seus percursos de uso, estão mediadas reflexivamente pelo imaginário do consumo problemático. Para isso, além de se valer de etnografia realizada em São Paulo e em Lisboa, ouviu, nessas duas cidades, usuários e ex-usuários de crack de uso não visível que não estavam em centros de tratamento.

As pesquisas desenvolvidas com usuários de drogas, em geral; e com o crack, em particular, os acessam via centros de tratamento para consumos problemáticos ou com essa mesma perspectiva enquadram aqueles que se encontram em cenas de uso público. Isso acaba por enviesar as pesquisas, pois, o fato de a pessoa estar em tratamento, já deixa claro a existência do “uso problemático” e reforça, principalmente no caso do crack, a noção determinista de que todo uso terá o mesmo fim. Nessa pesquisa, a pretensão foi exatamente o contrário. Procurei criar um vínculo para que as pessoas pudessem discorrer livremente sobre suas histórias de vida e os usos que faziam tanto de drogas lícitas como ilícitas, tendo como pressuposto de que haviam e/ou seguiam usando o crack entre as preferências que tinham por esta ou aquela droga.

O meu pressuposto ou hipóteses, se se pode dizer assim, partia das experiências anteriores com as etnografias que realizei com mulheres que faziam programa e também usavam crack durante essa atividade e de outros momentos em sua vida. Nessa pesquisa, verifiquei que mesmo aquelas pessoas sobre as quais pesava o rótulo de “prostitutas”, “noinhas”, “drogadas”, ou seja, vistas como “vulneráveis” – primeiro, pelo simples fato de serem mulheres e de serem mulheres de comportamentos reprováveis – tinham em seu cotidiano preocupações com seus usos, introduzindo aquilo que poderíamos chamar de práticas de controle em uma função de preocupações com seu corpo.

O uso de uma droga se vincula à produção de emoção, prazer e sensações que têm como espaço de realização o seu corpo que, nesse momento, se torna um campo de exploração sensorial. Desta forma, como pude perceber nas densas

narrativas que recolhi, o próprio uso está intimamente relacionado com o uso do corpo, como denominei de campo de experiências que as pessoas visam amplificar. Portanto, aquilo que chamamos de cuidados e de controles passa a ser as ações para dar continuidade ao fluxo de vida que, nesse caso, é intensamente celebrada pela possibilidade de poder conter nesse espaço físico que é o corpo que explora, até o limite, as possibilidades sensoriais e emocionais. (INGOLD, 2011)

O que referi acima pode ser lido e interpretado pelas noções que BECKER (1966) e ZINBERG (1984), por exemplo, elaboraram sobre as “carreiras de usuário” e os contextos de vida das pessoas que usam drogas e que deram origem a noções como controle de uso, usos regulados, aprendizado de uso, etc.

Voltando ao relato; o que depreendemos dele é que (a despeito da imagem do usuário de crack, na cena de uso, ser tido como incapaz de tomar decisões por estar tomado pela droga e pelo desejo irresistível de continuar o uso) ele é capaz, não somente, de decidir qual conduta adotar frente a uma possibilidade fácil de conseguir algum dinheiro ou manter uma conversa que lhe trará ganhos emocionais, como também, seguir normas de conduta que regem o espaço da cena de uso: não jogar a fumaça do crack no rosto do interlocutor que não fuma, não se dirigir diretamente a mulher/família do interlocutor masculino, sair do fluxo para conversar. Também evidencia como o usuário, tido como descontrolado, é capaz de refletir sobre sua condição geral, sobre os seus usos e identificar, entre esses, segundo sua perspectiva, qual lhe causa problemas.

Isto posto, o presente estudo se propôs a buscar pessoas que concordassem em narrar suas experiências com o uso de drogas lícitas e ilícitas, tendo como foco as experiências do uso de crack. Visou identificar o uso controlado de crack e os padrões de uso desenvolvidos em seus contextos e conhecer as estratégias desenvolvidas para o seu controle, levando em conta o conhecimento construído pelos usuários. Para isso, algumas questões orientadoras foram colocadas: É possível o uso controlado de crack? Quais parâmetros de controle e descontrole são acionados pelos usuários? Quais são os padrões de uso? Como descrevem a experiência do uso? Quais controles e cuidados são seguidos? Existem fatores determinantes para ocorrer o controle do uso? Quais seriam eles? Como se desenvolvem esses parâmetros e padrões de uso que não são visíveis ou que não são mediados pelo espaço público e

estigmatizado? Este estudo se propôs a discutir essas questões sob o ponto de vista dos usuários, em que pese que suas visões a respeito são, também, atravessadas pelos dispositivos da saúde através da medicina e psiquiatria.

Neste trabalho, me vi diante de uma encruzilhada: por um lado, uma bagagem de experiências de campo, que foram interrompidas pelo percurso de vida, que ia desde minha dissertação de mestrado aos campos que realizei no espaço de uso público em São Paulo e depois mais recentemente em Lisboa; dessa bagagem estava a desconstrução da relação entre crack, mídia e “usuários”. Toda a fala sobre o crack se baseia nessa imagem e construção “pública” sobre a droga. Como tive a oportunidade de realizar campo em São Paulo e Lisboa, pude acessar também essa construção do “debate público sobre a droga em duas realidades. Em Portugal – como em outros países da Europa – o fenômeno da “toxicomania” ou dos toxicômanos remonta a finais dos anos 1970 e 1980 e ocupa a cena de todo um debate público, sendo que, em Portugal, a promulgação de uma política mais compreensiva vai desconstruir essa cena central da droga como o grande mal da sociedade. O que observei é que essa discussão se reatualizou com a emergência do crack em terras americanas, principalmente no Brasil, ficando a comparação heroína cá, crack lá, uma discussão cruzada que sempre jogava o mais perigoso ou o imaginário da droga do mal para ou outro, a outra terra a outra realidade; por esse motivo, decidi não abandonar os registros etnográficos e a descrição desse cenário de uso público nas duas cidades, com essa diferença já colocada – o debate público na Europa antecede a “epidemia” brasileira do crack. A “toxicomania”, no Brasil, e, inclusive, sua relação com a epidemia da Aids ficou mais invisibilizada (MESQUITA, 1994); isso, para mim, tem uma relação com uma adoção de modelos públicos e de políticas de redução de danos.

No caso brasileiro, essa discussão, na grande mídia, e a ressonância política levaram a contornos mais conservadores e uma versão mais subjugada de políticas e práticas compreensivas, de forma que os usuários (de uma droga ilícita como o crack) passaram a ser visibilizados como sujeitos sem direitos, moralmente julgados.

Nesse sentido, considere importante desenvolver esse aspecto que diz respeito à construção da imagem pública do uso a partir da rua.

A outra vertente, que persegui desde a dissertação, foi o do controle dos usos versus a “medicalização” e “patologização dos usuários”, pois desde os mais “excluídos” da rua já percebia, desde há 20 anos, que desenvolviam autocuidados e práticas de regulação. Por isso, fui procurar, entre aqueles que não estavam na cena pública, a sua descrição mais íntima com os usos; e, por isso, essa outra vertente ou quase outra “tese”: as narrativas e trajetórias de uso.

Interessante que se tratam de dois níveis de pesquisa, um mais “etnográfico” no registro dos percursos em cena pública em Lisboa e São Paulo; outro mais focal e estruturado a partir de entrevistas, que tinham, de antemão, o viés etnográfico, ou seja de abrir espaço para o relato da experiência dos “percalços” e construção das sensações e das experiências de uso de drogas dos outros. Digo percalços porque, nesse sentido, cruzam a todo momento a busca de uma sensação corporal como o “essencial” de si (PERLONGHER, 1987), e os percalços das trajetórias de vida e da introjeção da interdição sobre as drogas ou sobre a droga (o crack). Assim, deixei que discorressem sobre as minhas perguntas que por sua vez estruturavam o que foi produzido pelo conhecimento acadêmico acerca dos chamados “usos controlados”. Ao sistematizar os dados, me dei conta da riqueza de seus conteúdos, e, nesse caso, diria, possibilitam uma análise muito mais abrangente do que faço nesse trabalho.

A divisão que fiz entre os entrevistados, entre uso problemático e não problemático, diz respeito basicamente àqueles que nas suas trajetórias “seguraram a onda”, ou seja, desenvolveram uma autorreflexão e um autocontrole de modo a não se tornarem “pacientes”. Citam até que, em determinados momentos, necessitaram da recorrência a uma intervenção terapêutica, tipo psicoterapia, análise etc., mas tinham certa consciência de que precisavam interpretar a si mesmos e não se interpretarem como “usuários de drogas”, sujeitos que no plano “clínico” da drogadição seriam considerados poliusuários, mas, como quero demonstrar, não cabem nessa definição, aqui são apenas sujeitos, essa parte da tese segue o modelo das “teorias” do autocontrole e possibilitam toda uma reflexão para as “políticas públicas de drogas” e suas possibilidades de criarem apoio aos sujeitos diferentemente do que tratá-los como usuários ou “problemáticos”

Trata-se, então, de dois textos: um, sobre cenas públicas e a construção do imaginário social, e, outro, sobre a experiência reflexiva de sujeitos que fizeram uso do crack.

Desse modo, na parte I falo primeiro das questões metodológicas; em seguida, inicio a Parte II com a descrição dos processos urbanos que levaram à construção das cenas públicas de uso em São Paulo e Lisboa. Destaco que, embora esse não tenha sido foco dessa pesquisa, acabou por se tornar um tema importante, a partir da própria emergência dos usos públicos que nos seus estudos tem transitado entre aproximações etnográficas das populações em cena pública e reflexões sobre espaço cidade e as mudanças urbanas. Em seguida, descrevo alguns trechos de relatos etnográficos realizados nas duas cidades e algumas considerações sobre esses olhares.

Na Parte III, inicio com as narrativas dos entrevistados não frequentadores das cenas públicas e, em seguida, decodifico suas entrevistas de uma maneira bastante esquemática e “colada” aos pressupostos dos teóricos dos “usos controlados” das drogas. Acrescentei, também, dois temas ao roteiro de entrevista que descrevo nessa sequência, trata-se de saber as opiniões que os entrevistados tenham sobre a “patologização dos usos de drogas ilícitas” e o que achavam da “legalização” das drogas. Segue-se algumas reflexões sobre a pesquisa e seus produtos antes das considerações finais.

PARTE I - PERCURSO E PERCALÇOS DA PESQUISA / OS EMBATES METODOLÓGICOS

O consumo de drogas, por ser uma prática considerada ilícita e sujeita a reprovação social ou funcionar como uma categoria acusatória (VELHO, 2008), traz maior dificuldade de alcançá-lo como objeto de pesquisa. Os usuários dessas substâncias preferem manter o uso fora das vistas e do conhecimento de quem não é partidário de tal prática, visando uma proteção a possíveis problemas relacionados a justiça e/ou na esfera social – com amigos e familiares desconhecedores de sua prática, na escola, trabalho, etc. Com isso, acessá-los se torna uma tarefa bastante delicada e de elevado grau de dificuldade, principalmente quando a substância utilizada é o crack. No caso do crack, muitas vezes, o uso é omitido ou ocultado do círculo de amigos que utilizam outras substâncias em conjunto. Isso demonstra como o crack consegue acionar o discurso do medo e do determinismo do poder da substância que direciona os utilizadores para um padrão de consumo sem controle. Dessa forma, estabelecer uma metodologia que desse acesso aos utilizadores de crack teria de ser construída no próprio processo de busca desses interlocutores.

BECKER (1997) defendeu a ideia de que a metodologia não pode ser pensada “a priori” e sim como consequência do próprio objeto de estudo e das relações que se estabelecem no campo da pesquisa. Portanto, tem de ser pensada por quem está fazendo a pesquisa. Defende, ainda, que a interação pesquisador, contexto e pesquisado faz parte do método devendo também fazer parte da análise.

Este estudo se utilizará da contribuição da antropologia, mais especificamente da etnografia. Para GEERTZ (1989), o que se faz em antropologia é sempre uma etnografia e só com base no entendimento do que seja a prática etnográfica é que se compreende o que é a análise antropológica como forma de conhecimento. O autor ressaltou, porém, que essa não é uma questão de métodos e procedimentos.

A prática etnográfica inclui em seus instrumentos “a observação direta de comportamentos, a observação participante (quando há um maior envolvimento no cotidiano do grupo pesquisado), coleta de depoimentos, história de vida, narrativas orais...” (MAGNANI, 1993, p.7). Esta prática, proposta por Malinowski, introduz o pesquisador no mundo “nativo”.

O autor também destacou que o pesquisador deve ter claro que “seja qual for seu recorte metodológico, um determinado bairro, instituição ou seita religiosa, ou ainda outro objeto de pesquisa, recomenda o reconhecimento de que este objeto faz parte de uma rede mais complexa” (MAGNANI, 1993, p.5).

O exercício de tornar o estranho familiar e o familiar estranho constitui movimento fundamental para apreensão da realidade por parte da prática antropológica. Tornando possível, desta forma, uma visão menos contaminada pela naturalização dos fatos cotidianos, possibilitando perceber os vários sentidos e significados presentes nas práticas dos diversos atores sociais.

Assim sendo, a escolha da antropologia justifica-se pelo próprio objetivo da pesquisa que envolve o consumo de substâncias psicoativas, conhecidas genericamente como “drogas”, neste caso o crack, como comenta VELHO (1994):

(....) A contribuição da antropologia para a compreensão desta problemática consiste em mostrar como existem *n* maneiras de utilizar as substâncias, em função de variáveis culturais e sociológicas. Estas não só se somam, como complexificam as distinções que possam ser registradas ao nível da análise bioquímica (p.24).

Como, neste estudo, está se tratando de comportamento estigmatizante – consumo de drogas – julgou-se necessária a contribuição dos interacionistas simbólicos para analisar tais práticas.

Com o início da antropologia urbana, a pesquisa etnográfica deixou de olhar para o outro estranho e distante e passou a olhar para o familiar e próximo; neste contexto, a Escola de Chicago torna-se um dos expoentes da Antropologia Urbana e vem dela a teoria do desvio. Na teoria do desvio, o desviante é entendido como o indivíduo que transgride as normas socialmente estabelecidas, intencionalmente ou não, devido a algum defeito caracterológico ou de falha de socialização, sendo marginalizado por isso.

Nessa concepção, o desvio é entendido como algo que o indivíduo traz em si e que o afasta do desenvolvimento ideal. Os interacionistas simbólicos, por sua vez, irão entender o desvio como consequência da aplicação, pelos outros, de sanções dirigidas ao indivíduo que apresenta comportamento diferente dos socialmente estabelecidos, passando, dessa forma, a ser rotulado por tal comportamento. Desse

modo, não entendem o desvio como algo inerente ao indivíduo, mas como socialmente produzido. Esta produção se faz com o intuito de manter a ordem social.

VELHO (1985) propôs uma relativização do conceito de desvio. Em seu livro “Desvio e divergência” discutiu a necessidade de se trabalhar com o conceito do desvio de uma maneira mais relativizada, superando a camisa de força de preconceitos e intolerâncias, deixando de ser visto como patologia com visões que variam de um psicologismo a um sociologismo de produção individual e fragmentada, desvinculada da sociedade e cultura, e sim como uma interação indivíduo sociedade e/ou cultura. O autor discutiu, ainda, que o “desviante” não está fora de sua cultura; na verdade, faz uma leitura divergente das regras socioculturais estabelecidas, e chamou a atenção para o caráter político que existe entre o conflito rotulador/rotulado, pois, de acordo com a força que um grupo assume na sociedade, fará com que defina o que e quem será considerado desviante.

Tendo, na dissertação de mestrado, iniciado uma discussão sobre os consumos “problemáticos” em espaço público e seus controles, tive agora como propósito, discutir e desvelar outros consumos possíveis do crack. Para tanto, busquei nos discursos e práticas dos envolvidos nesses usos, a polissemia dos significados atribuídos pelos sujeitos em variados contextos, práticas e produção dos discursos atribuídos ao crack. Foquei, também, sobre a forma como a substância é pensada/atualizada pelos diversos sujeitos que foram ou são consumidores do crack. Penso, dessa forma, poder entender como tais concepções interferem nos efeitos tanto do controle do uso como também de seu descontrole. Tentei entender quais são os parâmetros de controle e descontrole acessados e acionados e em que momentos do histórico de consumo. Busquei verificar o quanto a noção de descontrole está intrinsecamente associada com a concepção/crença no poder da substância e como, subjetivamente, o descontrole está associado às cenas de uso público.

Quando me propus estudar os usos que não aconteciam em espaço público, chamei-os de “invisíveis” e deduzi que teria mais dificuldades de acessar pessoas que tivessem tais práticas. Mas cabe lembrar que a visibilidade dada pelo espaço aberto já traz em si uma invisibilidade. Quem olha para os usuários nesses espaços não enxerga singularidades, individualidades. Se eles não conformam uma grande massa, são conformados por julgamentos morais que acabam por unificá-los em uma categoria de acusação (VELHO, 2008) em que terminam perdendo seu direito a

humanidade, não são “mais iguais a nós”, “Pobres coitados que deixam de ser um humano e se tornam zumbis. ” Ou melhor, não se olha para os usuários nesses espaços, se olha para os espaços que os congregam e para suas práticas “condenáveis” e que terminam por redefinir tais espaços como uma terra de ninguém onde não há regras e, portanto, tudo pode acontecer, ou melhor, na “terra do crack”, onde nada de bom pode acontecer, visto que ele é o soberano.

O espaço de uso público, no centro de São Paulo, se constitui em terreno fértil para as explicações/ressignificações místicas das trajetórias dos sujeitos. Lá, os próprios usuários indicam o local, de acordo com suas convicções/crenças religiosas, como “Inferno”, “local de provação”, “local pesado onde os gatos não conseguem sobreviver”.

Com relação aos usos invisíveis, inicialmente, pensava em fazer uma etnografia com pessoas que utilizavam crack há, pelo menos, mais de seis meses e que conseguiam manter suas atividades cotidianas sem sofrerem interferências e sanções pelo uso e que não o faziam em cenas de uso público e nem estavam em tratamento. Não queria, mais uma vez, focar essa prática pela ótica do problema que já se coloca quando o usuário acessado está em tratamento, como também, através de um espaço que foi sendo construído como “lócus do problema do crack” e formando as subjetividades sobre um uso que, olhado de forma determinista, sempre leva ao descontrole. Mas percebi que não se pode dissociar o uso dessa substância de seu imaginário construído e atravessado, há pelo menos 20 anos, em São Paulo, por discursos morais e acusatórios, intervenções higienistas, repressoras, salvadoras, religiosas e políticas. Isso posto, a pesquisa foi se redefinindo a partir das interferências e dificuldades com que esse imaginário performa/produz subjetividades e instrumentalizam as ações.

O acesso aos interlocutores foi feito a partir de múltiplas entradas: através da rede de trabalho, pela indicação de contatos da rede de pesquisadores e trabalhadores na área do consumo de drogas e também de minha rede de relacionamento privada. Optei, também, por fazer uma releitura dos diários de campo da pesquisa: *“Usuários de crack e espaços de uso: agenciamentos e relações de*

trocas em territórios urbanos” (CNPQ: 402697/2010)⁶, feitos por mim e demais pesquisadores que atuaram no projeto, como forma de contextualizar e complexificar as construções em torno do poder do crack e do que é entendido como controle e descontrole do seu uso e de como o espaço da “Cracolândia” demarca fronteiras subjetivas na sociedade. Ainda, busquei na internet e na rede social Facebook por páginas e/ou fóruns de usuários de crack, mas não consegui localizar nenhuma. Encontrei um rapaz brasileiro que se filma utilizando diversas substâncias, entre elas o crack, e disponibiliza suas experiências em uma plataforma de vídeo. Pude também desenvolver um estágio doutoral na cidade de Lisboa por intermédio de uma concessão de Bolsa Sandwich, pela CAPES, que me possibilitou desenvolver uma etnografia, ainda que rápida, em cenas de usos de heroína⁷ e crack.

Considero essa etnografia aqui relatada como uma etnografia de percursos e percalços, como aliás é regra do próprio fazer etnográfico. Momentos mais formalizados da “observação participante” com registro em diário de campo e entrevistas informais em cenas de uso de crack foram realizados na cidade de São Paulo (2011/2012), e em Lisboa (2013/2014). Entrevistas abordando a trajetória de consumo de drogas, com foco no uso de crack e seus controles, foram realizadas com pessoas que não faziam/fizeram uso em cenas públicas, que não estavam em tratamento para o uso de drogas/crack e que mantinham/mantiveram um uso regular de crack, sem que este interferisse em suas atividades cotidianas e relacionamentos. Todas essas pessoas relataram que faziam/fizeram uso da substância há mais seis meses.

Desde que comecei a comentar sobre o tema que pesquisaria no doutorado com colegas pesquisadores e/ou trabalhadores da área das drogas, pesquisadores de outras áreas e com pessoas de meu convívio, alguns diziam que conheciam pessoas que utilizavam o crack dentro do padrão de uso controlado e que iriam conversar com eles para entrarem em contato comigo. Quando retornavam com as respostas que, em geral eram negativas mesmo sabendo que não teriam as identidades reveladas, comentavam que haviam ficado espantados com tal atitude de

⁶ Sob coordenação de Rubens Adorno, o projeto de pesquisa contou com uma equipe de pesquisadores de campo compostas por Bruno Ramos Gomes, Paulo Malvasi, Thiago Calil e Selma Lima da Silva.

⁷Heroína: droga derivada do ópio, semi-sintética.

seus conhecidos. Muitas das recusas vinham acompanhados de uma frase: “*você não entendeu direito*”, negando o uso que antes haviam assumido de forma voluntária. De 20 contatos indiretos, consegui ter contato, via e-mails, com dois homens de nível universitário, sendo que apenas um revelou que havia feito uso e que teve vários problemas com isso e como havia se mudado do Estado de São Paulo, me vendeu um livro em que contava a sua história com o crack e me informou que mantinha um Blog em que fazia comentários sobre esse assunto; o outro não me respondeu. Um homem, que trabalhava como camelô no centro de São Paulo, informou através do meu contato, que não aceitaria falar de seu uso de crack; outro, que havia usado o crack e tido problemas com o uso, apesar de informar ao meu contato que tinha um amigo que mantinha o uso no padrão “controlado”, se recusou a falar com esse amigo ou passar o contato deste para que eu o fizesse. E revelava que sua experiência com o crack havia sido terrível e por isso não queria fazer isso; talvez não quisesse se aproximar de alguém que ainda mantinha o uso.

Uma amiga tinha no trabalho uma colega cujo pai utilizou o crack, teve problemas, fez tratamento e atualmente continuava utilizando sem prejuízos para o trabalho e a vida, mas ele acreditava que somente sua esposa sabia do seu uso. A esposa não achou conveniente falar com ele sobre a pesquisa, pois, dessa forma, poderia revelar que os filhos sabiam de seu uso. Uma colega do doutorado conversou com uma conhecida de sua cidade, próxima a São Paulo, que foi uma usuária problemática de crack, fez tratamento e que ainda usa esporadicamente, garantindo que mantém controle sobre o uso. A colega informou sobre a minha pesquisa e também sobre todos os cuidados que seriam tomados para não a expor e sobre a confidencialidade da pesquisa e do sigilo com relação ao seu nome, mas ela disse não, categoricamente; quando questionada do porquê, disse ter vergonha do uso e dos problemas que teve. Essa mulher tem um filho pequeno, o que pode gerar um temor ainda maior de ter seu uso revelado, visto que várias usuárias perdem a guarda dos filhos.

Ainda por intermédio de outro colega dos tempos da faculdade tive acesso ao contato de um aluno seu, da graduação em Ciência Sociais; quando falei da pesquisa, mostrou-se interessado em falar comigo sobre a sua experiência. Combinamos de nos encontrar, em um sábado, em uma unidade do SESC. Antes dele, só havia logrado entrevistar dois ex-usuários de crack em Portugal, que mantiveram o padrão de uso

controlado durante o período de uso. E, apesar desse primeiro interlocutor, no Brasil, não estar dentro do padrão de uso que eu buscava, fato que só soube quando começamos a conversar, pois era ex-usuário problemático e não apenas de crack, segundo ele próprio, sua entrevista foi bastante interessante do ponto de vista de sua trajetória de uso, sobre os efeitos da substância e até sobre a própria trajetória do crack na cidade de São Paulo. Ele havia começado a utilizar o crack em um bairro da zona leste, na década em que seu surgimento nessa zona da cidade é relatado pela mídia e em alguns textos (UCHÔA, 1996), e termina sendo um frequentador da cena de uso da região central, ainda que por um curto período. Mas ele não se enquadrava no padrão de uso controlado.

Somente no início de 2016, em uma reunião para uma atividade do Observatório de Direitos Humanos Vozes da Rua⁸, conversando sobre a minha pesquisa com um colega que atua na área, este me disse que tinha vários amigos que utilizavam o crack nesse padrão e se dispôs a intermediar o contato com essa rede. Depois que eles aceitassem que ele me passasse os seus contatos, via WhatsApp ou Facebook, eu me apresentaria dando informações sobre mim e daria explicações sobre a pesquisa, que não seria necessária a identificação pessoal e que poderíamos nos encontrar no local e horário que fosse mais conveniente para eles. Das oito pessoas que concordaram em me passar seus contatos, dois não responderam as minhas mensagens, embora, nunca tenham me excluído da rede WhatsApp. Dois ficaram em contato e chegamos a marcar e remarcar alguns encontros que nunca se concretizaram, por alegação de falta de tempo pelas viagens que estes faziam a trabalho. Ofereci a possibilidade de fazermos por Skype, mas essa via também não se concretizou. Com cinco consegui marcar entrevistas. Quatro foram realizadas presencialmente, em locais próximo ao trabalho ou em um ponto do percurso entre o trabalho e a casa. E uma foi realizada via Skype devido ao fato de o interlocutor não morar mais no Brasil; residindo, atualmente, no continente Europeu. Mas este também não se enquadrava no padrão de uso controlado. Ainda por intermédio de outra colega

⁸ O Vozes da rua – Observatório de Drogas e Direitos Humanos é uma iniciativa articulada em São Paulo entre movimentos sociais, entidades, pesquisadores e trabalhadores, com o objetivo de, como o nome já diz, ser uma ferramenta para amplificar as vozes que estão, que passam, que vivem nas ruas.

da rede de Trabalhadores Sem Ternos⁹, consegui mais um contato que aceitou falar comigo e marcamos a entrevista, mas o local escolhido por ele já deu indícios do seu padrão de uso: uma sala do NA¹⁰.

As conversas foram informais e descontraídas, não havendo nenhum constrangimento para falar sobre o tema. As orientações, em linhas gerais, eram para falarem um pouco de quem eram e suas trajetórias com o uso de drogas e, especialmente, com o uso do crack na vida. Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento dos interlocutores e transcritas. A forma como as entrevistas foram conduzidas, visando torná-las mais próximas de uma conversa informal, facilitaram um diálogo mais aberto e, se por um lado isso gerou uma narrativa densa, por outro, alguns dados objetivos não foram alcançados, muito embora, isso também se deva ao fato de narrarem experiências passadas e que quando acionadas, trazerem à memória não apenas a lembrança da experiência vivida, mas também a reflexão sobre ela.

Ainda, devido a toda dificuldade que tive para acessar interlocutores que quisessem falar sobre suas experiências, me senti na obrigação de iniciar as entrevistas falando para eles um pouco da minha trajetória de usos de drogas, lícitas e ilícitas, na vida. Pensei que, agindo dessa forma, poderia equilibrar, mesmo sabendo ser impossível eliminar, a desigualdade que se coloca a priori entre a informação dada pelo interlocutor e a interpretação desta feita pelo pesquisador e que constará no texto final. Também queria, com isso, não me colocar em uma posição de quem estivesse a julgar moralmente as narrativas, permitindo que o momento propiciasse uma discussão dos saberes e das experiências vividas. Para mim, era importante ouvir o que os meus interlocutores pensavam a respeito da liberação e ou descriminalização das drogas, o que entendiam sobre os termos/categorias: viciados, dependentes, adictos, doente. O que entendiam por controle e descontrole.

⁹ O Coletivo Sem Ternos é uma articulação de rede que visa a ação conjunta no território na perspectiva da Redução de Danos e tem como objetivo permitir a troca entre os trabalhadores e usuários, na região chamada de “Cracolândia”.

¹⁰ NA é um grupo de apoio a pessoas com uso problemático de drogas e que visa se manter abstinente. “Narcóticos Anônimos ou NA é uma Irmandade ou Sociedade sem fins lucrativos, de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. Somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos”. Disponível em: <http://www.na.org.br/>

Foram atribuídos outros nomes aos interlocutores para preservar a identidade destes, mesmo quando alguns deles autorizavam a identificação, porque, como algumas pessoas entrevistadas faziam parte de uma rede de amigos, ao identificar um, poderia se identificar facilmente o outro. Também foram omitidos ou alterados nomes de cidades, bairros de moradia, locais de trabalho e algumas características e informações que pudessem facilitar uma identificação¹¹. Vale lembrar a discussão que FONSECA (2007) faz no texto “*O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’*”. Ela nos diz que a postura ética pode estar presente tanto na preservação do anonimato quanto na revelação da identidade dos interlocutores e que tudo vai depender do tipo de pesquisa e do contexto em que ocorre. Mas coloca uma questão sobre se o interlocutor que pede para ter seu nome divulgado, pode ter clareza do alcance dos resultados da pesquisa quando de sua publicação. Essa foi também uma dúvida que tive com relação à dois de meus interlocutores que não tinham interesse no anonimato, pois eles fazem parte de uma mesma rede de entrevistados. Também por ter observado um fato ocorrido durante o campo de minha pesquisa de mestrado com relação às mulheres que faziam programas na região, segundo relato das mesmas. Na época, um jornal de grande circulação resolveu fazer uma reportagem sobre as mulheres que exerciam essa atividade na região da Estação da Luz e, com permissão delas, fizeram fotografias que estamparam a matéria. O que ocorreu a seguir foi que duas delas passaram a ter problemas com a repercussão de suas fotos que deixaram claro a atividade que exerciam. O curioso é que uma teve problemas no hotel em que vivia na região e cujos os donos sabiam, de longa data, qual era a atividade com que ganhava a vida. Mas não queriam ter a imagem do hotel associada à prostituição, e, uma outra, que residia com a família em uma cidade da região metropolitana e que os pais também sabiam de sua atividade, teve de sair de casa, pois sua atividade passou a ser conhecida de todos fora do núcleo familiar.

No referido texto, a autora também irá comentar o fato de que o consentimento esclarecido, nos moldes das pesquisas médicas e biológicas servem muito mais para proteger os pesquisadores do que os sujeitos da pesquisa.

¹¹ A presente pesquisa está em concordância com os Princípios Éticos das Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais do CONEP, Resolução número 510 de 07 de abril de 2016.

Um aspecto da pesquisa que achei já estar resolvido, a priori, era o fato de que eu preservaria a identidade dos interlocutores. Isso, para mim, sempre já esteve dado nas pesquisas em que tomei parte e também na que realizei para o mestrado. Mas, nas pesquisas anteriores, em que pese todos os cuidados tomados com a identidade dos participantes, a condição de estar vivendo em situação de rua, já garantia certa invisibilidade à identidade dos interlocutores. Seus pares, parentes e amigos, como também a polícia, seriam leitores pouco prováveis de textos e pesquisas acadêmicas. Mas quando, enfim, consegui acessar os interlocutores de uso não visível dessa pesquisa, me deparei com um fato que não havia previsto: os interlocutores eram meus pares. E, ainda, se não todos estavam vinculados ao mundo acadêmico, eram interessados nas discussões sobre drogas e também tinham algumas afinidades por fazerem trabalhos com populações vulneráveis e isso os poderia expor. Outra questão que se colocava era o fato de, nas entrevistas, terem falado coisas íntimas e que talvez, a pessoa próxima que intermediou o contato não soubesse e isso me gerou o questionamento de se deveria ou não torná-las públicas no texto, pois mesmo que ocultando a identidade do interlocutor, essas informações poderiam revelar uma intimidade, ao menos para o colega que intermediou o contato, e que, talvez, no momento da entrevista, os interlocutores não tenham refletido, apesar de alguns terem me pedido para omitir determinadas passagens, mesmo esses, não se preocuparam com outras informações que julguei serem de caráter íntimo. Utilizar do recurso de que muitos trabalhos antropológicos têm lançado mão, de criar personagens que juntassem as histórias tornando, assim, borradas as fronteiras pessoais, julguei que se perderiam, justamente, as nuances de cada sujeito frente ao uso e as estratégias acessadas tanto para o controle do uso quanto para evitar o descontrole durante a sua trajetória de vida e de uso. Optei por não mencionar algumas passagens e não deixar claro algumas localizações.

Nesse sentido, vale lembrar o texto clássico de VELHO (1978) que, ainda que, na sua época buscasse elucidar a importância de uma antropologia urbana, trouxe já uma reflexão sobre as dificuldades e vantagens de trabalhar com experiências e trajetórias de vida que compartilhavam contextos próximos.

Das seis entrevistas realizadas, contando com as duas ocorridas em Portugal, quatro interlocutores já haviam parado com o uso de crack, bem antes do momento da entrevista, mas mantinham o uso de outras substâncias consideradas lícitas e

ilícitas. Dos dois restantes, um mantinha o uso esporádico de mesclado e também repetia o mesmo padrão dos demais para outras substâncias e o outro usava crack esporadicamente mantendo o mesmo padrão dos outros interlocutores para as substâncias utilizadas. Os usuários em questão eram de nível universitário, com trabalhos razoavelmente bem remunerados, fato que os diferenciava dos usuários do espaço público.

Reforçando a história de que a etnografia é um exercício de percursos e percalços e pensando o espaço formalizado da metodologia que é comum em textos e teses de saúde pública, agrego a citação clássica de BECKER (1997), de que a metodologia de uma pesquisa não pode ser pensada antes, mas no decorrer da própria pesquisa. E, dessa forma, o estágio doutoral de seis meses em Portugal possibilitado, pelo recebimento de uma bolsa CAPES, dentro do CAPES/FCT 317/2010, pude conhecer e visitar alguns serviços e cenas de uso nas cidades de Lisboa e Porto e desenvolver uma etnografia na cena de uso de Lisboa, podendo inclusive desenvolver entrevistas informais em uma cena de uso público de Lisboa no Bairro do Intendente. E foi também em Portugal que consegui realizar as primeiras entrevistas informais com duas pessoas que haviam utilizado o crack dentro do padrão que me interessava.

A Etnografia nos locais de uso tidos como problemático, em São Paulo e na cidade de Lisboa, nos ajudam a entender a construção dos efeitos/riscos das substâncias com seu uso visibilizado durante décadas no espaço público, bem como a construção de um imaginário em torno do crack que ultrapassa fronteiras ou, ainda, as delimita e da imagem do descontrole associado a usos que se faz, em espaços públicos, de substâncias consideradas ilegais como o crack, no Brasil e, principalmente, a heroína, em Portugal. O intuito não será de fazer uma análise comparativa entre essas práticas nessas cidades, mas de complexificar/observar o que essas práticas, nesses lugares, têm em comum e como elas são formadoras de subjetividades que reflexivamente modelam comportamentos, efeitos, tratamentos e julgamentos morais com relação à droga/substância utilizada.

Assim como nas entrevistas cabe refletir sobre experiências, limites e intimidades; falar das cidades e dos espaços de uso configuram as trajetórias e as identidades dos locais, contextos de uso de uma droga que foi sendo caracterizada e

tomada como mortífera e hedionda. As pessoas revelam o estigma pela evitação, os lugares como a construção de fronteiras para marcar espaços de estigmatização.

Como dito anteriormente, para São Paulo recuperei/analisei os diários de campo da pesquisa em que tomei parte entre 2011 e 2012, pesquisa realizada no âmbito do projeto: “*Usuários de crack e espaços de uso: agenciamentos e relações de trocas em territórios urbanos*” (CNPQ: 402697/2010), como também de incursões esporádicas, feitas em contextos de atividades pela defesa dos Direitos Humanos dos usuários na região desenvolvidas nos últimos anos e tentei dialogar com minha pesquisa que foi realizada entre 1996-2000 a qual originou a dissertação de mestrado: *Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso de crack*.

Os trabalhos de campo em Portugal foram extremamente ricos, apesar do pouco tempo; mas, mesmo assim, deram subsídios para podermos refletir sobre os campos em Portugal e no Brasil, buscando similaridades e diferenças. A seguir, faço uma descrição sucinta do histórico de formação dos dois bairros que pesquisei, do percurso por e até eles, bem como dos registros de campo no Largo do Intendente. A descrição dos locais, aqui, não tem nenhuma pretensão de ser exaustiva, as faço, apenas, para colocar em foco as dinâmicas que acompanham e contribuem para a fixação de estigmas atribuídos a determinados espaços das cidades, como locais perigosos onde ocorrem práticas ilegais e ilícitas que, assim como no caso da região da Luz, em São Paulo, desde sua formação, configuram-se como locais que não foram incorporados, ou o foram de maneira incompleta, aos planos e políticas do poder público de cada época para a cidade e, frequentemente, sem considerar as necessidades da população local.

O CRACK COMO O GRANDE PROTAGONISTA DOS DEBATES PÚBLICOS DAS DROGAS

Quando se discute a *questão das drogas*, devemos fazer uma ressalva: nem todas as pessoas que usam drogas terão problemas com esse uso. Segundo World Drug Reporter (2016), estima-se que 247 milhões de pessoas no mundo, com idade entre 15 e 64 anos, fizeram uso de drogas ilícitas em 2014 e dessas, estima-se que 29 milhões teriam um uso considerado problemático. Segundo esses dados, podemos inferir que, pelo menos, 220 milhões delas não necessitam de tratamento. 29 milhões de pessoas que poderiam se beneficiar de um tratamento, mas apenas uma, em cada seis pessoas com problemas, está em tratamento. E isto reflete não só número insuficiente de centros especializados para esse fim, como também a estigmatização e o preconceito a que estão sujeitas, constrangimentos para se chegar até esses centros ou mesmo registro que identifica a sua condição de dependente de drogas e que permanecerá mesmo após o tratamento e também registros criminais (UNAIDS, 2016).

O número global de usuários de cocaína, incluindo pasta, pasta base e crack seria de 18.3 milhões. O Relatório ainda aponta que:

A pobreza também tem fortes vínculos com o uso de drogas, embora de forma complexa e mutuamente reforçada. De fato, o impacto do problema do uso de drogas é suportado por pessoas pobres em relação às sociedades em que vivem, como pode ser visto claramente nos países mais ricos. Mais amplamente, há uma forte associação entre desvantagem social e econômica e transtornos de uso de drogas. Este padrão também pode ser observado quando se olha para diferentes reflexos de marginalização e exclusão social, como o desemprego e os baixos níveis de educação. (p. xvii,xviii).

Diferentes níveis de bem-estar socioeconômico dentro de cada país também têm um efeito sobre o tipo de drogas utilizadas. Por exemplo, nos Estados Unidos, a associação entre consumo de drogas e desemprego é muito mais forte no caso da cocaína/crack do que outras formas de cocaína. (p. xviii).¹² (tradução minha)

¹²Poverty also has strong links with drug use, albeit in a complex and mutually reinforcing manner. Indeed, the brunt of the drug use problem is borne by people who are poor in relation to the societies in which they live, as can be seen in stark terms in the wealthier countries. More broadly, there is a strong association between social and economic disadvantage and drug use disorders. This pattern can also

Interessante destacar que os relatórios como o World Drug Reporter da UNAIDS/United Nations Office on Drugs and Crime que trabalham com relatórios de países de vários continentes e o Relatório Europeu que trabalha com dados fornecidos pelos países membros da Comunidade Europeia não fazem distinção entre cocaína e crack. Todos os dados são agrupados como consumo de cocaína.

O relatório Europeu da droga e toxicodependência (2016) indica que mais de 88 milhões de adultos dos 15 aos 64 anos terão experimentado drogas ilícitas ao longo da vida. A Cannabis é a droga mais consumida por 83,9 milhões de pessoas, a cocaína vem em segundo lugar e as estimativas de consumo ao longo da vida são muito inferiores, 17,2 milhões de pessoas, a seguir vem a MDMA com 13 milhões de pessoas e as anfetaminas com 12,1 milhões de pessoas. Ainda segundo o relatório, estima-se que cerca de 2,4 milhões de jovens europeus entre os 15 e os 34 anos consumiram cocaína no último ano.

Muitos consumidores de cocaína consomem esta droga em contexto recreativo, ocorrendo os picos de consumo em fins de semana e feriados. Em traços gerais, podem distinguir-se duas categorias de consumidores regulares: os mais bem integrados socialmente, que frequentemente inalam cocaína em pó, e os marginalizados, que consomem cocaína injetável ou fumam cocaína-crack, por vezes associada a opiáceo. (p.40) (tradução minha)

A estimativa do número de usuários de crack e/ou similares, realizada pela FIOCRUZ, em 2012, através de inquérito domiciliar de natureza indireta em que se perguntava sobre o conhecimento de alguém da rede de relacionamento que usava crack, chegou ao número de 370 mil usuários regulares de crack e/ou similares. Juntando-se os números de todas as capitais mais o Distrito Federal, isso representaria 0,81% da população dessas cidades. Ainda conseguiram estimar que o crack não é a droga ilícita mais consumida no universo pesquisado, excetuando a maconha, chegaram a porcentagem de 2.28% ou 1.035.291 pessoas que referiram uso de outras drogas ilícitas.

Um dado interessante é que a pesquisa desmonta a ideia de que as maiores concentrações de uso de crack estariam na região Sudeste, em São Paulo e no Rio

be seen when looking at different reflections of marginalization and social exclusion, such as unemployment and low levels of education (pg. xvii, xviii). Different levels of socioeconomic well-being within individual countries also have an effect on the type of drugs used. For example, in the United States, the association between drug use and unemployment is much stronger in the case of "crack" cocaine than other types of cocaine (pg.xviii).

de Janeiro. Seus números mostram que enquanto no Sudeste a proporção de usuários é de 0,56%, com a região Norte com proporções estatisticamente similar à Sudeste, no Nordeste é de 1,29% e no Sul é de 1,05%. Essa percepção, talvez, se explique pela grande exposição que as cenas de uso público desses estados ocupam na mídia.

A PRODUÇÃO MUDIÁTICA DAS DROGAS: COCAÍNA, CRACK E OXI

A cocaína é um dos principais alcaloides extraídos das folhas das plantas do gênero *Erythroxylum coca*.

O alcaloide chamado de cocaína foi isolado pelo químico Albert Niemann em 1859. A partir de então, seu uso passou de panaceia festejada a proscrição em 1954, quando os EUA proibiram o seu uso (ESCOHOTADO, 1997). Isso ocorre em um período de 54 anos no qual também se desenvolvem novas formas de utilização: ingestão, injeção subcutânea, intramuscular, endovenosa e aspiração.

Na elaboração da cocaína, em laboratórios clandestinos, primeiro se processa a pasta base de coca, pisando as folhas com querosene e adicionando a esta mistura ácido sulfúrico diluído. Para converter a base em cocaína, lava-se com éter, ácido clorídrico e acetona. O crack é uma mistura da pasta base com bicarbonato de sódio. (ESCOHOTADO, 2007) A pasta base e o crack não são drogas diferentes, são quimicamente iguais e o que difere é a sua forma de preparação.

No final dos anos 70, foi popular nos EUA a *Free base*, que era aquecida com o éter; mas, devido ao risco que esse material inflamável provocava e ao preço elevado, seu uso foi deixado de lado em favor da mistura com bicarbonato. Ficou conhecida a explosão ocorrida, em 1980, com o ator Richard Pryor quando preparava a free base em sua casa, tendo parte do corpo queimado.

A data da chegada do crack ao Brasil é um tanto incerta. As informações mais conhecidas foram divulgadas em jornais e revistas baseadas em dados policiais. Estas situam sua entrada, no país, no ano de 1988, no estado de São Paulo através da periferia do município de São Paulo, mais precisamente nos bairros de São Mateus, Cidade Tiradentes e Itaquera, situados na região leste da cidade (UCHÔA, 1996).

Durante a pesquisa de campo realizada entre 2011 e 2012, o oxi passou a aparecer, mais frequentemente, nos relatos da mídia Paulistana e também nas falas dos nossos interlocutores. Ele passava a ocupar o mesmo lugar do crack, anos antes, sendo considerado como uma nova droga mais potente e devastadora, capaz de levar à morte em pouco tempo de uso. Como demonstram algumas manchetes desse período: *Nova Droga chega à capital; A Polícia apreende 60 kg de nova droga*¹³; *Oxi uma droga mais devastadora e letal que crack; Oxi uma nova e devastadora droga se espalha pelo país*.

Desde a década de 1980, distante dos grandes centros brasileiros, o estado do Acre convive com a destruição produzida pelo oxi, uma mistura de pasta-base de cocaína, querosene e cal virgem mais devastadora do que o temível crack. A droga, vendida no formato de pedra, ao valor médio de 2 reais a unidade, vem se popularizando na região Norte e, agora, espalha sua chaga pelas cidades do Centro-Oeste e Sudeste (portal Veja, 2011)¹⁴

A droga oxi ou oxidado é obtida a partir da mistura da pasta base da cocaína com cal virgem e algum combustível como querosene, gasolina e água de bateria. Por estes componentes serem mais baratos que os do crack, seu uso está se alastrando. Mas ela é mais letal: 30% dos usuários morrem em um ano de uso. (Portal Uol. Brasil escola, 2011)¹⁵

Vários jornais passaram a pautar matérias sobre o oxi, nas quais entrevistavam especialistas que, muitas vezes, davam declarações contraditórias sobre “a nova droga” e seu poder devastador, ao mesmo tempo que informavam ser uma droga mais potente, mas que o maior problema seriam os componentes, como a querosene ou a gasolina, utilizados em seu processo de produção o que traria mais problemas; apesar de declararem que ainda não se sabia muito a respeito. Interessante perceber que, novamente, parece ser a mídia a pautar as ações de governo, como constou na matéria do Jornal O Estado de São Paulo de 26 de maio de 2011.

A Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo promove nesta sexta-feira, 27, ação para alertar contra o oxi, nova droga que é uma variação do crack. Profissionais do Centro de Referência em Álcool, Tabaco e outras Drogas (Cratod) irão distribuir cerca de 1.000 panfletos sobre o

¹³Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/policia/ult10104u844714.shtml>;
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0205201115.htm>

¹⁴Disponível em: <http://veja.abril.com.br/saude/oxi-uma-nova-e-devastadora-droga-se-espalha-pelo-pais/>

¹⁵Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/quimica/Oxi-uma-droga-mais-devastadora-letal-que-crack.htm>

tema e orientar a população sobre os riscos do entorpecente, durante feira de saúde na estação Brás da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) das 9 às 15 horas. Levantamento promovido pelo Cratod com 92 pacientes em tratamento de dependência química na unidade apontou que 12% relataram contato com a droga. Mas a maioria dos entrevistados, 65%, nunca ouviu falar do oxi, o que pode indicar que já usaram a droga sem saber. (O Estado de São Paulo, 2011)¹⁶

Ainda sobre essa ação, segundo o jornal Folha de São Paulo de 28 de maio de 2011, os panfletos distribuídos associavam a figura do Saci ao uso de crack e a imagem utilizada era do cartunista Ziraldo, a quem não foi pedido a permissão para o uso.

Panfleto do governo paulista que alerta usuários de crack sobre os perigos da nova droga oxi utiliza uma imagem do personagem Saci, de cachimbo na boca, desenhada pelo cartunista Ziraldo. O material começou a ser distribuído ontem no centro da capital pela Secretaria de Estado da Saúde. O papel tenta explicar as diferenças entre as composições do oxi e do crack. Ao lado da imagem do Saci, há a frase "nem tudo é o que parece...", aludindo à confusão que usuários costumam fazer entre as drogas, vendidas em forma de pedra. Os panfletos foram produzidos pela equipe do Centro de Referência em Álcool, Tabaco e Outras Drogas. Cerca de mil foram distribuídos. Ziraldo desconhecia o contexto em que o desenho de seu Saci foi usado, segundo seu agente, Mario Gasparotti: *"O estúdio jamais liberaria um trabalho desses --que, aliás, está malfeito. Ziraldo nunca autorizaria o uso do Saci nesse contexto, fazendo essa relação [entre o cachimbo e o crack]", afirmou ele. O agente disse que pedirá a retirada do Saci do material "antes que isso se espalhe".* (Portal Uol, 2011)¹⁷

Talvez pelo caráter emergencial insuflado pela mídia, não tomaram esse cuidado. Cabe ressaltar que pelo levantamento que fizeram com as 92 pessoas em tratamento na unidade do Cratod¹⁸ 12% relataram o contato com a droga e 65% disseram nunca ter ouvido falar sobre o oxi, mas eles atribuem esse resultado, segundo o jornal, à "confusão" dos usuários, quando na verdade a confusão é geral.

¹⁶Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,secretaria-de-saude-faz-alerta-contra-o-oxi-no-centro-de-sao-paulo,724350>

¹⁷ Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/ult10103u922209.shtml>

¹⁸ CRATOD: Centro de referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas, da Secretária da Saúde do governo do Estado de São Paulo.

No campo, na cena pública, essas informações sobre o oxi também circularam e os usuários passaram a apontá-lo como causador dos mais diversos sintomas de doenças e/ou desconfortos corporais.

Um deles mostra o pé bastante inchado e o outro o dedo da mão bastante inchado também. (...). Pergunto para eles se sabem o que causou esse inchaço. O homem com o dedo inchado logo responde que foi o OXI. Diz que é muito ruim, muito forte. O outro com o pé inchado também acha que o OXI pode ser a causa de seu inchaço. Acrescenta que o Oxi é a pedra “branca”, bem branca (Diário de Campo, 2011).

Ela diz que como está ali na Cracolândia acaba fumando bastante. Ela logo acrescenta que o que faz mal mesmo é o Oxi. Comento que já ouvi falar bastante dele, mas ainda não o vi, e pergunto se eles já viram o Oxi ali na Cracolândia. A moça diz que sim, e que dá para saber a diferença através do cheiro. Que o Oxi tem cheiro de plástico, de gasolina (Diário de Campo, 2011).

Neste momento, os 3 começam a falar quase juntos sobre experiências negativas e consequências do uso de oxi. Dizem que logo na primeira tragada já é possível sentir o gosto forte, e o peito já fica pesado. Que é horrível, mas acabam fumando tudo. Dizem que nessas situações já gastaram o dinheiro que tinham com o oxi, portanto, não teriam mais dinheiro para comprar o crack. Então acabam fumando o oxi mesmo, até acabar. Dizem que no dia seguinte não têm vontade de fumar nada. Que o Oxi dá uma ressaca forte de fumar (Diário de Campo, 2011).

Também ouvimos comentários sobre mortes provocadas pelo oxi, mas que nunca foram confirmadas por outras pessoas e nem pelos agentes de saúde que atuavam na área.

Fala também do oxi, diz que duas mulheres o fumaram e haviam morrido na semana anterior. Acho estranho porque ninguém comentou nada com a gente, nem outros usuários e nem os agentes de saúde (Diário de Campo, 2011).

Curiosamente são dois peritos da polícia federal que, em 2011, SILVA JUNIOR e GOMES (2011) , após desenvolverem um estudo comparativo entre amostras de “oxi” apreendidas nas ruas, pela Polícia Civil do Estado do Acre e amostras apreendidas em condições de tráfico internacional ou interestadual pela Polícia Federal no Acre, chegaram à conclusão da inexistência da suposta nova droga oxi. Publicaram o artigo, *Peritos da PF desmistificam suposta nova droga “Oxi”*. Na página da FENAPEF – Federação Nacional dos Policiais Federais. Segundo eles:

A análise de perfil químico das amostras de “oxi” apreendidas no estado do Acre indicam que não existe uma “nova droga” no mercado ilícito.

O que se observa são diferentes formas de apresentação típicas da cocaína (sal, crack, pasta base, cocaína base) sendo arbitrariamente classificadas como “oxi”, sem que sejam utilizados para este processo critérios objetivos e técnicos.

As amostras de “oxi” analisadas neste estudo não podem também ser classificadas como uma “nova forma de apresentação da cocaína”, uma vez que os componentes majoritários/minoritários e adulterantes encontrados são os mesmos encontrados nas formas de apresentação usualmente apreendidas para esta droga.

O trabalho também mostra que, além do crack e da cocaína sal (tradicionais formas de apresentação comercializadas na rua), os usuários estão consumindo diretamente pasta base (sem refino) e cocaína base (refinada) com elevados teores da droga (acima de 60% de cocaína), o que pode contribuir para gerar pronunciados efeitos estimulantes e psicotrópicos e aumentar a possibilidade de efeitos deletérios como overdose, por exemplo. (Federação Nacional dos Policiais Federais, 2011) ¹⁹

A partir de 2013, a “nova droga” foi perdendo espaço na mídia, mas esse tipo de acontecimento deveria servir para reconhecermos a importância de existirem testagens e divulgação sistemáticas dos produtos que estão sendo consumidos para gerar ações efetivas visando a saúde dos usuários e não medidas motivadas pelo pânico.

A imagem dos usos de drogas tem sido hegemonicamente apresentada como a impossibilidade de o ser humano reagir a um perigo sempre à espreita, o perigo “das drogas”²⁰. Alçadas à posição de inimigas que devem ser combatidas e vencidas, tem servido às mais diversas agendas políticas mundiais e fomentado as discussões sobre o tema.

A discussão sobre o que se convencionou chamar de *questão das drogas* ou o *problema das drogas*, sempre associados às ilícitas, tem assumido um caráter alarmista tanto no Brasil (FIORE, 2006) como nos Estados Unidos (REINARMAN & LEVINE, 1997). A maioria das pesquisas desenvolvidas tem sempre por objetivo,

¹⁹Disponível em: <http://www.fenapef.org.br/> e também publicaram o artigo: Demystifying “oxi” cocaine: Chemical profiling analysis of a “new Brazilian drug” from Acre State, em que detalham o estudo no Forensic Science International Elsevier Journal 221 (2012) 113–119.

²⁰O termo “drogas” é aqui utilizado como sinônimo de qualquer substância – legal ou ilegal, lícita ou ilícita - que em contato com o corpo humano é capaz de lhe causar alterações (psíquicas, motoras, sensoriais, hormonais, etc). Concordamos com Fiore, (2007, p.19), quando diz que o termo “drogas” se trata de um termo polissêmico. No entanto, ele pode assumir valores morais dependendo de sua utilização: para que fim foi utilizado; se teve prescrição médica ou não; se produzido de forma lícita ou ilícita.

relacionar os malefícios físicos e a violência associada ao uso e tráfico de drogas. Vários estudos na área da saúde são desenvolvidos a partir do uso problemático com pessoas que se encontram em tratamento, visando identificar o desenvolvimento da dependência e problemas associados, (RIBEIRO et al, 2012; PERRENOUD e RIBEIRO, 2012) de problemas de saúde desencadeados pelo uso (MANÇANO et al, 2008; HADDAD et al, 2006; MADDOX e GARDNER-TORPE, 2005), marcadores biológicos (OLIVEIRA et al, 2011; NEGRÃO e VALLADA, 2012; SORDI et al, 2015) transtornos psiquiátricos e déficits cognitivos (CUNHA et al, 2010; SILVA JUNIOR e SOUZA, 2012; SIQUEIRA et al, 2012), de problemas familiares e violência doméstica (SELEGHIM et al, 2011; BREWER et al, 2005), uso durante a gravidez (WARNER et al, 2006, MORREIRA et al, 2012) doenças infecciosas e comportamentos sexuais de risco para a DSTs/HIV/AIDS (STORY et al, 2008; DEBECK et al, 2009; ATKINSON et al, 2010; TOBIN et al, 2011).

Com frequência são feitas generalizações, percebendo-se o fenômeno do consumo de drogas como sendo homogêneo para todos os que participam dessa prática, enfatizando, assim, a questão em torno da substância como se o indivíduo não tivesse nenhuma participação na sua busca, nas formas de sua utilização e nos significados atribuídos a esse uso. Isso se deve, em parte, ao modelo médico-higienista na forma de abordar esta problemática, “(...) este modelo não leva em conta as razões pelas quais se procura drogas. Entre estas, destaca-se a obtenção de prazer – anseio que, com certeza, não é condenável em si” (BUCHER, 1992, p.146). Nessa ótica, a droga ou é vista como um problema de ordem médico-psiquiátrico ou como caso de polícia.

Seguindo esta mesma lógica, o crack, uma das formas da cocaína, vem ocupando grande espaço na mídia. No início da década de 90, a imprensa deu grande destaque à introdução do uso do crack nas ruas da cidade de São Paulo (UCHÔA, 1996), tendo sido apontada como uma droga devastadora. Desde então, passou a fazer parte dos noticiários, sendo acionada como a “grande ameaça”, responsabilizada pelo aumento da violência e tida como destruidora da ordem familiar e social. Além de, a um só tempo, acabar com a saúde, a autonomia e a vida dos usuários.

Tal repercussão/preocupação vem alimentando a discussão em torno de políticas que têm se caracterizado como repressivas – inclusive com ações de

internações compulsórias e involuntárias – e instrumentaliza a polêmica sobre o uso de drogas de uma maneira geral. Dessa forma, corre-se o risco de ver o problema em dimensões maiores do que se apresenta na realidade, dificultando o encontro de alternativas para lidar com a situação. Como observado no caso do programa federal: *Crack é Possível Vencer*, (2011), que atendeu a emergência da opinião pública influenciada pelos discursos alardeados na mídia sobre a “*epidemia de crack*”, antes mesmo de conhecer os dados de uma pesquisa²¹ feita em parceria com a FIOCRUZ, e investiu, entre 2011 e 2014, R\$ 3,6 bilhões no referido programa, sendo que, 80% desse montante, foram gastos com prevenção e tratamento, segundo a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - SENAD²².

O “problema” do crack se insere e é legitimado pela autoridade científica dada a uma visão naturalizada pela medicina e a psiquiatria, no âmbito do que se convencionou chamar de “problema das drogas”. A autoridade conferida à psiquiatria para abordar e determinar ações e diretrizes para o “problema das drogas” se consolidou em meados do século passado alinhado com a política proibicionista que começou a se desenhar no final do século XIX e início do século XX, na Europa e Estados Unidos. Esse discurso médico-técnico, baseado em um pressuposto unilateral do efeito bioquímico da droga, irá definir os usos que serão saudáveis e moralmente aceitos dos que serão considerados patológicos e incidem em crimes e, a partir daí, teremos a partilha moral entre drogas lícitas: medicamentos prescritos, álcool e tabaco; e ilícitas: drogas não prescritas e não utilizadas para fins terapêuticos (VARGAS, 2001). VARGAS (2001) propõe analisar esse processo como um dispositivo das drogas, como FOUCAULT (1984) define em relação à sexualidade, ocorrendo repressão e incitação ao uso de drogas, produção de pesquisas, discursos, debates públicos e normas que orientam as práticas, a produção e seu controle.

A construção do “problema” do crack (quer como de ordem de saúde pública, quer como de ordem médico-psiquiátrico e de segurança, quer como problema das ciências sociais) terminou por direcionar o olhar para uma única forma de uso, qual seja, o uso problemático e o feito em espaços públicos por pessoas que já estavam

²¹Governo libera R\$ 738 milhões sem conhecer 'epidemia' de crack,in: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/01/governo-libera-r-738-milhoes-sem-conhecer-epidemia-de-crack.html>

²²In:<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-04/governo-investiu-em-quatro-anos-r-36-bilhoes-no-combate-drogas-diz-senad>

vivendo nas margens do Estado (DAS & POOLE, 2008) e exercendo atividades nas fronteiras da legalidade e da ilegalidade em que o uso e a venda de drogas, assim como demais atividades desenvolvidas por quem vive e/ou garante seu sustento nas ruas, se enquadram (TELLES & HIRATA, 2007).

É importante observar que, com a entrada do crack no cenário mundial – ao contrário do que se deu com a cocaína aspirada, que teve inúmeros relatos de uso no início do século passado, tanto no Brasil como em outros países, cujo consumo era conhecido como um “vício elegante” ligado às pessoas de prestígio – se caracteriza por seu uso estar mais associado às pessoas de baixo poder aquisitivo. O estigma associado aos consumidores, se não é exclusividade das pessoas pobres e já rotuladas como “desviantes”, é nelas que vai se fixar, levando o seu consumo a ser pensado como um caso de polícia, por oferecer risco à ordem social. ESCOHOTADO (2007), indica que se agregam duas questões de peso sobre o crack:

La primera es que representa una mística de la miseria; si la cocaína simboliza el lujo de los ricos y los triunfadores, la base bicarbonatada de coca simboliza el lujo de los miserables. La segunda es que los ambientes ligados a esta droga han hecho suyo el universo psicológico del adicto, dramatizando una dependencia tan irresistible como la del yonki y el alcohólico. (p.1276)

Sobre a prática do uso de drogas pesa julgamento moral e estigmatizante. E o *crack*, da mesma maneira, tido como um tipo de consumo feito por pessoas que estão socialmente excluídas, é visto ora como um problema de saúde pública ora como uma questão de segurança pública. A visibilidade do consumo de crack, dada pela exposição de seu uso em espaços públicos, reforça o estigma e alimenta a ideia de descontrole e de impossibilidade de autonomia, por parte do usuário, frente ao uso e à própria vida.

Convém ressaltar que o uso de drogas não deve ser pensado apenas em seus aspectos farmacológicos ou epidemiológicos, como tem sido a tônica de grande parte dos trabalhos produzidos, mas também devem ser levados em consideração os fatores farmacológicos relacionados à sua atuação no organismo, o estado psíquico de quem as utiliza e o contexto sociocultural onde ocorre esta utilização. (ZINBERG,1984)

Assim, é importante atentar para o fato de que não existe um único, mas diversos usos de drogas, e levar em conta as diferenças e multiplicidades dos

indivíduos e o significado que atribuem a esse uso. Os estudos de natureza qualitativa, como os antropológicos, constituem um referencial teórico/instrumental adequado para essa investigação, mas tal forma de abordagem ainda é bastante incipiente no Brasil, principalmente, no que se refere ao uso controlado de drogas.

O interesse em pesquisar outros usos possíveis do crack nasceu primeiro pela compreensão de que, a despeito da vertente problemática que mais se veicula tanto na mídia como em alguns textos acadêmicos, os frequentadores da cena de uso da zona central paulistana desenvolviam estratégias tanto de uso quanto do controle do uso do crack. Pude frequentar esse espaço de uso a partir de 1996, alternando momentos de presença constante, em que realizei pesquisa de campo (1996-2000; 2011-2012)²³, com momentos de presença esporádica junto a algumas ONGs que desenvolviam alguns trabalhos com os frequentadores até o início de 2017. Nesses momentos, também pude observar, e confirmar com os interlocutores, que várias pessoas passavam pelo local apenas para comprar o crack, tendo sua utilização levada a cabo em outro espaço, bem como outras que utilizavam nos hotéis da região, muitas vezes acompanhadas das mulheres usuárias que faziam programa, voltando depois para suas casas. Essas pessoas não tinham o seu uso visibilizado e, portanto, não carregavam o estigma do usuário de crack.

Também me interessou investigar como o descontrole associado ao uso em espaço público, passa a ser incorporado como um dos efeitos do crack, efeito adverso, em que a substância está no controle do indivíduo. Poderíamos falar da então construída performance/agencia do crack, que produz imagens, corporeidades, categorias classificatórias, moralidades.

O efeito do uso de crack é performado/mediado/naturalizado como se fosse sempre um uso problemático e que foi reforçado com base na imagem de indivíduos que estavam marginalizados socialmente e, em sua maioria, em cenas públicas. O crack, desde suas primeiras aparições no cenário mundial teve repercussões na mídia como o responsável por problemas sociais, mas apesar de atingir pessoas que já estavam nessa situação, atribuía-se à substância o poder de deixá-las naquela

²³ SILVA, L. S. Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso de crack, dissertação de mestrado, Faculdade de Saúde Pública – USP, 2000.
RADORNO, R.C.F. Usuários de crack e espaços de uso: agenciamentos e relações de trocas em territórios urbanos” (CNPq 402697/2010).

condição. E não foi só através da mídia, mas também da indústria cinematográfica dos EUA com filmes e séries que abordavam o tema (Colors, 1988; Crack Houses, 1989; Boyz' N The Hood, 1991, entre outros) que fomos informados e formados sobre os perigos do uso do crack. Todas essas informações e imagens invadiram o mundo e fomentaram o imaginário e as subjetividades a respeito dessa substância. No Brasil não foi diferente. A partir de sua aparição na zona central de São Paulo, no ano de 1991 (UCHÔA, 1996), na região da Luz, inúmeras reportagens veicularam o perigo do crack, destacando, de forma determinista e alarmista, que se poderia chegar à dependência em apenas algumas utilizações e até à morte prematura. Não demorou para políticos em campanha filmarem seus programas partidários no local, anunciando a solução do “problema” do crack. Essas imagens do uso público de crack por pessoas em condições de extrema precariedade (magras, sujas, maltratadas), correram o Brasil e fomentaram o imaginário social do que ficou conhecido como Cracolândia. A “Cracolândia” se tornou uma fronteira subjetiva a determinar o local do “perigo”, do “medo”, da *“perda da humanidade”*. Como demonstram as falas de participantes de um debate sobre o crack promovido em 2011 pela OAB: *“Cracolândia: o poder público pode ou não interferir de forma enérgica?”*²⁴

“Pobres coitados que deixam de ser um humano e se tornam zumbis. ”

“A Cracolândia o inferno na cidade. ”

“Direito de ir e vir até quando o sujeito vira um lixo na rua? ”

“Se não fizermos nada, vamos ter de fazer um muro para nos proteger dos zumbis. ”

²⁴Debate promovido pelo Departamento de cultura e eventos da OAB/SP e pela Comissão de estudos sobre educação e prevenção de drogas e afins da OAB/SP, na gestão do Dr. Luiz Flávio Borges D'Urso, em 20 de julho de 2011, em sua sede. Contou com a participação de Dr. Umberto Luiz Borges D'Urso, advogado e conselheiro do Departamento de Cultura e Eventos da OAB; Dr. Reinaldo Corrêa, delegado de polícia divisionário da DIPE/DENARC; Dr. Cid Vieira de Souza Filho, advogado e Conselheiro da Comissão de estudos da OAB que promoveu o debate; Dr. Paulo Hamilton S. Junior, advogado e professor na FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas); Dra. Solange Nappo, professora adjunta do Departamento de Ciências Biológicas da UNIFESP e pesquisadora do CEBRID; Dr. Marcelo Luiz Barone, Promotor de justiça, professor do Mackenzie e ex-coordenador do Grupo de Repressão a Entorpecentes do Ministério Público do Estado de São Paulo; Dr. Arles Gonçalves Junior, advogado presidente de Segurança Pública da OAB SP. Infelizmente a gravação não se encontra mais disponível no site da OAB, mas pela composição desproporcional da mesa, com grande maioria de advogados e representantes do Ministério Público e da Segurança Pública, apenas uma pesquisadora da área de drogas e ninguém das secretarias da Saúde, Educação e Assistência Social, dá para inferir como a OAB encara a Cracolândia e os usuários de crack. Fiz anotações das falas de vários membros da mesa em diário de campo, como não encontrei mais a gravação e confirmei que ela não está mais disponível, optei por não as utilizar ou quando o fiz, não nomear seu autor.

Os consumos de drogas, em geral; e, de crack, em particular, produzem discursos de ordem moral e condenatórios, ações médico-higienista e repressivas, que reforçam a norma e estimulam o consumo, ao mesmo tempo que o reprimem, operando como um “dispositivo das drogas”, se o pensarmos como um dispositivo da forma como pensou FOUCAULT (1984) em relação à sexualidade. Ao lado de todo o aparato proibicionista e normalizador, criam-se mercados paralelos de produção, venda e consumo.

PARTE II - A CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS E AS CENAS PÚBLICAS DE USO EM SÃO PAULO E LISBOA: AS REGULAÇÕES DOS USOS EM DIFERENTES ESPAÇOS

A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO: SÃO PAULO

Da perspectiva sociológica, o espaço urbano não deve ser visto, somente, como espaço geográfico, mas como um espaço relacional onde se constroem relações de amizade, lazer, trabalho e identidade e também onde ocorrem embates políticos e ideológicos. A cidade foi historicamente o lugar da diversidade. Ao pesquisar sobre o processo de transformação da cidade de São Paulo em polo industrial, a partir da última década do século XIX, especificamente a região da Luz, pude observar como esses embates determinaram novas formas de se relacionar com e no espaço da cidade, com novos ordenamentos socioespaciais, políticos e morais e reconfiguraram novas práticas sociais. Como observa ROLNIK (1988):

Cidade de fronteiras abertas. Assim se configurou São Paulo no início deste século: palco que se preparava para ser território sob domínio do capital. Em menos de 30 anos, São Paulo passa de cidade/entrepasto comercial de pouca importância no país escravocrata para cidade-vanguarda da produção industrial. Esta passagem se produziu em um momento de transformações profundas na ordem social: passagem de um Estado imperial escravocrata para a República do trabalho assalariado. Esta transição, redefinição do social, foi uma transformação multidimensional: mudaram enredos, palcos e personagens. (p. 2)

Na última década do século XIX e início do século XX, a industrialização na cidade de São Paulo começa a se desenvolver, trazendo com ela aumento da população e de novas necessidades de organização do espaço urbano. Nos anos de 1890, o processo de urbanização se desenvolve rapidamente devido ao dinheiro da economia cafeeira e ao início da industrialização. Dentre os novos atores políticos que surgem, na nascente república, teremos a atuação dos médicos, buscando a construção da medicina social brasileira, de caráter higienista, e a consolidação de sua importância para levar a cabo o novo projeto de nação que requer uma população saudável física e moralmente. Deslocando o foco do indivíduo para o coletivo e para o ambiente em que está inserido, desenvolver-se-ão novas formas de intervenção sobre a população. Intervindo em sua saúde, seus costumes, sua moradia e definindo

por onde circularão. Dessa maneira, as preocupações higienistas estarão presentes nos projetos de reurbanização da cidade (FELDMAN, 1988; CARNEIRO, 1993).

Em 1893, 55% dos habitantes da cidade são imigrantes vindos da lavoura ou recém-chegados ao país, em busca do trabalho na indústria. De 1890 a 1900, a população da cidade passa de 64.934 para 239.820 habitantes e foi estimada em 375.000 habitantes para o ano de 1910. Os trabalhadores recém-chegados à cidade se alojaram, inicialmente, na hospedaria dos imigrantes, situada, nessa época, no bairro do Bom Retiro, depois se fixando nas zonas centrais da cidade em cortiços que irão se concentrar nos bairros do Bom Retiro e Santa Ifigênia.

No primeiro momento da industrialização, a classe de trabalhadores assalariados será composta, em sua maioria, de trabalhadores estrangeiros. O grupo de trabalhadores não qualificados, segundo ROLNIK (1988), será constituído, em grande parte, por negros e pardos e imigrantes do sul da Itália “da chamada marginalidade (biscateiros, vagabundos, criminosos, artistas, prostitutas)”. Houve, também, um aumento da prostituição, principalmente de estrangeiras, na região central e em torno desses bairros (Bom Retiro e Santa Ifigênia) que também abrigavam hotéis, pensões e estalagens por estarem no entorno das estações ferroviárias Luz (na época, São Paulo Railway Station) e Júlio Prestes (na época, Estação São Paulo da Linha Sorocabana) (FELDMAN, 1988).

Nesse período, em que a cidade tenta se alçar à modernidade, à civilização e ao progresso, a organização do espaço público se torna prioridade. Através de projetos urbanísticos que visam melhorar a circulação do trânsito e de pessoas, com a abertura de avenidas, alargamento de ruas, e, também, a criação de parques, edifícios e embelezamento da cidade, visam igualmente determinar por onde cada grupo social deverá circular e habitar (trabalhadores perto das fábricas e longe dos patrões).

Na década de 1910, as atividades urbanas se intensificam e há o aumento de demolições e construções. A cidade se torna um canteiro de obras. “Fileiras de sobrados da rua Líbero Badaró iam abaixo. O excesso de poeira, por vezes denominado pela imprensa de “fog londrino em São Paulo”, vinha sendo assinalado como um dos efeitos desagradáveis, mas necessários, das reformas” (CARNEIRO, 1993, p.10).

A área central de São Paulo a partir das ruas São Bento, Direita e XV de Novembro se torna altamente povoada e com trânsito difícil. Os novos trabalhadores passam a morar próximos às áreas de várzea alagáveis, ao longo da linha férrea, em habitações precárias e sem infraestrutura, mas boa parte ainda se concentra nos cortiços dos bairros de Santa Ifigênia e Bom Retiro. Essa proximidade não é bem vista pela burguesia que inicia um deslocamento para outras regiões da cidade como Higienópolis, Av. Paulista e Jardins. Isso faz com que os antigos casarões se tornem novos cortiços e pensões; contudo, o bairro de Campos Elíseos fica encerrado entre zonas populares que continuam se expandindo na área central (ROLNIK, 1988):

Entre as zonas da cidade vão aparecer também regiões de transição, espécie de zonas de fronteiras que misturam territórios diversos. Cidade aberta tem fronteiras internas móveis: à medida que as zonas populares se expandiam, as regiões burguesas se deslocavam, transformando-se em áreas de cortiços onde habitam os pobres, e assim sucessivamente. (p.3)

Com as péssimas condições de habitabilidade dos trabalhadores e as epidemias de cólera, escarlatina, tifo e a gripe espanhola se alastrando pelos bairros populares, nas zonas mais centrais, reformula-se a lei sanitária, dando poder aos médicos higienistas e criando a Polícia Sanitária, na última década do século XIX, para adentrarem nos cortiços, visando identificar as anormalidades e encaminhá-las. “A cada "anormalidade" correspondia um tratamento: estados febris encaminhados para o Hospital de Isolamento, loucuras para o Hospital dos Alienados, criminosos para o Presídio, criminosos-mirins para o Instituto Disciplinar (ROLNIK, 1988, p.5)”. Com isso, as populações dos cortiços e pensões da área central estarão sob constante vigilância, visto que são responsabilizados pelas epidemias (ROLNIK, 1988). Dentro do projeto higienista, a prostituição também será vigiada e regulamentada, visto que causam desordem urbana e disseminação de doenças sexuais, ficando a cargo da polícia medidas para disciplinar a prática, não devendo as mulheres se fixarem ou circularem no espaço em que famílias e crianças circulam (FELDMAN, 1988). Igualmente sob constante vigilância estarão trabalhadores estrangeiros tidos como anarquistas e agitadores da ordem social, também moradores de cortiços.

Segundo FELDMAN (1988), os bairros de Santa Ifigênia e Bom Retiro, entre 1924 e 1939, estavam entre os que concentravam maior número de cortiços e casas

de tolerância da área central. Como os bairros da área central concentravam uma população de classe baixa habitando cortiços, a territorialização das casas de tolerância se fixaram nessas áreas, mantendo a prostituição longe das famílias e das crianças das classes dominantes.

Em 1911, em decorrência dos projetos urbanísticos, há um alargamento da Praça da Sé e da rua Senador Feijó, levando a uma desocupação dessa área. Como consequência, prostitutas que ocupavam essa região são desalojadas e se instalam nas ruas dos Timbiras, Alameda Dino Bueno, Avenida Ipiranga e imediações. Após a revolução de 1930, a polícia as expulsou das proximidades da Avenida São João. Elas, então, espalharam-se por toda a cidade, causando protestos dos moradores. Com isso, houve permissão para que voltassem aos antigos lugares, mas não se conseguiu o retorno de todas, pois muitas delas permaneceram nas várias regiões da cidade (FELDMAN, 1988).

Em 1940, decide-se por confinar a prostituição para, dessa forma, estabelecer melhor controle policial e sanitário das mesmas. E definiu-se os locais onde as prostitutas não poderiam se fixar, que eram próximos a escolas, igrejas, fábricas, centros residenciais e estradas de ferro. Decidem-se por fixá-las no bairro do Bom Retiro, nas ruas: Itaboca, Aimorés, Carmo Cintra e parte da Ribeiro de Lima.

O bairro do Bom Retiro teve, em distintos períodos, importante presença de estrangeiros em sua população. Com portugueses, entre os anos de 1870 a 1890; italianos, entre 1900 a 1940; e, judeus, a partir de 1940. Os judeus se concentravam em torno da Rua José Paulino com suas sinagogas, escolas e jornais. As ruas escolhidas para a zona de prostituição segregada, vigiada pela polícia, ficavam na área que os judeus ocupavam. Houve protestos dos moradores e de escolas e creches e das faculdades de Odontologia e de Engenharia da USP, mas a zona permaneceu no local até 1953, quando foi desativada (FELDMAN, 1988). Segundo a autora, a escolha do bairro judeu, para fixar a zona segregada, constitui uma forma de vigilância sobre os judeus que, para o governo da época, eram identificados como subversivos comunistas. “A lógica de territorialização da prostituição se insere na lógica de territorialização das diferentes camadas sociais (FELDMAN, 1988, p.48,) ”.

Em 1953, com a desativação da zona, parte das mulheres permaneceram no Bom Retiro e parte passaram a se instalar nos bairros de Santa Ifigênia e Campos Elíseos.

Em 1961, a Rodoviária Júlio Prestes será instalada no bairro dos Campos Elíseos, considerado bairro nobre com seus casarões e palacetes, e irá alterar a sua configuração. Os moradores, descontentes com o aumento da frequência de pessoas estranhas e do trânsito, começam a se deslocar para outras regiões, sendo essas moradias transformadas em pensões e cortiços e comércio destinados aos viajantes. Os bairros de Santa Ifigênia e Campos Elíseos, pela proximidade com as estações de trens e da nova rodoviária, concentrarão um número elevado de hotéis e pensões. E esse fato favorecerá o desenvolvimento da prostituição, agora camuflada, nos hotéis e pensões. Tendo a prostituição fixada nesses bairros que concentram muitos cortiços e moradores de baixo poder aquisitivo e desempregados, essa região passará a ser reconhecida como *Boca do Lixo*²⁵. Com a prostituição tendo de ser camuflada, já que não mais regularizada pela polícia, passa-se a se desenvolver uma série de atividades ilícitas em torno da prática, desenvolvidas por homens que não estão no mercado de trabalho, como proteção e exploração das prostitutas. A *Boca do Lixo* passa a figurar nas manchetes de jornais como o lugar do crime e do perigo. A região, pelo reconhecimento de práticas moralmente condenáveis, passa a ter menor interesse de investimentos e de renovação dos prédios, por parte dos proprietários. Com o recuo dos projetos de renovação para a área central, a região vai se deteriorando. Em 1982, com a transferência da Rodoviária, muitos hotéis e comércios voltados aos viajantes fecham as portas acelerando o processo de degradação.

Como pude observar, a partir dessa descrição, a região da Luz, desde o século retrasado, foi alvo de projetos de urbanização, requalificação e de ações públicas (FELDMAN, 1988, FRÚGOLI JR. e H. SKLAIR, J. 2009), que, de uma maneira geral, exerceram papel importantíssimo em sua constituição, fixação e expulsão de antigos frequentadores que passaram a ser considerados indesejáveis. Lugar que se constituiu como local de passagem, com duas estações ferroviárias, uma rodoviária, metrô e vias de interligação entre as zonas sul e central e a zona norte, desenvolveu comércios e serviços destinados ao público que por lá transitava. As intervenções

²⁵ Ganha esse nome em oposição a *Boca do Luxo*, prostituição destinada as classes altas que se organizavam em boates em torno do eixo da rua Major Sertório na Vila Buarque, (FELDMAN, 1988)

urbanas que foram sendo levadas a cabo, ao longo dos anos, em outras regiões da cidade, principalmente na região central, também foram redefinindo a população de habitantes, comerciantes e frequentadores. A atuação de vários hotéis, bares e pensões foram alteradas ou finalizadas e houve deslocamento de antigos moradores. Dessa forma, podemos ver, ao longo da história dessa parte da cidade, as várias intervenções contribuindo para uma degradação do espaço, entendido aqui também como espaço relacional, por não se levar em consideração todos os envolvidos como os moradores, comerciantes e frequentadores dessa região.

A CONSTITUIÇÃO DA CENA DE USO

O início da cena de uso público de crack, na região da Luz, apesar de não se ter uma data precisa, passou a reunir maior número de usuários, a partir de 1991 (UCHÔA, 1996).

A delimitação da cena de uso que, à época, fixava a maior concentração de usuários situava-se entre as ruas: dos Gusmões, dos Protestantes, do Triunfo, Couto de Magalhães e Largo General Osório. Ruas essas que compunham a antiga “*Boca do Lixo*”, a qual figurou nas crônicas policiais por, pelo menos, três décadas, como local de prostituição, tráfico de drogas e criminalidade. Referido como local do “perigo” o “quadrilátero do pecado” abrigou a indústria de filmes que produziu as pornochanchadas e o cinema marginal até o final da década de 80 do século passado (TELES, 2009). Na década de 90, a região volta novamente a ocupar o local do “perigo”, passando a ser nomeada pelos jornais de “Cracolândia”, a partir de 1996 (CARVALHIDO, 2014).

A cena de uso irá se constituir, em um primeiro momento, de pessoas que já circulavam pela região do centro, pessoas em situação de rua (adultos, crianças, jovens, mulheres que se prostituíam, egressos do sistema penitenciário) e, também, por usuários de crack que não podiam mais permanecer em seus bairros de origem por problemas com traficantes locais e/ou com demais moradores e familiares, ou vergonha pelo uso sem controle, como vemos até os dias atuais.

Ambos dizem que fumam crack há muitos anos, porém o que está mais próximo de mim diz que perdeu o controle há, aproximadamente, um ano e meio. Desde então, não voltou mais para a casa. Tem vergonha de voltar. (Caderno de campo, 2011)

Ele cresceu no bairro de São Miguel Paulista, e, atualmente, há vários meses não aparece por lá. Ele diz: *“O pessoal não gosta dessa história do uso de crack, é difícil conversar com eles sobre isso”*. (Caderno de campo, 2011)

Também para quem tem problemas com a justiça:

Quando explico sobre o espaço de convivência ele diz que não vai ao É de Lei, pois está preso ali no crack e não tem opções. Diz: *“Se eu for ali mais pro Centro, na República, onde você está falando, tem muito mais polícia. Aí eles me pegam. Estou foragido, fugitivo, sabe? Não posso ir para essas áreas.”* (Caderno de campo, 2011)

Os frequentadores/moradores da cena de uso são, na grande maioria, homens negros e jovens (SILVA, 2000; ADORNO, 2012). Essa configuração se mantém até hoje, apesar do aumento do número de pessoas, atraídas pela notoriedade adquirida com a repercussão da mídia, inclusive, de fora do país.

A Cracolândia anda²⁶.

Após uma operação policial no final de 1997, entre outras que se seguiram, como a “Operação Limpa” em 2005, com o fechamento e demolições de prédios e hotéis, as pessoas passaram a circular pelas ruas próximas, desde as imediações da estação Júlio Prestes, estação da Luz, ao redor do Parque da Luz, e também por outros pontos da região central da cidade como o Vale do Anhangabaú, Praça da República, Praça da Sé e Parque D. Pedro. Voltando a concentrar um maior número de pessoas nas ruas Helvetia e Alameda Dino Bueno e ruas adjacentes e, no período da noite e nos finais de semana, também nas ruas Guaianases e dos Gusmões até o final de dezembro de 2011. Já nos primeiros dias de janeiro de 2012, uma nova operação policial irá impedir, por um curto período, aos usuários de aí se fixarem.

“Vão tentar tirar as pessoas da Cracolândia de lá. Vai haver confronto. Ninguém vai nos salvar. Nenhuma igreja, nenhuma tarde de reunião no CRATOD, vai nos salvar.” (Previsão de um interlocutor em 21/06/2011)

No dia 3 de janeiro de 2012, foi deflagrada a “Operação sufoco” também conhecida como “Dor e sofrimento” que, com forte aparato policial, agiu de forma truculenta e retirou os usuários do local – não sem resistência - impedindo-os, inclusive, de circular pela área, sob o argumento de que a ação era para identificar e prender traficantes e impedir a chegada de crack à região²⁷; mesmo argumento

²⁶ Frase pichada em muro da região.

²⁷ 'Ação da polícia parte de visão higienista'. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/acao-da-policia-parte-de-visao-higienista>.

utilizado na “Operação Limpa”. Teve, como resultado, prisão e internação de pessoas²⁸ e a dispersão dos usuários pelo centro da cidade, dificultando o atendimento às suas demandas de saúde e quebrando o vínculo com as equipes de saúde que já atuavam na área, muito embora essa operação tivesse como justificativa favorecer a chegada de “cuidados” aos usuários. Tal atuação foi duramente criticada por profissionais e especialistas da área de saúde pela violência empregada contra os usuários de crack e por tentar instituir as internações involuntárias e compulsórias. Isso levou o Ministério Público e ativistas dos direitos humanos a tomarem parte em diversas ações para coibir abusos.

A essa ação estatal seguiram-se novas demolições e fechamentos de hotéis, pensões, ocupações e bares. Sempre sob o discurso de revitalização da região e como parte do Projeto Nova Luz, parceria público/privada inclusive para a desapropriação de moradias – suspenso na gestão Fernando Haddad – nota-se, claramente em curso, o processo de gentrification²⁹ interferindo nesse espaço desde, pelo menos, o fim da década de 90, muito embora esses processos sejam uma constante na região. Como nos mostrou um de nossos interlocutores durante o campo, em janeiro de 2012: ele nos levou para ver um prédio na Rua Aurora onde, em uma placa na parede, ao lado da porta de entrada, vê-se um desenho do rosto do compositor Adoniram Barbosa com uma explicação de que lá existiu, antes da construção do prédio, a ocupação que figura na música “Saudosa Maloca”³⁰. Foi realmente uma surpresa saber que era verdadeira a existência da “Saudosa Maloca”. Ele nos mostrou a história mais uma vez a repetir-se. Como descrito na música, vários prédios como os que compunham o “buraco” (dois prédios situados um à rua Helvétia

²⁸ Segundo matéria no Brasil de Fato, “Em janeiro, a denominada “Operação Sufoco” prendeu 296 pessoas e internou 195. A prefeitura demoliu imóveis condenados, que seriam ocupados pelo tráfico de drogas. A ideia era “limpar” a região para facilitar o desenvolvimento do polêmico projeto Nova Luz, que favorece a especulação imobiliária e sofre vários questionamentos na Justiça por ter desapropriado um bairro inteiro em benefício da iniciativa privada.” Seis meses depois, “cracolândia” ainda é a “cracolândia”. PM mantém “romaria do crack” no bairro da Luz, mas dependentes continuam se concentrando na região. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/node/10013/>.

²⁹ Por gentrification entende-se a “criação de áreas residenciais para classes médias e altas em bairros de áreas urbanas centrais, articulados a processos de controle ou expulsão de setores das classes populares, num processo também assinalado pelo desempenho de determinados estilos de vida e de consumo, produzindo mudanças da composição social de um determinado lugar, bem como tipos peculiares de segregação socioespacial e de controle da diversidade.” (FRUGOLI JR., H; SKLAIR, J. 2009, p.119-136).

³⁰ Ruas de SP lembram centenário de nascimento de Adoniran Barbosa. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/08/ruas-de-sp-lembram-centenario-de-nascimento-de-adoniran-barbosa.html>

A São Paulo de Adoniran. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2304200707.htm>

e outro na Alameda Dino Bueno, que se interligavam, por obra dos usuários, e eram utilizados como moradia e/ou local de consumo) e algumas invasões foram demolidos; outros, ao redor, foram lacrados e toda uma legião de “Jocas e Matos Grossos” foram agredidos, expulsos, presos ou internados.

É visível que a região é um local de embates, um *campo de forças* (RAUPP e ADORNO, 2011) entre interesses diversos sobre a forma de ocupação da cidade. Nesse embate, os usuários de crack são os que não detêm poder sobre os processos em curso, além de serem utilizados como justificativa para necessidade dos projetos de revitalização, também podem ser alvo da “fúria” dos demais moradores que, assim como eles, não são levados em consideração, quando são postos em prática tanto os projetos para a revitalização quanto as ações para implementá-los.

Nos despedimos, seguimos pela Rua Guaianases e entramos na Rua Aurora. Um homem corre atrás de nós gritando e pedindo para que parássemos. Ele quase não consegue falar porque está sem fôlego. Falamos para ele respirar, que esperaríamos. Ele é pardo e aparenta ter 50 anos. Quando recupera o fôlego pergunta se vimos o filme: “Um dia de fúria”. Respondemos que sim. Ele fala: *“Eu estou num dia de fúria! Eu vou me matar, ou vou matar alguém!”* Quer saber se somos jornalistas. Fala que é morador da Rua Guaianases, que não aguenta mais os usuários embaixo de sua janela fazendo barulho e sujeira e que não consegue mais dormir. Acredita que nenhum governo quis resolver o problema da Cracolândia e que a degradação do bairro foi proposital. Está visivelmente alterado, fala com lágrimas nos olhos. Em dado momento começa a gritar com um usuário que passa por nós, criticando-o. Nesse momento cruza a esquina uma viatura da polícia militar. Ele vai para o meio da rua e grita para a viatura: *“Vocês querem prender traficante? Vão lá na Guaianases! Eu moro lá! Vão lá!”* A viatura para e o policial que está no banco de trás com uma metralhadora na mão, coloca a cabeça para fora e grita: *“Tem traficante lá? Vem com a gente mostrar quem é!”* Ao que ele responde: *“Pode ir que vocês vão ver, não precisa de mim, todo mundo pode ver!”* (Caderno de campo, 2012).

Com isso, agrega-se mais um ponto de conflito entre estes: os moradores dos prédios de apartamentos, antigos comerciantes e pessoas dos movimentos de moradia, moradores de ocupações. A tensão constante entre esses atores é capaz desencadear momentos de violência física.

Na rua Guaianases dois moradores (no terceiro andar de um prédio) jogam sacolas cheias de água para baixo em cima dos usuários. Cabelo grita para eles descerem porque somos da Corregedoria. Nos conta que

também jogam garrafas pet com água e que isso pode matar. Os dois descem e ficam se explicando, dizendo que entendem que a rua é pública, mas que é muito difícil conviver com os usuários ali (Caderno de campo, 2012).

Os comerciantes também se valem da intimidação e da violência física para expulsarem os usuários da frente de seus comércios, com a contratação de seguranças particulares.

Cabelo (...) explica sobre os seguranças. Fala das barras de ferro que usam e como os enxotam, “vão tocando a gente que nem gado” (caderno de campo, 2012).

Também com os moradores das ocupações as regras de convivência podem ser conseguidas com o emprego da violência.

Em um trecho da rua dos Gusmões (quase esquina com a Andradas) tem uma ocupação de Sem - Tetos e nesse espaço as pessoas que usam crack não param. Nesse pedaço circulam os moradores e suas crianças que inclusive fazem sua recreação na rua, jogam futebol, tocam e ouvem música. Paramos nessa esquina em frente a um bar e começamos a conversar com usuários que estavam indo em direção ao fluxo, vimos que três homens, negros e jovens, que estavam sentados à porta de um estabelecimento comercial fechado, nos olhavam enquanto tocavam berimbau. O que tocava o berimbau nos chamou e perguntou o que fazíamos lá. Diz que nos chamou porque estávamos fazendo os “nóias” se aglomerarem no pedaço da ocupação e que isso eles não permitem. Perguntamos como foi para que essa regra fosse aceita e eles dizem que agora é tranquilo, mas que no passado teve briga com pauladas. E que antes a polícia vinha e jogava gás pimenta nos “nóias” e a fumaça entrava na casa deles e chegava até o último andar de um prédio de moradia que fica na rua Dos Andradas esquina com a rua dos Gusmões. Falaram com a polícia para não jogar o gás e brigaram muito com os “nóias”. Primeiro pediam “*na educação*” para que eles saíssem e não ficassem fumando em frente a ocupação, pois o cheiro entrava nos quartos e eles tinham crianças, lá. Mas se eles insistiam, batiam neles com pedaços de pau. Agora que as regras são seguidas não há mais problemas. (Caderno de campo, 2012)

É também um espaço em que, há embates existenciais e procuras de sentido, são atribuídos sentidos místicos. Explicações, para a existência do crack e da “Cracolândia”, como também da própria permanência nela, são uma constante remetendo muitas vezes a imagens religiosas, “deus”, “diabo”, “capeta”, “anjo”, “ter uma missão”, “passar uma mensagem”, “revelações”. Também é um lugar de intensa concorrência de igrejas de diversas denominações.

Laio veio de salvador, na Bahia, há seis anos. Fuma crack há nove anos e começou a fumar lá em salvador, onde fazia seu próprio crack. Veio para São Paulo em busca de emprego, e já trabalhou em restaurantes em hotéis. Diz estar na rua, pois entende que é o momento que está passando. Diz sentir que caiu ali para *“passar uma mensagem aos outros, como se tivesse uma missão”* (Caderno de campo, 2011)

Subimos por uma escada em ruínas. Lá em cima um cômodo destruído, também em ruínas. Por um pequeno buraco é possível ver a casa ao lado. Muito escuro. Roberto fala que o crack é *“tipo um revelador, ele vai revelar a essência das pessoas. E a essência de todo mundo é isso: todo mundo tem um lado mau. Isso é o que todo mundo tem dentro de si, esse caos.”* (Caderno de campo, 2011)

A mulher está fumando um cigarro feito à mão, como um cigarro de maconha. Pergunto se estão fumando maconha e o rapaz diz: *“não, este aqui é o capeta”* Pergunto o que tem no capeta e ele responde tabaco e crack. Digo que já conheci como pitilho, ou mesclado. Ele diz que pode ser chamado assim também, *“de capeta.”* (Caderno de campo, 2011)

Um homem (que não está muito arrumado e está um pouco agitado) montou uma pequena banca com vários tipos de pão de forma, requeijão e queijo cremoso. Vende sanduíches. Perguntamos se as pessoas que estão lá compram responde que sim. Depois diz: *“Eles vêm comprar e eu tomo o cachimbo deles. Eu brigo com eles. Eu não sei porque estou aqui, mas Deus planejou isso pra mim”* (Caderno de campo, 2011).

Uma fala bastante recorrente, durante o campo, era relacionada à violência que ocorreria, não no espaço aberto da cena de uso, mas no *“Buraco”*. Buraco era o nome dado a uma entrada aberta pelos usuários na parede de dois prédios que se interligavam pelos fundos dos terrenos, cada um situado em uma rua: Helvétia e Dino Bueno. Apesar do local servir para moradia, para usar crack, para se esconder quando cometiam pequenos roubos na região, vários usuários contavam histórias de que lá, também, aconteciam acertos de contas com mortes e sepultamentos. Também diziam que não seria bom estar ali se a polícia entrasse. Esses prédios foram demolidos logo após a ação na *“Cracolândia”* em 2012, mas não foi noticiado e nem relatado pelos trabalhadores do local o encontro de nenhum cadáver.

Comentamos sobre o buraco na parede do prédio ao lado, que foi lacrado pela prefeitura. Ele diz que o pessoal abre mesmo. Que lá dentro já morreu gente no passado. Já ficou corpo em saco plástico lá dentro. (Caderno de campo, 2011)

Diz que tinha desova no buraco, *“muitos corpos lá dentro”*, disse. *“A gente jogava entulho por cima e já era ”* (caderno de campo, 2011).

Comentamos sobre não haver muitas brigas ele diz que há sim e que tem gente enterrada no espaço interno entre os dois buracos no conjunto de prédios lacrados na Helvétia e Dino Bueno (caderno de campo, 2011).

Pergunto sobre o buraco aberto no predinho lacrado. Se é possível atravessar de um lado para o outro, como entrar na Helvetia e sair na Dino Bueno. Oduvaldo diz que é possível, mas tem que pular o muro lá dentro. Ele diz que pode ser perigoso lá dentro, pois lá ninguém vê nada. Pode ser um esconderijo da polícia, mas também a polícia faz o que quer lá dentro (caderno de campo, 2011).

De repente sentimos uma movimentação na rua, fora do bar vemos três policiais, sair correndo da esquina, onde estava a viatura e a equipe de TV e seguindo em direção ao “buraco” da Dino Bueno. São três, uma mulher na frente com uma metralhadora, e dois homens atrás com pistolas. Eles entram rapidamente pelo “buraco”, em poucos minutos, saem aproximadamente 25 pessoas lá de dentro” (caderno de campo, 2011).

Durante o campo, várias vezes ficamos parados à entrada do *buraco*, esperando um convite para entrar. Independente das histórias, não parecia ser um local em que se adentrava sem permissão.

Em frente o buraco, com uma grande coberta esticada no chão e muitos produtos dispostos em sua lojinha, Vinicius me chama. Ele está bravo, diz que se o cara não parar vai acabar matando ele e jogando lá dentro (aponta para o buraco). Ele anda em frente ao buraco e mostra uma faca. O Homem com quem ele discutia vai embora. Comenta sobre o buraco, pergunta se já entramos lá. Dizemos que não. Ele nos convida. Entramos (caderno de campo, 2011).

O *buraco* era alegórico da vida ali vivida. Uma subversão da ordem, onde não se entra pela porta, mas cava-se uma entrada na parede. O “buraco” mítico, acionado como representação das histórias do terror, da violência e da morte tal qual as histórias de Putumayo relatadas por TAUSSIG (1993) "A única maneira que encontravam para viver nesse mundo aterrorizante, (...) era inspirando eles mesmos o terror." (p.60)

Pra falar a verdade pra você, eu fico aqui, porque se eu for ficar lá no Ibirapuera, as pessoas vão ter preconceito de mim. Aqui eu tô igual todo mundo, todo mundo sujo. (Francisco, não usuário de crack)

A cena de uso público, a Cracolândia, local de passagem, local de perigo, local de embates, local da (in)visibilidade, um local para não ir e o único para aonde ir, o não lugar, configura-se como um local mítico engendrando subjetividades.

Estou no ônibus a caminho do primeiro dia do campo. Pergunto ao cobrador se tem um ponto próximo a Sala São Paulo. Ele diz que não. Pergunto se não tem um ponto próximo à Estação Júlio Prestes. Ele me diz: *“Lá não tem não, só tem o ponto da Cracolândia.”* (Rua Helvétia, esquina com Al. Cleveland em frente à Estação Júlio Prestes.). Parece que ele não acha que é um lugar para aonde eu, ou qualquer outra pessoa queira ir, portanto, não é um lugar. Outras duas mulheres também estão descendo. Uma diz: *“Que lugar pra descer! Outra diz: “Aqui tem que descer e andar rápido.”*

A CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS DE USO PÚBLICO EM LISBOA

Existem várias cenas de uso público e venda de drogas em Lisboa, porém, duas delas foram/são icônicas, não só pela fama que conseguiram por tal aspecto, mas, principalmente, por elucidarem os processos que assim as conformaram: o Bairro³¹ da Mouraria e um entorno que congrega o Largo do Intendente e o bairro do Casal Ventoso, este já não existe com a mesma configuração física. Ambas as cenas frequentaram as manchetes da mídia impressa e também de programas de televisão, acionando discussões acaloradas sobre a necessidade de resolução do “problema das drogas” e buscando soluções em programas de requalificação urbana.

Casal Ventoso

Para descrever, de forma sucinta, a formação do Casal Ventoso, apoio-me no estudo de CHAVES (1999), *“Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico, marginalidade econômica e dominação simbólica em Lisboa”*. Chaves realizou uma pesquisa sobre a formação do bairro, refletindo a partir das políticas econômicas globais e as formas de sobrevivência e estilos de vida aí engendradas.

O bairro do Casal Ventoso, dentre outros, surge no processo de expansão urbana, do aumento do setor industrial e com os surtos migratórios da zona rural para zona urbana, na passagem para o século XX, e começa a ser construído ainda na primeira década deste, para servir de moradia aos operários das fabricas do Vale de Alcântara. Seus loteamentos são mais baratos, por se tratar de localidade de difícil acesso, situado em uma encosta, sem infraestrutura e afastado do centro de Lisboa. A apropriação do espaço, de forma diferenciada, com preços mais acessíveis, de acordo com o nível de infraestrutura e construção oferecida, vai se constituir em *submercados* de habitação, sem arruamentos e pavimentação, esgoto e iluminação.

A submercados diferentes sucederam-se, na generalidade, territórios socialmente diferenciados. Ou seja, os processos de produção e de apropriação de alojamentos acabaram por conduzir a formas de hierarquização e segregação espaciais (CHAVES, 1999, p.38).

³¹A divisão administrativa Bairros deixou de existir em Portugal, existindo a divisão por Freguesias, mas tanto os moradores quanto textos acadêmicos e jornalísticos ainda utilizam o termo bairro.

O bairro, em seu processo de edificação, passa de um período de legalidade para a ilegalidade, com antigos proprietários construindo mais cômodos no mesmo terreno, depois a uma repartição e venda dos lotes e a construção por particulares e de forma clandestina com materiais de baixa qualidade e sem uniformidade arquitetônica.

(...) habitado por classes populares, situa-se ao longo da zona mais baixa e íngreme da encosta e é marcado pela degradação habitacional e ambiental, pelo uso de materiais provisórios na habitação e por défices, quer infra-estruturais, quer de redes de abastecimento (CHAVES, 1999, p.32).

Com o decorrer dos anos, os moradores passam a sublocar as moradias em que vivem, como forma de conseguir mais dinheiro para pagar o aluguel e para a sobrevivência, vindo a residir em um mesmo espaço até três famílias.

A configuração da malha de transporte viária que, inicialmente, contava apenas com a Rua Maria Pia como acesso à zona central de Lisboa e da linha férrea, se expandirá, no decorrer das décadas do século XX, ficando o bairro cercado por vias de circulação rodoviária que ligam Lisboa à margem sul do Tejo, e, por transportes públicos que passam no entorno do bairro, pois dentro do bairro não há condições de circulação, ligando-o a outras regiões da cidade.

Quanto aos moradores do bairro, boa parte deles não será aproveitada como mão de obra para indústria ou será empregada parcialmente, formando um exército de reserva para o setor e terão de se valer de vários expedientes para conseguir sobreviver. Dentre as atividades que muitos moradores irão realizar, estão a recolha do lixo de particulares para seleção e venda aos ferros velhos, atividade chamada de gandaia, esta atividade permanecerá até a década de 50 do século passado. As demais atividades se dão no mercado informal, vendedores ambulantes de hortaliça ou animais ou em trabalhos pesados como estivadores, trabalhadores em pedreiras. As mulheres trabalharão como domésticas e serão também o maior contingente, juntamente com as crianças a se ocuparem da atividade da gandaia. A essas atividades, segundo relato dos moradores mais antigos, somavam-se atividades ilegais: a prática do roubo e furto de animais e de produto alimentícios nas mercearias, também assaltos a pedestres em uma escada de ligação do bairro, prostituição e cafetinagem; mas essas atividades eram ínfimas, se comparadas às demais exercidas pela maioria dos habitantes.

A partir das décadas de 50 e 60 do século XX, vê-se um declínio da zona industrial do Vale de Alcântara que pode ser explicado tanto pelas novas malhas viárias como os acessos à Ponte 25 de Abril e à abertura da Avenida de Ceuta, quanto pela perda de sua importância fabril. “Esses eventos traduziram-se no surgimento de um expressivo contingente de desempregados de longa duração” (CHAVES, 1999, p.64-65). Embora não se saiba em que medida o fechamento das fabricas do vale afetou a população do bairro, esse fato somado à proibição da venda ambulante, com multas para quem fosse apanhado a fazê-la, e o fim da prática da gandaia devem ter impactado os modos de subsistência dos moradores por algum período.

O autor ressalta que, entre os habitantes do bairro, os que desenvolviam atividades ilegais eram minoria. Segundo inquérito habitacional de 1960, 40,7% dos chefes de família do casal Ventoso e de outro bairro similar e contíguo, se diziam operários; 8,8% vendedores ambulantes e 26,6% exerciam atividades diversas. Não há dados sobre o número de pessoas envolvidas em atividades ilegais, mas CHAVES (1999) infere que estariam nesta faixa dos 26,6%. Segundo ele, as atividades ilegais nessa época, alternavam-se com atividades legais e eram para a subsistência. Mas, já na década de 60, começam a surgir organizações de alguns moradores, chamadas de famílias ou seitas, voltadas apenas para atividades ilegais como furto de bicicleta, roubo de carros e de carteiras.

No período que correspondem as décadas de 70 e 80, com o desenvolvimento de novas tecnologias, o mercado de trabalho necessitará de mão de obra especializada, reduzindo as oportunidades para trabalhadores não qualificados. O autor deixa claro que os acontecimentos, em nível macroeconômico, trarão influências negativas aos moradores do bairro, empurrando-os para a margem social e econômica, muito embora não atingindo a todos da mesma forma.

Até a primeira metade da década de 80, as organizações das famílias/seitas irão perdurar. Já segunda metade dessa década, tem início o tráfico de drogas, tendo-se verificado que, à época, apenas um desses grupos passou a participar no tráfico da forma como estavam organizados, sendo que mais moradores, que nunca haviam se envolvido com práticas ilegais, passam também a fazê-lo.

No período da década de 90, a cena de uso do Casal Ventoso passa a ser conhecida como local de venda e uso de drogas e, além dos moradores que não se

envolvem com a prática, irá se constituir de moradores que fazem o tráfico e/ou utilizam a droga e usuários de outras regiões da cidade que passam a residir em tendas, barracos improvisados e casas abandonadas e deterioradas. Alguns usuários vendem utensílios para o uso da substância a quem adentra o bairro para comprar e utilizar drogas, conseguindo, assim, uma forma de manter o uso e/ou eliminar os efeitos da abstinência, ou passam a trabalhar como vigias para o tráfico, ou como chamarizes para levar os usuários que ali vêm para comprar com determinado traficante, atividades que lhes auferem maiores possibilidades de drogas e algum dinheiro (VASCONCELOS, 2003).

Nota-se que o estigma acompanha o bairro e atravessa todo o período de sua existência com algumas variações: de local da miséria para local da delinquência e posteriormente do narcotráfico; ganhando notoriedade na década de 90, na mídia, como sinônimo do “problema da droga”. Esta associação irá acompanhá-lo até os anos 2000 (ou até os dias de hoje de forma simbólica) e forçando a sua requalificação, que já havia sido desenhada em planos anteriores em finais das décadas de 40, 60, e a seguir do 25 de abril de 1974, porém, nunca levadas a cabo. A requalificação, que se completa entre os anos 1999 e 2000, culminará com a demolição do bairro e transferência dos moradores para bairros sociais construídos nas proximidades, mas, no entanto, sem uma ação consistente para a melhoria das condições de empregabilidade destes.

Com relação à cena de uso, uma parte das pessoas que ali estavam, e já eram atendidas pelos serviços de saúde, irão se dispersar por outras áreas da cidade, voltando posteriormente, alguns deles, a frequentar a rua Maria Pia, onde continua acontecendo o tráfico de heroína e cocaína e, muitas vezes, se instalando nos escombros que restaram de algumas edificações do antigo bairro.

Bairro da Mouraria e Largo do Intendente

O Largo do Intendente está em uma região da cidade de Lisboa contígua ao bairro da Mouraria que pode ser melhor definida pela sua configuração populacional e de atividade comercial do que por uma delimitação geográfica.

Para recuperar, sucintamente, o lugar histórico e imaginário/mítico da Mouraria, recorro aos estudos de MENEZES (2003) que desenvolveu pesquisas antropológicas

sobre o Bairro e refletiu sobre o “espaço social como um indicador central para o estudo dos processos de construção social de imagens urbanas e, como tal, é apreendido a partir das práticas sociais de uso/apropriação do espaço e da percepção que os indivíduos fazem do contexto sócio-espacial (p.20) ”.

O bairro da Mouraria, cujo o nome faz alusão ao lugar da cidade em que os mouros ficaram confinados quando da reconquista cristã de Lisboa, em 1147, já nasce com a marca do que foi excluído da cidade, lugar dos que foram vencidos (MENEZES, 2003). E que, mesmo desenvolvendo um comércio atrativo e se expandindo pelo entorno:

(...) ainda assim, o bairro continuou fora das muralhas da cidade, constituindo-se como contexto espacial e social segregado que, mesmo após a expansão da cidade, a urbanização dos campos e o derrube das muralhas da cidade (Cerca Fernandina), contribuiu para a elaboração de um complexo processo de estigmatização territorial. (p. 390)

Com a expulsão dos Mouros e o passar dos séculos, a zona se expande, mas continua abrigando habitações populares (cristãs) de baixa qualidade material e mantendo a precariedade de infraestrutura, apesar de algumas partes do bairro vir a abrigar famílias mais abastadas no final do século XIX, configura-se, no fim da monarquia, como um bairro popular, marcadamente no entorno das ruas Da Palma e Almirante Reis (e a parte baixa da Mouraria). Concentrará, nesta região, uma população pobre, convivendo com uma urbanização precária e com o estigma de bairro sujo e insalubre onde acontecem crimes e práticas ilícitas, bairro boêmio e de fadistas, prostituição, jogos, cafetinagem e de gente miserável; estigma este que irá acompanhar o bairro durante os anos.

No decorrer do século XV, na época dos descobrimentos, a população da cidade e do bairro crescerá, e o centro económico e de poder do reino será transferido para a margem do rio Tejo. A população da Mouraria se manterá estável até o século XVIII e não será incluída no plano de reconstrução urbano encomendado pelo Marquês de Pombal, após o terremoto de 1755 (a região da Mouraria não foi muito afetada).

A alta densidade populacional composta em grande parte pela classe social do povo, a urbanização cerrada da zona e o facto de ter ficado fora da área intervencionada pelo plano pós-terramoto, parecem ter perpetuado não só as ideias de marginalidade, mas também as de segregação social. Ficou associada à Mouraria a partir desta altura, a

imagem de “sujidade” ainda hoje mencionada pelos habitantes da Mouraria (GÉSERÁ, 2011, p. 66).

Ainda da metade para final do século XIX, tem-se um aumento populacional, referente aos fluxos migratórios (de todas as partes do país e também da Galícia) do êxodo rural e dentro do processo de crescimento da indústria. Isso irá gerar um aumento populacional do bairro com uma subdivisão dos espaços construídos e diminuição de espaços livres.

As casas eram velhas e cheias de humidade, estavam sobrelotadas, não tinham qualquer sistema de aquecimento, água canalizada, ou esgotos, sendo por isso atirados para a rua todos os despejos, aumentando ainda mais a sujidade no bairro (MENEZES, 2003, p. 42).

Durante o século XIX, a mortalidade nos bairros pobres/populares era altíssima, devido às condições de insalubridade das casas e da infraestrutura dos bairros.

Se a “Lisboa dos Oitocentos pouco se modificou no que respeita aos comportamentos humanos. Ela foi caracterizada por altos níveis de mortalidade, diferencial segundo os sexos, as idades e os locais de residência, que só no final do século tendem a regredir”, ao que “a geografia da mortalidade de crise” iria sobretudo afectar as áreas que concentravam as populações recém-chegadas e que eram as mais densas da cidade (Rodrigues: 1994a: 48, 68). Nesse quadro catastrófico, é de distinguir a situação da Mouraria que, ao longo da centúria se particularizou como uma das áreas mais pobres e de maior concentração populacional – com um elevado percentual de homens solteiros e jovens – e, ainda por possuir uma das maiores taxas de mortalidade. Vale a pena notar que em princípios do século XIX, a Mouraria, Santa Catarina e Alfama se distinguiam por possuírem as maiores densidades populacionais (MENEZES, 2003, p. 56).

Durante todo esse período, em que pese as políticas globais e locais, o bairro da Mouraria continuará sofrendo um processo de segregação espacial, sem melhoria de sua infraestrutura, com alta densidade populacional; quadro que reforçará a estigmatização social. As pequenas alterações que sofreu nesse período visaram melhorar as condições de mobilidade geral para a cidade e resultaram em algumas demolições.

Já no século XX, passará a ser objeto de uma política do Estado Novo para um processo de “*urbanismo civilizador*” (MENEZES, 2003):

(...) entre os anos 30 e 60 do século XX, a Mouraria torna-se foco de uma política urbana promulgadora de um «urbanismo civilizador» e difusor de uma perspectiva de «higienização» e «embelezamento» que

pretendeu renovar (reinventar) o bairro numa óptica de modernização, alterando radicalmente as suas dinâmicas sociais, culturais e urbanas. Mas, curiosamente, a tentativa de «limpeza» social da tão «insalubre» e mal «afamada» Mouraria, e que quase destruiu o bairro por inteiro, empurrou as prostitutas, os rufias, chulos e tascas que ali tinham alimentado muitas lendas, casos e enredos narrativos, para uma zona que fica um pouco mais adiante do núcleo do bairro: o Largo do Intendente Pina Manique. Não deixa de ser uma ironia da história o facto das intervenções sócio-urbanísticas terem empurrado o «vício» para uma zona que recebeu o nome de um daqueles que mais combativamente lutou contra a proliferação da prostituição na cidade! E mais: nos espaços sociais deixados vagos por uma Mouraria de «boémia» decadente, logo apareceria a nova face da «liminaridade» urbana: sem-abrigo, traficantes, consumidores de droga e minorias étnicas. (p. 82-83)

Como resultado dessa política, em 1946, a Baixa da Mouraria sofre um processo de destruição das edificações criando-se o espaço que receberá o nome de Largo do Martim Moniz (nome do soldado responsável pela facilitação da reconquista de Lisboa aos Mouros). No final dessa década, serão destruídos mais quarteirões, chegando-se à Praça da Figueira, e o comércio que aí acontecia será instalado de maneira provisória na Praça do Martim Moniz que havia ficado desocupada após a destruição da parte baixa do bairro e aí permanecerá até 1990 quando serão novamente transferidos e instalados, também de maneira provisória em outro ponto da cidade, mas fora do centro histórico. Com a transferência dos comerciantes, essa área se torna local de estacionamento e de despejo de entulho e lixo e somente em 1997 será transformado em Praça.

Na década de 70, o comércio irá atrair portugueses e indianos vindos de Moçambique os quais irão desenvolver um comércio atacadista na região que oferecia baixos custos para instalação. Nas décadas de 80 e 90, terão novo fluxo imigratório motivado pelo maior controle das fronteiras em países que costumavam ser os destinos mais procurados para imigração, como França e Alemanha e dos oriundos das ex-colônias (GÉSERO, 2011).

Nos anos 90, imigrantes chineses e africanos também serão atraídos para desenvolver seus comércios na área que se consolida como região de comércio atacadista e varejista e de alimentação, levando a imagem do bairro também ser associada a lugar multicultural; mas as imagens do estigma do passado, relacionadas à criminalidade, prostituição e também ao tráfico e uso de drogas e à presença de

sem tetos, continuarão a existir, assim como a persistência dessas práticas. Ao mesmo tempo, a presença de imigrantes associados à degradação dos prédios, à criminalidade e insegurança, reforça a ideia de gueto.

Com os projetos desenvolvidos até então, destroem-se os edifícios e constroem-se um hotel e centros comerciais, sem que se tenha, com isso, melhorado as condições do que restou do bairro e com insucesso das propostas para as quais as demolições foram levadas a cabo. Um dos últimos projetos de reabilitação implementados será proposto em 2009 visando

(...) a promoção da qualificação urbana, nomeadamente das áreas urbanas degradadas ou socialmente deprimidas, o reforço da responsabilidade de Lisboa como motor do desenvolvimento do País; a capacitação de Lisboa como meio acolhedor e lugar de encontro multicultural; a (re)qualificação do tecido urbano; a valorização dos recursos paisagísticos e patrimoniais singulares; o vencimento de obstáculos à mobilidade, a maior eficiência na gestão do espaço público; e ainda, o fortalecimento da cooperação institucional e territorial (UPM, 2009). Apesar do início das obras decorrentes do plano só estar previsto para o final de 2011, algumas das iniciativas propostas foram já postas em prática, nomeadamente, a deslocação do gabinete do Presidente da Câmara da cidade para o Largo do Intendente e o Festival “Todos”. (GÉSER, 2011, p.78)

Esse plano de ação buscou, contando com algumas parcerias com outros órgãos públicos e com os particulares, a melhoria dos prédios, aproveitando o potencial do mote “multicultural” e de local histórico e tradicional, a fim de atrair ao local novos moradores e turistas e com isso também combater o tráfico e consumo de drogas e a prostituição, renovando a população moradora e frequentadora do bairro.

AS CENAS DE USO

No início do ano de 2004, cinco anos após o “fim do Casal Ventoso”, o jornal Correio da Manhã³² publica uma matéria sobre a volta da venda e consumo de drogas no local. Informa que:

É que apesar das promessas do passado, a verdade é que o tráfico e consumo de drogas regressou em força à zona do antigo Casal Ventoso. Bastou aos traficantes e consumidores escalar a encosta

³²Droga troca voltas ao CASAL, em: <http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/droga-troca-voltas-ao-casal>

despovoada e assentar arraiais (acampamentos) na Meia Laranja. É ali que tudo se passa bem à vista de todos. (JCM, 2004)

Entrevistados, a Polícia e um membro da equipe de rua que visita as cenas de uso para a troca de seringas, confirmam o fato. A equipe de rua informou que o número de seringas trocadas tinha aumentado, chegando a 500 por dia e que percebem a presença de turistas estrangeiros que visitam Portugal e sabem que ali podem obter e consumir drogas. E a Polícia confirmou que “o consumo regressou em força ao Casal Ventoso. O tráfico, nomeadamente o de pequena escala, também aumentou, sobretudo na Rua Maria Pia”. (JCM, 2004)

O jornal ainda informou que: “O Casal Ventoso é o segundo bairro de Lisboa a registar maior afluência de toxicodependentes; o Intendente lidera desde que foi executado o Plano de Reconversão do Casal (...)”. (JCM, 2004)

Pode-se inferir, pelo que nos trazem as notícias, não só desse, mas de outros veículos de comunicação acessados em diferentes datas, que além de o plano de reconversão do Casal Ventoso não ter conseguido solucionar o “problema das drogas”, percebe-se pelas discussões apresentadas que algumas medidas propostas (que não chegaram a ser totalmente implementadas) também contribuíram para que os usuários fossem espalhados para outros locais da cidade. Além de não terem sido resolvidos os problemas crônicos de empregabilidade a que estavam submetidos os moradores. Em vídeo do programa Perdidos e Achados³³, de 2013, da emissora de televisão SIC, em que figuram os moradores da Quinta dos Cabrinhas, bairro social³⁴ para onde uma parte dos moradores do Casal Ventoso foram realojados, pode-se ver o espaço a se degradar e que, dos locais destinados ao comércio, com exceção de um pequeno mercado, nenhum está em funcionamento. Na reportagem, uma moradora relata sobre sua tentativa de desenvolver algum comércio no local que não vingou por falta de clientes, pois estão fora do centro da cidade e de locais com maior afluxo de turistas e da população em geral, pois ali só circulam os moradores do bairro. Relata que está desempregada e que seu filho que havia deixado a escola para ajudá-la, também perdeu o emprego. Refletindo sobre esse relato, percebe-se que, apesar

³³Programa Perdidos e Achados sobre o Casal Ventoso em: <https://www.youtube.com/watch?v=TqIUU80W60M>

³⁴Bairro social: conjunto de moradias (apartamentos) populares destinados a populações de baixa renda.

de os moradores terem conseguido um local melhor para morar, as suas possibilidades de obterem uma renda e/ou um emprego não aumentaram com a mudança.

Em 05 de julho de 2010, uma notícia no Jornal de Notícias³⁵ publicava matéria em que os moradores da região e Largo do Intendente diziam se sentir reféns dos problemas de criminalidade e insegurança.

Almeida da Silva é um dos poucos moradores que ainda se mantém no Largo do Intendente. Vive ali há 40 anos e lamenta que não haja soluções capazes de fazer desaparecer o flagelo da prostituição e da droga. “Prostituição sempre houve, mas a droga não. O desaparecimento do Casal Ventoso veio piorar esta triste realidade. Depois das 18 horas nunca saio de casa”, sublinha.” (JN,2010)

Apesar de o Presidente da Câmara ter mudado seu escritório para o Largo do Intendente em 2011, como um reforço simbólico para atrair novos investimentos, diminuir a sensação de insegurança e terem começado a organizar festivais multiculturais com as nacionalidades que ali vivem e/ou trabalham, parece não ter surtido muito efeito. LEMOS (2014), em sua pesquisa de mestrado também concorda com a afirmação do entrevistado do jornal:

(...) os toxicodependentes e o tráfico de droga que existiam no Casal Ventoso se instalam no Largo após a intervenção camarária que ocorreu naquela zona. O Intendente torna-se num dos locais mais degradados da cidade do ponto de vista social e do seu edificado. (p.95)

Em 2015, matéria do jornal SOL³⁶ indica que o bairro que era reconhecido como gueto, agora é bairro da moda, com muitos visitantes e turistas frequentando o Largo do Intendente sem que, contudo, o tráfico e uso de drogas tenham sumido da região. Os usuários foram adentrando nas ruas contíguas ao Largo.

Quanto ao tráfico de droga, garante um morador, também não desapareceu: «Há entregas diárias às sete horas da manhã e às sete da tarde, na rua Maria». Quanto aos consumidores, «alguns foram integrados», outros «estão nas franjas do bairro, mais escondidos». Um dos locais apontados situa-se nas traseiras da Igreja dos Anjos. (JS, 2015)

³⁵"Morar no Intendente é viver como refém", <http://www.jn.pt/local/noticias/lisboa/lisboa/interior/morar-no-intendente-e-viver-como-refem-1610390.html>

³⁶ O Gueto que virou bairro da moda em: <https://sol.sapo.pt/artigo/481234/o-gueto-que-virou-bairro-da-moda>

Júlio Cunha, octogenário que comanda a barbearia do largo do Intendente, aberta pelo pai há uma centena de anos desde os seus 18, confirma que «à noite ainda haverá focos de droga». «De resto, com os toxicodependentes, aconteceu o mesmo que no Casal Ventoso», acredita: «Dispersaram». (JS, 2015)

Sobre a dispersão (na matéria), o coordenador da ONG Crescer na Maior (que atuava/atua com redução de danos e trocas de seringas, antes da intervenção) diz que o fato de os usuários mudarem de local também altera a forma de atuação da organização, pois a construção dos vínculos de confiança com os usuários leva tempo e muito trabalho.

Outro aspecto que a matéria aborda é o fato de antigos moradores terem se mudado para a periferia de Lisboa, em função do aumento dos aluguéis que a revalorização trouxe.

Renato Pimentel, de 58 anos. Deixou o bairro onde cresceu, há 17. Saiu para a periferia de Lisboa, como fizeram muitos dos antigos habitantes do Intendente, cuja valorização do património arquitetónico acarretou consigo uma subida vertiginosa do preço dos apartamentos (JS, 2015).

Em 2011, o jornal Público³⁷ entrevistava pessoas da autarquia e de Ongs que alertavam para os problemas decorrentes da dispersão do tráfico e consumo de drogas e também da prostituição, tanto para se desenvolverem trabalhos de redução de danos, gerando mais riscos para os usuários pela invisibilidade dos novos locais de uso, como também pelo fato de não se pensar a cidade como um todo; o que acabava por empurrar essas práticas para novos locais como já havia acontecido.

AS ETNOGRAFIAS NAS CENAS DE USO

Quando me fixei em Lisboa para o período do estágio doutoral, eu tinha interesse em conhecer as cenas de uso público de Lisboa e tentar verificar como se dava o uso de crack nesses locais. Na Ong InMouraria, de redução de danos, poderia ter contato com os usuários que frequentassem o lugar e/ou que fossem buscar os kits ali distribuídos para fumar crack e os distribuídos para consumir heroína, porém naquele momento, eles não estavam realizando visitas às cenas de uso. Nesse

³⁷Este Largo não é mais o mesmo, em: <https://www.publico.pt/temas/jornal/este-largo-ja-nao-e-o-mesmo-22304409>

processo, comecei a procurar outros grupos que o fizessem e localizei a Ong Crescer na Maior que mantinha equipes de rua visitando várias cenas de uso em Lisboa, mas antes de conseguir entrar em contato com essa Ong, procurando um salão de cabeleireiros, encontrei um em Campo de Ourique. Os donos desse salão eram brasileiros e os demais profissionais que ali trabalhavam também. Quiseram saber o que eu estava fazendo em Portugal. Quando contei dos meus interesses de pesquisa, deram-me indicações de lugares onde acontecia usos de drogas em Lisboa, também me passaram o contato de pessoas que poderiam me ajudar e que eram seus amigos. Uma delas, de nome Oliveira, morava em um desses lugares: Rua Maria Pia; a outra, Lucinda, distribuía sopa para os consumidores, mas não pertencia a nenhuma entidade religiosa, não consegui saber com quem ela fazia esta atividade. Retirei um mapa de Lisboa de minha bolsa para que eles me informassem como chegar à rua Maria Pia. Começaram a me indicar e um filho do casal, de 10 anos, começou a falar que os consumidores ficavam na Meia Laranja. Os adultos continuaram a me explicar como chegar ao local e me informaram que a Meia Laranja tinha esse nome porque, a certa altura, existia uma reentrância que formava um semicírculo. Depois disso telefonaram para as referidas pessoas e lhes informam sobre meu interesse e com o consentimento desses me passaram seus contatos telefônicos e me disseram que eu poderia entrar em contato na mesma noite. À noite, telefonei para ambos, mas Lucinda me disse que não iria distribuir sopa nos próximos dias e não retornou mais os contatos posteriores. Quando telefonei para Oliveira, ele me informou que havia falado com os traficantes de sua rua e eles não gostaram da ideia de ter alguém por lá, fazendo perguntas. Informei que meu interesse não era voltado aos traficantes e sim aos consumidores. Mas ele me disse que não poderia fazer nada, para não se meter em problemas. Mesmo assim, convidou-me para tomar um café em sua casa para que, dessa forma, eu pudesse observar o movimento do tráfico. Combinei de ir no domingo seguinte.

Esse tipo de acontecimento, em que as pessoas se interessam pelo seu tema de pesquisa e tentam ajudar, pode parecer um golpe de sorte, mas, muitas vezes, atropelam um processo que se construiria de forma mais cuidadosa se fossem conduzidos por quem está fazendo a pesquisa, podendo inviabilizar a entrada no campo. Pelo telefonema a Oliveira, percebi que seria difícil, no pouco tempo que tinha em Lisboa, reverter o fato de os traficantes, que não faziam parte do meu interesse

de pesquisa, se sentirem menos inseguros/incomodados com minha presença, já denunciada previamente. Resolvi ir ao encontro, mas decidi passar no dia seguinte pela Rua Maria Pia, no período da tarde, para conhecer o espaço, sem que a minha presença, por estar em companhia de Oliveira, já revelasse quem eu era e o que queria ali.

A rua Maria Pia é muito extensa, entrei pela altura do número 500 e fui seguindo no sentido decrescente, na direção do endereço de Oliveira. Conforme se desce, as casas e o aspecto geral da rua vão se deteriorando. Vejo lixo e alguns homens pela rua, muitas casas emparedadas - casas emparedadas são vistas por toda a Lisboa - muitos terrenos baldios onde antes existiram casas. Na altura do número 376, chego ao local, cuja forma, lhe conferiu o nome de Meia Laranja, segundo o casal de brasileiros. Nesse ponto, há uma reentrância, na mão direita da via, que forma um semicírculo. No semicírculo, que é bastante largo, tem um ponto de ônibus e, no seu entorno, forma-se uma espécie de praça com uma mureta que circunda todo o semicírculo em que se pode ver um terreno, no qual, parece ter existido casas e que desce até a parte baixa próximo à Ponte 25 de Abril. Decido seguir até o final da rua que vai desembocar na estação de trens do Calvário. Nesse percurso, não se poderia dizer que havia tráfico ou uso de drogas no local, mas tentei não me demorar para não chamar atenção, já que, no domingo, voltaria a percorrê-la. Só depois da caminhada entendo que aquele era o local onde ficava o bairro do Casal Ventoso, famoso pelo tráfico e consumo de drogas em espaço público na década de 90.

Relato do diário de campo do encontro de domingo:

No domingo, no período da tarde, vou ao encontro marcado com Oliveira. Desço a rua Maria Pia no sentido decrescente a partir do número 500. Na altura do 300, já se observa movimento de venda de drogas. Muitos homens jovens pela rua. Mudo de calçada, para fugir do sol, tomando o lado direito de quem vai em direção da estação do Calvário. Como a calçada é estreita e, tem muitos carros estacionados sobre ela, decido passar entre as paredes das casas e os carros. Nesse momento percebo que em três desses carros haviam homens jovens manuseando uma substância de um branco-amarelada, parecida com o crack (mas poderia ser heroína) em um utensílio que julguei ser um cachimbo semelhante ao que se fuma crack. Em um dos carros observo uma quantidade muito grande da substância e penso que, se for crack, é uma quantia enorme para uma só fumada. Não acredito que seja heroína, pois, fumam de maneira diferente, mas olhei rapidamente, poderiam simplesmente estar dividindo a substância. Conforme me aproximo da casa de Oliveira aumenta o movimento de compra e venda de drogas, mas, com exceção das pessoas nos carros,

ninguém está usando drogas na rua. O movimento de carros é intenso. Alguns vão de taxi outros em carro próprio, compram e vão embora.

Paro em frente ao prédio de Oliveira e ligo o telefone, como havíamos combinado. Depois de algumas tentativas, me atende e vem ao meu encontro, já que não estava em casa. Oliveira é um homem branco, gordo e aparenta ter 60 anos. Me diz: *“Hoje isso aqui está fraco. Não vale a pena ficar por aqui.”* Me convida para tomar um café em um bar onde tem um traficante, branco de aproximadamente 30 anos, fazendo seus negócios à porta. No bar há algumas pessoas sentadas à mesa. Duas mulheres, negras e jovens com uma criança de uns 10 meses, almoçam uma lasanha que foi servida pela garçonete do bar, uma mulher branca de uns 40 anos. Em outras mesas alguns homens, brancos entre os 40 e 50 anos, bebem cerveja e assistem à TV pendurada acima da porta de entrada. Está passando o programa da Xuxa. Fora do bar alguns homens cercam o traficante para negociar. Nos instalamos no balcão e Oliveira pede dois cafés que é servido por um homem branco de aproximadamente 50 anos. Oliveira me diz que um de seus filhos, ao saber de meu interesse, se ofereceu para me levar ao bairro do Intendente, onde há enorme concentração de consumidores e que, segundo ele, me dariam entrevista, pois conhece alguns deles. Digo a Oliveira que aceito o oferecimento e telefonamos para seu filho, José Antônio. Marcamos de nos encontrar na terça-feira na estação Rossio do Metrô para irmos até o Intendente. Depois disso Oliveira se apressa em me despachar para voltar ao bar, em uma rua próxima, onde estava com seus amigos antes da minha chegada. Me despeço, ligo um agradecimento e decido ir até o Intendente observar como e onde é.

Desço na estação Intendente e caminho pela Av. Almirante Reis, sentido Anjos. Vejo que o lugar tem uma frequência maior de pessoas negras e asiáticas e muitas lojas são de asiáticos e muçumanos. Passam por mim, caminhando em direção ao Largo do Intendente, alguns homens com aparência de “junkies³⁸”. Continuando a caminhar passo pela igreja dos Anjos que é circundada por calçadas e jardim em que se aglomeram vários homens e algumas mulheres, com aparência de alcóolicos. Alguns estão sentados à frente da igreja e mais ao fundo se vê algumas barracas de camping com garrafas vazias jogadas a sua volta e também dois homens, um branco e outro negro, que dividem uma garrafa de vinho. O terreno da igreja fica entre quatro ruas que o cortam formando um quadrado: pela frente a Av. Almirante Reis, em um dos lados a Rua Álvaro Coutinho - onde situa-se o CNAI – Centro Nacional de Apoio ao Imigrante, que está fechado, sentado à sua porta um homem negro que aparenta ter uns 50 anos – na parte de trás, a Rua Palmira e de lado, a Rua Luís Pinto Moitinho. Subo pela rua Álvaro Coutinho, viro à direita na Rua Palmira e a sigo no sentido do Largo do Intendente. O aspecto do bairro é o mesmo da primeira impressão, muitos africanos e asiáticos. Alcanço a Rua Maria Andrade, chego a Rua Maria da Fonte e subo pela Rua do Forno do Tijolo até o Mercado do Tijolo um centro comercial do bairro. Resolvo descer pela mesma rua e sigo em direção ao Largo do Intendente. Lá encontro alguns

³⁸Junkie: termo atribuído ao usuário problemático de heroína, equivalente ao “drogado”.

prédios recuperados e alguns em processo de recuperação. No caminho, observo algumas pichações nos muros, mandando os negros embora de Portugal. Nos bancos do Largo, vejo alguns homens negros sentados e outros encostados em prédios. Caminho até a Rua Dos Anjos que passa atrás do Largo. Observo que alguns dos homens, de aparência “junkie” que haviam passado por mim estão lá. Tem muitos homens na rua, a maioria negros. Percebe-se o movimento de comércio de drogas, mas não vejo ninguém as utilizando na rua. Continuo seguindo por dentro do bairro até chegar na Praça Martins Muniz. De lá decido encerrar o percurso, já anoiteceu.

Terça-feira Intendente

Chego a estação Rossio e me dirijo ao Mc'Donalds, ponto em que José Antônio combinou de me encontrar. Ele chega logo depois. É um rapaz branco de aproximadamente 35 anos. Nos apresentamos e seguimos caminhando para o Largo do Intendente. Ele comenta que o pai pediu para que ele me acompanhasse, porque, como sabe que ele trabalha na noite, conhece muita gente. Ele me pergunta o que eu quero conhecer. Respondo que me interessa conhecer os espaços de uso e ver como o crack é utilizado, se possível conversar com algum usuário. Ele estranha o termo “usuário” porque em Portugal utilizam o termo “consumidores” de drogas. Diz que, por trabalhar na noite e morar próximo da região em que estamos, conhece muitos consumidores e traficantes. Me pergunta se quero falar com traficantes, digo que não é meu interesse, mas poderia falar. Digo que quero saber sobre os consumidores de crack.

Durante o trajeto até ao Largo do Intendente, José Antônio me conta um pouco de seus usos de drogas e de algumas estratégias de controle de uso, acionadas pela percepção dos próprios efeitos sobre o corpo e da análise do momento de vida que atravessava. Como ação prática, decide parar a utilização da substância e se distanciar da possibilidade de acesso e uso.

Me conta que, agora, está desempregado, mas sempre trabalhou na noite. Pergunto em que trabalhava, me diz que trabalhava em um bar que todos vão depois de sair das discotecas para comer, beber e fumar uma ganja³⁹. Pergunto se ele já experimentou crack, me responde que sim e que já experimentou quase todas as drogas, mas só gosta do Hashishi⁴⁰. Me mostra o que tem em seu maço de cigarros. Pergunto o que sentiu com o crack, diz que foi “engraçado”, não consegue dizer outra coisa, por mais que eu insista. Me diz que chegou a usar o “Cheval”, heroína fumada na prata, por um mês, porque trabalhava com um amigo que a consumia, mas depois de um tempo, começou a notar que estava tendo um uso que poderia levá-lo a ficar agarrado além de que estava se sentindo deprimido nessa época, então resolveu que não iria

³⁹Cigarro de hashishi, igual a charro.

⁴⁰Hashish: resina extraída da floração da planta da cannabis (maconha), geralmente fumado com tabaco.

mais usar e pediu demissão do trabalho para não ficar perto do amigo que a consumia.

Chegando ao destino:

Na Av. Da Palma com a Av. Almirante Reis ele me mostra o Chafariz do Desterro e diz que por ali, na parte da manhã, fica cheio de usuários de drogas a consumi-las. Relata que pela manhã e às 18h00 é o período em que tem mais consumidores. Comenta que nunca entra no bairro e quando quer alguma coisa senta em um bar, que me indica onde é, toma um café e olha o movimento. Seguimos para o Largo do Intendente e ele me mostra os vendedores: *“Todos aqueles que estão sentados são vendedores.”* Vejo homens negros de idade entre os 30 e 50 anos, vejo também duas mulheres negras de aproximadamente 40 anos. Passamos por eles e ele me diz: *“Aquele lá é meu ‘primo’, todo mundo aqui é ‘primo.’ Ele está vendendo, se parar vou falar com ele, para que ninguém tenha medo de nos ver por aqui.”* Assim acontece. Se afasta e vai falar com um rapaz negro, que fica me olhando e sorrindo e me chama para junto deles. É um rapaz muito simpático e sorridente. Conversamos, falo do meu interesse e de onde venho. Ele é conhecido como Naruto, mas se apresenta falando o nome e sobrenome, tem 32 anos. Nos leva para a rua atrás do Largo, para conversarmos com outro “primo”. Ficamos na esquina da Rua dos Anjos com a Travessa do Benfornoso. Vemos o movimento dos vendedores e dos consumidores. José Antônio me chama e me mostra três pessoas que estão fumando crack atrás de um carro. Naruto diz: *“Que engraçado, ontem mesmo veio uma jornalista aqui a querer fazer uma matéria sobre isso!”* Ele chama o outro “primo”. Ele é um homem branco, entre 40 e 50, se apresenta como Nuno. Naruto começa a relatar o que a jornalista, que conversara com ele no dia anterior queria para fazer sua matéria sobre o crack. Ela gostaria de voltar para falar com os consumidores e fotografá-los durante o momento de consumo. Diz que eu também iria fazer uma matéria sobre o mesmo tema, ao que me apresso a dizer que faria uma pesquisa, que não sou jornalista, sou da universidade e pesquiso sobre o crack em São Paulo. Nuno fala para Naruto sobre a jornalista: *“Tem de dar alguma coisa, eles não vão querer falar sem ganhar nada”.* Para mim diz que é para eu dar uma caixa de cerveja. Falo que é muito pesada para eu levar. Ele me diz sorrindo, agente manda alguém pegar. Naruto e Nuno comentam comigo sobre reportagem que viram sobre o crack, na rede Record, e de uma nova droga que chegou a São Paulo e que, segundo a reportagem vai acabar com todos os consumidores, pois é uma mistura do crack com heroína. Dizem que é muito perigosa. Digo, que não estou sabendo e que no Brasil, praticamente não tem heroína.

Penso no poder que as mídias exercem no imaginário das pessoas, pois a heroína e a cocaína juntas são uma prática comum em Portugal, conhecida como *Speedbal* (mistura de heroína e cocaína utilizada via injetável). Tendo o crack e a cocaína o mesmo princípio ativo, não teria como ser mais destruidora.

Os dois continuam a conversa dizendo que o crack no Brasil é muito forte e por isso: *“a pessoa fica dependente”,* e que: *“usou uma vez já está agarrado”.*

Dizem que o crack em Portugal é muito fraco e por isso as pessoas não ficam dependentes e ao contrário da heroína, que dá uma dependência física, o crack dá uma dependência psicológica. Dizem: *“os consumidores no Brasil são violentos porque o crack lá, é forte”*, assistiram notícias no jornal da Record sobre isso. Falam que *“na Cracolândia ninguém entra, porque podem ser atacados, atacam até as próprias mães”*. Eu digo que não é bem assim que as coisas se passam, explico que fiz pesquisas lá, faço um relato de como é, o que as pessoas fazem para ter a droga, que várias famílias moram naquela região e passam por lá para ir as casas. Depois de me ouvirem, ponderam que aquele jornal deve exagerar para poder vender. Mas, mesmo assim, Naruto diz que só iria a Copa do Mundo acompanhado de seguranças.

Essa conversa, para mim, foi bastante inusitada; diria, quase anedótica. Conversar com dois traficantes em outro país, em uma cena de venda e consumo de crack e outras drogas, sobre a “Cracolândia” e estes repetirem os discursos do pânico moral fomentados pela mídia e formadores de opinião no Brasil. *“Usou uma vez já está agarrado”, “o uso do crack os tornam mais violentos”, “quem entrar no local pode ser atacado”, “atacam até as próprias mães”*. Interessante observar como as imagens construídas acerca da “Cracolândia” demarcam fronteiras simbólicas do descontrole, e o crack, como droga “forte” como o detonador da autonomia do indivíduo e gerador de violência. Esse mito torna-se mais crível quanto mais distante se está da cena de uso. Mas as imagens da cena de uso paulistana, que eles assistem no canal de televisão brasileiro, são similares às várias imagens divulgadas pelas televisões portuguesas de sua cena de uso mais famosa: O Casal Ventoso. Talvez isso se explique pelo fato de ao Brasil associar-se, ainda, a fama de país violento, como se observa na fala de Naruto da necessidade de ter *uns seguranças* para viajar para o Brasil. Voltando ao relato:

Depois Nuno me pergunta que dia eu quero falar com os consumidores, digo que pode ser no dia seguinte. Ele fala para Naruto achar alguns para falar comigo e se despede para voltar aos seus afazeres. Eu combino de voltar no dia seguinte às 12h00, junto com José Antônio. E falo, mas só se eles quiserem falar. Naruto pergunta: “Você vai trazer papel para anotar, não é?” Digo que sim, pois me parece que ele já tem claro como deve ser uma entrevista. Pergunto se tenho de trazer a cerveja. Ao que Naruto e José Antônio, rindo, respondem que era uma brincadeira de Nuno. Nesse momento passa o rapaz cego que vi no dia anterior no In Mouraria, andando rapidamente para fora do bairro. Naruto diz que eu poderia entrevistá-lo e comenta que ele fica tocando no metrô e pedindo dinheiro e que fica espantado em ver como ele desce as escadarias do metrô, diz que já viu descê-las correndo. Depois Naruto nos leva a um ateliê de um músico (contrabaixista) e artista plástico que se instalou na Rua do Benfornoso há alguns meses. Bate na porta do ateliê várias vezes, até

que, quando nos preparávamos para ir embora, o músico atende a porta. Não parece muito entusiasmado com a nossa visita, mas nos faz entrar. No espaço tem um piano, o contrabaixo, uma mesa de snooker, um tapete um sofá e alguns quadros. Ele diz que faz oficinas de música com as crianças do bairro. Se chama João Gil, branco, aproximadamente 55 anos. E Naruto é um dos seus colaboradores. Naruto diz que eu vou entrevistar consumidores e que pensou que eu poderia entrevistar o rapaz cego que toca no metrô. O músico diz que ele é muito bom, tem senso de ritmo. O músico nos diz que mora no espaço e dorme na mesa de snooker. Não sei se é verdade ou está sendo irônico, pois, se mostra o tempo todo incomodado com a nossa presença. Na verdade, também não entendendo o que fomos fazer lá. Pergunto que tipo de música faz e ele diz que faz jazz, mas com misturas. Um dos trabalhos que está pendurado na parede, é fruto dessas misturas. Dança e música em colaboração com uma bailarina. Enquanto tocam a bailarina dança e pinta a tela com os movimentos do corpo. Quem nos mostra é o Naruto. Discutimos sobre a dependência do crack, no Brasil e em Portugal. Tanto José Antônio quanto Naruto concordam que em Portugal as pessoas não ficam dependentes de crack, porque tanto a cocaína quanto o crack, em Portugal, são muito fracos. Acham que no Brasil a droga é melhor porque o Brasil é “produtor”. Associam a violência do Brasil as drogas e a sua potência. E comentam como qualquer um no bairro vende drogas, chinês, indiano, africanos e não há confusão. E relembram que na Maria Pia, no antigo Casal Ventoso, eram só os do bairro que vendiam. O músico não fala nada. Depois Naruto se levanta e vai olhar uma outra tela, dessa vez do músico, em que tem uma guitarra portuguesa desenhada sobre uma base super colorida e nos braços da guitarra há cordas, que saem do quadro, feitas de um metal. Ele diz que ainda não está acabado. Ao fundo da sala tem outro quadro desenvolvido com o mesmo processo em que se vê dois olhos humanos. Naruto nos mostra e o pintor fala que os olhos são do Naruto. Depois o músico nos despacha e Naruto nos leva para ver uma loja, *A vida Portuguesa*, no Largo do Intendente que vende produtos em embalagens da década de 50/60 do século passado, desde de comestíveis, material de limpeza, utensílios domésticos, roupas, sapatos, etc. A loja está em um dos edifícios recuperados pela reurbanização do bairro. Ele nos mostra bastante orgulhoso. Ao lado tem o Hostel Residence, de artistas, que ele também nos mostra e diz que a dona fez um filme em que ele figura dançando, porque também é bailarino, e que o local ainda será inaugurado oficialmente com a exibição do filme. Naruto nasceu, e sempre viveu, no bairro. Vamos embora e comento com José Antônio que não entendi porque fomos no ateliê do músico, ele diz que também não entendeu e concorda comigo sobre o músico não ter gostado de nossa visita e diz: *“Acho que ele estava dormindo.”* Pergunto se o Naruto é bailarino formado e ele diz: *“É formado por projetos que fizeram aqui no bairro, e já viajou se apresentando, mas é só isso. Ele gosta de querer ser artista.”*

Naruto é uma espécie de relações públicas do Intendente, lembra-me de um usuário da cena de uso paulistana que “exercia o mesmo papel”, ele conversa com os jornalistas, participa de movimentos artísticos pela revitalização do bairro e o Nuno

parece ser alguém superior na hierarquia do comércio no local, pois Naruto, foi chamá-lo para explicar a minha presença e também da jornalista que lá esteve no dia anterior. Entendo que Nuno permitiu a minha presença no local e me isentou de qualquer pagamento, o que não foi o caso da jornalista.

Fiquei preocupada com o dia seguinte. Não tinha intenção de fazer entrevistas e sim caminhar pelo espaço, observando a movimentação e, na medida que tivesse uma possibilidade, conversar com algum usuário. Novamente o “golpe de sorte” me colocou em uma situação incômoda: não queria que os usuários fossem obrigados a falar comigo por pressão dos traficantes, por outro lado, não poderia me recusar a fazer as “entrevistas”, pois poderia colocar, José Antônio, em uma situação delicada com os “primos”. Mas pensava também que, se os vendedores se chamam de primos e, foi dessa maneira que Naruto o chamou, isso poderia significar que, José Antônio, também fizesse parte da rede de vendedores, em outros locais da cidade. Decidi que iria e, caso conseguisse contato com algum usuário, deixaria claro que não tinha interesse em falar com eles se estivessem sendo obrigados a isso. Até porque os vendedores de drogas não teriam como saber se a “entrevista” teria acontecido ou não, visto que não tinham interesse em deixar de fazer seus negócios para nos inspecionar. Também não tinha certeza de que, realmente, apareceria alguém para falar comigo e se não fosse, perderia a possibilidade de circular mais demoradamente pelo local, já que havia recebido “permissão” para isso.

Também fico pensando em pagar ou não pagar a caixa de cervejas para os vendedores e na discussão que Nuno teve com Naruto sobre a jornalista ter de dar alguma coisa aos usuários. Me parece justo que os usuários ganhem alguma coisa, visto que o tempo em que ficam dando entrevistas, não fazem seus agenciamentos para conseguir dinheiro e drogas. Também noto que fizeram uma diferenciação entre mim e a jornalista – não pedindo para dar algo aos usuários em troca da entrevista e, depois, dizendo que a caixa de cerveja era uma brincadeira – será que era uma diferenciação entre a academia e a mídia ou, na verdade, o meu acompanhante que, sendo merecedor de distinção, me possibilitou ter outro tipo de tratamento? Ou a minha distinção residia no fato de vir do lugar onde está a “Cracolândia”? Não consegui saber.

O comportamento de Naruto para comigo também me deixou incômoda. Ele faz questão de me levar a um passeio turístico pelo Largo e mostrar as suas outras

atividades e contatos, talvez para demonstrar que não é só um vendedor de drogas em um bairro pobre e problemático. Ele também é artista e colabora com artistas (o músico tem/teve uma projeção internacional), foi retratado em um quadro e participa ativamente das iniciativas culturais de renovação do bairro com pessoas que por sua atividade no tráfico, em outras circunstâncias, talvez não falassem com ele. Meus sentimentos variam de tristeza a um contentamento melancólico. Tristeza por esse movimento mostrar o como ele está distante de ter o espaço e reconhecimento e como, no fundo, ele sabe disso, pois do contrário não nos levaria à casa do músico, à Residência, à loja. E o contentamento de ele ter outros interesses também não me impede de pensar que os projetos sociais com jovens como ele, tanto lá como no Brasil, parecem deixá-los no meio do caminho, vislumbrando outras possibilidades que não terão, acalentando outros sonhos que não se concretizarão e reforçando o sofrimento social. Gostaria de ter tido mais tempo para saber sobre sua trajetória.

As entrevistas:

Encontro-me com José Antônio e vamos até o interior do bairro. Quando nos aproximamos do café no Largo do Intendente, vemos o músico João Gil, que não nos vê ou finge não nos ver. Continuamos caminhando para o local em que encontramos com Naruto no dia anterior. Não o encontramos e vamos em direção à rua do Benfornoso. Entramos no pedaço onde tem o ateliê do músico e viramos à direita na Travessa do Benfornoso, caminhamos em direção a Av. Almirante Reis ou Rua da Palma (uma é continuação da outra) e vemos, na escada atrás do Chafariz da Calçada do Desterro, lugar onde pessoas costumam consumir drogas, um casal de turista, sentados com uma criança de aproximadamente 3 anos, lanchando e tirando fotos. Em um prédio, mais acima, na Rua Nova do Desterro vemos que Nuno está entrando acompanhado de alguns consumidores, inclusive um casal que vi no dia anterior no IN Mouraria. Resolvemos tomar um café, José Antônio tenta ligar para o Naruto, mas ele não atende. José Antônio diz que ele deve estar dormindo, que deve ter bebido a noite toda e agora estaria dormindo. Diz: “ *ele é boa gente, mas quando bebe fica muito chato*. Quando eu estava trabalhando no bar, ele ia lá e ficava pedindo mais bebida, queria de graça.” José Antônio também me diz, enquanto caminhamos para o bar na Av. Almirante Reis, que no Intendente só comercializam crack e hashishi e, na Maria Pia heroína, crack e hashishi. Tomamos o café, que José Antônio paga, e seguimos para o Largo do Intendente. Vemos Naruto próximo a loja de objetos “antigos” conversando com a Dona do Hostel Residence, paramos e o cumprimentamos. Nesse momento o músico está voltando do bar em que estava acompanhado de algumas pessoas e nos cumprimenta efusivamente. Depois vamos caminhando pela rua do Benfornoso em que fica seu ateliê e ele me pergunta o que estou fazendo lá, digo que vim com uma bolsa fazer um estágio do doutorado e ele diz: “*Que bom, ganha a bolsa e depois vai fazer turismo*.” Eu digo que não é bem assim,

pois a bolsa não é tão alta. Naruto concorda comigo, falando que tem de pagar as despesas. Digo que temos de pagar moradia, comida, transporte e que temos de trabalhar. Continuamos caminhando, o músico entra em seu ateliê e Naruto vai conversar com um consumidor para que este fale comigo. Me apresenta a ele. Eu lhe digo que se ele não quiser falar comigo não tem problema. Não quero que se sinta forçado. Ele diz que não tem problema. Caminhamos para o Largo do Intendente e procuramos um banco para nos sentar e conversar. Alguns bancos que estão à sombra estão molhados e outros ocupados o que nos faz ter de sentar sob o sol. Naruto e José Antônio ficam conversando no outro extremo do Largo.

Lucas

Ele se chama Lucas tem 47 anos e é branco. Diz que necessita arranjar um trabalho. Já trabalhou como serralheiro, carpinteiro, domador de cavalos, escriturário. Serviu nas forças armadas, na fuzilaria, e observa que essa experiência lhe deu disciplina. Relata que usa drogas desde 1980 (14 anos) *“quando a droga era droga.”* Afirma que usava drogas por vontade própria e que *“todos usavam nessa época”*. Se tornou dependente em 1985 (19 anos). Depois, *“Fiquei dez anos sem usar drogas pesadas, só usava maconha, a droga boa, você come, ri...”* Conta que quando parou de usar heroína, parou sozinho. *“Me fechei em casa e pedi para minha mãe jogar a chave. Ressaca⁴¹ de heroína não mata, mas de álcool mata!”* Começou a usar heroína antes de experimentar a maconha. Conta que quando usou maconha pela primeira vez pensou que fosse morrer, chorou, ficou desesperado.

Quando começou a usar drogas, aos 14 anos, seus pais se separaram e teve de começar a trabalhar para ajudar em casa. Diz que era revoltado nessa época. Ficou quinze anos sem falar com o pai. No período que ficou sem usar drogas, se casou e teve três filhos e quando estes nasceram, se reconciliou com o pai, que sempre havia sido seu herói. Diz: *“hoje se morresse, morreria feliz.”* Diz que leva a lealdade a sério.

Respondendo porque voltou a usar a heroína: *“O que vou dizer, tinha muito dinheiro e tempo livre. Trabalhava montando estandes e as pessoas com quem trabalhava eram dependentes. Eu é quem tinha de arrumar heroína para eles poderem trabalhar.”* Conta que tinha uma estratégia para descobrir onde se vendia drogas até em cidades que ninguém imaginava que haviam. Relata que era só chegar em um bar e começar a falar que aquela cidade era muito boa, que não existiam pessoas que usavam drogas e as pessoas falavam: *“Não é bem assim se você for naquela praça vai ver que vendem”*. Assim descobria onde comprar e não ficava sem drogas nem na menor cidade do país. Diz que usava a heroína para combater a cocaína. Perguntei porque usava, o que buscava nas drogas. Respondeu: *“Não sei responder. O que busco, é uma pergunta que faço a mim mesmo. Não sei o que procurei nas drogas, não foi por influência de ninguém, foi porque quis.”*

⁴¹No contexto português é usado, também, para designar os efeitos da privação da heroína.

Descreve o que sente com o uso da cocaína: *“Cabeça cheia, sinto uma euforia que não tenho, fico em cima, estou bem com tudo e todos. Não penso nos problemas que tenho. A droga não é responsável por eu me sentir decadente. Me droguei não foi para buscar algo. Em 90 e poucos as pessoas começaram a se drogar na rua.”*

Usa em torno de 30 a 40 bolas de crack, no valor de 5 euros (também tem bola de 10 euros), para fumar, por dia e queima uma de heroína. Diz que no Brasil a onda do crack é diferente. Fuma a pedra, mas, às vezes, também se injeta com ela. Dissolve a pedra com limão e bicarbonato. Diz: *“Eu gosto de droga. Eu o agradeço por falar comigo e digo que espero que ele não tenha sido pressionado a isto. Ele me diz: “Se estou aqui é porque quis, senão já teria ido embora”.* Fico um pouco mais tranquila com a situação, pois ficamos conversando debaixo de um sol escaldante, único lugar que não teria mais ninguém nos ouvindo.

Patrícia

José Antônio se aproxima começamos a conversar e aparece Patrícia, 32 anos, negra, que diz para eu entrevistá-la. José Antônio fala para ela ir embora. Já a havíamos encontrado na Travessa do Bem formoso e ela pediu trabalho para ele. Ela lhe pede trabalho novamente ele lhe diz que não trabalha mais no restaurante. Ele diz que ela aprontou no restaurante em que ambos trabalhavam e por isso foi demitida. Ela se deita no banco e começa a chorar, diz que quer se matar. Diz: *“Sou doente, tenho esquizofrenia.”* Tento falar com ela, apesar de ser difícil. Diz que nessa noite foi violada e que se atirou do segundo andar de um prédio, ali no Intendente, para tentar se suicidar. Observo que ela está mancando. Ela se senta no banco e diz para eu entrevistá-la. Penso que o fato dela ter aparecido pedindo para ser entrevistada, demonstra que a minha presença e atividade ali, está sendo comentada. Tento conversar com ela, que está alterada, deixo-a falar. Ela diz que é usuária de crack e que já chegou a gastar 1.730,00 euros em drogas em uma noite. Diz: *“Estou farta de estar aqui.”* Relata que tem dois filhos, fruto de violação, que vivem com uma irmã de 23 anos que é enfermeira. Fala que gostaria de ser advogada. Diz que aos 16 anos foi internada porque fumava ganjas (ou charro, cigarro de hashishi, geralmente fumado com tabaco) e que o irmão e a irmã usavam branca (cocaína) e não foram internados. Reclama da irmã e da mãe que bebia muito. Volta a falar que foi violada. Eu digo para ela fazer uma denúncia, procurar uma ONG para ajudá-la, falo da InMouraria. Ela não faz conta da minha informação, está interessada em falar com José Antônio. Ele a questiona sobre o acontecido. Ela lhe pede trabalho. Ele a manda embora. Ele me diz que ela é esquizofrênica e que inventa histórias. Diz que ela fica com os homens e depois fala que foi violada. Fico pensando que na situação em que ela se encontra, com certeza, acaba por manter relações sexuais sem muitas possibilidades de decidir livremente e provavelmente já tenha passado por alguma situação com maior violência física envolvida. Ela pede trabalho a José Antônio novamente, ele diz que não está mais no restaurante e que será difícil o dono do lugar aceitá-la de volta, visto que ela quebrou muita louça no local. Ele fala para ela que nós vamos conversar com outras pessoas, vamos embora.

Caminhamos para a Rua Almirante Reis e José Antônio me diz que vamos procurar um consumidor que é seu conhecido e que fica guardando carros próximo a fonte da Calçada do Desterro. Durante esse trajeto ele me conta que as pessoas parram o carro e pedem para os guardadores irem dentro do bairro pegar a droga e, é assim, que eles conseguem drogas para uso próprio, porque a cada bola vendida, ganham uma.

Penso que José Antônio sabe muito do movimento, apesar de dizer que nunca havia entrado no interior do bairro antes de me acompanhar. Conhece vários usuários e traficantes.

Manoel

Manoel é branco e tem 52 anos, mas aparenta ter mais idade, era serralheiro e já esteve preso. Vive nas ruas há pelo menos 20 anos. Ele usa metadona e cozida/crack. Aos 21 anos começou a usar cavalo/cheval (heroína fumada). *“Não culpo meus pais por ter começado a usar drogas, culpo a mim mesmo.”* Pergunto o que o levou a usar heroína. Responde: *“Quería sentir a moca⁴² que todos falavam, sem vomitar. Não gosto de injetar. Com a droga (heroína), consigo viver com o ódio que tenho dentro de mim. Porque uso o crack? Não tenho palavras. Experimentei e gostei.”*

José Antônio comenta que o viu, no banco, emprestando dinheiro para um amigo pagar as contas, com a renda mínima que recebe do governo. José Antônio acha que esse amigo estava se aproveitando dele. Ele diz que é porque presa a lealdade e que este amigo, que tem casa, estava endividado e que ele achou melhor emprestar o dinheiro que tinha para ele pagar as contas de luz e água para este não ter esses serviços desligados. O amigo ainda não o pagou. Mas continua achando importante ajudar aos outros. Diz que fica feliz de me ajudar na pesquisa. Conta que já ajudou um músico, comprava drogas e usava com ele quando este não tinha dinheiro. Depois esse músico foi para o exterior e um dia voltou e foi com ele num restaurante, lhe deu dinheiro, roupas. Ele acha que é assim que tem de ser, ser leal, ajudar aos outros. Diz que atualmente vive sozinho e que prefere ficar só a ter uma mulher que usa drogas, porque *“dois usando drogas não dá certo.”* Pergunto porquê e diz que já teve uma mulher que também usava drogas e que acabavam brigando pela droga. Diz que não é viciado em crack porque consegue controlar o uso, mas tem problema se fumar cavalo. *“Se fumo cavalo, esqueço tudo, não penso nos problemas. Com cocaína fumada estou na minha. Não acho que cocaína fumada de dependência. Se cocaína e heroína fossem como antigamente eu não usava Metadona.”* Enquanto conversávamos, parou um carro, dele desceu um rapaz bem arrumado e chamou Manoel que, nos pediu licença e foi falar com ele. Manoel sai atravessa a rua e entra pelas ruas atrás do Largo do Intendente. José Antônio me diz que Manoel foi buscar crack para o rapaz e diz que é assim que eles ganham, se compram duas bolas ganham uma, se compram quatro ganham duas [dos traficantes]. Tem bolas de 10 e de 5 euros. Manoel volta com a encomenda do rapaz e ganha deste, 5 euros. Manoel diz fumar entre cinco e seis bolas e usar Metadona. José Antônio, duvida que ele

⁴²No contexto português usado para designar estar sob efeito de uma droga, semelhante a brisa.

use tão pouco. Manoel conta para José Antônio que vai conseguir uma casa⁴³, que veio um grupo de uma ONG falar com ele e, acredita que na próxima semana já estará em um pequeno apartamento. José Antônio fica duvidando.

Um dado bastante relevante, tanto entre os consumidores como entre as equipes que trabalham com essa população, não existe acordo quanto a existência e a aceitação da existência do crack. Para os consumidores, em geral, o crack não existe porque consideram que a cocaína e o crack não têm a mesma qualidade que têm no Brasil, por exemplo. Já entre as organizações que tive contato, a InMouraria gostaria de fazer uma pesquisa em que pudessem comparar a qualidade da substância no Brasil e em Portugal, porque acredita que as autoridades não farão esforços para trabalhar com a questão do crack e da redução de danos para seu uso se não puderem comprovar que a cocaína-base e o crack são a mesma coisa. Já a Crescer na Maior sabe que existe o crack, mas não quer que o uso do termo *crack* cause a exploração midiática, trazendo repercussões negativas aos usuários. Tanto para os usuários ouvidos quanto para os vendedores, a base/cozida/crack, em Portugal, não gera dependência porque é muito fraca, ser fraca é entendido como a falta de pureza da substância, já que estaria muito misturada/cortada quando chega no país. Já no Brasil, ao contrário, acreditam que o crack é capaz de ser gerador de violência pela sua qualidade que gera mais força/poder para a substância.

AS CENAS DE USO, OS CONTROLES ESTRUTURAIS E AS SUBJETIVIDADES DE “USUÁRIOS DE CRACK”

Olhando para o processo de formação das cenas de uso e venda de drogas nas cidades de São Paulo e Lisboa, concluí que essas regiões, e sua fama, foram se constituindo tanto da história urbana das cidades como pelas relações que ali foram se estabelecendo entre os controles dos agentes do Estado, o tráfico e as pessoas que passaram a, ali, usar drogas que, de certa maneira, foram determinadas pela oferta do mercado ilícito. Nesses processos, verifica-se que interesses econômicos e

⁴³ Projeto É UMA CASA, Mouraria Housing First. Implementado pela Ong Crescer na Maior, teve início em janeiro de 2013, no âmbito do Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (PDCM). *É voltado para pessoas em condição crónica de situação de rua, com comorbidades, em situação de extrema vulnerabilidade física e psicológica e para quem as respostas existentes na rede de suporte social e de saúde não são adequadas.* Disponível em: <http://crescer.org/projetos/e-uma-casa/>

políticos acompanhados de projetos de urbanização e políticas públicas de caráter higienistas e disciplinadoras exerceram papel crucial na sua constituição, fixação e vigilância, e deslocamento de seus moradores e frequentadores.

Pode-se perceber que esses projetos locais estão vinculados a processos globais que, desde a passagem do século XIX para o século XX, distribuíram os locais da cidade que foram designados para as populações empobrecidas. Durante o século XXI, a radicalização desses processos da economia global e da dinâmica urbana e da ordem mais específica dos processos de coerção e produção das moralidades, as mobilidades, migrações, processos étnicos, de gênero e geracionais e suas relações com os mercados informais e ilegais tiveram peso nas espacialidades que cada cidade construiu para a concentração dos usos públicos das drogas considerada ilegais.

Observa-se esse processo ocorrendo com as populações que habitavam as regiões que vieram a abrigar as duas cenas de uso em Lisboa e a cena de uso paulistana. Regiões que, desde o processo de expansão e reurbanização dessas cidades, a partir de orientações morais e higienistas, permaneceram à margem ou a reboque das reformas saneadoras, passando a se constituir como espaços segregados e com uma população estigmatizada.

Com relação às cenas de uso em si, pude observar que, no caso de Lisboa, não se vivia o clima de tensão. A presença da polícia, na cena de uso, foi constatada uma única vez, não parecendo gerar grandes preocupações aos frequentadores (traficantes e usuários). Tal fato pode decorrer da política de droga adotada em Portugal que descriminalizou o uso de todas as substâncias (2001)⁴⁴, não sendo prioridade dos policiais prender usuários. Eram apenas dois policiais andando a pé, ao contrário da cena paulistana, onde um enorme aparato policial (polícia militar, guarda civil metropolitana e polícia civil) cerca a cena de uso com viaturas e ônibus equipados com câmeras. A presença constante da polícia na cena de uso paulistana, e suas abordagens em geral, truculentas, obedecem mais a agendas políticas do que a estratégias de combate ao tráfico. Contudo, a cena paulistana, desenvolveu ao longo de mais de 20 anos de uso de crack, um aprendizado do uso da substância e o

⁴⁴ Portugal descriminalizou o consumo de qualquer droga ilícita para consumo próprio, através da Lei nº30/2000, aprovada em 29 de novembro de 2001. Quem é pego consumindo ou levando consigo até 10 doses de qualquer droga não é mais preso nem condenado a pagar multa. O consumo de drogas passou a ser contravenção social e não crime.

desenvolvimento de uma “cultura da droga” (BECKER, 1966). Ainda houve uma maior disponibilidade da droga na cena de uso, garantida pela presença do PCC que irá disciplinar o espaço da cena de uso aos moldes do que fez nos presídios, gerando, assim, uma “pacificação” (BIONDI, 2009; FELTRAN, 2010).

Nas idas a campo, ao olhar para a situação daquelas pessoas na cidade, dentro das minhas preocupações acadêmicas não deixava de pensar na noção de sofrimento social, a qual entende que populações marginalizadas e excluídas sofrem processos de marginalização e de exclusão vinculados a processos históricos, sociais e econômicos que imprimem os estigmas de sua condição às suas vivências cotidianas e subjetividades, sendo experienciados como sofrimentos, padecimentos e adoecimentos, interferindo inclusive na produção de suas emoções. As narrativas biográficas desses sujeitos são parte desse processo crônico que os oprime, marginaliza e humilha cotidianamente, por fim, constituindo-se como parte de suas subjetividades. (KLEINMAN, DAS e LOCKE, 1997).

Esta cronicidad actúa a través de las experiencias traumáticas típicas como la humillación rutinaria, la interiorización de estigmas, la falta de proyectos de futuro, la pérdida del respeto y de la integridad corporal, subjetiva y comunitaria. Em estos espacios sociales, tanto las condiciones de pobreza y marginación como los circuitos y escaladas de violencia producen cuerpos frágiles, y la multiplicación de padecimientos, enfermedades, amenazas y peligros para la salud y la supervivencia. (EPELE, 2010, p.228)

E, nesse processo, pude entender que o uso de drogas é o que se mostra mais acessível, quer como uma forma de prazer, quer como uma forma de autoprescrição para estes sujeitos suportarem o sofrimento advindo dos sucessivos processos de exclusão a que estão submetidos.

Como nos diz PUSSETTI e BRAZZABENI (2011), “O sofrimento social é o resultado, em outras palavras, da limitação da capacidade de ação dos sujeitos e é através da análise das biografias dos sujeitos que podemos compreender o impacto da violência estrutural no âmbito da experiência quotidiana. ” (p.467)

Ao lado desse aspecto marcante que considerei acima, conclui também que esses sujeitos não eram meros reprodutores dessa condição, mas que marcavam suas identidades nas relações que tinham com o consumo das drogas ali oferecidas, que ao mesmo tempo eram a própria imagem de sua condição também propiciavam

o momento de lazer e de experimentar as sensações de seus corpos expostos na cidade.

Um desses aspectos que registrei foram os aprendizados com o uso, as estratégias e práticas adquiridas, empiricamente, pelos usuários ao longo do tempo de uso da substância. Percepções estas que têm uma dimensão corporal e individual e também coletiva. A partir do reconhecimento, no próprio corpo, dos sinais de que se está atingindo os efeitos – desejados e indesejados – e da comparação com o comportamento dos demais, performa-se a própria experiência de uso. (BECKER, 1966)

O controle também passa por ter aprendido a reconhecer alguns efeitos adversos, como a “paranoia”: *“Ele chega ao É de Lei e diz que já entrou naquela galeria quando tinha umas paranoias quando fumava crack, achava que o estavam perseguindo e entrou lá para despistar as pessoas. Hoje em dia não tem mais isso e vê que era viagem isso, que não tinha ninguém perseguindo ele (diário de campo, 2012).”* Abaixo, seguem alguns tópicos depreendidos da leitura dos diários.

Ele começa falando que o crack é para quem tem QI alto, porque quem não tem não aguenta. Fala que a pedra acelera e foca seu metabolismo e pensamento e tem gente que não aguenta. (...) e diz que se fosse legalizado como o cigarro e a bebida, todas essas pessoas estariam em sua casa, fumando e pagando imposto. (Caderno de campo, 2011)

Por essa fala, podemos inferir que alguns dos efeitos do crack, particularmente em São Paulo, são produzidos também pelo efeito da política proibicionista.

Notei também que certas estratégias de uso que serão relatadas nas narrativas de uso privado, quais sejam as estratégias de melhor utilizar e sentir os efeitos da substância, também estavam presentes nas cenas de uso.

Vinicius pega então sua outra pedra e decide fumar. Chama alguém ao redor que poderia lhe emprestar um cachimbo. Um rapaz empresta o cachimbo. (...). Põe um pouco de cinza, a pedra em cima e esquentando a pedra até derretê-la. Põe mais um pouco de cinza e aí, sim, fuma. Enquanto isso, o menino que emprestou o cachimbo diz: *“esse é fumador de crack mesmo, esse sabe fumar”*. Eles comentam que assim a pedra é mais forte. (Caderno de campo, 2011)

Também buscam adequar seus efeitos para determinadas situações como os chamados “corres”, estratégias para ganhar algum recurso ou conseguir uma nova pedra:

O homem mais perto de mim, Alberto, continua recolhendo, raspando a borra. Diz que está ali na Cracolândia desde as 5hs e pouco da manhã, e que vai fumar esta borra e depois vai embora dali, vai atrás de reciclagem, até porque não tem mais dinheiro. Tem que se movimentar, sair andando. Comenta que quando fuma uma borra, fica quieto, calado, mas tem muita vontade de andar, então é aí que ele sai atrás de reciclagem o resto do dia.” (Caderno de campo, 2011)

Diz que não fica na Cracolândia e não fuma muito, mas fala que enche o carrinho, vende, volta e fuma, sai enche o carrinho, vende, volta e fuma. (Caderno de campo, 2011)

Os usos, embora olhados de fora sejam padronizados, são modulados pelas preferências:

Conversamos com um rapaz que faz uso de pitilho, crack com tabaco, diz não fumar pedra no cachimbo. (Caderno de campo, 2011)

Ao conversarmos sobre a ideia da redução de danos, ele nos mostra um porta-cinza. Diz que não fuma cigarro, mas como precisa da cinza para fumar o crack ele guarda cinza em um potinho de plástico. Diz que pede cinza para o pessoal e vai guardando para quando precisar. (Caderno de campo, 2011)

Diz que usuários de crack poderiam usar cinzas de plantas medicinais, como cidreira e outras ervas, e que isto causaria menos danos à saúde. Seriam cinzas de plantas específicas que reduziriam os danos causados pela inalação da cinza do cigarro, assim como poderiam agregar um caráter tranquilizador. (Caderno de campo, 2011)

Como outros estudos já apontaram (RUI, 2012), o cachimbo é quase um fetiche, diferente dos que usam crack no espaço privado que preferiam usar na lata ou em copos e utensílios descartáveis:

Na Helvécia encontro Lobato. Ele (...) pega um cachimbo feito com vidro de azeite. Um cachimbo muito interessante e bem feito, com um sistema de entrada e saída de ar. O funcionamento se parece muito com o processo que ocorre em bong`s para uso de maconha. (...) Lobato faz questão de fumar na nossa frente para vermos o cachimbo em uso. Realmente é muito bonito ver a fumaça circular pelo reservatório de vidro. (Caderno de campo, 2011)

Lobato me mostra alguns cachimbos que tem com ele. Um deles me surpreende pelo tamanho. É feito com um tubo de acrílico bastante longo, aproximadamente 40 cm. Refletimos um pouco sobre redução de danos, sobre o quanto esse cano longo pode resfriar um pouco a fumaça antes de ingeri-la, e também sobre a possibilidade de o acrílico derreter se usar com muita frequência em curto período de tempo. (Caderno de campo, 2012)

Ele (...) me mostra uma técnica que desenvolveu. Na montagem do cachimbo, Lobato aperta um pouco uma das extremidades da casinha, no lado onde será colocada a pedra de crack. Ele diminui a área de superfície, e diz que assim acabam utilizando menos cinza para queimar a pedra. (Caderno de campo, 2012)

Enquanto estamos na barraca do Alemão, eles vão mostrando os cachimbos que fazem e os outros modelos que tem ali. O amigo dele está com o “fogãozinho” e o Alemão com o “Torneirinha”. Mostra-nos primeiro o fogãozinho: ele é feito com uma peça da boca de fogão de um metal dourado. Nele se rosqueia uma outra peça, que é de embreagem de moto, que rosqueia direitinho e que serve para proteger as cinzas do vento. (...) Alemão diz que aquele cachimbo, por ser feito daquele material dourado, guarda mais “rapa” e esta é mais clara e por isso, melhor: “as vezes você retira quase uma pedra de cada pedra que você fuma!” (Caderno de campo, 2011)

E, nesses registros que revisei, encontrei as referências às estratégias de controle:

(...) Diz que faz uso da pedra, mas sempre fica atento para “puxar o freio de mão”, e que não fica só em função da pedra. Diz que busca sempre se alimentar e que costuma dormir no bom retiro, para sair da região da Cracolândia um pouco, por um limite e respirar. Durante toda nossa conversa Lobato esteve comendo uma pipoca doce, além de um pouco de churrasco que estava sendo feito em uma grelha e fogo atrás dele. Ele disse que precisa comer doce pois tem hipoglicemia, e aponta para a pipoca. Diz estar sempre comendo algo, algum doce, etc. (Caderno de campo, 2011)

Raquel diz que já ficou uns 15 dias sem usar quando foi para a casa da filha e aí só usou maconha e se alimentou. (Caderno de campo, 2012)

Clara pega piteiras para usar no cachimbo. Comenta que sua mãe não fuma mais no cachimbo e que hoje em dia só fuma crack com maconha, tipo mesclado. Perguntamos porque sua mãe decidiu fazer isso e ela disse que ela sentiu que precisava diminuir o uso, e de uma hora para outra deixou o cachimbo. (Caderno de campo, 2011)

As estratégias de controle podem, inclusive, serem identificadas com a necessidade de empreendimento do tráfico:

Diz que é traficante e que para isso tem que saber se controlar, controlar o uso. Diz que quando pega um “pacote”, forma que falam do pacote que chega com várias pedras para serem vendidas, fica sem fumar até vender tudo. Depois, pega o dinheiro e aluga um quarto para tomar banho e fumar. (Caderno de campo, 2011)

Diz que está vendendo também, deixava no quarto um pouco e descia apenas com alguns para vender. Quando está vendendo, não fuma para não se perder nisso. (Caderno de campo, 2011)

O controle de uso também garantirá melhor posição no mercado afetivo/sexual, muito embora exista incerteza da sinceridade desses afetos, como demonstra a fala de alguns dos interlocutores:

Diz que não usa muito crack, (...) que tem uma casa da zona leste, que as vezes convida muitos usuários para ir lá tomar banho, comer e descansar. Ele diz que ali tem relações com muitas mulheres, como mantém-se cuidado acaba atraindo as mulheres. Ramon diz ter umas cinco namoradas. Porém diz que não sabe direito o que sente por elas. Perguntamos porque, e ele responde que ali é difícil saber o que as mulheres realmente sentem.

Mulheres passam por nós e Anderson começa a dizer que ali é muito assediado por elas. Diz que, como se alimenta e mantém o corpo bem cuidado, coisa que muitos ali não fazem, muitas mulheres ali o admiram. Perguntamos como se dão as relações e ele diz que muitas vezes acontece troca por pedra, diz com um sorriso no rosto que assim consegue “unir o útil ao agradável”. Perguntamos sobre o “tesão” fumando pedra e Anderson confirma o que havíamos ouvido de outros usuários, que o homem não sente muito tesão, mas sim as mulheres ficam muito mais instigadas ao sexo”. Anderson conta que agora tem uma namorada que, assim como ele, também gosta de ter relações sexuais depois de fumar crack. Digo que isso parece ser um pouco incomum entre os usuários. Anderson confirma e explica que, no caso dele, foi porque namorou uma menina, por três anos, que adorava fazer isso. E como tinha o costume acabou pegando o hábito. “O gosto pela coisa”. (Caderno de campo, 2011)

PARTE III - OS USOS INVISÍVEIS E OS SEUS CONTROLES

ALGUNS ESTUDOS SOBRE OS USOS E CONTROLES

A contracultura dos anos 60, influenciada pela geração beat da década anterior, buscava novos valores em oposição aos da sociedade capitalista, e o uso de drogas, que fazia parte de uma atitude contestatória, buscava, além de tudo, uma autonomia do homem com seu corpo, e relacionamentos que levassem em conta mais os sentimentos do que as convenções sociais, passando a valorizar as experiências espirituais em oposição aos valores materiais vigentes. (BIVAR et al, 1984; MACRAE, 1994; ESCOHOTADO, 1997). Dessa forma, algumas substâncias como o LSD, mescalina, peyot, cogumelos e maconha, começaram a ser utilizadas com o objetivo de ampliação da consciência, visando o autoconhecimento.

Foi a partir dessa década que a utilização de substâncias psicoativas entrou para os temas de interesse da antropologia. Alguns estudos tornaram-se referência, como o de CASTAÑEDA (1968) sobre o uso do peyot e o de BECKER (1966) sobre o uso da maconha. Os usos eram estudados sob a perspectiva do uso ritual das plantas psicoativas por determinadas sociedades ou grupos, nos quais se observava que sua utilização no contexto de uma determinada cultura nunca extrapolava os limites dos valores culturais em que estavam inseridos, não ocasionando abusos ou problemas para os usuários e suas sociedades.

Nesse contexto, houve maior interesse no estudo do uso controlado dessas substâncias, tendo como pressuposto que, também nas sociedades complexas, existiria um ritual de uso e iniciação em que ocorreria um aprendizado não só da maneira de usar, como também das sensações esperadas, a gostar dos efeitos, a saber escolher o melhor local para o uso, a dosagem adequada e de como evitar os efeitos indesejados, entre outros aspectos ao que BECKER (1966) chamou de *carreira do usuário*.

BECKER (1977), em seu artigo “Consciência, poder e efeito da droga”, demonstrou como, tanto no uso das drogas lícitas como no das ilícitas, existe um conhecimento adquirido pelos usuários, mas ressaltou que, paradoxalmente, os usuários de drogas ilícitas têm mais conhecimentos e, portanto, mais poder sobre o

seu uso e sobre a substância, pois que o responsável pela sua administração é ele mesmo e não um médico. Para o autor, esse conhecimento norteará a experiência que terão com a droga, uma vez que os usuários já sabem quais efeitos devem esperar tanto no que se refere aos desejados como aos indesejados.

Cria-se, então, uma “cultura da droga”, à medida que se conhece qual a melhor dosagem para obter os efeitos desejados, como se evitar os efeitos indesejados, qual a melhor via de administração, qual o melhor local para usá-la e com quem. Esse aprendizado é fruto de experiências do indivíduo que são “testadas” em comparação com as experiências dos demais. Dessa maneira, os efeitos que uma droga pode produzir estão associados tanto à sua ação fisiológica, como às diferenças individuais e culturais, aos cenários e ao conhecimento circulante sobre a substância.

ZINBERG (1984), em seu livro “*Drug, Set and Setting*”, discutiu sobre o uso controlado de substâncias psicoativas; defendeu que o consumo de drogas deve ser abordado, levando em consideração uma complexidade de fatores: os fatores farmacológicos relativos à atuação da substância em si não estão isolado nem independentes do estado psíquico do indivíduo, no momento do uso, e sua estrutura de personalidade e a influência do meio físico e social onde ocorre o uso e os significados culturais que lhe são atribuídos. Sendo assim, o meio social, através do desenvolvimento de sanções e rituais, possibilita o controle do uso de drogas ilícitas ao determinar valores e regras de conduta (sanções sociais) e padrões de comportamento (rituais sociais). Gerando, assim, controles sociais informais. Em seu estudo, acompanhou usuários de heroína que mantinham um padrão de uso controlado, o qual resultava na redução dos efeitos indesejados. Verificou que eram pessoas com outras atividades, sendo que o consumo de psicoativos ocupava apenas uma pequena parte de suas vidas.

O autor comentou que estudos da década de 60 igualaram e raramente deram atenção ao consumo ocasional ou moderado como padrão viável. Quando isso ocorria, eram vistos como um estágio transitório para abstinência ou para a utilização compulsiva, além do que, só estudavam quem tinha problemas com o uso. Somente na década de 70, a comunidade científica começou a reconhecer estudos sobre padrão de uso.

GRUND (1993), em seu estudo *Drug Use as a Social Ritual: Functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation*, em que acompanhou usuários de heroína e cocaína, trabalhando de acordo com as propostas de ZINBERG (1984) sobre o uso controlado de drogas, irá confirmá-las. Mas, para entender os processos de autorregulação, introduziu dois novos elementos: disponibilidade da droga e estrutura de vida. Estes irão influenciar no estabelecimento de rituais e regras que promovem a autorregulação. Disponibilidade da droga, rituais e regras formam um trio que se retroalimentam e determinam o processo de autorregulação que controlam o consumo de drogas. Mas entende-se que, sob uma política proibicionista, a disponibilidade de drogas será afetada e isso prejudicará a manutenção de rituais e regras, pois o foco do usuário se concentrará em conseguir a droga com um afrouxamento dos rituais e regras para a regulação do uso.

Como resultado, rituais e regras relacionados à droga tornam-se menos dirigidos à auto-regulação e segurança no sentido de saúde, e mais para salvaguardar, cobrir e facilitar o uso de drogas e as atividades relacionadas (por exemplo, transações de drogas). A disponibilidade suficiente cria, assim, uma situação na qual rituais e regras podem se desenvolver restringindo o uso de drogas e induzindo padrões de uso estáveis. Isso não significa necessariamente níveis mais baixos de uso de drogas. "(Grund, 1993, p.243, tradução minha).⁴⁵

No seu estudo, quando as drogas estavam disponíveis, os usuários eram capazes de manter consumos elevados sem desenvolver problemas relacionados ao uso de drogas.

VELHO (1998) com seu estudo *Nobre e Anjos de 1975, mas só publicado em 1998*, vai abordar o consumo de drogas como demarcador de um estilo de vida e visões do mundo em camadas médias da sociedade carioca, não se constituindo, esse uso, em um problema para seus usuários, pois que utilizado dentro do contexto sociocultural e de consumos a que as pessoas estavam integradas.

⁴⁵As a result, rituals and rules relating to the drug become directed less at self-regulation and safety in the sense of health, and more at safeguarding, covering and facilitating drug use and the related activities (e.g. drug transactions). Sufficient availability thus creates a situation in which rituals and rules can develop which restrain drug use and induce stable use patterns. This does not necessarily mean lower levels of drug use." (Grund, 1993, p. 243).

MACRAE E SIMÕES (2004), na pesquisa *Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas*, através de observação participante e entrevistas com usuários habituais e controlados de maconha que estavam socialmente integrados, com vinculações de trabalho e à sociedade de consumo; identificaram como se dava a iniciação do uso da maconha, a percepção dos seus efeitos, o desenvolvimento de controles informais do uso e as estratégias de aquisição e a associação do consumo com outras atividades que promoviam o padrão de uso controlado.

Alguns autores já demonstraram que os usuários de drogas (mesmo os considerados com usos problemáticos) desenvolvem todo um cálculo de uso (VASCONCELOS, 2003). Pois que, para conseguir a substância, há que se fazer todo um planejamento. Tem-se de conseguir dinheiro e decidir que tipo de atividade desenvolver para tal ou conseguir algo que possa ser trocado e em que horário cada atividade deve/pode ser levada a cabo. Escolher em qual local de venda de droga ir, ou qual fornecedor procurar, qual quantidade comprar, quanto consumir, em qual local consumir, qual via de uso utilizar para conseguir os melhores efeitos, que apetrechos utilizar para consumir, que outras substâncias utilizar, em conjunto ou não, para evitar efeitos indesejados e/ou potencializar os efeitos desejados. Esses cálculos, para além de demonstrar a agência do usuário para levar a termo o seu consumo, demonstram, também, que existe um aprendizado do uso e com o uso que é desenvolvido ao longo do seu percurso de utilização da substância.

Na pesquisa de mestrado, concluída em 2000, com o título *Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso do crack* que teve como objetivo conhecer as relações que se estabeleceram entre a prática da chamada baixa prostituição feminina e a prática do uso de crack, buscou-se entender a importância do consumo do crack nesse contexto, qual papel desempenhava em suas vidas e como se articulava a sociabilidade no espaço que passou a ser conhecido como “Cracolândia” espaço esse que apresentava a superposição dessas duas atividades que historicamente foram alvo de ações de repressão policial e ações sanitárias as quais, em diversos momentos, procuraram segregar e confinar as práticas do mercado sexual. Tais ações voltaram a ser acionadas, atualmente, pela proposta de internação como a forma mais adequada de tratamento e pela defesa da internação compulsória para usuários de crack e oferecida pelo Estado como política pública orientada para a disciplina e o controle dos corpos e das práticas (FOUCAULT, 1984).

Um dos focos centrais desse trabalho foi conhecer as estratégias de controle e aprendizado de uso de crack e o desenvolvimento de autocuidados. Verificou-se que, além dessas estratégias existirem, elas foram, ao longo dos anos, ampliadas e passaram também a incorporar os discursos e as estratégias de redução de danos; fato observado na pesquisa: *Usuários de crack e espaços de uso: agenciamentos e relações de trocas em territórios urbanos*, desenvolvida na mesma região entre os anos de 2011 e 2012.

Devemos ainda citar o trabalho de FERNANDEZ (2007), *Coca-Light? Usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de “cheiradores” de cocaína em São Paulo*, que acompanhou um grupo de usuários de cocaína em dois períodos distintos com um intervalo de 11 anos, verificando, assim, a eficácia das estratégias de controle do uso desenvolvidas por esses sujeitos, apontando, como um determinante do sucesso de tais estratégias, o contexto no qual eram utilizadas, a aprendizagem do uso e as condições socioeconômicas dos sujeitos.

DECORTE (2001), em seu estudo, *Drug users perceptions of ‘controlled’ and ‘uncontrolled’ use*, desenvolveu um estudo que denomina de etnográfico, com 111 consumidores experientes de cocaína, com idades entre 19 e 64 anos, sendo um terço do total constituído por mulheres, com renda entre \$1.120,00 a \$1.400,00 dólares mês, que faziam um uso controlado, para compreender porque alguns usuários conseguem atingir e manter um uso controlado de cocaína e outros perdem o controle. A média de idade de início de consumo de cocaína foi de 20 anos. Nos três meses anteriores a entrevista, 81.1% estavam consumindo cocaína em diferentes quantidades e 18.9% não haviam consumido. A pesquisa foi realizada na cidade de Antuérpia, Bélgica, com pessoas que não se encontravam em tratamento e não faziam parte de populações vulneráveis e/ou com problemas com a polícia e justiça. Os participantes foram recrutados na vida noturna da cidade e convidados a responder uma entrevista que buscava identificar e descrever os mecanismos de controle informal ou de autorregulação de usuários controlados de cocaína e como esses controles são repassados. A pesquisa identificou que os usuários controlados têm papéis significativos na vida cotidiana convencional (trabalho, estudos, relações familiares) e baixa vulnerabilidade social. Conseguem manter diversos interesses não centrados nos consumos de drogas e uma rede de amizades que incluem não

usuários de drogas. Esses fatores lhes dão uma identidade positiva e estimulam a manutenção do uso controlado.

JACKSON-JACOBS (2004), que pesquisou o consumo de crack em um contexto protegido, ao qual deu o título de: *Hard drugs in a soft context*, em que relaciona formas de uso com classe social, fez um estudo longitudinal sobre usuários de crack da classe média alta americana que frequentavam e residiam em um campus universitário e comparou com a uso que se fazia nos “guetos” das cidades americanas em que a visibilidade dada pelo uso e as condições socioeconômicas precárias das populações que lá residiam jogavam papel importante no que era considerado o “problema do crack” e em que os jovens dos guetos sofriam todas as sanções públicas, morais e legais pelo envolvimento com o crack, sendo levados às prisões e, dessa forma, retroalimentando o discurso moral do “problema do crack”.

HART et al (2000), desenvolveu pesquisa com consumidores de crack entre os anos de 1998 e 1999, tentando demonstrar que eles podiam fazer escolhas racionais, revelando que não ficavam alheios a outros incentivos pelo uso grave de crack. Participaram do estudo de internação para autoadministração de crack, seis usuários experientes, tendo disponível um vale de cinco dólares em dinheiro ou mercadoria como um reforço alternativo ao uso do crack. No início do dia antes de fazer a escolha entre o crack ou os vales de mercadoria ou dinheiro, podiam ter uma amostra da dose que seria disponibilizada. Os resultados, em linhas gerais, mostraram que a escolha de se autoadministrar cocaína/crack aumentou significativamente com o aumento das doses (0,12; 25; 50mg) e baixou significativamente quando menos cocaína foi ofertada e os vales de dinheiro estavam disponíveis, em comparação com vales de mercadoria.

Mesmo em se tratando de estudos epidemiológicos que utilizam categorias psiquiátricas tradicionais, encontramos pesquisas que vão relativizar o imaginário que foi criado em torno dessa droga.

FALCK et al. (2009) desenvolveu um estudo longitudinal para saber mais sobre a dependência de crack. A amostra consistiu de 172 usuários de crack de longo prazo que nunca haviam cumprido os critérios do DSM-IV⁴⁶ para dependência de cocaína ao longo da vida e não haviam se submetido a tratamento. Foram entrevistados

⁴⁶ DSM-IV: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (APA, 1994), estabelece critérios para diagnosticar abuso e dependência de drogas.

periodicamente ao longo de 8 anos. Da amostra, 62,8% cumpriu o critério para dependência e não houve diferenças significativas entre os grupos que desenvolveram e que não desenvolveram dependência, quando considerados dados sociodemográficos, mas houve correlação positiva entre dependência e transtorno psiquiátrico antissocial, hiperatividade, déficit de atenção. Em termos sociodemográficos, apenas a raça/etnia foi significativa, com proporcionalmente menos afro-americanos do que brancos atendendo aos critérios de dependência de cocaína. Dentre alguns dos resultados apresentados, dá-se destaque para os listados acima com uma ressalva para o fato de o estudo ter identificado que é possível fumar crack por muitos anos sem se tornar dependente, mas que se tornar dependente é o desenvolvimento mais comum⁴⁷.

Ler essa frase faz pensar o quanto esse dado não é considerado nas pesquisas de modo geral, o fato de alguns usuários usarem por longo período sem desenvolverem dependência. Quando se quer saber mais sobre os problemas associados ao uso de uma substância, deve-se olhar para todos os aspectos que o compõem e não apenas para vertente problemática que, com certeza, é importante. Podemos pensar que a política proibicionista de drogas pode influenciar no desenho de pesquisas desenvolvidas sobre o tema. Discutindo sobre os financiamentos de pesquisas pelo NIDA (National Institute on Drug Abuse), nos EUA, o neurocientista HART (2014) argumentará:

Os cientistas que solicitam verbas ao NIDA⁴⁸ sabem perfeitamente que devem enfatizar os danos provocados pelas drogas para obter financiamento. A situação é bem descrita na famosa frase de Upton Sinclair: “É difícil levar alguém a entender algo quando seu salário depende de não entender. ” (...). Não estou querendo dizer que as consequências negativas do uso de drogas não devem ser o foco de pesquisas financiadas pelo NIDA. Investigar os aspectos patológicos do consumo de drogas é importantíssimo para desenvolver tratamentos eficazes do vício. Mas a atenção desproporcional hoje concedida aos danos tende a nos atrelar a uma perspectiva distorcida, contribuindo para uma situação na qual certas drogas são consideradas um mal

⁴⁷ “This study is the first to identify the correlates of DSM-IV lifetime cocaine dependence among a community sample of long-term crack users, the majority of whom had used the drug for a decade or longer. Although the results suggest it is possible to smoke crack for many years without becoming addicted to it, they clearly show that cocaine dependency is the most common outcome.”(FALCK et al. 2009, p.4)

⁴⁸ National Institute of drug abuse, um dos institutos nacionais de saúde dos Estados Unidos da América que se ocupa do campo das drogas.

absoluto, e em que o uso de qualquer delas é visto como algo mórbido. Tenho enfatizado neste livro que a maioria das pessoas que usa qualquer substância ilegal faz isso sem problemas. Não se trata de uma aprovação da *legalização das drogas*. **É apenas um fato. O foco quase exclusivo nos efeitos negativos também colaborou para uma situação em que deparamos com a meta indesejável e irrealista de eliminar certos tipos de consumos a qualquer custo. Com demasiada frequência o preço é pago sobretudo por grupos marginalizados.** (p.292-293)⁴⁹

OLIVEIRA e NAPPO (2008) em seu estudo, *Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo*, cujo perfil sociodemográfico da maioria da amostra era: homem, jovem, solteiro, baixo nível de escolaridade e socioeconômico sem vínculos empregatícios formais, identificaram um padrão de uso controlado de crack, caracterizado pelo uso não diário e geralmente associado à manutenção dos compromissos familiares, de estudo e trabalho. Como também ao desenvolvimento de estratégias intuitivas de autocontrole ou autorregulação que “*consistem em estratégias individuais, fatores de proteção internos desenvolvidos pelo próprio usuário ao se basear nas suas próprias crenças e valores.*” (p.670).

Chegam à conclusão que “*Assim, acredita-se que tais estratégias possam ser eficientemente incorporadas a programas de redução de danos, minimizando as implicações de vida associadas ao uso compulsivo.*” (p. 670)

RUI et al (2016) desenvolveu uma pesquisa de avaliação preliminar do Programa de Braços Abertos (DBA), da prefeitura de São Paulo, gestão Haddad, que teve início em janeiro de 2014 e foi baseado na redução de danos. O referido programa não exigiu dos participantes abstinência para o consumo de crack e ofereceu hospedagem em quartos de hotéis na região, bolsa de R\$15,00 por dia para trabalho na varrição de ruas e manutenção de praças públicas, três refeições diárias no restaurante popular Bom Prato, além de tratamento para o consumo de crack e encaminhamento para as demais questões de saúde. O DBA trabalhava na perspectiva da intersetorialidade (secretarias de saúde, trabalho e Assistência Social, Direitos Humanos).

Os pesquisadores constataram, no universo de 370 pessoas pesquisadas, que 67% dos atendidos no programa reduziram o consumo de crack, bem como de outras drogas, sendo que de todas as mencionadas (por exemplo: tabaco 54%; álcool 44%;

⁴⁹ Grifo meu.

maconha 31%; cocaína aspirada 51%; inalantes 31%). O crack foi o que teve maior redução.

OS USOS NÃO PÚBLICOS: NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS

Os interlocutores dessa pesquisa, tanto do Brasil como de Portugal, são oriundos dos estratos das classes média e média alta. Todos têm nível universitário, sendo que, apenas dois deles não chegaram a obter o título acadêmico, mas trabalham em áreas correlatas aos cursos que não chegaram a concluir.

João

João tem 27 anos, mora sozinho, trabalha, tem um relacionamento afetivo estável e se declara espírita, apesar de não frequentar nenhum local. Trabalha na área da gastronomia, mas ainda não é formado, parou na metade do curso devido ao elevado custo. É de uma família de classe média alta. Tem um irmão que nunca usou drogas. Sobre os seus usos de drogas, os pais sabem do tabaco e maconha. Sobre o seu início de consumo com maconha, que foi a primeira que começou a utilizar entre os 11 e 12 anos, faz questão de deixar claro, no início da entrevista, que: *“Foi opção minha, eu que quis conhecer, tinha alguns conhecidos que já fumavam. Experimentei, gostei, fumo até hoje maconha. E não foi por ela que eu entrei para outras drogas”*. Consumiu cocaína dos 15 aos 21 anos e crack durante quatro anos, dos 17 aos 21 anos, sendo que nos primeiros anos usava em forma de mesclado e nos dois últimos na lata, sempre mantendo o uso de cocaína aspirada. Parou com a cocaína e o crack há seis anos. Atualmente, as drogas que consome são: tabaco, maconha e cerveja muito esporadicamente. (Obs.: não consegue lembrar ao certo as idades, mas foi categórico com a idade de parada definitiva de cocaína e crack e demais substâncias, 21 anos)

João começou a fumar maconha entre os 11 e 12 anos com amigos mais velhos que ele. Entre os 15 e 16 anos, com a rede de amigos ampliada, teve contato com pessoas que utilizavam outras drogas. E, nessa idade, começou a consumir cocaína, segundo ele, por muita insistência sua, pois, pela sua idade, os amigos não queriam deixá-lo usar.

E comecei a usar cocaína, experimentei, gostei. Comecei a usar cocaína, usava bastante e direto. Girava em torno...assim... a gente

descia na favela, em torno de umas sete, oito vezes por dia. Por dia, em duas pessoas, a gente tirava de onze a quinze papéis (cada papel, 1 grama). Isso quando não pegava uma quantidade maior que vende em 50 gramas, e aí vai pegando... maior. Foi a fase que eu mais usei. Fiquei usando e depois eu comecei a fumar mesclado, que é a pedra com a maconha. Comecei a fumar, gostei, mas não era uma coisa que era diariamente, era esporadicamente. Não foi uma coisa que me fez dependente, como a farinha fazia. Porque, muitas vezes, eu pra sair pra ir num barzinho, eu queria cheirar, a pedra já não era assim. Porém uns amigos ficaram fazendo comigo isso, então era sempre aquele mesmo grupinho, e a gente fumava sempre que dava.

Relata que entre os 15 e 19 anos foi a fase em que usou muita cocaína *“eu passava, às vezes, noite virado e ia pra escola, que na realidade eu não ia, não entrava, cabulava pra ficar de novo usando e indo pro bar”*, e fumava de sete a dez pedras com maconha (*mesclado*) por dia de uso, de duas a três vezes por mês. Seus amigos começaram a fumar a pedra com tabaco, o *ciclado* (também conhecido como *pitilho*), mas ele não gostou de consumir pedra dessa forma e continuou com o mesclado, seus amigos também passaram a fumar a pedra na lata, ele experimentou, mas continuou fumando mesclado porque:

Eu sempre fui contra a pedra pura, **porque desde pequeno a gente escuta que é perigoso**, que logo quando dá o primeiro trago fica viciado, aquelas histórias que você escuta bastante por aí.

Apesar de ter medo de perder o controle, começa a usar o crack por curiosidade. Podemos também notar que, em seu grupo de amigos, fazia parte da cultura grupal conhecer novas substâncias (cocaína, ácido/doce/LSD⁵⁰, MDMA/bala/ecstasy⁵¹, MD/cristal⁵²); utilizadas para diversão, sociabilidade, compartilhamento de experiências.

A experiência com o uso de diversas substâncias, para ele, tem um objetivo de autoconhecimento, não no sentido da transcendência, mas do conhecimento dos próprios limites, *“Putá, me mostrou muita coisa, meu limite, o meu interior, tipo... como eu funciono por dentro”*, do conhecimento das atitudes e do caráter das outras

⁵⁰LSD ou LSD-25: é a abreviação de dietilamina do ácido lisérgico. Também conhecido como ácido ou doce.

⁵¹MDMA: é a abreviação de: 3,4-metilenodioxometanfetamina, também conhecida como ecstasy/bala.

⁵²MD: é a abreviação de metanfetamina, também conhecida por cristal.

pessoas em contextos de uso, em como se portar em ambientes de risco como os dos locais de venda/tráfico nas favelas.

Então eu percebi isso e me deu uma grande vivência, é vivência básica né, de andar na rua, você saber se portar com pessoas que vem... ladrão, essas coisas. Você já tem um acesso por conviver nesse meio, né. Que infelizmente, que eu acho ruim, você ter que ir numa favela, se submeter a um monte de arma apontada na sua cara, e você não sabe o que vai acontecer se descer a polícia ali, entendeu? Então acaba dando uma experiência e uma vivência interessante, que eu carrego até hoje, assim.

Apesar de não mencionado como tal, posso inferir, pela descrição, que todos os atos que envolvem o consumo das drogas, desde ir até o local de venda, o momento da compra, o local de utilização e com quem usar, não se dissociam do ato de utilizar a substância, antes, faz parte das próprias sensações que a substância é capaz de proporcionar.

Durante esse período, também utilizava outras substâncias:

E....assim, a parte lisérgica, eu já gostei bastante, frequentei muita rave. Nesse meio tempo que eu usei a farinha, e a pedra, eu frequentava bastante rave. Então tomava ácido, tomava bala, tomava MD, me drogava com o que tinha dentro da festa. Mas sempre procurando drogas, não sei se posso dizer, de qualidade, não aquelas drogas baratas que você não sabe o que é. **Isso eu sempre tive um pouco de consciência** e até receio de usar outras coisas, assim.

Perguntado sobre qual forma da substância preferia, relatou gostar mais do mesclado:

É, eu não sei, parecia que naquele momento eu esquecia dos meus problemas e ao mesmo tempo ele dá uma sensação interior, meio que de acelero, de euforia que acaba sendo um pouco gostoso. Então é uma sensação que eu gostava no mesclado, porque, às vezes que eu fumava pedra na lata, das vezes que eu fumei, eu...eu nunca tive isso.

Aprendizado de uso

O aprendizado de uso se deu com os amigos com quem começou a usar e a experiência destes; guiavam a utilização com orientações simples: *“Fumar maconha é mais tranquilo, fica de boa, não puxa muito.” “Você tá começando, cheira pequenininho.” “Ô, segura um pouquinho esse... já passou né?” “Ô, segura um pouco deixa de usar.” “Ó, já tá feio, segura um pouco, né? Não cheira mais, aguenta, vai pra casa, vai descansar.”*

Com quem usava

Usava sempre com o mesmo grupo de amigos, entre duas e três pessoas. Não gostava de usar com pessoas de fora desse círculo, *“porque eu acho que não é aquela coisa legal de se fazer em muitas pessoas.”*

Formas de uso do crack

Fumava pedra na lata, nunca em cachimbo. Diz ter adiado o uso na lata porque sabia que era perigoso, mas acha que quem está usando a droga, uma hora vai querer experimentar a pedra pura.

Porque cachimbo é aquela... a lata você joga fora, né? O cachimbo você precisa guardar. E a gente era tudo jovem, a gente morava com os pais, então ficava inviável você guardar um cachimbo de crack, ainda mais com o cheiro que exala. Então a gente usava a latinha e jogava fora, então por isso, a gente não fumava pedra na lata direto, então não era uma coisa que precisava ter o cachimbo guardado. Era esporadicamente e foi mais pro final, que eu experimentei, que aí quando eu experimentei na lata, foi que eu realmente percebi o quão poderia ser perigosa aquela droga. Porque ela realmente estimula a usar mais, você quer mais, quer mais, quer mais. A gente ia na favela buscar 10 pedras, fumava em menos de uma hora e queria buscar mais 10.

Mesclado, usou dos 15 até os 19 anos, de duas a três vezes por semana. Fumavam entre duas até três pessoas. Usavam de cinco a seis pedras de R\$10,00 por vez, aos finais de semana.

Crack na lata, utilizou por dois anos (os dois últimos do uso), em duas pessoas, esporadicamente, em finais de semana em que os pais do amigo viajavam, fumavam de quinze a vinte pedras em uma noite, em média, uma vez por mês.

Cocaína, usou dos 15 aos 19 anos, direto, de onze a quinze papéis, em duas pessoas, durante a semana e finais de semana. Disse não ter tido um aumento de consumo, sempre usou muito.

Maconha, fumava entre sete a dez baseados por dia, mas atualmente fuma entre um e dois baseados por dia.

Relata nunca ter aumentado o uso das substâncias que utilizava, sempre usou muito:

Não porque eu sempre fui cabeça grande. É, com tudo, assim... eu nunca comecei pouco e fui usando pouco. O que eu gosto, eu sempre usei bastante, a cocaína, a pedra. E a maconha, hoje em dia eu sou muito tranquilo, consigo fumar um, dois baseados por dia; que antigamente fumava dez, sete baseados por dia. E por isso que hoje em dia eu sou mais controlado.

Locais de uso

Mesclado e crack em casa de amigos, quando os pais não estavam, e em carros. Outras drogas em festas, bares, casa de amigos.

Uso de crack e interação

Em termos de uso de drogas e interação, comenta que a maconha e a cocaína propiciam maior interação com o grupo, mas no caso do crack esta interação fica bastante limitada. Porque, além de as pessoas prestarem muita atenção ao uso do outro, para que não comprometa o seu próprio, também existe a preocupação com o cheiro, que pode denunciar a prática e o receio de que alguém possa chegar ao local de uso, termina por gerar uma *nóia* que também dificulta a interação.

É sempre essa preocupação da nóia, do cheiro... “Ô tem alguém aqui em casa”, “Ô eu acho que eu escutei a porta”. É sempre uma nóia, então você acaba interagindo menos, não que nem um baseado ou uma, uma farinha, que você cheira e conversa sobre *n* assuntos. Então ela acaba sendo uma droga exclusiva pra droga, é só aquilo, aquele momento.

No grupo de amigos que usavam drogas, nem todos usavam crack e quando estavam em um grupo maior:

Então eu não gostava de, de misturar as coisas. Tanto que quando a gente tava num rolê⁵³, dum... Uma noite com monte de gente, a gente se excluía pra fazer isso. “ Ah, vamo comprar um cigarro”, “ Ah, vamo comprar uma cerveja”, “ Ô, vamo ali buscar uma amiga minha”. Inventava desculpinha pra sair e fazer, **mas a gente não fazia descaradamente na frente das pessoas, porque isso realmente é um pouco mal visto, né?**

As mulheres do grupo, amigas e *peguetes* (relacionamentos ocasionais) não utilizavam cocaína e crack. Nunca se relacionou com mulheres que usavam, principalmente, depois que teve uma experiência desagradável com uma, que a

⁵³Rolê: essa gíria (com os interlocutores dessa pesquisa) pode ser usada significando sair de casa, para se divertir e/ou a para consumir drogas, dar uma volta, ou com as atividades para conseguir drogas e até para atividades de trabalho e domésticas.

chamou de *noinha*, que achou muito chata por ter desconfiado que ele havia roubado uma pedra dela. Como relata:

Ela queria que, eu no caso, fosse buscar uma pedra pra ela na favela, e a gente ia numa favela na zona sul. E ela me deu 30 reais e queria que eu pegasse três pedras pra ela. Eu conhecia ela de conhecer, porque era amiga de um amigo meu. Eu desci, e quando eu desci eles...como era favela da zona sul, bairro rico, os caras eram cheios de mudar as coisas, então eles aumentaram o tamanho da pedra e vendiam por 15 reais. Eu cheguei no carro com duas pedras de 15 reais, a menina só faltou vim pra cima de mim, querer me bater, porque ela achou que eu tinha roubado uma pedra dela. Isso é uma coisa que eu não via no círculo dos meus amigos que usavam comigo. E aí isso pegou meio que repulsa, sabe?

Adriano

Adriano tem 33 anos, se define como agnóstico, é músico profissional e também formado em desenho industrial, de família classe média com dois irmãos. Início do consumo de álcool aos 12 anos e de tabaco aos 15 anos, com consumo de álcool mais regular. Aos 16 fumou maconha pela primeira vez e cheirava benzina (facilitado o acesso pelo fato de trabalhar com artes na escola, para limpar fotos, etc.), cocaína aos 18 e mesclado e crack aos 23 anos. Também nesse período, no contexto de festas e baladas, utilizou LSD, Ecstasy, anfetamina, efedrina. Relata que sempre gostou mais de cocaína aspirada do que de pedra. Atualmente usa cocaína aspirada esporadicamente, uma vez a cada dois meses, em média, e mantém uso diário de maconha (um cigarro por dia). Está casado há mais de sete anos, tem três filhos e uma rotina de trabalho que muitas vezes é muito pesada, por conciliar seu trabalho como músico profissional (que, geralmente, ocorre à noite) com trabalhos relativos à sua formação universitária, (que ocorrem durante o dia) e as responsabilidades com as necessidades cotidianas dos filhos e da casa. Quando nossa conversa ocorreu, havia utilizado crack pela última vez no ano anterior, não chegando a completar um ano do último uso.

Seu primeiro contato com drogas foi com o álcool entre os seis e sete anos, experimentavam o aperitivo do avô. A primeira droga de uso foi o álcool; entre os 12 e 13 anos, tomou o primeiro *porre*. Começou a fumar tabaco aos 15 anos e, nessa época, quando estava no segundo grau técnico, aumentou o consumo de álcool. Cabulavam aula para tomar cerveja no bar e jogar sinuca, iam para praça tocar violão e beber vinho. Com 16 anos, fumou maconha pela primeira vez. Relata que a

maconha é uma droga que gosta muito, usa até hoje, e que inclusive o ajuda a não usar outras, comenta que se tem maconha, não vai atrás de outras drogas. Começou a usar cocaína entre os 18 e 19 anos, quando estava na faculdade com os mesmos amigos do período do curso técnico e com um novo amigo que fez na faculdade. No tempo da faculdade, passou a fumar maconha todos os dias, na volta para casa de carona, com esse novo amigo. Na época, morava com a mãe que lhe ajudava a pagar a faculdade, não tinha trabalho fixo, fazia uns freelances, começou a pegar carona com esse amigo também para ir à faculdade e começaram a usar cocaína de forma mais recorrente, dividiam entre os dois, uma vez por mês. Antes desse tempo, o consumo era bastante esporádico, de uma a seis vezes no ano. E depois de dois anos, em que a amizade com esse amigo tinha se aprofundado, começaram a fumar mesclado. Relata ter fumado uma vez antes, com os amigos antigos em uma festa, mas não ter se interessado. Também a primeira vez que usou com o novo amigo, não se interessou. Depois, ele e o amigo perderam o emprego e começaram a frequentar uma Praça que tinha tradição de ter um fornecedor que buscava e entregava a droga para as pessoas usarem lá mesmo ou no carro. Nessa época, já possuía um carro, então pegavam o crack e iam fumar mesclado numa via expressa. Andavam uns quilômetros e voltavam para um bar para tomar umas cervejas e depois também cheiravam cocaína. Esse padrão de uso ocorria entre uma vez por mês ou a cada quinze dias. Quando terminou a faculdade, com várias atividades e tocando na noite, teve um aumento do uso de cocaína aspirada, passou a consumir 3 gramas por dia e mesmo quando não tinha dinheiro, alguém o chamava para consumir. Quando iniciou esse padrão de consumo, passou um tempo em que se sentia deprimido no dia seguinte, até que depois de um tempo de uso, não tinha mais essa sensação. *“No começo tinha aquela sensação de cheirar, depois ficar deprê noutro dia. E aí até que chegou um dia que eu cheirava e normal ficava de boa.”*

Nunca deixou de trabalhar por ter esse padrão de uso. Geralmente utilizava sozinho em seus trabalhos como freelance, *“gostava de usar sozinho, pra fazer o que precisava fazer”*, mas nos ensaios musicais dividia com os amigos. Chegava a utilizar cocaína antes do trabalho e até, algumas vezes, no trabalho, mas nunca deixou de cumprir com seus compromissos.

Ehhh, deixando claro que, tipo assim, mesmo cheirando todo dia, eu ia trabalhar todo dia. Eu não deixava de trabalhar. Sim, já fui trabalhar, ehh

cheirei de manhã e fui trabalhar e cheirei durante o trabalho, no banheiro do escritório. Mas não deixava de cumprir o que eu precisava cumprir.

Manteve esse padrão de consumo por sete anos. Nesse período, morava na casa de sua mãe que, pelas exigências de seu trabalho, ficava fora de casa durante o dia e, muitas vezes, aos finais de semana. Dessa forma, tinha mais liberdade para fazer seus usos em casa, já que tinha horários flexíveis de trabalho como freelance.

O uso de crack se intensificou em 2006, quando passou a ter muito trabalho na noite:

Éh, e aí... daí pra frente ficou um pouco nebuloso, assim, porque tem a história da bomba de tá muito na noite e de ficar vários dias sem dormir. Porque eu trabalhava e ia tocar, voltava, trabalhava, tocava. E no estúdio, eu trabalhava com amigo meu, falecido também, que ele era dj de um puteiro.

Com esse amigo, que era DJ e produtor de música eletrônica, faziam algumas festas after all nos *puteiros* e produziam muita música eletrônica juntos. E nessa fase:

E aí eu comecei a despirocar de vez, e aí foi uma fase bem louca, engraçada, divertida e triste ao mesmo tempo, assim. Éhh, eu comecei a fumar muita pedra, no cachimbo, mesmo na lata. Eu gostava da lata, acho que a lata dá a sensação, a potencialidade total.

Utilizava junto com outro amigo que já era usuário de crack há 10 anos e que mantinha um uso controlado. Quando esse amigo passou por uma fase difícil na vida, perdeu o controle do uso e com isso perdeu a esposa e o contato com a mãe, não conseguia mais manter os seus trabalhos e nem ter dinheiro. Ele tentou ajudar o amigo e como já utilizavam pedra juntos, ele levava uma pedra, fumavam juntos e tentavam pensar com calma uma forma de resolver a situação. Dessa maneira, começou um consumo mais intenso de pedra na lata. Sobre essa fase, comenta:

Eu também não sabia como ajudar ele. E na minha cabeça, pra mim, ok, eu sempre usei... acho que todas as drogas que eu usei **eu sempre usei com essa consciência**...aquela coisa de cheirar e não ficar mal no outro dia, eu cheiro e fico bem. Só que eu tenho que trabalhar, só que eu cheirei, e aí já foi, passou. Se eu fiz mal, se eu fiz merda, fiz, acabou, não dá pra voltar no tempo. A pedra também foi uma...foi mais da onda, assim, não ficava mal de usar, não ficava com depressão. Ehh, aí eu... comecei a usar mais com ele, assim, nessa fase, e eu comecei a criar o hábito de...usar em casa. Que eu nunca tinha feito, nunca tinha usado em casa. Já tinha usado antes no carro. Aí eu comecei a usar em casa. Essa mesma fase, foi uma fase que eu tava casado já com filho, e aí eu comprei um apartamento. E a minha esposa tava trabalhando e

eu tava desempregado, e tava sem freela, mas tinha feito uma... vendi meu carro. Tinha uma graninha pra poder investir algum tempo, correndo atrás de trabalho. E aí eu consegui arranjar um trabalho. Só que era um trabalho que, às vezes, eu virava noite trabalhando, na área de design gráfico, marketing, publicidade. E aí passava, voltava pra casa de madrugada, e passava os dias em casa, ou trabalhava de casa. E nesses dias, assim que minha esposa saía para ir trabalhar, eu ia na favela e comprava... a minha compra era sempre a mesma.

Nesse período, voltou a ficar muito tempo em casa, durante o dia, pois seus horários no trabalho eram bastante flexíveis e, entre terminar alguns trabalhos domésticos e de reparações e levar o filho à escola, passava no local de venda:

E aí de manhã, assim, como eu já levava meu filho na escola, perto da boca⁵⁴, aí eu passava na boca e eu comprava normalmente dois papel de cocaína e duas pedras, meia pedra né, que é 5 reais, na boca que eu ia. Ehhh, eu cheirava primeiro, cheirava, trabalhava, fazia um monte de coisa, e aí eu fumava pedra pra relaxar.

Relata que, quando fumava maconha e depois aspirava cocaína, ficava muito acelerado e com o crack tinha o efeito contrário, a pedra o acalmava. *“Então eu comecei a usar pedra pra passar a onda da cocaína... pra poder buscar o meu moleque ... e chegar em casa tranqüilinho”*. Porém, tinha uma preocupação: *“Mas tem a nóia do apartamento, vizinhos, não sei que lá, então é muito fechado o banheiro, aí você fica naquela secadura, de barulhos e tudo mais.”*

Essa fase durou até 2012, quando tinha 29 anos, quando decidiu parar de usar pedra. Mas, em 2014, em função de um trabalho próximo a uma festa de uso público de crack da região da Luz, achou que tinha de usar uma vez mais. *“Comecei a cheirar, entrei naquela pilha, putz eu preciso usar mais uma vez [crack] e aí usei e falei, tá legal, e eu nunca mais usei. (...) Mas eu usei e foi tranqüilo, é uma droga que eu não...não sinto vontade, assim.”*

Por trabalhar na noite, pondera que é muito difícil controlar os usos, e percebe que:

(...) um dos grandes estopins de eu ir cheirar é o álcool. Beber muito assim, ficar muito eufórico... *“Ah! Vamos cheirar, vamos subir a Augusta.”* Vamo tocar fogo no mundo, no puteiro, depois eu volto pra casa. (Risos). Então, acho que é isso, acho que eu já tive algumas noites de tipo, sair e encontrar uns amigos, cheirar e..... ah não, tô voltando pra casa meia-noite. Aí passo lá (...). Aí fica né, pega mais

⁵⁴Boca: nome dado ao local de venda de drogas ilícitas.

uma, isso continuamente, bebe no boteco, conhece uns vagabundos, joga na maquininha, pego dez conto, pega mais uma...Mas, não acontece mais tanto, sei lá, acontece uma vez por mês, uma vez a cada dois meses...dá essa despirocada...

Relata não se preocupar com essas *despirocadas* porque nunca percebeu que elas pudessem desencadear uma total desestabilidade da vida que leva atualmente. Comenta que alguns amigos dizem que se ele não tivesse se casado, com filhos, teria morrido, devido a seus usos. No que ele discorda, pois ele tinha tempo livre, dinheiro pelos trabalhos como freelance em agências de publicidade, ajudava nas despesas da casa em que morava. Então, podia viajar e se divertir e também ter um uso de drogas mais elevado. Nunca pediu dinheiro para os pais para comprar drogas. Teve um amigo próximo que desenvolveu um uso problemático, perdendo emprego, perdendo os contatos com os amigos e acabou se envolvendo com o tráfico que acontecia na Praça na qual terminou sendo assassinado.

Mas éhh....eu acho que eu me dei bem, não sei se foi pela criação ou pela minha cabeça. Muita gente fala que eu acabo usando porque eu sou tão centrado nas coisas, quero fazer as coisas, tenho que dar jeito em tudo, que eu uso mesmo para dar uma despirocada e amanhã volto ao normal, tenho que trabalhar, pagar conta...

Aprendizado de uso

Se deu com amigos que já utilizavam as substâncias e com o próprio tempo de uso e as percepções dos efeitos do próprio uso em seu corpo, qual substância utilizar conjuntamente, qual não trazia bons efeitos. Relata que ele e seus amigos, desde os tempos do colégio técnico, gostavam das drogas e de seus efeitos, estavam sempre interessados em conhecer e experimentar drogas e saírem para festas:

(...) era uma época que, aquela coisa mesmo assim, da molecada, de estar junto no rolê, de ir a balada, de usar uma droga, “Ah, tem uma droga lá... já experimentou isso... não sei o que lá.

Entre o grupo de amigos, existia muito respeito e pensa que isso propiciava um aprendizado. Vê o uso de drogas como fazendo parte da cultura dos jovens do final dos anos 90 e da própria cultura familiar como, quando criança, seu avô deixava que ele e seu irmão experimentassem da sua bebida:

Frequentava muito balada eletrônica, eu sempre gostei muito de efedrina, as anfetaminas. Adorava tomar uns remedinhos e goró. Acho que faz parte um pouco da cultura da minha época mesmo, da década de 90 assim, da molecada, do final dos 90. Acho que as casas, as

baladas que tinham, também era uma coisa muito... era descoberta, tinha acabado de chegar o ecstasy. O ecstasy era uma coisa supernova, era a droga das sensações, do amor...do amor, eh...então, era muito legal, assim.

É de cultura familiar até. Mas ... muito engraçado, meu pai não bebia, minha mãe também não bebe, é....quem bebia era meu avô. Mas também fazia uso... não ficava chapadão. Eu também quando era pivetinho, que ia lá com ele, eu também não dava aquela puta gole, era só experimentar. Então era ... acho que fazia um pouco da parte da cultura. Ia com meu irmão pra casa dele, final de semana a gente ia lá pro buteco, eu e meu irmão ficava jogando pebolim. Ele pedia o conhaquinho dele e íamos experimentar, a gente comia um torresminho, aquele torresminho peludo de boteco, né. (Risos). Aquele ovo verde, era aquilo lá. Mas nunca foi assim uma coisa de ficar chapado, dá problema.

Com quem usava

A cocaína e o crack, usava com amigos, porém o crack, preferia usar sozinho ou apenas com um amigo.

Formas de uso do crack

Mesclado, pitilho, na lata, cachimbo improvisado em copo de plástico.

Locais de uso

No carro, em casa e no trabalho (cocaína)

Uso de crack e interação

Com relação ao consumo de drogas, em geral, os usos fazem parte da diversão e descontração com rede de amigos ou como facilitador do desenvolvimento do trabalho e como forma de inserção social, principalmente, quando cursava o ensino técnico. Com relação ao crack, prefere usar sozinho ou com uma pessoa no máximo.

Só que tem uma coisa, de quando você tá usando junto, né, que também me incomoda. Acho que eu usei muito sozinho, por conta disso, foi a primeira tragada e a segunda né, aí você dá a primeira e passa para o outro dar a segunda, aí outro faz o outro pra passar pra você. Só que quando... se você tá em três... em dois já é ruim, passa aí, passa aí, passa aí.... Em três, você já tá olhando pro outro...vai logo, passa pro outro logo, quando é que vai voltar pra cá? Dá uma fissura, é muito foda, é uma vibe pesada assim. Usar sozinho, pra mim era melhor, me deixava mais tranquilo.

Já na época da faculdade, também participavam, do grupo, as meninas que gostavam de cheirar:

As meninas que gostam de cheirar, aí se tá bancando a menina, a menina fica no rolo com você e aí tem carro, facilita né, todo mundo cheirando. Ahh tem a gasolina, a gasolina não era tão cara, a cerveja também não. A única coisa que não mudou o preço foi a cocaína, só mudou, acho que, a quantidade ou a qualidade, não sei, mas basicamente ela continua a mesma.

Todos os seus amigos, mesmo os que não usavam crack, souberam do seu uso, menos a esposa, namorada na época, a quem disse que já havia parado com o consumo de crack. Mas ela sabia do uso da cocaína.

Gabriel

Gabriel tem 27 anos, se declara espírita, é uma de família classe média e tem um irmão, mora com os pais e tem um relacionamento afetivo estável. É gerente de uma área de tecnologia de uma pequena empresa em que já atua. Sobre seu uso de drogas, os pais só souberam, e sabem, do uso da maconha. Iniciou o uso do álcool e da maconha aos 12 anos. Entre os 15 e 16 anos, teve seu primeiro contato com cocaína. Foi também nesse período que iniciou o consumo de crack, na forma de mesclado, e teve contato com LSD, Ecstasy, MD e Lança-perfume⁵⁵. Não fuma tabaco, considera-se “fraco” para essa substância, tem sintomas desagradáveis quando tenta usar. Dos 14 aos 20 anos, foi pichador, tendo tido problemas com a polícia por esse motivo e pelo uso de maconha, antes de completar 18 anos. Atualmente faz uso esporádico de cocaína, crack, ecstasy, LSD e mantém uso diário de maconha. A última vez que fez uso dessas substâncias foi em janeiro, *“então já se passaram dois, três meses já, que eu não uso. Mas durante...Isso agora nesse ano, porque durante minha vida sempre usei...assim.”*

Eu já uso droga, maconha, contando com maconha tudo, já há 15 anos já. Desde os meus 12, hoje com vinte e sete, até hoje eu uso drogas, eu não fumei crack esse ano, mas pode ser que amanhã ou na próxima semana eu fume e pronto, entendeu?

Sua namorada usa maconha raramente e sabe que ele já fumou mesclado e do uso de cocaína.

Gabriel iniciou o consumo de maconha e álcool com 12 anos:

⁵⁵Lança-perfume: solvente à base de cloreto de etila ou cloretila aspirados com fins recreativos.

(...) que eu comecei a fumar maconha, não era nem por curiosidade... era mais porque eu sempre quis experimentar as coisas da vida, assim. Então sempre gostei de conhecer lugares novos ter experiências, nunca me privei de nada, mas sempre fiz algo. Com 12 anos comecei a fumar maconha, sempre fumei maconha desde dos 12 anos e quase todo dia. É a única coisa assim, **que eu sou viciado mesmo**, que eu gosto e continuo.

O uso de álcool se deu desde os 12 anos, com um aumento do uso entre os 14 e 15 anos.

(...) meu rolê era pegar bicicleta, encontrar com meus amigos, a gente ia na favela, buscava maconha, comprava um vinho barato, ficava na praça bebendo assim, desde moleque, sempre. Minha adolescência foi mais ou menos isso, ou pegava cachaça, a bebida mais barata que tinha, porque na época moleque, tinha pouco dinheiro, e tal. Com pouco dinheiro que tinha, ia se divertir, né. Engraçado, porque até hoje eu não acho graça, às vezes, em só beber. Então, por exemplo, se eu saio prum rolê com meus amigos eu quero beber e fumar maconha, tal. Se só tiver bebida eu fico meio assim, às vezes algo a mais também, então sempre ter outra droga, às vezes, é bom pra mim, eu gosto porque eu não fico só naquilo. Então, por exemplo, outras drogas que eu uso, é crack, cocaína, LSD, ecstasy, MD, lança perfume, todas são drogas eu gosto. Tenho... eu gosto das coisas que me tiram assim, do meu eixo assim, sabe?

O consumo de álcool, segundo ele, faz parte da cultura familiar. Diz sempre ter churrasco e bebida em casa, whisky, vodca, cerveja. *“Final de semana, sábado à tarde, tá lá bebendo, faz parte da cultura da família assim, o álcool.”*

Aos 15 anos passou a usar maconha diariamente, *“eu lembro quando tinha 15 anos, fumava maconha todo dia, assim.”*. Entre 15 e 16 anos, teve seu primeiro contato com cocaína aspirada, e como tinha um grupo de amigos muito grande, alguns usavam drogas e outros, não. Com os amigos usuários, utilizava drogas, mas nunca escondeu dos amigos não usuários esse seu uso e nunca deixou que isso interferisse em sua vida.

Então..., às vezes, eu saía e tal, e a gente ficava cheirando a madrugada toda assim, até em dia de semana, mas chegava quatro, cinco horas da manhã, eu falava, “não, eu vou pra casa que eu tenho que me controlar.”

Com relação à cocaína e demais substâncias, conseguiu ocultar dos familiares o uso; com exceção da maconha porque, como fumava todo dia, não conseguia

disfarçar os olhos vermelhos e a fome. A mãe sempre brigava com ele por esse uso, mas diz que hoje ela fica mais tranquila por ver que, nesse período todo de uso, ele não desenvolveu nenhum problema.

Nessa mesma idade, começou a usar o crack, fumado com maconha, com um amigo que já havia consumido dessa forma.

Como era o meu uso de crack? Eu, com um amigo, a gente ia na favela. Na mesma favela que a gente comprava maconha tinha todas outras drogas, e aí um dia a gente foi, comprou crack, comprou maconha, foi num terreno, fumamos e a gente gostou. E aí sempre, a gente sempre marcava um rolê, alguma coisa, ia lá comprava maconha, crack, duas ou três pedras de crack, a maconha pra misturar e fumava. **Nunca fumei puro, nem na lata, nem no cachimbo nada, assim,** mas...

Comenta que esse amigo também nunca fumou o crack puro e que tem uma vida muito parecida com a sua, sempre estudou, trabalhou e também mantém os usos até hoje. Sobre o padrão de uso de cocaína usavam em média quatro papéis, (4 gramas) entre cinco amigos, todo final de semana; e, de crack, duas a três pedras, entre dois amigos, todo o final de semana. Sobre a cocaína e o crack/mesclado, relata que tinha picos de uso em que usava a semana toda ou todo o final de semana.

Falando sobre o intervalo de tempo do uso do mesclado:

Ah, depende, como eu disse, tinha picos que eu dava todo final de semana ou toda semana. Mas, por exemplo, o ano passado eu devo ter usado umas duas ou três vezes no ano todo e esse ano, ainda não fumei crack.

Ressalta que se tiver oportunidade, utiliza o mesclado de que gosta mais do que da cocaína, mas sempre utilizou mais cocaína:

Eu gosto mais de fumar crack do que cheirar cocaína, mas o crack... por exemplo, eu não vou fumar crack pra encontrar os amigos, num bar alguma coisa assim. Mas eu cheiraria cocaína pra encontrar os amigos num bar, alguma coisa assim.

Atualmente diminuiu a quantidade de cocaína aspirada, em média um papel, duas vezes por mês, aos finais de semana. A frequência de uso de crack/mesclado se tornou esporádica.

Relata que o seu uso de maconha o fez conhecer muitas favelas de São Paulo:

Eu sempre fui muito curioso, e assim, apesar de viver num bairro que é perto do centro, é um bairro domiciliar e tal, eu sempre fumei maconha, então tinha que ir na favela buscar, tinha que ir nos bairros mais longe pra buscar, então... Hoje, por exemplo, eu conheço muitas favelas em São Paulo, muitas boca de fumo, muitas mesmo, de chegar, entrar comprar e sair a hora que eu quiser, 24 horas por dia, numa facilidade total assim.

E pondera que a sua busca pela maconha:

Facilitou a entrada de outras drogas, entendeu? Porque, não pela maconha, mas por ela ser vendida junto com outras drogas, né. E aí isso facilitou o meu conhecimento, do contato com isso daí, né.

Questionado sobre o que busca em cada uma das substâncias que utiliza, diz:

Na verdade, é mais a sensação de você estar saindo... **se desligando um pouco do mundo**, assim, acho. Nunca pensei assim, pra refletir, porque que eu uso droga, né. Mas é algo, tipo que eu tenho vontade de fazer, assim. Eu procuro não privar minhas vontades, se eu tenho vontade de comer alguma coisa eu como.... (...) E aí com as drogas é isso, toda droga que... toda a oportunidade que eu tenho de usar uma droga e sair e tal, eu uso e vou.

Questionado se tinha uma procura por uma transcendência com as substâncias, diz:

Não sei se tá relacionado com o espiritual não, assim, acho que é mais físico mesmo, totalmente terreno, assim. Você sentir aquela sensação, **e usar seu corpo, aproveitar seu corpo**, deixar as sensações boas virem e é aquilo, assim.

É, eu não vejo nada místico com crack, assim, e tal, eu sei do perigo que é o crack porque eu vejo os que usam crack ali.... É algo que... o crack é o momento, assim, que eu uso, eu sei que é aquele momento, sei que no outro dia eu vou acordar de manhã e não vou usar. Só que eu vou fumar, chegar em casa e dormir e pronto.

Em alguns momentos, sentiu que seu uso estava descontrolado e:

Acho que... você começa perceber quando você já chega no trabalho atrasado, e aí você fala: "Ó, já ontem fui fazer isso, eu falei que ia chegar na hora, mas não, já cheguei atrasado. " Então a própria consciência vai te cobrando, entendeu? Acho que é mais isso, a própria consciência cobrar e tal. E se eu não tivesse... se eu não tivesse é... consciência de responsabilidade e tal, ou não tivesse algum compromisso, responsabilidade talvez isso teria ido mais pra frente o vício, teria acontecido... não digo que eu não era viciado, mas eu conseguia controlar esse vício, essa vontade assim. Mas o vício mesmo, de ser

adicto mesmo, tá lá todo dia usando e tal, acho pela... por ter responsabilidade, ocupações na vida não deixou que isso acontecesse assim.

Relata que seus amigos, a grande maioria do mesmo padrão de vida, tiveram problemas com o uso, mas nenhum *“nenhum largou a casa, hoje em dia tá morando na rua, qualquer coisa assim.”* Desses amigos que usavam com ele, poucos pararam com o consumo.

Aprendizado de uso

Com amigos que já conheciam como utilizar as substâncias:

Sei lá, a droga sempre foi algo... nunca foi algo místico pra mim, assim, sempre foi algo aberto, assim, sempre gostei de saber. Perguntava pras pessoas: “E essa droga aí, como é que é a sensação e tal?” Então, hoje a maioria das drogas que tem disponível hoje, assim, em São Paulo, disponível eu conheço.

O aprendizado do uso também tem a ver com aprender a controlar o uso, a desenvolver estratégias para o controle. Saber quais efeitos a substância pode dar e quais ele quer e como conseguir:

Como eu conheço eu já sei qual o efeito que vai me trazer. Então, eu já sei controlar, eu já sei o que eu quero, pra quando eu quero, se pá, esse rolê vai ser bom com aquilo, assim. De tanta experiência que eu já tive, assim (...). Quando eu tomo MD, por exemplo, eu sei que eu vou extravasar assim, um momento que eu vou tá feliz e tal, vou virar a noite, vou ficar o dia inteiro. Eu não tomaria aqui pra tá no bar aqui, porque eu sei que daqui eu ia pra balada, ia pra outra, ia continuar e não ia parar, assim. Você tem que saber, como eu já usei, já sei os efeitos e tal, eu sei onde usar e quando usar, quando eu quero, assim. [MD é] Muito forte é, mas eu sei dosar, quando eu vejo que tá muito acelerado: “Não, calma”, paro de usar um pouco, dar uma relaxada aqui, ficar calmo; vai voltando ao normal, você vai controlando seu corpo.

Com quem usava

O uso de drogas foi feito sempre com amigos. Mas relata que muitos amigos que são usuários de cocaína *“e acham que é uma droga normal, sociável e tem um preconceito enorme contra o crack.”*

Mas crack mesmo, poucos amigos usaram assim, é uma droga que ela... que vários amigos meus falam: “Cheirar beleza, agora fumar crack nem fudendo, não, nem fudendo, isso eu não faço, e tal.” Pela imagem mesmo, também.

Não escondia o seu uso de crack de ninguém, mas:

Assim, eu não gosto... eu não gosto que as pessoas saibam que eu tô na droga [crack] e tal, mas sempre souberam, assim, nunca fui discriminado por isso, sempre souberam, sempre souberam. Mas, assim, eles sabiam que..., por exemplo, eu tinha fumado ontem, não contava pra ninguém que eu fumei ontem.

Formas de uso do crack

No cigarro de maconha, mesclado.

Locais de uso

Das drogas em geral, nos bares, festas; do mesclado, em uma Praça e em terrenos vazios.

Uso de crack e interação

E....o crack, é uma sensação de que eu gostava na hora de fumar assim, eu nunca usei, por exemplo, nunca conseguiria fumar e ir prum rolê encontrar meus amigos, numa festa de família, sei lá, ia ficar meio... Ele dá uma ressaca, assim depois, que você fica meio... cê quer ficar um pouco sozinho, não é uma droga sociável. A cocaína já é mais sociável, cê chega, cê quer conversar, cê quer ... o crack já é mais introspectivo, né.

Diogo

Diogo tem 33 anos, é formado na área das ciências humanas e trabalha em um projeto social. É de uma família classe média e tem uma irmã. Atualmente, divide um apartamento com duas pessoas e não está namorando.

No bairro em que morou desde a infância, que era um bairro de classe média e, na época, não verticalizado, as pessoas tinham mais proximidade com as práticas que aconteciam na rua e com pessoas com diferentes padrões socioeconômicos. Pode conviver com várias pessoas que utilizavam cocaína e maconha nas ruas do bairro desde criança. O pai sabe que usa algumas substâncias, não gosta, mas isso não é encarado como um grande problema. Começou a usar álcool aos 14 anos, junto dos amigos e na mesma época experimentou tabaco e passou a usar maconha. Também começou a utilizar inalantes: cola, tiner⁵⁶, lança perfume e LSD. Aos 16 anos,

⁵⁶Cola e Tíner: nome de produtos que contêm solventes que também são aspirados com fins recreativos (grupo químico de hidrocarbonetos, como o tolueno, xilol, n-hexano, acetato de etila, tricloroetileno).

experimentou cocaína com um amigo próximo e, apesar de ter achado uma experiência que *“mexeu com a sua vida”*, só foi consumir de forma mais frequente aos 17 anos. Aos 18 anos, experimentou ecstasy que achou uma experiência *fantástica*. Aos 21, experimentou crack pela primeira vez, com colegas da faculdade e voltou a usar crack, uma vez por mês, aos 24 anos. Manteve esse uso até o final de 2010, voltando a usar no final de 2011 e, durante esse período, seguiu com o consumo de cocaína. De 2011 até 2014, ano em que teve uma loja, usou cocaína diariamente. Nesse ano, quando deixou de ter a loja, começou a reduzir o consumo de cocaína pois julgou que, a má qualidade, estava lhe fazendo mal, e começou a utilizar crack de uma a duas vezes por mês, uma pedra e, mais raramente, duas pedras. A última vez que usou crack foi em novembro de 2016 e julga ter *“ um uso de crack que eu acho saudável hoje”*. No total, consome crack há oito anos, com o mesmo padrão de uso, uma vez por mês.

Começou a beber álcool com 14 anos, com grupos de amigos. Nessa época, os amigos começaram a fumar tabaco; ele provou e não gostou, *“achava meio sem graça”*; em seguida, maconha, mas, na época, não gostou tanto porque ficava *muito pensativo e mais paranoico do que ativo*, também começou a utilizar inalantes, facilitado por andar de skate com seus amigos e, nas ruas em que praticavam, relacionavam-se com meninos que viviam em situação de rua e que também usavam: cola, tiner e lança perfume e, na mesma época, começou a usar LSD com amigos um pouco mais velhos. Nessa época, relata só não ter experimentado cocaína e crack por receio.

É.... e aí foi isso, 14 anos foi um bum, assim, de todas as drogas, quase todas as drogas. A únicas que eu ainda não tinha provado era a cocaína e crack, eu tinha um pouco de receio. Falavam... porque todas as histórias... eu tinha tido um amigo, que logo quando eu tava começando a fumar maconha ele morreu de overdose de cocaína, e foi bem logo, de cara assim. (...) ele tava com, acho 16 anos. Ele teve uma overdose e morreu, foi cocaína e mais alguma coisa, eu não sei mais exatamente que é agora pra lembrar.

Até seus 16 anos, continuou com esses consumos, mas o que mais gostava era dos solventes, pelo efeito que o fazia dar risada. E, apesar de todos falarem dos efeitos da maconha, não conseguia senti-los como prazerosos.

Fumei, mas eu não gostava muito de maconha, porque não me dava uma coisa... eu ficava pensando demais, ficava muito mais paranoico

do que ativo pra fazer as coisas, sabe? Eu não tinha muito prazer com a maconha. (...), mas eu gostava muito de usar essas outras drogas que dava aquela, aquele barato de dar risada e tudo mais, que era... que a maconha não me dava isso, apesar de dar em todo mundo, não dava em mim.

O fato de não gostar dos efeitos da maconha e continuar usando, implica mais do que pressão do grupo, uma forma de compartilhar um estilo de vida e um companheirismo no uso de drogas:

Na droga você conhece muita gente né, quando a gente começou a se envolver... coisa tanto de maconha, cocaína, tudo. Criei um vínculo, vínculo, não aquele vínculo, mas vínculo de companheirismo pra ficar usando droga, fazer coisa, muita gente, conhecia muita, muita mesmo.

Aos 16 anos, começou a trabalhar e considera que tinha uma renda boa para a sua idade, o que lhe possibilitou sair mais à noite. Nessa época, passou a andar com um amigo que conhecia desde os 13 anos e que usava cocaína. Em uma noite, foi com esse amigo e um amigo mais velho deste, a uma biqueira⁵⁷ para pegar maconha e eles pegaram cocaína, aí decidiu provar. *“Aí tava lá distraído falei: “ Ah vou usar”. Aí provei, e aí foi pra... o negócio foi muito louco, foi um negócio que mexeu com a minha vida, que eu gostei ”*. Depois desse período, ficou sem usar cocaína e iniciou um namoro que chegou ao fim, após um ano de relacionamento, quando tinha quase 18 anos. No dia em que terminou o namoro, foi comemorar o aniversário de um amigo. Depois que este foi embora, decidiu continuar no local da comemoração, apesar de não conhecer as pessoas e decidiu se juntar a elas quando começaram a cheirar cocaína.

Aí comecei a usar, aí usei nessa semana, usei na semana seguinte, comecei a usar bastante. Só que eu fazia... só que eu trabalhava, fazia tudo (...).

Não soube precisar o quanto era esse bastante, mas o uso era compartilhado:

O bastante pra quem não usava, era todo final de semana, né. (...). Ah dessa época eu não lembro quantas gramas, eu lembro de poxa, de pegar mais ou menos era uns quatro papéis, é que é diferente, as medidas são meio diferentes hoje, a qualidade é diferente. Na época era... imagina faz quase 20 anos isso, não faz 17 anos isso.

⁵⁷Biqueira igual a boca: nome dado ao local de venda de drogas ilícitas.

A partir dessa época, já utilizando cocaína e em outro emprego, foram aumentando as amizades que tinham relacionamento com o uso de drogas. Passou a ter mais contatos que facilitavam o consumo tanto de *doce*/LSD, quanto de *bala*/Ecstasy que, quando utilizou, achou “*fantástica*”, e de cocaína. Passou, então, a usar essas três substâncias, parando quase que totalmente com a maconha, usando cola “às vezes, assim, quando tava num lugar isolado, porque cola deixava muito *demente*”. No novo trabalho, aos 20 anos, ganhava bem, o que fez com que investisse na compra de drogas e vendesse para os amigos.

Então, aí eu tinha muito dinheiro, e eu comecei a fazer o quê, eu comprava muita, muita, muita droga, eu comprava tipo 100 ácido, várias cartelas de ácido, muita bala e muita cocaína. Então, aí eu vendia pros meus amigos e ficava nessa coisa, ficava... aí usava, usava muito, tinha droga sempre.

Essa venda de drogas não era encarada seriamente como uma fonte de lucro, mas tinha também um componente de camaradagem para proporcionar um uso a todos que estavam juntos:

Aí nessa época você tem muitos amigos também, que é muito doido, porque as pessoas nem todo mundo tinha dinheiro, não é que é do mal, as pessoas vêm se aproximam, né, tá feliz, todo mundo feliz, (risos). É.... e todo mundo curtia junto.

Nessa época, segundo relata, passou a usar muito e notou que estava lhe fazendo mal. Utilizava todos os finais de semana, sexta e sábado, mas não aos domingos. Porém resolveu diminuir a utilização, de 2004 para 2005, e também parou de vender. Não soube precisar direito o período e nem a quantidade do uso das três substâncias. “*E aí eu usei, usei, usei e.... só que aí começou a me fazer mal, aí eu dei um corte nisso daí tudo, comecei a diminuir, diminuir...*”. Ainda em 2004, aos 22 anos, relata que, após uma decepção amorosa, notou que estava utilizando muita cocaína (15 gramas por semana) – que, às vezes, consumia com mais pessoas – com uso diário, sempre no período noturno, durante muitos meses, e notou que estava ficando muito deprimido e *com pensamentos muito ruins, também resultado de decepção amorosa*, e que o uso não estava lhe fazendo bem. Resolveu parar de consumir cocaína e qualquer outra droga por oito meses e álcool por um mês, e depois foi voltando o uso aos poucos.

Em 2004, entrou na faculdade, mas como o grupo da faculdade, nesse primeiro ano, era mais afeito ao uso da maconha, não se relacionava muito, com relação às drogas; com os novos colegas, apenas com o álcool, mas mantinha o uso de outras drogas fora dali, com seus amigos habituais. Mas numa viagem para um sítio, com a turma da faculdade, para comemorar o aniversário de uma amiga, duas pessoas que já haviam usado crack propuseram ao grupo de experimentar e todos aceitaram. Depois desse episódio, só voltou a usar crack em 2007, mantendo um uso de uma a duas vezes por mês, de uma a duas pedras de R\$ 10,00, utilizando, geralmente, sozinho. Utilizou, dessa maneira, até a véspera do Natal de 2010 e decidiu que só usaria novamente na véspera do Natal de 2011. Durante esse período de utilização, seguiu com sua vida de trabalho e estudos normalmente e a namorada que tinha, à época, não soube de seu consumo de crack, embora soubesse do de cocaína, o qual sempre manteve fazendo uso diário (sempre à noite), em torno de 15 gramas por semana, aproximadamente. Nessa época, ele mantinha, em sociedade, uma loja que se tornou um ponto de encontro de alguns clientes. E, em algumas noites, até dormia no local. Considera um período muito feliz da sua vida.

É, tinha uma loja e trabalhava, fazia estágio. Então, eu fazia... eu cheirava todos os dias. Era uma outra época que eu comecei a pegar droga em quantidade e eu deixava lá na minha loja. Que aí todo dia, tipo chegava, tomava uma cervejinha, cheirava e ficava lá, ficava com os clientes. Como na minha loja era mó legal, então a gente ficava ali, ficava tocando violão, era uma festa. Todo dia tinha alguém pra festejar e é, é poxa que é isso, é, é que... (...) a coisa era legal porque é isso, é meio preju... lógico que prejudicava alguma coisa, de saúde, de talvez mexer muito com o meu humor, mas era... foi uma época que foi ... eu considero uma época muito feliz da minha vida. Porque tinha uma coisa, como tinha banheiro, tinha tudo, tinha que trabalhar no dia seguinte, fazia as noites ali e ia descansar, dormia, eu tinha cobertor, eu tinha meu colchãozinho, tinha toalha, tinha sabonete. E aí acordava no dia seguinte, ia trabalhar, praticamente morava lá. Eu era conhecido lá de tá morando e ficava lá e era mó feliz e usava todo dia, não sei que lá. E tive várias crises, tive vários momentos que eu ficava: "Nossa que complicado". Tinha várias vezes que eu parava, mas vários dos momentos eram muito felizes (...)

Manteve esse consumo até, aproximadamente, metade do ano de 2014, enquanto manteve sua atividade na loja. Na segunda metade de 2014, usava crack uma ou duas vezes por mês, tendo diminuído o uso de cocaína para 1 grama por noite, porque sentia que não estava lhe fazendo bem, deixando-o com vários

problemas de coriza e asma. Atribui a esses sintomas a má qualidade da cocaína desse período. Manteve esse padrão de consumo de crack e cocaína até novembro de 2016, com uso aos finais de semana, acompanhado de alguma pessoa (mas não em todos os episódios de uso) e, muito raramente, durante a semana, sozinho (cocaína). Durante todo esse período de utilização, teve alguns momentos considerados de “*crises*” com o uso “*pesado*” de cocaína, relacionados ao momento de vida pelo qual estava passando como decepções amorosas e frustrações na vida profissional, com o alcance do trabalho realizado na área social.

Uma dessas “*crises*”, que aconteceu na primeira metade de 2013, teve origem com o término de um namoro que ocorreu em 2012. Havia conhecido uma moça que não usava drogas e por isso estava há dois meses sem utilizar. Estavam muito apaixonados e praticamente estava morando na casa dela. Durante o carnaval, ele encontrou com amigos e resolveu cheirar um pouco de cocaína e contou para a namorada. Depois disso, a namorada não quis mais falar com ele e não o atendia. Terminaram o namoro sem que ele soubesse exatamente o porquê da mudança tão brusca e do rompimento (que veio a saber, um ano após a separação, que foi pelo seu uso de cocaína). Essa situação o deixou muito mal e ocorreu no período em que tinha a loja e que muitos amigos da faculdade também utilizavam cocaína, tendo um aumento do uso.

E aí ela mudou comigo, (...) E eu falei: “*O que que aconteceu? Vamo conversar pelo amor de Deus*”, e ela não me explicava o que que aconteceu, aí ela chorava, não sei que lá. (...). Pensei não, o que será que eu fiz, sabe, eu não traí ela, não fiz nada, não fiz nada de errado dessas coisas. E aí, pô, fiquei um ano bem mal, foi um ano que eu fiquei malzão. Acho que foi 2012 ou 2013. Eu tava lá, tava na loja, tinha todo essas coisa doida, só que ao mesmo tempo tinha... aconteceu é... aconteceu isso. **Então eu aumentei bastante o uso nessa época, depois que eu separei dela, que aí voltei a ficar na rua sozinho à noite e aí eu sozinho... sempre cabe, né? Achar alguma coisa.** É e na loja que eu ficava à noite, nossa, eu usava muito essa época, depois dela que aconteceu. Ela mexeu, ela fudeu um ano da minha vida, fiquei muito mal, muito mal, sabe. Ter várias... é e depois que eu fui me tocando que que era isso, que na hora cê nem, cê nem... tipo voltei, não tava mais com ela, foi foda-se, tava usando, tava em festa, lá na faculdade todo dia. Era feliz, mas era cheio de coisa, cheio de tristeza, também era isso, **era abuso, era abuso de pó.** Sabe o que eu fiz nesse ano? Nossa, esse ano, esse ano foi fogo, agora falando que não me prejudicou na vida, mas não foi o negócio né? mas foi isso eu tava na

maior tristeza, tava ali no meio do ano, tava numa depressão tão grande, que aí foi também uma pré parada, que aí eu tava lá dentro da loja, aí eu tinha comprado 20 gramas de cocaína pra deixar, deixar comigo, estocado, aí nessa noite eu tava sozinho, eu sempre ficava doidão lá (...) e eu ficava botando música ficava maior animado. Aí nesses dias eu não tava muito animado, e eu tava na maior deprê, um dia eu falei: *“Meu, vou fazer uma coisa comigo, vou fazer 1 metro de cocaína, se eu... ou eu vou morrer ou eu vou parar”*. Aí eu cheirei um metro, desmaiei, acordei no dia seguinte. Eu acordei, é foi... sei lá... cheirei, puta cheirei, falei: *“Nossa fudeu”*. Aí deitei no sofá, não sei se desmaiei, eu dormi, acho que dormi, mas foi meio que um desmaio porque foi muito... deve ter sido muito forte pro meu corpo. E aí eu acordei com o meu sócio abrindo a loja eu lá, ele era mó firmeza, ele é mó firmeza, né? Aí ele: *“Ô, não sei que lá, tudo bem com você?”*, *“Tudo bem, não sei que lá”*, eu falei: *“Agora eu parei de usar”*. Aí eu falei pra ele, falei pra ele e pra outra pessoa que tinha visto, não sei que... que era uma pessoa que tinha me falado um dia antes, falado: *“Diogo você é a pessoa mais louca que eu conheço”*, e é.... e foi forte aquilo pra mim também, né. Eu falei: *“Poxa, e agora eu vou parar”*. Aí fiquei três meses sem usar.

Questionado se estava tentando se matar, responde: *“Não sei, mas sei que eu tentei, né? Eu não sei se tava tentando, tentando, mas é....”* Questionado se tentava fazer como numa roleta russa, diz:

É sei lá, talvez foi... é foi uma roleta russa... talvez um jeito de não se responsabilizar (risos). Porque sei lá, e eu é.... não sei se tava tentando, mas me pareceu na hora, tava mó triste, falei: *“Meu, vou fazer isso, vou....”* Que eu sabia que eu não ia ficar bem, é impossível, sabe cê cheira um negócio assim eu já sei que, às vezes, fico... falei: *“Meu, vou, vou tentar”*, eu pensei: *“Putá, vai ser mó baque forte”*. Aí foi isso, passou, passei essa fase. Isso foi meio que uma virada, né? Porque eu uso, mas... eu uso ainda, apesar... tem vezes, ocasiões... **acho que eu nunca usei tão pesado mais quanto daquela época**. Só que eu ainda uso um pouco **pesado**. Mas eu acho, eu acho que usar mais de um, mais de uma grama por noite, eu acho que é um exagero, você não precisa fazer. Eu fiz isso algumas vezes esse ano, é.... mas, mas, mas no geral não tenho feito isso, às vezes, nenhuma grama. Primeiro que aí eu sempre uso com.... sempre não, mas muitas vezes eu uso com alguém, né? É, então tem sido menor o uso. “

Outro momento de “crise” sentimental e de trabalho ocorreu em 2016. Tinha uma namorada que também era usuária de cocaína e com quem tinha muitos conflitos. À época, também tinha como melhor amigo um rapaz que vendia cocaína, o que aumentava a disponibilidade da substância para o uso. Como eram amigos, muitas

vezes, o amigo usava cocaína junto com ele e não cobrava. A sua namorada criou uma situação que fez com que ele e esse amigo rompessem relações e ele acabou rompendo com a namorada. Essa situação o deixou deprimido e foi a primeira vez que buscou ajuda de uma psicóloga, mas como o preço era alto e estava desempregado; resolveu tentar se ajudar sem acompanhamento.

Foi, a primeira separação que eu tive com essa menina, essa de agora desse ano aqui que eu falei, porque, mas foi... não foi nem tratamento, foi medo de fazer uma cagada. Porque aí o que eu fiz, minhas loucuras, loucas, loucas, a gente tava separado, né? Que eu que tinha pedido separação, sei lá, separação, falado: *“Não, não quero mais porque não dá pra ficar perto de você, o que você faz é muito cruel, não sei que lá”*, ela foi muito cruel comigo. (...) Só que aí um dia à noite, sai, cheirei, cheirei, cheirei, cheirei e virei a noite e dia seguinte, meu amigo chegou, um amigo meu que a gente toma ayahuasca⁵⁸ junto, a gente tomou ayahuasca à tarde. Aí foi aquela coisa em cima da coisa, né? Tomamos ayahuasca à tarde, eu tinha cheirado a noite inteira, aí sai da ayahuasca pra casa, tomei um banho, aí fui à noite, encontrei outro amigo de Floripa que trouxe um monte de farinha de Floripa. Cheirei de novo. Dia seguinte queria me matar eu tava, sabe? A tristeza mais sem fundo que você pode ter na vida. Cê imagina são duas drogas que são... que colocam você em contato com você de alguma maneira e profundo. Nossa, não cabia em mim, falava: *“Nossa sou escroto, eu não consigo”*. E tinha várias coisas, eu ficava entrando nas paranoias das questões éticas, falava: *“Nossa, não consigo nem lidar com o outro, não sei lidar com dife...”*. Falei: *“Nossa, e eu não sei, eu errei, eu sou, eu sou”*. E fui, nossa, era tristeza, muito, muito, muito, muito, muito grande. Aí eu falei: *“Gente eu não sei o que fazer eu preciso de ajuda”*. Aí uma menina (...) me indicou uma psicóloga dela. Eu fui, foi ô mó legal, foi, pô, mas ela falou: *“É mil reais por mês”*. Mil reais... na época eu tava sem emprego, mil reais, vou tirar de onde. Aí eu tinha ido já em outro psicólogo, que eu achei um saco, falei, puxa a que eu gostei é mil reais, o preço da salvação não tá pra mim, aí foda-se. Aí eu pensei: *“Ah vou dar uma controlada na vida”*, e dei. Aí voltei com a menina lá e aí a gente ficou meio mais ou menos controlado, a gente cheirou pouquíssimas vezes juntos e depois terminou de novo e foi, escapamos de novo.

No final de 2016, já empregado e com algumas frustrações, além da sentimental, com o alcance de seu trabalho na área social, entra em um novo processo de “crise” e pede licença médica. Começa, então, a fazer um acompanhamento com

⁵⁸Ayahuasca: é uma bebida preparada com duas plantas, Caapi e Chacrona e ingerida em rituais como o do do Santo Daime, Culto da União Vegetal entre outros.

um psiquiatra, de quem gosta, mas sem tomar medicamentos. Indagado se a procura do acompanhamento tinha a ver com os usos, diz:

Era o contexto, mas é que o uso é era uma das partes, porque poxa é cê tá ali aí você usa o negócio pra se...aí você fica mais fragilizado. Pensei: *“Putá, vou acabar me matando”*, sabe? Eu tava já tendo pensamento suicida, falei: *“Meu, vou acabar me matando”*. Que aí eu começo a droga fico mais deprimido, no dia seguinte é muito... era muita depressão, sabe? E aí agora eu tô, tô indo no psiquiatra, não tomo remédio nem nada, mas eu vou no psiquiatra. Que desde que eu saí de licença, aí, aí o meu [amigo] falou: *“Pô, vamos passar nesse cara, que é o cara que é super bacana”*. Então, eu vou lá, mas é, eu falei pra ele: *“Não queria tomar remédio, quero conseguir fazer as coisas, controlar e tudo mais”*. E aí eu tô indo na... tô passando com ele e tem sido bem legal, é o tratamento, não o tratamento de internação, mas é isso é falar cuidado e falar poxa, ele fala: *“Pô, cê tem que conseguir dar uns tempos de coisa quando cê tá frágil. Você tá num momento frágil não dá pra você pensar de ficar usando coisa que te fragilizam”*. Sabe? Tem sido bom, acho que é.... **acho que tem sido positivo esse tipo de cuidado.**

Após esses períodos, fez interrupções de uso, voltando a utilizar cocaína de forma mais controlada; com o crack, em geral, sempre manteve o mesmo padrão de consumo.

Aprendizado de uso

O aprendizado de uso de todas as substâncias se deu com alguém do grupo de amigos que já as tinha utilizado, sem grandes demonstrações de como as utilizar: *“Eu aprendi vendo as pessoas fazendo né, os meus amigos...”*

O crack, aprendeu a usar:

(...) a primeira vez foi, foi numa viagem e aí foi com o pessoal e os cara: *“Ô cê tem que fazer a cinza, e a chama azul é a melhor, se cola deixa bem na azulzinha e faz “, e aí eu fui aprendendo de... eu aprendi nesse dia mesmo. Eu tinha visto muitas vezes, eu sabia como era, mas na prática eu aprendi... aí depois que você faz isso, uma vez que você faz você não esquece, né? Cê vai, começa a fazer, e aí já era né, aí cê começa a fazer, com tudo né? Qualquer droga. E aí foi isso, eu aprendi, foi bem fácil não tive muita questão.*

Ah com a cocaína foi mais fácil ainda, né. (...) a gente entrar no carro, o cara esticou: *“Cê vai querer, cê vai querer”*, eu falei: *“Ah quero”*, aí pronto foi...E, assim, cheirei, e pronto, eu fiz isso...

Mas com o tempo de uso, foi desenvolvendo as próprias técnicas.

Depois eu desenvolvi meu jeito de fazer, tanto na mão, quanto não sei que lá, com a chave. Porque, às vezes... hoje em dia é... eu... por incrível que pareça, cheirar pra mim é mais fácil fazer sozinho que fumar crack. Porque é, às vezes, eu não quero também agora mais passar... é hoje em dia minha relação com a cocaína é diferente dessa que eu te contei de... das festas, de me isolar, hoje eu quero usar pra tá no meio das pessoas. Então, às vezes, poxa, pra fazer um negócio que tem que fazer rápido, eu não vou no banheiro toda hora, não sei que lá. Só me destaco, vou faço isso, pego com a chave [faz movimento de inspirar], não dá nem tempo de ninguém reparar, eu faço tipo, em menos de 10 segundos eu faço tudo. Então, então pronto, é muito rápido. E aí é isso, é quantidade menor, em vez de ficar... o negócio, fazer... pronto, já era, fico bem, fico ali legal. Aí são as maneiras que eu aprendi a fazer na vida, como pegar as coisinhas pra ser mais prático, onde colocar cocaína, pra ficar mais fácil pra você fazer essas coisas...

Relata que, com 20 anos de uso, consegue até saber, só de olhar, quanto tem de quantidade e fazer todos os procedimentos para o uso ou adaptações, rapidamente.

Com quem usava

O uso de drogas, ao longo de sua trajetória, teve algumas variações. De usar acompanhado dos amigos que também iniciavam a experimentação de substâncias e, posteriormente, o número de pessoas com quem usava aumentou por ser um consumo mais festivo e agregador das pessoas que partilhavam das mesmas experiências. Essa forma de utilização sofreu algumas modificações ao longo do tempo, da experiência de uso e do aumento das quantidades utilizadas de algumas substâncias. Fez o uso de crack, geralmente, sozinho (ou acompanhado de alguém que nem sempre era de sua relação de proximidade), mas não, necessariamente, por apreciar o uso solitário. Não relatou desejo de isolamento com o consumo do crack, apesar de apreciar a sensação de introspecção. O uso da cocaína poderia fazer acompanhado, mas houve períodos que, logo após a utilização, buscava o isolamento. Atualmente, prefere utilizar a cocaína sozinho, em menores quantidades e interagir com as pessoas.

Formas de uso do crack

Utiliza na lata.

Locais de uso

O consumo das substâncias de qual fez/faz uso pode ocorrer em viagens, festas, bares, baladas e na rua. Até 2011, usou crack em casa, pois, apesar de morar com o pai, este viajava muito e ficava sozinho em casa; depois de 2011, não teve mais essa facilidade e utilizava na rua. Chegando a usar na cena de uso da região da Luz algumas vezes.

Uso de crack/cocaína e interação

Relata conseguir ter uma interação boa com a família sob efeito da cocaína:

Éhhh, éhhh...aí, e aí eu gostava de fazer as coisas, que eu gostava de cheirar dar um tirinho⁵⁹ assim, assistir filme, eu gostava muito. Eu ficava em casa, eu ficava lá... às vezes eu dava um tirinho pra ficar falando com meu pai, porque aí eu ficava falando, tinha várias ideias, meu pai ficava feliz, era uma coisa muito doida, né? Caramba, com droga converso bem mais com a família do que se eu não usasse né. E até hoje é assim, mas é nessa época eu achava muito surpreendente, era engraçado, dava um tirinho, aí ia assistir alguma coisa com o meu pai, a gente ficava conversando, ficava super bem, né?

Mas também com a cocaína, durante as festas da faculdade, começou a achar tudo muito artificial e, depois de usar, preferia se isolar, estar próximo, mas não interagindo com as pessoas:

Eu tinha sempre uma nóia assim de falar: “Putá, não sei se era aqui que eu queria tá”. E eu me toquei que, muitas vezes, eu quando tava lá na faculdade, tinha, tinha festas na faculdade assim, e eu achava tudo aquilo muito artificial e eu achava muito maluco a ideia de é... eu fui perceber depois disso, foi uma conclusão que eu tirei depois na vida, era que eu usava... às vezes eu ... que aí todas as festas da faculdade eu tava cheirado. E aí várias vezes eu cheirava pra ficar bicudo⁶⁰, não falar com ninguém e aí me isolava, ficava ali só ouvindo. Queria tá lá mas não queria tá louco, não queria tá perto assim, queria tá... e aí eu ficava cheirado, ficava ali na minha brisa⁶¹ lá no fundo, às vezes, alguém vinha falar comigo, às vezes, não. E eu me sentia bem, estando próximo, mas não estando junto e, sei lá, eu acho que a cocaína me dava a desculpa

⁵⁹Tirinho ou tiro: quantidade de cocaína utilizada em uma cheirada.

⁶⁰Bicudo: estar super estimulado pelo efeito da cocaína, sentindo seus efeitos de forma intensa.

⁶¹Brisa: Sensações experimentadas sob efeito de uma droga, mas que podem variar de acordo com a subjetividade de cada pessoa.

certa pra tá isso, eu ficava bicudo, eu não conseguia falar com ninguém e ficava lá, sabe? Aí era isso.

Com o crack, também conseguia ter uma boa interação com outras pessoas e não se lembra de nenhuma ocasião em que não ficou sociável, quando sob efeito do crack, apesar de também gostar de usá-lo e sair caminhando sozinho.

(...), mas é isso, é cê vai usar sozinho e cê vai... andar, usar e caminhar é gostoso pra caramba. Cê fica ali pensando, fica pensando um monte de coisa, cê vai...é... pro... mexe muito com meus pensamentos, fica falando com pensamento acelerado, tem um monte de ideia, tem um monte de coisa, um monte de plano. É... eu queria ter a força pra concretizar os planos que eu faço quando eu fumo crack, porque é um negócio que dá muita... sabe, é muita coisa que cê... que cê se propõe, fala: “Nossa isso, nossa dá certo, e se eu tentasse isso”. Nossa, eu fiz tanto... já fiz tantos planos com crack, é que acho que o dia seguinte vem seguido de depressão, é foda que aí cê fica... aí cê não consegue executar os seus planos. (Risos)

Sobre efeitos adversos com o crack, relatou sentir uma “*depressão sinistra no dia seguinte*”. Mas sobre a *paranoia*, relata que teve poucas vezes e que estava relacionada também a alguns fatos objetivos, como medo da polícia ou a momentos específicos da vida.

Putá, eu já tive isso, mas não é que eu tinha, eu já tive... eu tô tentando lembrar, mas eu sei que eu já tive porque é, é... eu já tive isso na rua também, de ficar com medo e falar: “Meu nossa a polícia, tem alguém me seguindo”. Você começa a achar que tem um vulto, cê vê a sombra de uma árvore e cê acha que é alguém que tá vindo atrás, você fica... Mas isso ... foram algumas situações pontuais, não foram sempre. Eu, eu acho que depende muito da época que, que... é pra mim dependia muito da época que eu tava na vida. Porque eu tinha isso quando eu tava fazendo muito uso da cocaína, por exemplo, que aí é a mesma substância do crack, tava com muita coisa, então minha cabeça ainda tava sob aquela substância, tava e aí começo a imaginar coisas. Porque, várias vezes, quando eu usava isolado, tava num, num tava num momento tão tenso, eu lembro de fumar e ser maravilhoso sair na rua, sabe? Tá ali, andar e vir, ir ali, não sei que lá, e pronto e é maravilhoso, sei lá, dar um rolê à noite, acho fantástico se sabe...

Cabe destacar que a maior parte dos usos de crack foi feito em local protegido, como na casa do pai e, durante esses consumos, não relatou medo de ser descoberto pela polícia e nem denunciado pelo cheiro aos vizinhos.

AS NARRATIVAS EM PORTUGAL

As entrevistas em Portugal foram possíveis porque conheci Fernanda em um evento acadêmico e, conversando sobre as nossas pesquisas, ela me disse que havia usado crack no padrão de uso que eu buscava e que tinha um amigo que também havia feito o uso, no mesmo registro, durante muitos anos. Ela disse que me daria a entrevista, sem problemas e que iria conversar com o amigo para que eu também pudesse entrevistá-lo. Achava que ele ainda usava crack esporadicamente. Combinamos de ficar em contato. Em janeiro de 2014, depois de saber que seu amigo, de nome Joaquim, havia concordado em dar a entrevista, marcamos de nos encontrar. Como eles iriam passar o final de semana em casa de amigos, no campo, me convidaram para ir junto e dessa forma, pude sair com eles, conhecer seus amigos e fazer as entrevistas. Na noite anterior à entrevista, fomos todos à casa de outros amigos deles para bater papo, jogar cartas, beber e fumar charros e ficamos até a madrugada. O dia seguinte foi o reservado para as entrevistas o que ocasionou que, na entrevista com Joaquim, este estivesse com ressaca e com dificuldades para recordar-se de datas e eventos passados, apesar da boa vontade em querer dar a entrevista.

Fernanda

Fernanda tem 38 anos, é de uma família classe média, tem um irmão e é pesquisadora acadêmica na área das ciências humanas. É casada e mãe de uma criança, não se declarou religiosa e se define como uma pessoa muito sociável. Entre os 14 e 15 anos, começou a fumar maconha e, depois de um período, passou a fumar regularmente, com amigos da escola, muito hashishi e marijuana, mas raramente os comprou. O uso do álcool e do tabaco começou nesse mesmo período. Iniciou o uso de cocaína, MD (cristal), MDMA (ecstasy), próximo dos trinta anos, sempre em contexto de festas, mas também nunca comprou essas substâncias. Ainda nessa época, chegou a consumir cogumelos e LSD, mas não são substâncias que a atraíram por não poder ter o controle sobre os efeitos. A base de coca/crack, começou a usar entre os 28 e 30 anos (não soube precisar), usou regularmente durante, aproximadamente, oito meses, efetuando a compra para o próprio uso. Nunca quis experimentar heroína, pelo medo de ficar “agarrada”, mas reconhece que isso se deve às cenas de uso de heroína em Portugal dos anos 80, e, pela experiência de

amigos próximos que tiveram problemas sérios com o uso. Atualmente, mantem o uso de hashishi/maconha, mas em frequência e quantidade muito menores, e de cocaína, MDMA, MD muito esporadicamente e em contextos de festas.

Fernanda diz que seu primeiro contato com as drogas veio da literatura. Entre os doze e quinze anos lia muito e passou a ler livros relacionados com drogas, como o *Filhos das drogas*, de Christiane F, e *Viagem ao mundo das drogas*, de Charles Duchaussois; diz que seu imaginário sobre o assunto vinha dessas leituras. Tinha muita curiosidade sobre as drogas, mas ressalta que:

Cresci numa geração que estava muito consciente dos efeitos e eventualmente dramáticos da heroína, não é? Portanto, em 1990, tinha 15 anos, e o “junkie” português, a figura do toxicodependente fim de linha muito degradado surgiu em meados dos anos 80, portanto em 90, a partir de 90, já eram pessoas com algum percurso bem reconhecíveis na rua, portanto havia uma imagem muito clara para os adolescentes de minha geração do que que nós não queremos ser, não é?

Aos 14, começou a fumar charros (cigarro de tabaco com hashishi) ou maconha e aos 15 anos, com os amigos da escola, alternou períodos de muita regularidade com períodos de uso esporádico e também iniciou o consumo de álcool e tabaco. Diz que foram raras às vezes em que comprou hashishi ou maconha, chegou a comprar quando esteve na Holanda, pela abundância e facilidade de comprar. Atualmente, mantém o uso, pois praticamente todos os seus amigos usam e como é vizinha de alguns deles, sempre se veem à noite e, se lhe oferecem, ela fuma. Mas diz que alterna períodos em que pode fumar todos os dias, durante semanas ou até um mês, e passar outro mês inteiro sem fumar. Só fuma no período da noite, após a realização de tarefas cotidianas da casa e com o filho e da preparação para o trabalho e escola do filho no dia seguinte, nunca fuma durante o dia. O uso do hashishi e da maconha sempre se deu com amigos. Considera que a regularidade de uso, que mantinha entre os 15 e 30 anos, não mudou em relação ao momento atual, mas “*tinha um efeito mais...festivo, um efeito mais de experiência com os outros. E era mais um acontecimento do que agora, agora não é um acontecimento é uma coisa mais normal.*” Com o álcool e o tabaco, passou a ter mais regularidade com o uso, a partir dos 15 anos, quando pode ter mais liberdade para sair com amigos. Considera que tem um consumo elevado de álcool, assim como seus amigos que mantiveram o hábito de sair à noite, hábitos de vida noturna. Geralmente, com os amigos, bebem

durante muitas horas, nos programas que fazem durante as noites dos finais de semana. Acha que sempre bebeu bastante sem nunca ter problemas, mas houve um período no qual, após terminar o tratamento para uma doença grave e seu esposo ter de se ausentar de casa em função do trabalho, época de muita tensão, em quatro ou cinco vezes, aumentou o consumo de álcool e se assustou com esse aumento:

Houve aí quatro ou cinco episódios em que eu bebi demais que vim para casa de taxi com amigos que me vieram trazer porque eu já não estava bem capaz de me lembrar donde é que morava e fiquei muito assustada com isso. E depois cortei, portanto, a beber, continuo...não deixei de beber, mas a beber água no meio para diminuir a quantidade e passou.

Apesar de sempre beber muito, nunca considerou isso um problema, mas esses episódios, vivenciou como um problema e descontrole. E começou a falar com os amigos sobre isso:

Lembro-me de falar disso com amigos, com o Pedro, que não chegastes a conhecer, de eu dizer: “o que está há acontecer, estou a ficar alcóolico, o que que se passa comigo.” “Tu não estais nada, tu bebes socialmente, tu não bebes de manhã, tu não bebes todos os dias, tu não deixas as pessoas pra beber, tu estais é muito tensa e a reagir a reagir e tal, pronto.

Iniciou o uso de cocaína, aos 27 anos; e MD (cristal), MDMA (ecstasy), próximo dos trinta anos, sempre em contextos festivos, mas muito pontualmente. Seus amigos próximos também consomem MDMA, portanto, quando há uma festa associadas com determinados tipos de música ou festas trance, consome. Portanto, mantém um consumo dessas substâncias muito esporadicamente e sempre em contextos festivos, nunca comprou nenhuma dessas substâncias, sempre lhe foi oferecido pelos amigos. Ainda nessa época, chegou a consumir cogumelos e LSD, mas não são substâncias que a atraíram, por não poder ter o controle sobre os efeitos. Nunca experimentou heroína porque:

O motivo, eu acho, que tem a ver com todo o nosso imaginário de em torno do que é uma droga dura e da facilidade de ficar agarrado, não é? E, portanto, heroína é um, quer dizer, eu tenho alguns amigos mais velhos do que eu que foram heroinômanos aos 20 e fizeram reabilitação e saíram. Não tenho experiência de amigos que morreram como o Joaquim teve, por exemplo, por que é mais velho, tem quase cinquenta anos, por aí, portanto, é uma experiência dos anos 80, não é, portanto,

eu nunca quis experimentar heroína porque sempre achei que o risco das coisas correrem pro mal eram grande.

Relata que tem vontade de experimentar heroína, pelos efeitos que conhece que são de enorme *bem-estar, de estar bem confortável, tranquilo e calmo*, mas não o suficiente para correr o risco. E, também, a questão das agulhas não a atrai, e, a heroína fumada na prata, não sabe como fazer e não conhece ninguém do seu círculo de amigos que o faça, só pessoas que estão marginalizadas. Brinca com seu amigo Joaquim, que quando tiver 80 anos irá experimentar porque não terá muita chance de dar errado, ou, se ficar com uma doença em estado terminal, vai pedir para ele buscar para ela usar. E conclui: *“portanto, para além de haver aquele cuidado, sempre, que é desde adolescente, né, que é a questão do heroinômano, para além dessa questão, há toda questão da logística em torno daquela droga”*.

Entre os 27 e 28 anos, começou a usar a base/crack, como seu amigo Joaquim que já utilizada e lhe contava de suas experiências, por serem muito próximos; os demais amigos não sabiam do seu uso de base. Relata que, como sempre foi uma pessoa que gostou de fazer experiências com uso de substâncias, também quis experimentar a base/crack, muito embora, seu amigo comesse a achar que o próprio consumo já estava se tornado problemático e não quisesse que ela usasse. Ele sempre lhe dizia: *“Não te metas nisto.”* Mas, em uma noite que tinham saído e já bebido bastante, depois de sua insistência para experimentar, ele concordou em usarem juntos e foram comprar a base/crack:

E então, como é que fizemos, ele provavelmente vai te contar isto. Apanhamos uma prostituta na rua, porque era assim que ele fazia, perguntamos se ela queria fumar, demos-lhe o dinheiro e fomos os três de carro ao local de venda, ela foi comprar e depois fumamos os três e depois de provar acho que ainda voltamos a comprar, compramos mais depois ficamos a fumar com ela até de manhã e conversar e não sei que, depois ela foi a casa dela eh fomos a nossa, pronto, começou assim. Agora, no dia seguinte eu estava a fumar outra vez e já fumei sozinha.

A partir dessa primeira experiência, realiza uma mudança drástica do padrão social de uso, pois além de passar a usar a substância, na maior parte das vezes, sozinha ou acompanhada de alguém que não era de sua rede de relacionamentos, também não utiliza a substância em contextos festivos. Ao mesmo tempo, passa a ser ativa na busca e compra da substância:

Porque eu fumei, talvez, duas ou três vezes na vida com o Joaquim, a partir daí eu comecei a fumar sozinha, tornei-me logo independente ao contrário de todas as outras experiências que eu tenho com drogas na vida, mesmo com o álcool que eu nunca bebi sozinha, posso fumar assim pra cozinhar e beber um copo de vinho enquanto cozinho, mas não bebo sozinha em casa. Só quando com amigos. Foi uma experiência totalmente solitária, portanto, eu já não queria companhia e ia comprar sozinha. Primeiro na mesma unidade do bairro apanhava alguém na rua, ia naqueles sítios típicos de prostituição, abria a janela, muitas vezes aconteceu, muitas vezes quer dizer, não foram, assim, muitas, mas acontecia tipicamente das raparigas dizer: “ eu não vou com mulheres”. E eu dizia: ok, não é isso (risos) não, quero comprar coca, quero comprar base, e “ok, vamos” pronto, portanto, eh mais assim, e muitas vezes eu apanhava alguém na rua e ia comprar, mas também muitas vezes sozinha, ia parava o carro, comprava, ia pra casa.

A partir da primeira experiência, passou a usar com regularidade, sempre aos finais de semana, começando na madrugada da sexta ou na madrugada do sábado e seguindo até ao meio dia ou até as duas horas da tarde. Por isso, nunca utilizou durante a semana, pois seria incompatível com o seu trabalho e com a vida pessoal. Esse uso durou por, aproximadamente, oito meses, nunca tendo se atrasado ou faltado ao trabalho e nunca tendo a vida pessoal perturbada por esse uso. O seu consumo de base/crack variava de 20 a 30 doses, por noite de uso; o custo da dose era de 5 euros e cada pedra/dose dava para cinco ou seis tragadas.

Aprendizado de uso

Em geral, o aprendizado com uso de drogas foi feito na companhia de amigos mais experientes e também através da própria observação de si e dos outros e da troca de informações. O aprendizado do uso da base/crack foi através de seu amigo Joaquim que já era um usuário experiente e lhe ensinou como montar o cachimbo e como fumar. Mas fumou apenas três vezes com ele, pois logo depois ele resolveu interromper o consumo. A partir desse momento, seu uso se tornou mais solitário prejudicando o seu aprendizado com a substância, a comparação dos efeitos que sentia com os de outros usuários, de conhecimento de estratégias para reduzir os efeitos adversos e de como lidar com os efeitos do uso. A esse respeito, relatando que não utilizava nenhuma outra substância quando fumava a base/crack, diz:

Agora que já passou sei...por exemplo, se eu sair, se eu consumir cocaína ou ainda MD em festas, eu fumo maconha pra me manter

calma, portanto, agora percebo que se tivesse fumado maconha seria mais fácil, não é? **Mas eu não via os outros fazerem.**

Também teve um conselho para evitar fazer certo tipo de movimento porque ao fazê-lo, denunciava o seu uso de base/crack a outras pessoas.

(...) também com a prostituta, que eu estava a fazer assim por causa da base de coca (faz o gesto, esticar os lábios para os lados e forçar o maxilar abrindo um pouco a boca e engolir para aliviar a contração muscular após o uso) com os maxilares muito tensos “Tu não podes fazer isso”. E eu tipo, o quê? (Risos) “*Tens que ter cuidado, porque tu julgas que ninguém sabe o que isso quer dizer, mas tu vais pro teu trabalho, tu vais, durante a semana acordas e vais trabalhar e vais pro teu mundo e tu não faz ideia da quantidade de gente que sabe bem o que isto quer dizer. Tu tens que ter cuidado, tu não faças isto porque cá há muita a gente a tua volta que está a perceber o que é e tu não sabes.*”

Contudo, como não mantinha um grupo de uso da base/crack, não teve mais acesso a esse tipo de informação que faz parte da carreira do usuário (BECKER, 1966).

Com quem usava

Todos os seus usos de drogas e álcool sempre foram feitos com o seu grupo de amigos e, a maior parte destes, em contextos festivos. Com a base/crack, ao contrário, foi feito de maneira solitária a maioria das vezes ou com alguma prostituta que também era usuária e que em geral, não voltava a encontrar:

Fumávamos no carro, nunca as levei pra casa porque eu morava perto destas zonas e portanto, nas zonas de consumos de drogas e eu morava sozinha e era próximo do bairro de venda e de outro bairro complicado e, portanto, em uma área em que muitos toxicodependentes passam a pé para ir comprar, portanto se eu conhecesse alguém ali que conhecesse onde eu morava, portanto fumava no carro, quando estava acompanhada, fumava no carro e depois deixava a pessoa aonde ela quisesse e ia pra casa.

Usar acompanhada de uma prostituta lhe dava uma forma de proteção para circular nos bairros de venda e não se expor para efetuar a compra diretamente com os vendedores e para pessoas que a conhecessem e, eventualmente, passassem pelo local e a vissem ali. Além do fato que já chegava a estes locais depois de ter deixado os amigos costumeiros, portanto, já era de madrugada.

Eu saia com amigos à noite, bebia, relaxava e depois saia de onde estivesse e ia comprar sozinha, portanto, e desaparecia invariavelmente dos bares e das discotecas em que estava e das situações em que estava com amigos e desaparecia. E acabava por ir comprar e depois ia pra casa. Consomes e compras quatro [base/crack] depois acaba e vais comprar mais e vais comprar mais. Isso vai até ao meio dia ou até as duas da tarde.

Formas de uso do crack

Utilizava em cachimbos, confeccionados com uma garrafa de água.

Locais de uso

O uso da base/crack acontecia na rua, dentro do carro ou em sua casa. As demais substâncias em casa, casa de amigos, festas, bares.

Uso de crack e interação

Como muda seu padrão social de consumo de drogas, quando não consome sozinha passa a utilizar na companhia de prostitutas cujo vínculo que se estabelece é exclusivo para o uso da substância. A interação com os seus amigos, que são usuários de diferentes substâncias, não se dá quando da utilização da base/crack, pois estes não sabem desse uso e ele só ocorre após o término da noite com os amigos. Em suas outras experiências com drogas, a vinculação com as substâncias se dava através das pessoas; com a base/crack, a vinculação com as pessoas se dava em função da substância.

Joaquim

Joaquim tem 47 anos, de classe média, solteiro, não está em um relacionamento fixo e não se declarou religioso. Tem dois irmãos. Trabalha com tecnologia da informação e não chegou a concluir os estudos universitários. Aos 14 anos, começou a beber álcool e fumar tabaco e charros. Entre os 15 e 17 anos, continuando com os charros, passou a usar hipnóticos (Rohypnol). Entre os 20 e 23 anos, teve um consumo esporádico de cocaína e heroína fumada. Entre os 27 e 30, começa a utilizar ecstasy e MD, em contexto de festas. Entre os 35 e 37 anos, iniciou o consumo da base/crack que fez uso durante, aproximadamente, 10 anos; sempre, nos finais de semana. Parou de usar base/crack há três anos. Atualmente continua com o consumo regular de álcool, tabaco e charros.

Ao responder sobre o seu primeiro contato com drogas, diz:

Eu vivi um... a parte que eu vivi em contato com as drogas, começou tipo 14 anos. Eu vivi numa fase, a fase que eu vivi em Lisboa, foi aquela fase a seguir o 25 de Abril, que foi aquela fase a seguir a revolução e que de repente acabaram as proibições todas. E eu nasci numa geração, diferença de dois anos ali, na adolescência faz muita diferença, então, meus amigos são um bocado mais velhos. Foi uma geração que foi... participou de uma desgraça, que foi tudo abaixo com a heroína, a geração da heroína. Eu lembro, então, onde eu morava... por exemplo no meu prédio tinha o porteiro, um no segundo andar, um no segundo esquerdo, teve mais outro direito, mais um do quarto, todos agarrados⁶² a heroína, alguns deles morreram. Eu com 14 anos já tava a fazer, já os ajudava a fazer garrotes pra eles.

Nessa mesma época, aos 14 anos, iniciou os consumos de álcool, tabaco e charros, com dois amigos da mesma idade e com dois mais velhos que já estavam *agarrados* à heroína.

Então, eu lembro de estar a fumar o primeiro charro, os três de mãos dadas repetindo: “ **Nunca vamos ficar agarrados como eles, nunca vamos ficar agarrados como eles**”. Porque essa geração dos anos 80, finais de 70, 80 foi tudo, em Lisboa, foi tudo atrás da heroína, uma desgraça. Porque nessa altura em Portugal, quase não havia coca, quase todos são heroína, heroína, um bocado de ácido, mas mais heroína, pá pronto.

Entre os 15 e 17 anos, continuando com os charros, iniciou o uso de hipnóticos como o Rohypnol, usos a que se refere como “*uma maneira de tomar coisas estúpidas*”. Aos 17 anos, a família se mudou de Lisboa e, na nova cidade, manteve o uso dos charros e, entre os 20 e 23 anos, iniciou um consumo esporádico de cocaína e heroína fumada. O primeiro consumo dessas substâncias foi oferecido por um amigo e um traficante de quem tinham ficado próximos:

Eu e um amigo íamos num dos bairros de maior tráfico, da cidade, aí nós tínhamos a mania...de nos darmos com as pessoas do bairro e de conhecermos como é que as coisas funcionavam lá dentro, não sei que, e pronto, e conhecemos um e outro, os dois melhores dealers⁶³ de lá e íamos a casa deles e andávamos na onda sempre de charros, os pais já nos faziam almoços, sei lá, convidávamos pra sardinhas. É quando um deles com um amigo meu é.... me dá coca e heroína, heroína fumada dos chineses, daí eu a primeira vez, pá, eu não gostei da droga,

⁶²Semelhante a ficar dependente.

⁶³Traficante de drogas.

até que vomitei, não gostei, e esse amigo meu José, gostou. E o que aconteceu, depois mais pra frente, ficou completamente agarrado, numa história do caraças. Daí eu mantive, fui mantendo sempre os meus consumos na base dos charros, sempre fumo charros, os meus amigos começaram a consumir um bocado, consumo de heroína, uns mais outros menos, aí a cena de heroína, eu fumava de vez em quando, mas nunca foi, nunca foi a minha...minha droga, e passei mais ou menos incólume esse período, isso foi dos 23 aos 30 ou seja.

Esse período que abarca os anos de formação escolar é marcado por várias reprovações por faltas e não comprometimento com estudos, mas não atribui esse comportamento ao uso de drogas, mas aos valores do seu grupo de amigos que estabeleciam maior prestígio a quem causasse mais perturbações ao ambiente escolar:

Parte dos estudos começou logo descarrilhar, a partir do nono ano, em Lisboa, como só fazíamos asneiras, e só voltando pra trás nos estudos, hã... Aquela fase que nós estávamos em Lisboa a ideia era quem conseguisse fazer mais merda, na escola, é que era o maior. E nós fazíamos coisas bestas, desde fechar os professores dentro das salas, pegar fogo aos cortinados das salas d'aula, fazer bombas, como as bombas de carnaval, cá em Portugal. Então, uma vez desfiz 50 bombas dessas, fiz uma bomba grande, mandei no corredor, já sem ninguém, foram os vidros todos ao ar, caiu um candeeiro enorme no chão, pá, só fazíamos.... Havia uma altura que também ... havia em Lisboa o RP25, que era um grupo revolucionário, portanto, que tava organizado que, às vezes, reivindicavam alguns atentados, então, nós ficávamos todos a telefonar pra escola e dizia que havia uma bomba, não sei aonde pra acabar com as aulas. Só fazíamos merdas dessas, faltar as aulas, então, eu comecei a chumbar logo no décimo ano, aliás, no décimo ano, quando mudei de escola e quando tive nota. Depois mudamos de cidade e continuei, chumbei, cada ano fiz dois, e depois ainda consegui entrar pra universidade, mas também não fazia nada, ainda por cima era privado. Aí meus pais disseram que não pagavam mais.

Com a falta de patrocínio dos pais para pagar a faculdade, deixa os estudos e começa a trabalhar, mantendo os seus consumos de substância aos finais de semana:

Mas sempre com aquela cena dos consumos exagerados ao fim de semana. Depois começou a vir a fase de... após 30, perto do ano 91/93, a fase das pastilhas, do Ecstasy e das festas, não sei que, essa foi outra fase diferente, que comecei a consumir mais em festa, em fim de semana, mais ou menos tranquilo. Mas a coisa também era sempre na base de trabalhar durante a semana e tipo sexta-feira até domingo sempre, sempre a consumir.

Relata que, mesmo o uso dos charros, se dava mais nos finais de semana, com raríssimas exceções, porque não gosta de usar qualquer tipo de droga sozinho:

(...) nem sou a pessoa de fumar charros sozinho, além de não gosto muito de consumir droga sozinho. Nunca fui muito de... nunca fui muito aquela pessoa que vem cá fora fumar charros sozinho só pra ficar chapado, não sei porque.

Aos 30 anos, passa a ter consumos esporádicos, e nunca seguidos, de coca aspirada e de base/crack. Entre os 35 e 37 anos, passa a fazer uso regular de base/crack, mas não sabe precisar direito quando e porquê:

Nem tô a ver bem por causa desse dia.... [a noite anterior a entrevista]. Basicamente, as coisas começavam... já tinha experimentado mais que uma vez, esporadicamente, o crack com os amigos, mas, tipo, fumar um e não, tipo, tá uma noite seguida a fumar. Experimentar, fumar um caneco e pronto. Mas depois o que acontecia, começou a acontecer e não tô bem lembrado... nem tenho presente quando é que foi a primeira vez que fui comprar sozinho, todas às vezes que experimentei, foi alguém que me deu. Mas basicamente os consumos típicos eram estes, saia com meus amigos daqui [não usuários de base], usava dois ou três copos [álcool] e chegava uma certa altura, de repente, vinha assim uma espécie de clique qualquer, "Vai", até que não via nada a fazer. Despedia-me deles, também despediam, saia de fininho procurar, mas já tava aqui dentro da cabeça, entrava no carro, bairro, pá. Depois era... se tivesse 100 euros eram 100, se tivesse 500 eram 500, se tivesse 1000 eram 1000. [Estes valores corresponderiam, se fossem doses de 5 euros, a 20, 100, 200 doses.]

Mesmo quando aumenta o consumo e a regularidade, ainda assim, o mantém circunscrito aos finais de semana:

A cena era essa, era quando saia, ao final de semana. Era ao final de semana, depois os consumos eram sempre, viciados a sexo, queria sempre ter com alguém, com uma gaja qualquer ou pá, este alguém que tivesse a consumir lá, que quisesse também tá a consumir comigo, desde uma prostituta, seja o que for, mas era sempre viciado a isso.

Aos 42 anos, aproximadamente, durante um período em que fica três meses sem usar base/crack, experimenta base/crack e Speedballs (heroína misturada a cocaína) injetável. Depois, volta a usar base/crack por mais quatro anos e, após esse período, decide interromper o uso definitivamente. Isso já dura três anos.

Explicando o que buscava com o consumo de drogas, diz:

Eu acho que sempre tive um bocado atração por um... por esta história dos estados alterados de consciência, do fora do normal. Acho que sempre tive, desde que... se calhar era um bocado aquela atração como a pessoa que começa logo a ter em miúdo de ver os filmes, depois se calhar fica um bocado enraizada.

Acrescenta que: *“mas acho que sempre foi essa atração pelo... em busca dessas experiências, um bocado pelo perigo que pode estar implícito nessa busca.”* Sobre o perigo, explica: *“Sim, pá, passar dos limites.”*

Aprendizado de uso

Se deu com amigos que já usavam, mas sem grandes explicações.

Com quem usava

Chegou a usar com amigos e depois passou a usar com prostitutas ou com alguma mulher usuária que estivesse nos locais de venda e quisesse usar com ele.

Formas de uso do crack

Cachimbo em copo plástico.

Locais de uso

A base/crack, no carro e em hotéis. As demais substâncias na casa de amigos, festas, bares.

Uso de crack e interação

Sempre utilizou acompanhado, com raras exceções, tinha uma especial predileção para associar o uso de base/crack com sexo. Por isso, quando não conseguia encontrar uma usuária, nos locais de venda, que quisesse ficar com ele, pagava uma prostituta.

EFEITOS CRACK/COCAÍNA

Quando se lê sobre os efeitos do crack, em diversos estudos acadêmicos, eles se referem à rapidez com que ocorrem, a fissura (forte impulso pelo seu uso) que leva à compulsão do uso e ao sentimento persecutório ou *nóia* que se instala. Efeitos que podem ser percebidos por sua exterioridade. Mas pouco ouvimos sobre como esses efeitos são sentidos/percebidos pelos usuários quando relatam suas experiências mais íntimas ou como os usos se misturam com a história de suas intimidades, ainda que influenciados pelo contexto social e o cenário no qual a droga é consumida. O que se passa entre o sujeito, a substância e o contexto, o resultado dessa interação e os sentidos a ela atribuídos são anteriores aos efeitos listados nesses estudos e motivo para a repetição do uso.

Com o objetivo de tentar compreender essa interação, pedi aos interlocutores que tentassem descrever como sentiam os efeitos. Para facilitar a descrição, também propus que comparassem com os efeitos da cocaína e do mesclado, quando esse foi usado.

Diferença dos efeitos do crack e cocaína:

João explica que:

É que ... na sensação... é que, assim, o crack eu acho que ele é uma droga mais solitária, você quer fumar e você fica na sua nóia ali, a farinha já é mais sociável. Então você cheira, e você consegue fazer suas coisas do dia a dia, sem que os leigos percebam, porque quem usa acaba percebendo alguns tiques ou toques. Mas ... e você acaba tendo um desempenho melhor, porque você pensa mais rápido, você consegue falar mais rápido. Então, tem muita gente que usa para trabalhar, inclusive por isso, porque é uma droga socialmente não tão descarada quanto uma maconha, que você chega fedendo, com o olho vermelho, entendeu? Ou um crack, que você chega tipo...porque o crack querendo ou não, quando a pessoa começa a usar, você percebe no jeito de falar, no jeito de andar, no jeito de se movimentar, assim. Você consegue perceber, entendeu?

Diferença dos efeitos do crack e mesclado:

Essa euforia, a euforia que dá ehh... ela é muito maior. Porque querendo ou não, com o mesclado você mistura com a maconha, então ele dá aquela quebrada, dá uma estabilizada. Então, você fica naquele meio termo. Na lata você fuma, os primeiros 30 segundos, vai vamo chutar uns 30 segundos, é aquele ápice enorme, passou os 30 segundos, ela

abaixa e aí você quer chegar nesse ápice de novo, isso que faz você querer ir buscar uma outra pedra. Só que a partir da terceira, quarta pedra, esse ápice é mais difícil de ser alcançado.

Descrevendo o que seria esse ápice, em termos de sensações corporais, diz:

Olha parece... puta... parece ó.... vou comparar uma sensação assim, quando eu fui assaltado, por exemplo, que é quando o cara chega com a arma, sobe aquela adrenalina que dá aquele frio na barriga que vai subindo da barriga até o peito e dá aquele acelero, parece isso. Que dá uma euforia, que parece que você não vai aguentar dentro de você. Era isso que me dava quando eu usava pedra, e era isso que eu sempre buscava sempre que eu ia fumar a pedra, esse ápice, entendeu?

Adriano diz que o crack, para ele, tinha um efeito de relaxamento, principalmente para os efeitos da cocaína que, segundo ele:

Apesar de que ainda é o mesmo princípio, a cocaína me deixa muito falante (...).Acho que a cocaína é uma droga que te deixa hedonitizado, falando muito. E quando se usa muito você fica secado⁶⁴, lógico, você fica...olhando para todos os lados...fala baixo, chiiii, ôoo, não sei que lá. O crack era uma droga que eu usava pra me relaxar da cocaína.

Com a cocaína, sentia-se com energia para fazer tudo:

De você fazer o que você quer na hora que você quer. Assim, não desrespeitando o espaço do outro, mas como você pode, você pode. Eu acho que... até sexualmente dizendo, você fica mais bonito, você fica...mais ehh...você fica mais confiante.

Já com o crack:

O crack era uma droga que já me deixava numa boa, não como a maconha. A maconha me deixa muito pensativo, **o crack me fazia parar de pensar**. Tipo acabava ...**ah tem que fazer...bom agora não, agora eu tô no meu momento**.

Diferença dos efeitos do crack e mesclado:

Para ele, a diferença era de intensidade; mas, em princípio o efeito tranquilizador se mantinha:

Então, sempre o crack tem uma sensação, desde a época dos mesclados, dos primeiros mesclados que eu fumava, era uma coisa que me deixava bem tranquilo. Eu... teve uma viagem, a melhor viagem que

⁶⁴Secado igual a bicudo: estar super estimulado pelo efeito da cocaína, sentindo seus efeitos de forma intensa.

eu tive com pedra, foi uma vez na estrada, com esse meu brother, dirigindo e eu bem (...), na pedra, e foi uma curva da estrada, juntos, aquela coisa de momento bonito da viagem, assim, saca? Aí, passou, fiz a curva, voltei bonitinho, nossa que legal que sensação bacana.

Gabriel, descrevendo os efeitos sentidos com relação à cocaína e ao crack/mesclado, comenta que se sente diferenças, entre um papel de cocaína e outro, devido às diversas substâncias que são agregadas a droga. Dessa forma, pode-se cheirar cocaína e *“você fica ruim, acelerado, outras você fica bem e contente e alegre, entendeu? Depende muito assim, porque são muitas misturas”*. Com relação ao crack, percebe que, dependendo de onde se compre, se consegue uma pedra mais forte do que a outra, *“mas a brisa é muito parecida.”*

Sobre os efeitos do crack/mesclado:

Então, acho que a sensação é mais o gosto, o gosto é bom e ele parece que **anestesia um pouco o cérebro**, assim, então cê sente um... anestesiado na hora, assim. Passa um pouco rápido e tal, mas você **sente anestesiado na hora e é uma sensação boa, assim, você fica relaxado** e não quer conversar com ninguém, quer ficar na sua, fala mais baixo, fala mais silencioso, você fica meio travado assim. (...) você fica mais quieto, você fica... o pensamento fica mais introvertido, assim. Então, tanto que fumava eu e um amigo, dois amigos no máximo assim, no rolê que eu fazia e com esses amigos a gente até brincava. A gente falava assim, a gente ia fazer o corre sorrindo, brincando, e conversando, a gente voltava todo mundo quieto no carro, de boa porque já tava na brisa então, tava todo mundo quietinho, falava baixo e tal, ficava... Dá meio que uma paranóia assim, você fica preocupado com as coisas e tal, com polícia com gente na rua, cê fala: “Vamo pra lá ficar sozinho num canto que ninguém veja a gente, e tal.”

Ainda sobre o efeito, acredita que esse seja mais físico porque:

O que eu mais gosto não é nem da sensação que o corpo traz, não é nem da... do jeito que eu fico, o que eu mais gosto é do gosto. Do sabor mesmo, e de fumar mesmo, assim, de tá fumando aquilo com aquele sabor, assim. É o que mais me apetece, assim.

Questionado sobre esse sabor, descreve:

Dizem que tem... é tem um cheiro de borracha queimada (risos). É verdade. Pneu queimado é mais ou menos o mesmo cheiro, assim, é bem parecido. Esse gosto, eu não sei, me apetece assim. (...) E adormece a língua, adormece a boca, eu gosto, assim, da sensação, eu acho bom (...). Sinto cheiro de pneu queimado, na rua, eu lembro do crack.

Comparando o efeito do crack e da cocaína descreve:

Se eu pudesse desenhar a pilha do crack e da cocaína, acho que seria isso mesmo. A pilha do crack ela vem, e entra em você e você sente aquilo. A cocaína na hora que você cheira, você já.... uma combustão pra fora, assim, você fica com o peito aberto, o crack não, você abaixa o ombro, já fica de boa, a expressão corporal já diz isso daí, também. A cocaína você já fica com o peito aberto, sai na rua, você tá confiante e tal, é bem diferente, totalmente diferente. Apesar de vir do mesmo lugar, assim.

Para Diogo, os efeitos do crack lhe proporcionam uma sensação de bem-estar que é sentida corporalmente como se se espalhasse pelo corpo:

(...) quando eu comecei a tirar as conclusões de que que era a loucura do crack pra mim, eu lembrava de quando eu fumava, sentia vindo aqui ó. [Quando descreve a sensação do crack, estica os braços mostra como sentia a energia chegando nos braços, no corpo.] Eu conhecia literalmente sentir tipo chegando a coisa aqui ó, fazia... nossa eu lembro de fumar.... É como se chegasse no....como se eu sentisse espalhando no corpo, sabe? Uma sensação de bem-estar assim.

Outro dos efeitos do crack é uma sensação de aceleração mental, de que os pensamentos ficam mais rápidos:

(...) como acelera a cabeça, você consegue pensar muito mais coisa, você consegue tirar conclusões. E tira conclusões a... é... eu acho, também, umas das coisas de fazer eu não usar tanto é que eu ti... tirava muitas conclusões sobre o próprio uso. Falava: “não, se eu fizer isso daqui...”. Tinha uma coisa que eu conseguia fazer era meio que me projetar falando assim: “se continuar desse jeito vai ser ruim, não sei que lá”, isso me dava o controle.

Os momentos em que usa o crack sozinho também é apreciado porque fica com os próprios pensamentos acelerados fazendo muitos planos:

(...) mas é isso, é cê vai usar sozinho e cê vai... e vai andar, usar e caminhar é gostoso pra caramba. Cê fica ali pensando, fica pensando um monte de coisa, cê vai... é, é... pro... mexe muito com meus pensamentos, fica falando com pensamento acelerado, tem um monte de ideia, tem um monte de coisa, um monte de plano.

Uma relação que considera uma vantagem do crack com relação à cocaína é que com o crack consegue dormir:

O crack tinha uma vantagem maior que a cocaína, que é o.... eu não sei se é porque a cocaína é em pó e fica no corpo da gente, mas com crack sempre foi muito mais fácil dormir. O crack... talvez porque seja fumaça é absorvido de uma vez, é eliminado de uma vez, não sei, não sei qual que é o processo químico. Mas a cocaína me prejudicava muito nisso, às vezes, eu usava e ia dormir, tipo cheirava um papel, ia dormir, ficava nossa, 6 horas na cama virando assim, ia dormir na última hora. Amanheceu tinha que acordar daqui a uma hora e conseguia pegar no sono e era horrível. O crack não, se acabasse duas da manhã, duas e meia eu conseguia tá dormindo.

Um efeito buscado por ele não está necessariamente na substância, mas no que representa a sua utilização. Várias vezes mencionou que busca uma quebra da rotina:

E tinha vezes que achava legal, “hoje vou fumar uma pedra”, porque é... por várias razões, sei lá, às vezes, eu queria mesmo só pra poder fumar uma pedra, falar: “puta fumei uma pedra”, talvez mais pra botar na minha cabeça, sei lá, que não tinha esse problema com moral, sei lá. Porque eu nunca tive vontade de fumar pedra e falar: “Nossa eu preciso, vou, vou....”, sabe?

(...) Era muito mais a questão de, sei lá, “hoje eu vou fazer desse jeito, quero fazer um negócio diferente”. E eu preciso... já tinha a necessidade acho que eu tenho é sempre de, de buscar esse negócio diferente assim. Às vezes, puxa, falar tá tudo normalzinho na vida, eu fico, puxa, eu trabalho... eu acho meio maluco isso, eu acho que é de qualquer ser humano, mas alguns, algumas pessoas percebem mais isso que tá acontecendo. Eu trabalho 15 dias, eu fico meio doido, eu falo: “meu eu tô fazendo tudo muito certo”, aí eu preciso, sabe uma coisa... éhhhh e é isso aí, eu vou.... A cocaína tem muito disso também, às vezes, eu vou nos lugares, “nossa tá tudo muito, sei lá, tá tudo muito, tá todo mundo muito...”, puxa eu falo: “vou ficar diferente, quero usar” e sei lá.

Os efeitos da cocaína, de que gosta, são descritos como:

Tem algumas partes né, o primeiro efeito do primeiro tiro, que é eu gosto, que é o da sensação de bem-estar, que é aquele efeito de você subir né, você... você sobe um pouco... a coisa, você fica esperto com as ideias, você acha que as coisas vão dar certo, você consegue desenrolar as coisas com mais facilidade. A primeira sensação da cocaína parece muito com a do ecstasy pra mim, que me dá um bem estar gigantesco e me faz promover, a conseguir tá ali, fazer as coisas, tá cá, conversar com... estar no.... sabe, estar fazendo as coisas.

Fernanda, solicitada a descrever o efeito/prazer da base/crack, relata:

Não consigo descrever muito bem. É, portanto, a primeira baforada que tiras de uma pedra de base queimada a sensação é de prazer físico. Você não consegue explicar o que é que sentes. Não sentes.... Não, não é uma sensação, assim, que se possa definir bem porque não se parece com nada que...eu conheça. É de prazer mesmo e ficas por alguns minutos com uma sensação de prazer físico muito intenso e não consegues estar com mais gentes a comunicar e a falar porque estás concentrado nisso.

Solicitada a comparar com o efeito/prazer da cocaína, diz:

Não tem nada a ver. A cocaína dá um...um ligeiro, uma ligeira sensação de euforia, de bem-estar, mas não é prazer físico, é bem-estar, autoconfiança. Dá vontade de falar, de conversar ter conversas inteligentes (risos). A música soa melhor dá mais vontade de dançar, dá um prazer dançar, a música soa bem, as coisas fluem bem, as pessoas parecem bonitas. A pessoa sente-se bonita, portanto a integração flui, não há cansaço, portanto. E é uma experiência de várias horas ou algumas horas. Mas é de algum tempo, não há necessidade de estar sempre a cheirar cocaína pra estar assim, portanto, dois ou três riscos⁶⁵ numa noite chegam e sobram, né? Um risco no início da noite já dá para as coisas fluírem bem e depois ir-se para casa, a sensação é tal de intensidade e se bebo não fico alcoolizada, nunca fico, posso beber uma noite inteira, nunca tenho a sensação de ter bebido demais.

Já com a base/crack, a sensação é quase oposta:

E com a base, não tem nada a ver com isso e, portanto, é consciente também como a cocaína, portanto o álcool...se você tiver bebido álcool, fica sóbrio automaticamente corta o efeito de... anestésico do álcool e de confusão mental do álcool cortas, fica sóbrio e depois o prazer é físico e não há moca no sentido do álcool e no sentido hashishi. Está-se muito consciente, com uma consciência quase aguda, não é? E sempre acompanhado de culpa por causa do consumo, quer dizer no meu caso, mas eu penso que o Joaquim também era assim. Há uma sensação de culpa por causa do consumo, por causa da compulsão ao consumo, portanto é uma coisa que nunca dá tranquilidade. A tranquilidade que se tem são três, quatro, cinco minutos e acabou ali, portanto, uma pedra não dá para várias vezes e a sensação de prazer é de cada vez que se puxa o fumo e para, senta-se por uns minutos e volta-se a fumar, senta-se a esperar mais uns minutos. E uma pedrinha não é, custa 5 euros dá pra cinco ou seis puxadas, não é, baforadas. Mas é isso, é uma...eu por exemplo ficava sempre deitada, portanto, a sensação é de relaxo físico e depois estar deitada e não apetece mexer,

⁶⁵Semelhante a tiro: quantidade de cocaína utilizada em uma cheirada.

não é? Ao contrário da coca que fica com vontade de a dançar e, muito diferente.

Indagada se poderia descrever o que era o prazer físico que a base/crack dava, descreve:

Isto é difícil de explicar mesmo, o que é o prazer físico. O prazer físico é uma coisa difícil de definir. É uma descarga de prazer, lembra como um orgasmo, que provavelmente é a coisa do prazer físico, melhor não sei, não é a mesma sensação, mas se for é algo como isso, embora não seja isso, não é? Mas é algo como isso, é uma descarga de prazer físico e muscular mesmo, que vai até a ponta dos dedos, até a ponta dos dedos dos pés, você tem como se fosse uma sensação de relaxo, de calor, de ondas que percorrem o corpo todo, assim, muito rapidamente. Sem esforço, gratuito com a base. Por exemplo, o MD, o Ecstasy, o Hashishi, Heroína não sei, dão um certo trabalho para a moca entrar, dá um certo trabalho. Eu acho que é aquilo das carreiras desviantes do Becker, não é? Nós temos que aprender como é que é a moca e depois, às vezes, fumamos demais ou cheiramos demais outras vezes cheiramos de menos. Mesmo com o MD acontece muito isso de saber qual é a dose certa, é uma coisa muito difícil. Porque se for de menos as pessoas não se mexem vão ficar cheias de sono se for demais podem ficar alteradas e nervosas. Há sempre aí um jogo entre a quantidade certa ou ir fumando um charro pra dar...não é? Tipo não parar, mas, no tempo, quando se toma MD é preciso manter-te em movimento, não é, sabes, pra que tudo corra bem, para que se tenha a moca dá trabalho. A base é uma moca gratuita, não precisas de esforço nenhum (risos) fuma-se não tens que.... Estás completamente consciente, psicologicamente lúcido. Uma lucidez muito grande e gratuito. Pra mim é a definição do prazer gratuito, não é? Mesmo no orgasmo tens que trabalhar para a sedução da pessoa, tem as preliminares, tem toda uma troca e interação afetiva e pronto, tudo bem, tem mesmo. Gratuito.... Acho que isso é o grande pró da base, talvez é por isso que as pessoas ficam pegadas.

Joaquim, sobre o efeito da cocaína e do crack, diz:

A coca é capaz, com a coca é capaz de ser mais físico, uma coisa se calhar mais bruta, mais é.... como encontrar as palavras... com coca se calhar tu consegues intensificar mais as tuas capacidades físicas, um bocadinho mais que isso. Agora com crack é diferente, não é isso...

O crack é adrenalina pura, pra mim, não sei como é que os outros descrevem, mas é sempre uma descarga de... corpo todo. Uma pessoa fuma, ao menos no meu caso, quase que prende a respiração, e quando expiro parece que sai uma descarga quase de eletricidade, assim, pelo corpo todo abaixo, e se tiveres a fumar e fazer sexo ao mesmo tempo, então é assim...

Ainda sobre os efeitos do crack, achei interessante trazer as descrições feitas por dois interlocutores que não tomaram parte da pesquisa por estarem fora do padrão de uso controlado, mas que trazem uma descrição bastante detalhada sobre os efeitos que sentiam.

Carlos descreveu o efeito e a sensação corporal como:

Olha, eu acho que é uma letargia, sabe? **Hum... é como se desligasse do mundo, assim... Que, quase como se fosse uma espécie de meditação espontânea, assim, sabe?** Que ali eu tô, por algum momento só eu importo, né? Eu não fico prestando atenção na minha respiração, né? Não é essa coisa, mas no sentido de estar focado num único ponto é... E ... Acho que é isso, assim, que... Que mais chama atenção... E, aí porque depois que começa a prestar atenção no que que os outros estão fazendo e quem é que tá vindo e.... Tá vindo gente de cima, de baixo, sei lá o que, aí já é depois quando você tá precisando de mais... Porque naquele momento mais sublime, é isso... **É... É o êxtase né? É.... é aquela coisa que.... Na hora que cê inspira, né? Cê fala: “tô bem...”** Mas isso passa muito rápido e deixa uma lacuna, né? E... De que preciso disso de novo, e nunca é igual. O segundo trago não é igual o primeiro, né? E assim sucessivamente.... Mesmo jeito que falam que, se eu for usar hoje eu to querendo recorrer aos efeitos que tinham lá no começo, quando comecei a usar, acho que parte da mesma coisa assim, com o primeiro trago em relação ao segundo, só que, é a escala da hora, né? Eu comecei agora, então o meu próximo eu vou querer fazer remissão ao meu primeiro, só que, não vou conseguir, vou continuar tentando. É por isso que eu acho que, parece assim que dá uma pane assim, tipo uma meditação, né? Do....do que se diz ser um nirvana, por exemplo... Só que é uma coisa química né? Induzida, então... É.... é inevitável que, não tem de dizer assim: ah eu faço.... Eu fiz assim porque eu queria me mutilar, não, eu queria prazer, em nenhum momento eu pensei: *“ah eu não gosto de mim e vou lá me prejudicar, né...”* O raciocínio era o contrário, era: eu gosto de mim e eu preciso, né? Da melhor forma, que eu acho, que vai me dar prazer. Hoje eu sei que é um tremendo perigo pensar isso, mas era isso... Pensamento recorrente era esse, né? De... de que eu precisava viver nesse êxtase, né?

Ricardo descreve o prazer do crack como:

É um prazer assim, na hora que a gente tá na fumaça, né? Segura por um tempo, aqueles 10, 20 segundos em que você tá segurando a fumaça, você só faz uma pressão, tem uma pressão no seu corpo, entende? Quando solta, a impressão que você tem é que sai todos os monstros assim, todos, todas as questões do mundo saem daquela fumaça e o corpo assim... é eu ficava arrepiado na época, como se fosse

prazer de toque assim, mesmo assim, eu sentia como se fosse um... é toques no corpo, né? Nas áreas do sexo assim, e aí eu sentia esse arrepio né, eu sentia que na hora o meu ouvido... ele já passava a ouvir, eu não sei... muitas vezes eram coisas, muitas vezes eram... eu ouvia quarteirões de distância e dava uma percepção da minha volta muito grande. E todos os vasos, todas as áreas aqui da respiração, nariz, boca, meio que desobstruía assim, sabe? Limpa assim, aquela coisa assim, inclusive depois começa a escarrar, () vai acumulando aquilo, aquela secreção tudo; a impressão que eu tinha é que ela se juntava tudo na garganta, eu eliminava ali na hora da cuspidinha. Depois assim, eu assim lá na região do pênis ali, aquela contração mesmo de tendo um prazer sexual e chegando mesmo assim ao... eu sentia que saía do pênis, uma... o sêmen assim, eu sentia que eu tava tendo mesmo de pau mole. Eu sentia ali aquela coisa do corpo assim tomando conta, eu sentia esse prazer sexual. Os pés assim, sentia uma leveza nos pés e meu corpo parecia um corpo que não tinha carne assim, eu sentia um vento nos ossos, muito assim, muito louco assim, como tivesse ventando. E a boca esticava, dava aquele gosto né? Um gosto muito prazeroso assim do crack, aquele gosto da cocaína na língua, assim amortecia toda essa parte, eu não sentia a boca, eu não sentia a língua. Inclusive eu tinha o hábito de morder os lábios, ranger os dentes, né? Era aquela, era uma mistura de aflição com tesão, o tempo inteiro, aflição e tesão, aflição e tesão. Isso numa potência que eu não sei descrever careta, só, só usando pra te falar como é que é, que o negócio é foda. É fodaço assim, é.... é delicioso, é o que eu queria fazer a vida inteira assim, de todos os dias. Eu queria, eu queria sentir isso de manhã, de tarde, de noite; eu queria sentir aquilo pro resto da vida, entendeu?

Apesar de relatar, como efeito, sentir sensações de prazer sexual, revela que as relações sexuais levadas a cabo, nesse estado, não foram prazerosas.

Analisando os efeitos buscados na cocaína aspirada e no crack, podemos dizer que a cocaína é uma droga para os outros (performance social) e o crack é uma droga para si (introspecção). O “sair de si” do crack é um encontrar-se consigo mesmo. Redescobrir o próprio corpo e sentir prazer com ele.

Pelos relatos, a continuidade do uso, é motivada pelas sensações e experiências percebidas como prazerosas e que façam sentido para a pessoa em seu momento de vida. Como demonstram os relatos de Adriano e Joaquim que, nas primeiras vezes que utilizaram o crack (mesclado) e crack (puro), não ficaram interessados. Adriano havia fumado mesclado uma vez, em 2002, não se interessou e não voltou a usar. Voltou a usar em 2004, mas também não despertou interesse:

E aí um belo dia depois de... acho de uns dois anos, já conhecendo o cara, conhecendo a família dele inteira, já era amigo de ir em casa assim, fazer balada juntos, viajar; a gente começou a fumar um mesclado. E aí, eu tinha fumado uma vez, numa festa, com esses outros amigos meus mais antigos, mas nada, foi uma vez também não interessou, dessa vez também que eu fumei... uma coisa que também não interessou.

Em 2005 teve um uso de 15 em 15 dias, com esse amigo. Só a partir de 2006, em um contexto de muito trabalho, pouco sono e aumento do uso de cocaína, passou a usar a pedra pura em companhia de outro amigo. Sobre a experiência da pedra na lata, diz: *“Eu gostava da lata, acho que a lata dá a sensação, a potencialidade total.”*

Joaquim, relatando sobre a primeira vez que fumou a base/crack, diz:

Estou a lembrar de uma vez com.... nunca... tô aqui a lembrar, deve ter sido uma das primeiras vezes, que eu fumei base, foi um amigo meu que me deu e eu nunca mais quis experimentar depois, durante uns anos. E não me lembro de ter achado nada de especial, mas agora ponho-me a pensar que se calhar ou não soube fumar ou ele não me soube dar bem. Porque eu acho que a sensação não foi nada de especial.

João havia fumado mesclado com seus amigos e gostado da experiência, mas a cocaína lhe despertava mais interesse, na época:

Comecei a fumar, gostei, mas não era uma coisa que era diariamente, era esporadicamente. Não foi uma coisa que me fez dependente, como a farinha fazia. Porque muitas vezes eu pra sair, pra ir num barzinho, eu queria cheirar, a pedra já não era assim. Porém uns amigos ficaram fazendo comigo isso, então era sempre aquele mesmo grupinho, e a gente fumava sempre que dava.

Depois de um período de uso, seus amigos começaram a fumar ciclado (tabaco com crack) e crack na lata:

Porém uns amigos meus quiseram começar a fumar ciclado, que é o cigarro [de tabaco] com a pedra. Eu experimentei, fumei algumas vezes, não gostei muito e sempre quis fumar mesclado. E aí esses amigos que começaram a fumar ciclado, e começaram a fumar na lata. **Experimentei, gostei, vi que era muito bom; porém eu tive a consciência de pensar e falar: “Meu, isso é perigoso.”**

Por esses relatos, pude perceber: do ponto de vista dos efeitos, o uso que não desperta interesse nas primeiras utilizações não motivará a repetição da prática. Também pude observar que, a ser continuado o uso, para acompanhar os amigos, o

maior contato com a substância e com a repetição das técnicas de uso proporcionam melhor percepção dos efeitos e esses passam a ter sentido. Ainda assim, o consumo pode não ser continuado porque fatores subjetivos, influenciados pelos contextos sociais, interferirão na sua continuidade. Ou como diz MEDEIROS (2015):

Embora nos manuais médicos os efeitos sejam muito bem explicitados e homogeneizados, na vida do indivíduo eles podem variar de acordo com as condições físicas e emocionais, com o lugar de uso, a pressão ou ameaça que o indivíduo pode sofrer, a proteção e apoio do grupo, as condições climáticas e pela qualidade, quantidade e diversidade da droga. A droga, enquanto uma substância, é um componente a mais que Romaní (1999) apresenta como somatória constituída do produto-personalidade-momento sociocultural. Ou seja, o efeito das drogas (produto) varia de acordo com o indivíduo (personalidade) em um determinado contexto sócio, histórico e cultural, estruturado pelo entrelace de valores, normas, rituais, percepções, expectativas, experiências individuais e grupais no cotidiano. Assim, os componentes subjetivos que estruturam a vida de um sujeito, os significados de determinada droga e de seus usos são construídos através do conjunto de mecanismos socioculturais, das relações que o indivíduo estabelece com os personagens que compõem seu universo em um determinado lugar e momento histórico. (p. 314).

Sobre as diferenças de efeito da mesma substância:

Gabriel, comentando sobre os efeitos da cocaína, relata que:

É, aí depende, tem cocaína que, às vezes, você cheira e quer ficar em casa, dentro de casa, não quer trabalho nenhum, porque bateu a brisa de você de ficar em casa, sozinho ali, não tem que tá junto, sem fazer nada, assim, não quer sair, entendeu? Depende muito a cocaína muda de uma droga pra outra, de uma mistura pra outra.

Cocaína muda muito de uma pra outra, então você cheira a mesma cocaína, você fica ruim, acelerado, outras você fica bem e contente e alegre, entendeu? Depende muito assim porque são muitas misturas, assim. Agora o crack é uma droga que... muito, tem uma mais forte que a outra, cê vai numa favela comprar, vai na outra, é uma mais forte que a outra, mas a brisa é muito parecida, assim.

João, sobre a pedra de crack mais trabalhada:

Então, eu buscava nas favelas da zona sul, que é uma droga mais... vamos dizer ... não, mais trabalhadinha ali, com um gostinho melhor, por que ... pra ganhar o público justamente. Acho que é um público, que

querendo ou não, acaba sendo mais seletivo. E então, só pegava de dez, e era sempre uma, a gente dividia entre os três, mas assim, uma em um cigarro [de maconha].

Diogo relata:

Tem aqui já crack, já pasta é misturado, eles quebram de novo e cozinham de novo. O cara tava me falando lá, que é um dos cara que fazia o corre falou, eles pegam o crack, eles botam lá numa panela, misturam com água mais alguma coisa, pra dissolver, que nem um quilo de crack do jeito que vem, os cara faz dez quilos, sabe? Aí vai ficar na mesma forma, fica na forma do crack, fica lá e os cara só quebram, meu sabe? Eles cozinham, exato. Cozinham com monte de água deixa o negócio virar um fervão, vira um negócio, um negócio que era assim vira um negócio assim [fazendo gesto com a mão para demonstrar o aumento de volume], sabe? O cara fez uma bacia de crack. E aí cê achando que é forte, o pessoal, você não, o pessoal achando que é forte, né? No final, tudo... esses problemas do capitalismo. A gente não consegue nem se drogar com qualidade, nada tem qualidade mais.

RELAÇÕES SEXUAIS COM CRACK, COCAÍNA E MACONHA

As relações sexuais, com uso da cocaína, nem sempre são sentidas como prazerosas. As sensações podem variar de pessoa para pessoa, como também do momento da utilização e da parceria sexual. No caso do crack, apesar de alguns interlocutores terem relatado, como efeito da droga: a sensação de ter um orgasmo e/ou excitação sexual; apenas um deles relatou manter relações sexuais avaliadas como muito intensas e prazerosas.

João teve relações sexuais usando cocaína, mas não gostou:

Não gostei muito, porque pra mim, foi menos prazeroso, foi uma coisa muito carnal, muito física ali, fazer acabou e vai embora. Então, foi uma coisa que eu nunca, nunca tive vontade e prazer de ficar fazendo direto, entendeu?

Sob efeito do crack, não teve porque:

É uma coisa bem, bem... ali, você fuma e quer ficar curtindo a brisa do crack, não quer se relacionar. Nem falar com menina eu pensava em falar, na hora, entendeu? Às vezes, teve caso da gente sair pra um lugar, usar e por mais que o lugar tava cheio de menina bonita, paquerando, assim, a gente ia embora pra continuar usando droga, entendeu?

Sobre relações sexuais, sob efeito da maconha, João diz:

É indiferente, é indiferente. É gostoso porque se você fuma um baseado e faz, a percepção muda, né? É o tato, tudo muda então, acaba sendo um pouco mais prazeroso, acaba sendo legal. Mas como é aquela coisa que entra no hábito, entra no vício, que é todo dia então, você no dia a dia você acaba...você vai perdendo, entendeu? (Risos). Então, pra mim hoje em dia é normal. Não tem assim: *“Nossa vou fumar uma maconha pra fazer um sexo.”* Não.

Adriano, sob efeito do crack, nunca manteve relações sexuais; não se sentia estimulado para isso. O uso do crack remetia mais para um prazer de estar consigo. Com a cocaína, apesar de se sentir estimulado, muitas vezes, a relação sexual não acontecia de forma satisfatória:

Eu nunca transei com crack. Crack era uma droga que era bem íntima, assim, minha só. Com a cocaína era sexual, só que... brocha né, (risos). Então, ... ela demora mais. Tem uma...uma amiga minha, que a gente usava muita cocaína e a gente tinha um caso, e era combinado, né? Quando a gente cheirava... vamo cheirar, ficar doidão. Eu tive muitos relacionamentos assim, a hora de cheirar, hora de cheirar; a hora de transar, hora de transar. É diferente.

Sobre relações sexuais com a maconha, Adriano diz: *“Com a maconha tudo é lindo, né? Toda hora. (Risos).”*

Gabriel manteve, algumas vezes, relações sexuais sob efeito da cocaína; sob efeito do crack, relata nunca ter tido experiências sexuais *“Porque toda vez que eu fumei, éhh eu acho que eu perdia totalmente a libido, assim.”*

Então, você perde mesmo a libido, assim, às vezes, é até difícil você ter uma relação sexual, você precisa até de um estímulo muito grande assim, entendeu? E você perde a vontade de conversar com as pessoas, então acabava não tendo nada disso. E, por exemplo, e quando eu fumava não queria encontrar minha namorada, ou uma coisa assim, nada disso, entendeu? Pelo contrário eu queria ficar com meus amigos ali, usar um pouco mais, depois ir pra casa e pronto, entendeu?

Sobre relações sexuais com a maconha, Gabriel relata que não sente diferença, pelo fato de sempre utilizá-la:

É normal. Ah, eu não vejo assim, nenhum estímulo assim, não. Mas é com maconha eu sempre usei, sempre gostei de fumar então, eu sempre fumo, entendeu? Às vezes, eu tô careta e vou transar mais...com a maconha também é bom do mesmo jeito, assim, entendeu? Agora fumar um depois de transar é muito bom, assim, é algo que... às vezes, eu sinto falta. Então... a maconha que é um **vício**

que eu tenho então, eu sinto falta da maconha em vários momentos do meu dia, assim. Igual pessoa que fuma cigarro ah depois de transar, depois de beber, depois de comer. Dá vontade de fumar igual as pessoas que falam que dá vontade de fumar cigarro.

Mas com o MD, diz gostar:

A droga que eu mais gosto de usar é o MD, é uma sensação muito boa, tudo é lindo, você tá bem, toda pessoa conversa, transar, é o meio melhor que tem, e assim, você tá hipersensível e tal.

Diogo, com relação aos efeitos prazerosos com a cocaína, nas relações sexuais, acredita que eram bons, mas porque a sensação de bem-estar (físico) já havia sido desencadeada com o uso. E também por ficar mais ousado. Teve uma namorada que também usava cocaína e a relação sexual com ela, sob efeito da substância, era muito boa:

Esse ano eu tinha uma namorada, esse ano que cheirava um monte, a gente cheirava muito, cheirava mó legal, o sexo era mó legal, fantástico sabe? (...) o sexo sem cocaína era muito bom também. Não era ... era o sexo..., mas era mó legal com cocaína. E ela usava então, tipo a gente não tinha nenhuma barreira pra fazer as coisas, porque...

Indagado se era bom pela sensação corporal ou pela proposta, responde:

Sensação e proposta, mas eu acho que é mais pela proposta do que pela sensação. Eu acho que o orgasmo da cocaína é muito bom, mas a... é... só que eu acho que foi muito mais isso, pela a proposta. A gente vai pro sexo, aquela coisa doida, vai, vai até o máximo que der, vai tudo que puder, sabe? E é essa que é a coisa que é gostosa.

Com o crack, teve apenas uma experiência de ter fumado e mantido relações sexuais. A que teve foi muito prazerosa, mas não pode afirmar que foi efeito da substância, pois foi uma relação com duas pessoas e isso, em si, já era bastante estimulante:

(...) tive uma sensação corporal bem forte, mas eu não sei nem se foi do crack ou se foi a sensação sexual mesmo, porque foi muito doido, um dia que foram duas pessoas... eu poucas vezes... eu só tive essa... essa experiência eu tive com sexo e crack uma vez na vida.

Apesar de ter experiências boas com cocaína, também relata que podem acontecer ocasiões em que, sob uso da substância, não se consiga ter ereção.

Fernanda não teve relações sexuais sob efeito da base/crack e não relatou tê-las sob efeito da cocaína.

Joaquim experimenta um grande prazer nas relações sexuais sob efeito da base/crack:

Eu acho que coisas que eu tive, sensações que tive com.... com a base e sexo dificilmente posso vir conseguir a ter de outra forma. É que ele é tão... uma descarga tão grande a hora que entra na linha de... da tensão de todo, às vezes, parece que pessoa, parece que vai explodir dentro da outra. É tipo o sexo normal multiplicado por mil. (Risos) E demora mais e consegue tar sempre... consegue tar... a repetir muitas vezes, as sensações que tem quando fuma. Às vezes, parece que a sensação que eu tenho, muitas vezes, parecia que o sexo ia arrebentar.

As sensações corporais são tão intensas que relata que o fato de ter ou não ter uma ejaculação não chega a ter grande importância. Relata que algumas mulheres também sentem isso. Diz que já teve experiências boas de ter sexo com outras drogas, mas que nenhuma chega perto e diz, *“Porque esta é muito física mesmo, esta é muito física”*.

MOTIVAÇÕES PARA O CONTROLE

As motivações para o controle do uso, que foram relatadas, manifestaram dois componentes que se opõem: o uso problemático e valores familiares/de classe social – ter responsabilidade, ter trabalho, ter estudo – e se complementam na medida em que, quanto mais se afastarem desses valores, mais próximos do descontrole se encontrarão. Ao decidirem usar substâncias ilícitas, em geral, e o crack, em particular, e, principalmente, manter esse uso, desenvolvem um cálculo do quão distante poderão se manter do modelo de conduta correspondente aos valores familiares/de classe assumidos. Dessa forma, a experiência de pessoas próximas que desenvolveram consumos problemáticos norteará e limitará a própria experiência de uso.

Gabriel relata que alguns valores, para ele, são essenciais como o trabalho e o estudo e que aprendeu isso com sua família. E percebe que se hoje está bem, é em

decorrência de sua dedicação ao estudo e ao trabalho. Acredita que seu controle venha do seu senso de responsabilidade:

Acho que é mais pela preocupação pela responsabilidade, assim mesmo, falar: “Não, eu tenho que fazer minhas coisas. ” Entendeu? **Tenho que ser uma pessoa responsável**, tenho afazeres na vida, assim. Eu me comprometi com o trabalho, me comprometi com alguma coisa, tenho que fazer. Eu tinha essa consciência de que pode atrasar minha vida, de que é perigoso, eu via amigos que não iam dormir, ficavam até meio-dia na rua bebendo e ainda continuava usando e tal [cocaína]. Eu sentia um pouco de medo disso, assim, de que minha família percebesse que alguma coisa tava acontecendo e que isso atrapalhasse a minha vida, assim. Então, eu não queria nem decepcionar a minha família e nem que isso atrapalhasse a minha vida, então, eu sempre busquei esconder isso, de uma forma... e usar de uma forma certa.... eu sempre gostei.

É uma droga [crack] muito cara pra você usar, assim, que com 10 reais você dá duas, três fumadas ali e pronto acabou, entendeu? Então, isso que eu não tenho também assim... acho que é o vício mesmo que faz a pessoa ir atrás, então todo o dinheiro que ela tem acaba gastando naquilo, porque.... Eu sempre tive preocupação com isso, assim, eu via isso e falava: “*Ó eu não quero ser assim.* ” Entendeu? Tenho medo que eu comece a gastar todo o meu dinheiro com isso, e não consiga mais trabalhar, não conseguir fazer nada, e viva disso, entendeu?

Ele se mantém alerta com o seu uso porque:

(...) como a gente vê pessoas que viciam e dependem daquilo e tal, e eu já conheci pessoas que tinham uma vida é.... bem-sucedida, assim, trabalhavam, tinha emprego e tudo mais e começaram a deixar o crack estragar isso. Daí, **então, sempre tive medo**. Sempre me segurei pra que não... pra que isso não atrapalhasse minha vida, eu sempre tive medo de que um dia eu **ficasse dependente da droga, e não pudesse mais fazer as coisas que eu gosto de fazer, entendeu?**

Refletindo sobre o que seria controle para usar uma droga, diz:

É complicado assim, porque se eu saí na noite, fumei crack, cheirei cocaína, e disse que me controlei, **talvez seja até um pouco errado falar assim**, não sei. Mas... por exemplo, **eu tenho compromisso** na vida, a gente tem compromisso e tudo mais, cê não pode deixar que os compromissos sejam atrapalhados por causa do seu rolê, por causa da sua vida que você tá levando assim, entendeu?

João, pensando no controle de uso, acredita que uma pessoa não o manterá se não teve instrução. Ter instrução, para ele, vai além da instrução formal e dos

valores familiares, tem a ver com diálogo e exemplos e de saber ouvi-los e aproveitá-los.

(...) aquela conversa de: “Presta atenção no que faz, não vai pelos outros. ” Porque não adianta você ir pelos outros. Eu acho que tanto de...porque pra algumas pessoas serve o diálogo, pra outras servem exemplos, então, qualquer um dos dois funciona na minha concepção. Na minha foi o diálogo, porque eu sempre conversei, sempre absorvi tudo que me falam. Mesmo com meus pais, eu sempre absorvi. Então, tudo eles falavam, eu podia fazer o contrário, mas eu sempre pensava no que eles estavam falando. Então, era uma coisa que **eu já tinha consciência** disso antes de usar. O grande erro é que **as pessoas não têm essa consciência antes de usar**, e aí são as pessoas que acabam desandando naquilo.

Diogo considera que ter desenvolvido outros interesses na vida e ter estudado, especialmente, humanas, serviu para que tivesse um olhar mais crítico com relação ao uso. Ter feito novas amizades que não são usuárias, também considera um fator importante:

E eu tipo de... eu fui o que tive oportunidade de mais estudo, de ter um monte de outros contatos, e eu acho que isso me facilitou muito. Ainda não ... é que ter outros estudos, também não significa muita coisa, mas eu acho que estudar um pouco de humanas, acho que tem um outro sentido. É porque eu realmente sempre tive muito disso, de olhar pro meu uso, olhar pra coisa... por pior que tivesse eu falava: “nossa, eu tô nesse negócio do uso aqui”, coisa que eu não via as pessoas... até a hora que elas chegavam na última fase, sabe? Na última fase não, mas aquela que tá complicado demais e que não sabe o que fazer pra sair.

E diz que manter os compromissos com o trabalho sempre foi um fator de controle e, em uma ocasião em que teve de faltar ao trabalho, por uma crise de asma após a utilização de crack, fez com que suspendesse o uso:

Agora faz um tempo que eu não uso e eu não sinto a mínima vontade. E, às vezes, que penso, puta poderia dar um pega, mas eu acho, eu acho que o fato de ter prejudicado meu trabalho e ter prejudicado, coisa assim, de eu ter ficado com asma, ter ficado mal.

Para Joaquim, manter o trabalho e cumprir com os horários sempre foi um fator de controle do uso de qualquer substância. Mesmo quando teve um consumo intenso de crack e considerado, por ele próprio, como problemático, nunca faltou ao trabalho:

Mas sempre com aquela cena dos consumos exagerados ao fim de semana. A semana fumava à noite, nunca fui muito... nunca fumei pro

trabalho nem nada. Eu durante a semana pra trabalhar, normalmente eu não era pessoa de sair de casa à noite, sou mais ou menos certinho, trabalhar e casa e dormir (...).

Adriano acredita que é mais fácil manter o controle sobre o uso de drogas, se a pessoa tem uma família, pessoas que dependam dela, contas para pagar:

(..) acho que o lance de ter um sistema, de você ter uma conta pra pagar, de ter a minha família, ter dependente seu, acho que isso ajuda muito você ser dependente de ter aquela pessoa como dependente. Não dependente de uma coisa que vai te deixar bem. Acho que as crianças são um fator bem...aquela coisa, né? São meus filhos, não posso deixar faltar comida, não posso deixar...saca...na mão, é a responsabilidade, não tem jeito.

A esposa, que não é usuária de drogas e nem aprova o seu uso, aceita o consumo de maconha, porque percebe que ele fica tranquilo, que lhe faz bem. Ela e, principalmente, os filhos são considerados por ele um fator de controle de uso. Mesmo se usar, sempre usará em quantidades muito menores do que estava habituado a utilizar porque, em primeiro lugar, estão as necessidades dos filhos:

É. E isso, um belo dia tamo aí no show: “Vamo cheirar?” Mesmo fumar um mesclado, beleza. Acho que eu vou fumar e não vai ser.... não vai acabar o mundo pra mim, acho que vai ser divertido. E acabou ali, foi aquele momento, um dia....

Fernanda considera que ter responsabilidades de trabalho e familiares influencia a adotar controles de uso. Quando fumou crack regularmente, nunca deixou de comparecer ao trabalho no horário correto:

A base é uma coisa que é impossível, se houver dinheiro e não houver compromissos, entrar, assim, na altura passar a fazer isso até o dinheiro acabar. Nunca me aconteceu, mas aconteceu ao Joaquim, não é? E é o que acontece aos outros, nunca me aconteceu porque eu tinha horário para isso e tinha compromisso com a minha mãe, por exemplo, familiares, de trabalho, portanto, e não me permitia isso, mas ainda é muito fácil ao pé de anos alguém mais desorganizado entrar nesse registro de fumar sem parar.

Manter a distância da imagem do drogado/toxicodependente ou do comportamento drogado/toxicodependente também é buscado. E podemos notar como suas concepções sobre o uso de drogas estão atravessadas pelo *dispositivo das drogas*.

Para João, uma motivação para o controle do uso era ver a mudança do comportamento de outras pessoas sob efeito do crack; comportamento esse que ele considerava desagradável:

(...) eu via reações em outras pessoas, de pânico, de ficar achando que tinha coisa em baixo da cama, gente entrando na casa. Isso me fez ter um pouco de repulsa disso e não cair de cabeça nisso, porque isso realmente é uma coisa que é prazerosa e dá vontade de usar cada vez mais, cada vez mais.

Gabriel, indagado se foi por ter medo de perder o controle que nunca quis utilizar o crack puro, pondera:

Talvez ou talvez, também, por um pouco de... de **preconceito assim, porque eu não queria... é me ver numa situação... a imagem na minha cabeça de uma pessoa que pega a latinha de... pega a latinha pra fumar o crack**. Às vezes a imagem pra mim era um pouco pesada. Então, eu não... nunca busquei isso assim, sempre... não sei a diferença de fumar um... um crack enrolado com baseado ou fumar no cachimbo, talvez seja a mesma coisa assim, mas pra mim a imagem era um pouco pesada, assim. Então, eu acho que eu nunca experimentei, assim. Experimentaria, acho, talvez se tivesse oportunidade assim, mas é que eu nunca busquei isso e as pessoas ao meu redor... nunca apareceu, assim.

Fernanda relata que a motivação para o controle do uso se deu por ter resistência a ter um comportamento toxicodependente. As imagens do heroínômano, nas cenas de uso (também construídas por suas leituras de livros autobiográficos como, *Os Filhos das Drogas*, *Christiane F*) e ter conhecido pessoas próximas que se tornaram dependentes, sempre funcionaram como um limite a não ser ultrapassado.

Dos 12 aos 15, esse período das leituras e, portanto, eu tinha alguma curiosidade, mas já cresci eh numa geração que estava muito consciente dos efeitos eh eventualmente dramáticos da heroína, não é? Portanto em 1990, tinha 15 anos, e o “junkie” português a figura do toxicodependente fim de linha, muito degradado surgiu em meados dos anos 80, portanto em 90, a partir de 90, já eram pessoas com algum percurso bem reconhecíveis na rua, portanto havia uma imagem muito clara para os adolescentes de minha geração do que que nós não queremos ser, não é?

Ela também considera que um fator de controle, passa por não se ver, fundamentalmente, como uma usuária de drogas, apesar de gostar de ter experiências com elas:

(...) as drogas não fazem parte...ou seja, apesar de tudo, não fazem parte daquilo que eu considero... assim, a minha identidade central, não é? E não me vejo como uma consumidora de drogas.

Experiências dramáticas com o consumo de drogas de pessoas amigas, acompanhadas de perto, tiveram grande impacto e foram fator de controle para o uso de várias substâncias e inibiram ou retardaram a utilização das substâncias que causaram as experiências traumáticas como no caso do crack e da heroína.

Diogo conta que, no bairro em que cresceu, acompanhou vários amigos de infância que desenvolveram uso problemático com o crack e outros, ainda, que se envolveram com o tráfico e terminaram sendo mortos:

O crack foi um negócio... O crack devastou muita gente. Olha agora... eu comecei a lembrar, de dívida, lembrei de uma menina que se matou, que ela era usuária de crack, que ficou esquizofrênica. Aí eu tenho... poxa é... puta.... tem algumas recordações. Eu tenho um amigo, que é meu amigo de infância, que ele é de classe bem mais baixa, só que era um menino que andava comigo, a gente ... o cara era meu vizinho sabe? Era... e hoje ele mora lá na rua, só que embaixo da escadaria. Ele, ele tá lá na rua, ele poxa tá aí... O outro ficou pô, puta, não era só crack, bebida, tá na rua com câncer no rim, porque lá... É, então é um monte de história triste que eu vi com o crack.

O pessoal de classe mais baixa mesmo, poxa, vi muita gente morrendo por causa de tráfico no meu bairro. (...) então era muito louco a relação era muito maluco, que eram pessoas que se conheciam, se matando, sabe? Então cê era amigo das duas pessoas, e um matava o outro, era e... isso, assim, foi muito marcante pra mim e é... mas eu via isso de fora...

Joaquim relata ter acompanhado de perto as situações de amigos que tinham usos problemáticos de heroína, tendo alguns deles morrido por complicações do uso e que essas não foram situações isoladas em Portugal, nas décadas de 80 e 90. Essa foi uma experiência que o marcou:

Foi uma geração que foi... participou de uma desgraça, que foi tudo abaixo com a heroína, a geração da heroína. Eu lembro, então, onde eu morava... por exemplo no meu prédio tinha o porteiro, um no segundo andar, segundo esquerdo, teve mais outro no direito, mais um do quarto, todos agarrados a heroína, alguns deles morreram.

ESTRATÉGIAS DE CONTROLE

As estratégias de controle estabelecidas pelos interlocutores, que são usuários de várias substâncias, são fruto de suas motivações de manter o uso de crack e/ou outras drogas, sem que isso interfira em sua vida cotidiana e interrompam seus projetos de vida. Algumas das estratégias citadas foram: vigiar o próprio uso; negociação interna; fazer um planejamento de quanto irá gastar com a droga; aprender a recusar a substância; limitar o uso a dias específicos e a horários determinados; interromper o uso por alguns períodos; estabelecer limite da quantidade de droga consumida; substituir o uso por outra substância; evitar sair de casa; evitar o álcool; nunca comprar as drogas; estabelecer controles específicos para o crack.

Vigiar o próprio uso significa sempre estar atento a uma fronteira que demarca o descontrole e que pode variar no decorrer do tempo de uso da substância, *da carreira do usuário*, e do período de vida em que se encontra. Sendo assim, o limite da quantidade de droga utilizada e a frequência variam igualmente. Como se observa no relato de Adriano, falando do que seria descontrole: *“Descontrole pra mim seria acordar de manhã levar o meu moleque pra escola, passar na boca pegar um papel e ir trabalhar”*, mas em outros momentos de sua trajetória de uso, essa prática não é percebida dessa maneira. Vigiar o próprio uso é também estar atento à importância que a substância começa a assumir na vida cotidiana. Assim, *vigiar o próprio uso* está vinculado ao desenvolvimento de uma *negociação interna* sobre usar ou não usar a substância em determinado momento ou quando o desejo aparece.

Vigiar o próprio uso

Adriano relata ficar atento ao próprio uso e refletir sobre a necessidade de suprir o desejo de utilizar a substância, quando este aparece:

Já usei muita cocaína pra tocar e quando começou a ficar uma coisa tipo: *“Ah quero acabar logo o show pra usar mais”*. Eu falei: *“não, não tá legal.”*

Gabriel desenvolve uma negociação consigo mesmo onde são avaliados o desejo pelo uso da substância e as tarefas que tem de cumprir:

Você fala: *“Não, agora não posso, e tal”*. Até a maconha, às vezes, tenho vontade de fumar, falo: *“ Não, tenho que fazer tal coisa, vou fumar depois.”*

Joaquim relata ficar alerta com seu padrão de uso, tendo como parâmetro a assiduidade ao trabalho, com todas as substâncias que consumiu e não só para a base/crack:

(...) eu ficava alerta com esse padrão, se começasse a consumir durante a semana e não ir trabalhar por causa de consumir. Isso eu acho que o... era a bandeira, era um sinal, cartão amarelo ou cartão vermelho para...

João diz estabelecer o controle vigiando-se e questionando o próprio desejo de usar alguma substância quando este aparece:

Ah, eu sempre, sempre me policio, né? É aquela coisa, tô com vontade de fumar um baseado aí eu falo: “Pô, não, mas peraí, eu preciso fumar esse baseado agora? Posso fumar só à noite. ” Porque eu só fumo à noite, entendeu? Não preciso fumar um agora, porque à noite, eu saindo do trabalho, eu vou querer fumar de novo, então vai ser um a mais. Eu tô trabalhando, “não, vamo segurar”. E era a mesma coisa com a droga, eu ficava com vontade de usar a droga [cocaína/crack], eu parava pensava, falava: “Meu agora é hora? ”

Relata que, dessa forma, conseguia se controlar com todas as substâncias que utilizou, porém, admite que teve mais dificuldade com a cocaína, até mais do que com o crack, mas faz a ressalva de que: *“não fui dependente da lata, do crack puro, porque esse com certeza **iria me levar pro mau caminho.** ”*

Cumprir com as atividades cotidianas

Gabriel relata:

Então, por exemplo, eu vou almoçar no meu trabalho, depois do almoço eu penso: *“Ah, eu podia fumar um e tal [maconha]. ”* Mas eu não fumo porque vai atrapalhar minha tarde, e eu vou ficar lesado a tarde inteira, vai dar sono e eu não vou mais trabalhar mais, né?

Joaquim diz:

Essa coisa acontecia às sextas [fumar crack], tava de sexta a domingo, pá, depois via aquela coisa quando acabava... éh ir pra casa já naquele estado que, tipo meio cadáver, vais arrastado. Segunda-feira tens que acordar e trabalhar.

Adriano comenta:

Tem aquela coisa, né? Você tá zuado você vai chegar zonzão [de passar a noite usando várias substâncias], você vai chegar zonzão e meio zuado, mas você vai fazer o seu trabalho até as seis. Depois você vai pra casa e dorme e recupera, no outro dia você está bem. Acho que é...é o lance de você por na cabeça a responsabilidade das coisas, que você tem que fazer. (...) Ehhh, deixando claro que, tipo assim, mesmo cheirando todo dia, eu ia trabalhar todo dia. Eu não deixava de trabalhar. Sim, já fui trabalhar, ehh cheirei de manhã e fui trabalhar e cheirei durante o trabalho, no banheiro do escritório. Mas é não deixava de cumprir o que eu precisava cumprir.

Fernanda relata:

Não, só fim de semana [fumar crack]. Seria, seria impraticável se fosse diário. Porque eu trabalhava, nunca me atrasei para chegar ao trabalho, nunca...nunca...nunca o trabalho ou a minha vida pessoal ficou perturbada por esses consumos (...).

Planejar quanto dinheiro gastará com a droga

Gabriel ressalta a importância de aprender a planejar os gastos com a droga e cumprir o planejamento:

Então (...) hoje eu posso gastar 50 reais pra sair, pra tomar uma cerveja e tal. Então, é isso que você vai gastar pra usar sua droga, sair, pronto vai voltar pra casa, vai ter usado, vai ter se divertido e pronto.

Adriano diz fazer um planejamento de quanto vai gastar com a droga e não comprar mais do que já havia estipulado:

(...) Mas também quando eu tenho dinheiro e eu quero [usar cocaína], eu procuro falar: *“Vou gastar tanto, não mais que isso.”* Porque sei que vai fazer falta depois, acho que é planejamento também. A responsabilidade, que você tem certas respostas pra cumprir que te traz um planejamento. Planejamento é fundamental pra você saber...pra você conseguir segurar, né, nesse rolê todo, gostando do bagulho (risos).

Aprender a recusar a substância

Gabriel relata ter aprendido a recusar a oferta de uso de cocaína. Comparando as suas atitudes com a de outras pessoas em uma noite de consumo, observa que, ao contrário delas, ele conseguia falar: *“Não, eu vou pra casa, tchau!”* Despedia de todo mundo e ia pra casa. Enquanto elas ficavam até o último *“papel”*. E pode-se acabar gastando todo o dinheiro que se tem naquela noite:

Mas eu comecei, com o tempo, aprender a recusar porque, algumas vezes, atrapalhava. Então, às vezes, eu chegava de ressaca no trabalho porque eu cheirei a noite inteira, então tinha dia que eu falava: “ Não, não vou cheirar, porque eu cheirei a semana passada, cheguei de ressaca, amanhã tenho um compromisso, e tal, não vou.” Sempre tive essa consciência, mas não é todo mundo que tem, é difícil ter essa consciência.

Diogo também relata a importância de aprender a recusar a droga e de não usar sem ter vontade:

Olhar pro uso, não é, tem hora de parar. Tinha umas coisas que eu tinha que era da... às vezes, também teve um bom tempo eu tinha noção de hora de parar de tudo e com crack era bom que eu pegava pouco. Mas várias vezes, olha o que eu já fiz também, de comprar e aí eu tava com meus amigos, de pegar e dar dois pegadas e falar: “nossa eu não quero mais, já fiquei bem”, e já era. E ter comprado, eu ter comprado e falar: “*Ó gente usa*”, e a galera usar e pronto, e..com o crack, com a cocaína também mais com o crack foi muito mais né.

E no final de semana, vários eu também passo sem, porque ultimamente é.... tem uma coisa destes últimos tempos que me ajudaram muito a parar, foi também a partir de várias vezes que eu reparei que não tava querendo realmente usar [cocaína] e no meio das pessoas que usavam eu usei.

Limitar o uso a dias específicos e a horários determinados

Gabriel manteve um uso diário de maconha e o uso de cocaína aspirada aos finais de semana:

Não usava durante a semana, mas chegava sexta-feira eu precisava usar e queria muito, então era um vício, assim.

Fernanda diz ter horários e dias para utilizar as drogas, sempre nos períodos em que não tenha obrigações, de trabalho ou familiares, que possam ficar prejudicadas pelo uso de drogas. Quando usava a base/crack, relata que só usava aos finais de semana. Com o hashishi, também mantém a mesma regra:

(...) eu tenho uma rotina muito dura, vou buscar o meu filho chego a casa, às vezes, ainda tenho de ir ao supermercado outras vezes não, mas tenho que preparar roupa para o dia seguinte, fazer o jantar dar-lhe o jantar, brincar, ler uma história, portanto. Muitas vezes está aqui toda gente relaxada a jantar a preparar o que vai jantar e eu tenho de jantar com o meu filho, e já estão a fumar e eu nunca fumo, nunca. Eu só fumo depois que o meu filho já está a dormir (...) e normalmente

nunca antes das dez da noite e sempre depois de já ter feito tudo o que tenho de importante para fazer.

Para Joaquim, as estratégias de controle estão sempre relacionadas ao trabalho. Com o hashishi, permitia-se fumar à noite, após o trabalho. Com as outras substâncias, sempre deixava para fazer seus usos aos finais de semana; portanto, durante a semana, após o trabalho, procurava não sair:

Depois começou a vir a fase de... após 30, perto do ano 91/93, a fase das pastilhas, do Ecstasy, das festas, não sei que, essa foi outra fase diferente, que comecei a consumir mais em festa, em fim de semana, mais ou menos tranquilo. Mas a coisa também era sempre na base de trabalhar durante a semana e tipo sexta-feira até domingo sempre, sempre a consumir.

Com relação à base/crack, o padrão de finais de semana se repetia:

Pois. A cena era essa, ahh foi sempre... era quando saía ao final de semana (...) isto durou uns anos, nesta base de consumos, desses consumos sempre fim de semana.

Ainda relatou uma variação da estratégia de limitar os dias de uso para a heroína: nunca usar por mais de dois dias seguidos:

E uma das coisas que eu fazia com relação à heroína, era nunca dar mais do que dois dias seguidos, exatamente por causa de não ficar com efeito de ficar agarrado a habituação. Para não começar a ter mais muitos dias seguidos, o corpo poder criar habituação a heroína e depois não fumar um dia e começar a ter ressaca física. Apesar de não ser a minha droga, eu tava sempre com amigos, andávamos sempre juntos e acabava por fumar, e eu mais do que dois dias seguidos não fumava.

Interromper o uso por alguns períodos

Diogo, como estratégias de controle para o uso de drogas, sempre tentava limitar a utilização aos finais de semana e ao período da noite durante a semana; também limitava as quantidades utilizadas, mas esses limites foram se ampliando no decorrer de sua trajetória de uso de algumas substâncias. Ainda, como estratégia de controle, estabelecia prazos de interrupção do consumo que variaram de um mês a nove meses, dependendo da substância e de sua auto-observação e entendimento de que o uso estava elevado e o prejudicando física ou psicologicamente e/ou nos seus compromissos de trabalho e estudo:

Mas 2005 aconteceu que eu tive meio que uma desilusão amorosa, não sei que lá, e eu não reparei que eu fui ficando deprê. (...) Éhhh, só que aí eu comecei a usar todos os dias, eu sei que foram muitos meses todos os dias, porque tinha... chegou um momento que me fez muito mal, entrei numa deprê, quando eu vi eu tava numa depressão muito grande, tava com os pensamentos muito ruins. E aí eu fiz uma experiência, falei: “Eu vou parar de usar”. Aí eu parei, fiquei nove meses sem usar nada, só bebida, fiquei um mês só sem o álcool, mas fiquei oito meses sem usar cocaína nem nada, oito ou nove meses. E aí voltei, fui voltando aos poucos, fazia também... aí fazia meio controlado final de semana, mas foi nessa época.

Em dezembro de 2010, mantendo um uso regular de crack há três anos, decide que vai interromper o uso por um ano, mantendo o uso das outras substâncias:

2007, no começo de 2007 até 2011 eu fazia isso, de usar uma vez por mês, duas vezes, num.... aí chegou...é acho que foi assim, 2010 eu falei: *“Agora só vou usar... eu usei na véspera de Natal de 2010, agora só vou usar na véspera de Natal de 2011”*, dá esse controle. E fiz isso, consegui e pronto, e a vida foi levando normalmente, e fui levando eh... a minha vida só que cheirando... a cocaína foi um negócio que eu usei muito. É aí no final de 2011 eu usei. ”

No início de um namoro com uma moça que não era usuária, também interrompeu o uso:

Tava assim... eu fiquei com ela... a gente ficou acho dois meses, aí tendo... um mês e meio, (...), não tava nem usando droga, porque ela não usava né, não era nem por ela, tipo por ela, porque ela não ia gostar. É que não cabia sabe, então, numa situação que não tava cabendo.

Também após uma crise (2013), despertada por outra decepção amorosa, e manter um uso de cocaína considerado, por ele, como *abuso* e, em uma noite, ter feito um uso de uma quantidade que nunca havia usado, decide parar:

Aí nesses dias eu não tava muito animado, e eu tava na maior deprê, um dia eu falei: *“Meu, vou fazer uma coisa comigo, vou fazer um metro de cocaína, se eu... ou eu vou morrer ou eu vou parar”*. Aí eu cheirei um metro, desmaiei, acordei no dia seguinte. (...) Eu falei: *“Puxa, e agora eu vou parar”*. Aí fiquei três meses sem usar.

Estabelecer limite da quantidade de droga consumida

Diogo, com relação ao crack, sempre manteve a mesma quantidade, uma a duas pedras de uma a duas vezes por mês, com raras exceções:

Geralmente era isso, pegava uma ou duas pedras ou uma pedra só, a maioria das vezes era uma pedra...de 10 reais, de 10 reais, um bloquinho assim, era normal, e pronto, esse era meu uso, era tranquilo.

E, com relação à cocaína, estabeleceu um limite da quantidade utilizada por noite de uso:

Mas eu acho, eu acho que usar mais de uma grama por noite, eu acho que é um exagero, você não precisa fazer.

Adriano limitou a quantidade de cocaína utilizada e interrompeu o uso de crack:

Ehhh, acho que meu uso hoje em dia é de quinze em quinze dias; às vezes, de uma em uma semana, mas é raro. É o uso de, sei lá, um papel dois no máximo, a noite com amigos, não faço mais uso sozinho em casa. É tem travas né, sei lá, acho que é essa a palavra, são travas poderosas.

Desenvolver outras atividades de interesse

Gabriel relata que, em momentos em que considerou haver aumentado o uso, passou a praticar esportes e viajar para a praia:

Tinha, tinha dias que todo o final de semana eu usava. Tinha dia que... tem uma hora que: *“Não, tô usando todo final de semana, preciso fazer alguma coisa na vida.”* Sempre gostei de fazer esporte, sempre gostei de viajar então, isso era uma saída pra mim, assim. E quando eu comecei a me dedicar aos esportes, por exemplo, o surf, então, final de semana eu queria tá na praia, eu queria surfar e tal então, eu acabava me desligando do mundo de São Paulo, e das drogas assim, sabe?

Diogo comenta que novas amizades o ajudaram a diminuir o uso:

Então, aí vários outros amigos que eu tenho que são... muito do que me ajudou diminuir foi... foi que mexeu um pouco nas amizades que eu tinha. Não que eu não fale com eles, mas é.... hoje em dia eu tento fazer outras coisas, eu tenho outros amigos, eu tô em outros meios, né? O Jorge é meu amigo, o pessoal tudo... só que eles são recentes, isso tem feito bem, eu saio com eles e o pessoal não usa. Eu fico em paz, que não é um negócio, não tá toda...

Substituir o uso por outra substância

Adriano comenta que, ultimamente, está substituindo a cocaína:

Ehhh, ah, eu tenho substituído sempre que possível, só tomar um doce ou ácido ao invés de cheirar uma cocaína, eu prefiro. Se eu puder tomar um ecstasy em vez de cheirar uma cocaína, eu prefiro.

Além disso, acredita que o consumo de ayahuasca esteja contribuindo para os seus usos controlados, mesmo não tendo iniciado o consumo com esse objetivo. Participa de um ritual *ayahuasqueiro*, há um ano, junto com a esposa. Considera que, no atual momento de vida, ter um uso rotineiro como o que já teve, apesar de não ter tido problemas com o uso, seria um descontrole. Pretende deixar seus usos para momentos especiais. Isso demonstra que os parâmetros de controle são variáveis de acordo com o momento da vida.

Diogo relata algumas estratégias de controle que estavam vinculadas a minimizar alguns problemas físicos desencadeados com o uso, no caso, de cocaína; em um período em que achou que a qualidade do pó estava provocando coriza, diminuiu o uso e passou a usar crack:

(...) só que o que que acontece, a cocaína tava começando a me fazer mal porque eu ficava muito tempo com essa coisa aqui [no nariz] tipo e não sei que lá, e ficava aquela porcaria, porque agora as cocaínas são tudo ruim, né? Aí eu comecei a usar crack, às vezes, poxa, aí, às vezes, ia sair, eu passava, comecei a fazer o que, eu ia ali, passava na Cracolândia, pegava uma pedrinha e ia fumar.

Ele também relatou o uso de ayahuasca nos momentos de interrupção de uso de cocaína:

Porque eu tinha umas crises nesse momento: *“puta eu tô num momento tão bom, tá acontecendo tanta coisa, porque que eu preciso é....”*, daí é dar essas pausas, falava: *“puta, dois, três meses”*, (...). Aí tomava, às vezes, outras drogas que era a ayahuasca, ia lá me divertia, ficava bem, ficava lá aquela coisa espiritual e aí cansava, achava muito chato, certo demais. É, é difícil né, é, é....

Gabriel relata que, em momentos em que considerou ter aumentado o uso em viagens para praia, só utilizava maconha e álcool:

Quando eu ia pra praia maconha, né? Fumava maconha e bebia. Agora não usava droga pra praia que eu não via a necessidade, não sentia vontade, nem sentia falta assim.

Evitar sair de casa

Joaquim evitava sair de casa aos finais de semana, quando estava fazendo um consumo intenso de base/crack, para não consumir:

“Não vou sair”, pá, já nem saia de casa o final de semana, porque já sabias se saísse que ia consumir, já não conseguia fazer nada, então, nem saia à rua, ficava em casa.

Evitar o álcool

Joaquim ficava sem beber álcool, quando estava tentando controlar o uso de base/crack:

Ahã depois foi... é eu tive sempre sem beber, porque na altura eu ficava com medo, que a história... eu não consumia quando não bebia, e os consumos de fim de semana normalmente eram disputados pelo... era quando bebia, porque se eu não bebesse não ia consumir.

Nunca comprar as drogas

Fernanda relata nunca comprar, nunca procurar, não se organizar para ter drogas. A única que poderia comprar, se não aparecer ninguém para oferecer e tiver vontade, é o hashishi. E não gastar, muito ou todo dinheiro que se tenha, com os usos.

Eu tenho a convicção que cocaína é perigosa, eu tenho algumas regras que é não comprar, não tenho nenhuma de não comprar hashishi, posso comprar hashishi se tiver muito tempo sem aparecer ninguém com hashishi, posso ir comprar ou pedir pra alguém trazer, para eu fumar se me apetecer. Mas em relação às outras drogas, minha regra é: eu nunca compro. Nunca procuro, se me oferecerem eu aceito, mas comprar.... Ah e organizar-me para ter, não.

Estabelecer controles específicos para o crack

Com relação especificamente ao crack, uma estratégia de evitar o descontrole seria utilizar o crack no cigarro de maconha (mesclado) e não a pedra pura que se faz na lata ou no cachimbo.

Gabriel nunca utilizou dessa forma:

(...) também por um pouco de... de preconceito assim, porque eu não queria... é me ver numa situação... a imagem na minha cabeça de uma pessoa pega a latinha pra fumar o crack. Mas pra mim a imagem era um pouco pesada, assim. Então, eu acho que eu nunca experimentei, assim.

João protelou o uso de crack na lata por esse motivo:

Na lata foi uns dois anos depois, foi bem no final que eu quis experimentar na lata. Porque como eu já sabia que era perigoso, eu fui

só prorrogando, prorrogando, prorrogando. Mas eu acredito que quando você tá usando a droga é inevitável, uma hora você vai querer experimentar e acaba experimentando. Graças a Deus, o meu foi no final e eu consegui ter o controle.

Outros interlocutores, apesar de usarem o crack puro, nunca quiseram ter um cachimbo; como se a improvisação de um cachimbo mais rudimentar ou a utilização da lata lhes garantissem que o uso seria descontinuo, o que a imagem do cachimbo parecia negar.

Diogo comenta:

Porque acho que não era uso contínuo, é eu nunca tive [cachimbo], e não é por preconceito, eu te juro que eu queria ter o cachimbinho pra... nem que fosse ... porque eu acho bonito, acho tão legal a coisa do... Mas eu nunca tive porque nunca foi contínuo, nunca... eu pensei: “Ah eu vou.... puxa eu preciso ter esse negócio, pra facilitar”, não eu vou lá pego...(…) então no cachimbo eu nunca achei necessidade por mais que eu ache o cachimbo uma coisa muito louca, acho uma arte, né? (...) e aí era muito louco, era uma coisa que eu ficava ambicionando, acho que eu não tinha um pouco por causa de medo.

Fernanda diz:

Eu nunca tive cachimbo e pensei várias vezes, durante aquele período, em comprar um cachimbo, às vezes, via um cachimbo de um outro e pensava em comprar. Depois pensava: “Eu não vou comprar porque não vou continuar a fumar”. Eu sempre pensei e nunca comprei, só pra pensar isto, não vou voltar a fumar, portanto, não faz sentido comprar cachimbo e nunca comprei. Portanto, o que fazia era construir com uma caneta, uma garrafa d’água, uma prata e uma caneta construía um cachimbo numa garrafa.

O cachimbo “*não é só um cachimbo*” (RUI, 2012) ele a um só tempo representa o descontrole e o assujeitamento à substância e ao seu poder que agencia a identidade *nóia* de seu portador.

As estratégias de controle, desenvolvidas pelos interlocutores, aplicavam-se a todas as substâncias utilizadas por eles. Todos utilizavam várias substâncias e, no caso brasileiro, com um uso intenso de cocaína e bem mais limitado do crack, tanto da quantidade quanto do período de tempo utilizado. No caso português, ao contrário, o consumo da cocaína foi bastante limitado, tendo o crack apresentado uso intenso e sentido como descontrolado pelos interlocutores, apesar de nunca terem deixado de cumprir com as obrigações de trabalho e familiares.

Os controles desenvolvidos para todas as substâncias, com foco, principalmente, na cocaína e no crack, como descritos acima, foram: aprender a recusar a substância, limitar a quantidade utilizada, limitar o consumo aos finais de semana, limitar o uso ao período da noite, nunca comprar a substância ou fazer esforço ativo para consegui-la, interromper o uso por alguns períodos, planejar quanto gastará com a substância, cumprir com as atividades cotidianas, estar vigilante com o próprio uso, desenvolver outras atividades de interesse como esportes e viagens, refletir sobre a vontade de utilizar a substância e se o momento é apropriado para sua utilização, utilizar apenas a maconha, substituir o uso por outras substâncias.

Especificamente para a heroína fumada, prática que havia sido desenvolvida, esporadicamente, apenas por Joaquim, a estratégia foi de nunca a utilizar por mais de dois dias seguidos, visando evitar a habituação física.

Os controles mencionados, mais específicos ao crack, foram: não ter o cachimbo; protelar o uso do crack puro e manter o uso de mesclado; não beber álcool, para evitar o uso de crack; não sair de casa, para evitar o consumo do crack.

Também foi mencionada, como estratégias para controlar o uso ou nos períodos de sua interrupção; a utilização da ayahuasca, da maconha, ácido, ecstasy. Ainda foi relatado, como estratégia para diminuição de coriza provocada pela cocaína aspirada, utilização de crack como redução de danos para esses efeitos indesejados.

Ainda cabe ressaltar que o início de relacionamentos afetivos com pessoas não usuárias de drogas contribuiu para a diminuição ou interrupção do uso.

Algumas estratégias mencionadas pelos interlocutores também foram relatadas em diversos estudos sobre uso controlado que passo, agora, a citar.

DECORTE (2001), observou em sua pesquisa com usuários controlados de cocaína (que não haviam passado por tratamento) algumas estratégias de controle, tais como: manter a abstinência por alguns períodos, poder recusar a oferta de cocaína, ser capaz de resistir ao desejo de usá-la, utilizar doses baixas, manter baixa frequência de uso, não fazer esforços ativos para ter a droga, ter foco em outras atividades e não na cocaína, priorizar o trabalho e estudo, limitar a utilização aos finais de semana. Ainda relatou que o fato dos pesquisados terem uma boa condição

socioeconômica os ajudava a ter um melhor controle do uso, além do fato de terem autoconhecimento e estarem cientes dos lados negativos do consumo de cocaína. O autor identificou que os usuários controlados têm papéis significativos na vida cotidiana convencional (trabalho, estudos, relações familiares) e baixa vulnerabilidade social, conseguindo manter diversos interesses não centrados nos consumos de drogas e uma rede de amizades que incluem não usuários de drogas. Esses fatores lhes dão uma identidade positiva e estimulam a manutenção do uso controlado.

FERNANDEZ (2007), em seu estudo com usuários de cocaína aspirada, verifica que os usuários que conseguiram desenvolver um uso “light”, controlado, foram os que tinham melhores condições sociais. As estratégias desenvolvidas basearam-se em interrupções momentâneas de consumo e afastamento de amigos e contextos de uso, manter os compromissos com o trabalho, conservar os rituais e regras de utilização da substância e manter uma rede de relações sociais independente do uso da cocaína. Também observou que, dentro desse processo de controle, pode haver aumento da quantidade consumida com retorno ao patamar anterior, diminuição ou cessação do uso, como também observei na presente pesquisa. Mas ressalta que não pode afirmar que o uso controlado é um estágio para a interrupção do uso, pois que depende de características individuais e contextuais dos sujeitos.

MURPHY et al (1989), em seu estudo em que acompanhou usuários de cocaína, após 11 anos encontrou padrões de uso controlado da substância e identificou a importância das normas do usuário e dos controles sociais informais intervindo sobre a força de fatores farmacológicos e fisiológicos que levam à dependência. As responsabilidades familiares e de pais de família foram apontados como fatores de controle do uso, bem como o desenvolvimento de carreiras profissionais bem-sucedidas e problemas de saúde decorrentes ou não do consumo de cocaína. A autora ressalta que o fato de esses usuários pertencerem às classes médias e com maiores recursos e oportunidades socioeconômicos são fatores de grande relevância. Desse grupo, cinco injetaram cocaína e três fumaram “freebase” por, no máximo, cinco vezes, e abandonaram o uso, por acharem que essas formas de utilização eram muito perigosas e compulsivas e que estas práticas estavam associadas a um padrão de uso descontrolado e a uma identidade “junkie” que não queriam para si. Algumas das estratégias citadas foram: limitar o tempo e locais em

que usavam cocaína, nunca usar no trabalho, utilizar somente à noite e nunca durante a gravidez. Os padrões de uso variaram durante as carreiras de usuários, mas não levaram a descontrole e a interferir em suas vidas.

GERMAN et al (2002), em seu estudo com 22 usuários de crack, de estratos mais desprivilegiados economicamente, identificou que eles tinham diferentes padrões de uso derivados de suas carreiras de usuários e do desenvolvimento de estratégias de proteção para controlar a frequência de uso e evitar consequências negativas em suas vidas. Os fatores que influenciaram a utilizar ou não a droga foram a estrutura de vida diária e a possibilidade de acesso ao crack. A estrutura da vida referia-se às atividades diárias na vida de uma pessoa, podendo incluir atividades legais e ilegais. Os que desenvolveram um uso controlado buscaram manter o foco de suas vidas em outras atividades, como trabalho, cuidado com os filhos e manter amizades fora dos contextos de uso. Assim, a utilização do crack se dava em torno de suas atividades diárias. Controlar o dinheiro gasto com a substância também era conseguido priorizando o pagamento das despesas de manutenção da casa e alimentação e utilizando o restante para comprar o crack. Outra estratégia para o controle do uso e afastamento da imagem estigmatizada de “crack head” (cabeça de crack) foi a de nunca ir pessoalmente comprar a substância. A maioria dos usuários que conseguiram controlar melhor o uso fumaram crack com maconha ou no tabaco; dos que fumaram no cachimbo, poucos conseguiram controlar o uso e dentre esses, poucos mantiveram seu próprio cachimbo para evitar a tentação. Também foi relatado, como estratégias de controle ou retomada do controle de uso, ficar em casa sozinho quando percebiam o aumento do consumo. Cabe ressaltar que, entre os pesquisados, aqueles que não possuíam moradia e trabalho não conseguiram controlar o uso e as mulheres que cuidavam de seus filhos controlavam melhor o uso do que aquelas que não tinham essa responsabilidade.

DANIULAITYTE et al (2007), em uma pesquisa com mulheres usuárias de crack, encontra semelhante padrão de uso controlado, e abstinentes que substituíram o consumo de crack por outras drogas como o álcool, maconha e cocaína aspirada. As motivações para o controle foram o desejo de ter uma vida “boa e normal”, com responsabilidades com o trabalho, estudo e maternidade responsável e o afastamento do estigma de “crack head”. Sendo que o fato de terem trabalho regular e/ou filhos contribuiu para o controle do uso. Outras estratégias desenvolvidas foram: limitar o

tempo de utilização a determinados horários e dias da semana, fumar em casa ou em outro ambiente familiar, fumar sozinhas ou com poucas pessoas, desenvolver atividades planejadas durante o uso de crack, só fumar em determinados locais, pagar as despesas da casa e da alimentação e comprar a droga com o que restou e ter amigos não usuários. A autora ressaltou que o fato de se encontrarem em estratos mais desprivilegiados economicamente, morando em bairros com grande concentração de venda e consumo de crack facilitava o acesso à substância, proporcionando maior frequência de uso, principalmente, dentre as mulheres que tinham condições socioeconômicas ainda mais precárias do que as do universo pesquisado.

OLIVEIRA (2007) identificou, em seu estudo com usuários de crack (cuja a maioria já havia passado por algum tratamento), padrão de uso controlado que definiu como *“o uso em que o crack não assume papel central no estilo de vida do usuário. Mantém-se o poder sobre crack, conciliando-o às atividades pré-existentes, sejam sócio-sanitárias ou sociais (família, amigos, trabalho e atividades escolares). Assim, há relatos de uso aos finais-de-semana, quinzenalmente, mensalmente e, com menor periodicidade. (p.127) ”*.

As motivações para o controle vinculadas às responsabilidades com a família e o trabalho, descritas pelos interlocutores, também são relatadas pelos participantes do estudo de Oliveira e dos demais autores aqui citados que ainda identificou algumas estratégias de controle de uso tais como: reprogramação de pensamentos e comportamentos, principalmente no período de ócio (voltar a praticar esportes); afastamento ou evitação do contexto social de crack (usuários e locais de uso); substituição da pedra de crack por formas mais leves de uso ou por outras substâncias psicotrópicas (mesclado); diminuição de drogas interferentes sobre os efeitos ou padrão de uso de crack (álcool).

JACKSON-JACOBS (2004), em seu estudo etnográfico, pesquisou quatro usuários regulares de crack, da classe média alta *com recursos econômicos, sociais e culturais*, em um campus universitário. Em contraste com os frequentes problemas dos usuários de rua no curso da interação com os outros, esses usuários universitários foram capazes de gerenciar as demandas morais, práticas e sociais da vida cotidiana com sucesso considerável. Seus consumos se deram em contextos seguros e o uso

foi limitado a determinados momentos das atividades cotidianas e responsabilidades com os estudos. Conseguindo não ter a sua imagem estigmatizada, fato que foi relatado como a grande preocupação com o uso da substância.

De acordo com os relatos dos interlocutores sobre as suas estratégias de controle de uso, e com os dados dos estudos aqui expostos, ressalto que o padrão de uso controlado é um processo dinâmico e que pode ser alterado dentro de contextos e situações particulares e da carreira de uso de drogas, no caso a cocaína e o crack.

Cabe ressaltar que o sucesso das estratégias do uso controlado e, por conseguinte, do controle do uso de crack por parte dos interlocutores dessa pesquisa, também se deve a terem conseguido ocultar esse consumo dos demais e dos contextos familiares, de trabalho e estudo. Não sofrendo, dessa forma, as sanções sociais e sofrendo estigma por ter a sua imagem associada ao uso de crack.

O USO CONTROLADO

O conhecimento dos usos problemáticos e a assimilação de seus valores familiares/classe social se colocam como pontos fundamentais para a reflexão de onde querem estar e do que podem fazer e perder com o consumo de drogas. Esse cálculo é atualizado em vários momentos das trajetórias de uso, consoante o conhecimento das substâncias utilizadas, das técnicas utilizadas para sua utilização e de novas experiências de vida. Dessa forma, pode-se manter uma prática que, *a priori*, é vista como moralmente condenável. Mas, a essa equação deve-se adicionar as motivações para o uso que, a grosso modo, podem ser vistas como desafiadoras das regras sociais que asseguram a manutenção dos valores familiares/classe social. Porém, o que se desafia e por que se desafia?

Se pensarmos nos primeiros usos de drogas e sua motivação, podemos nos contentar com a explicação do desafio às regras sociais. Mas o que dizer da manutenção do uso? A resposta mais comum, legitimada pelo dispositivo médico, dirá que se trata de um comportamento patológico; aliás, como também, muitas vezes, é considerado o uso de droga em si. Embora não exista consenso, no meio médico, sobre o uso de drogas e patologia, como já demonstrado por FIORE (2007).

Analisando a percepção dos efeitos e dos usos relatados, a manutenção do uso de drogas se insere na busca da autonomia do sujeito com os usos que pode fazer com o próprio corpo, com o aumento do repertório de prazer e a sua ampliação na trajetória de vida responsável, com a melhora do desempenho social e também com um “desligar-se” das tensões e conflitos resultantes dos anseios íntimos e do que é socialmente esperado e “reconectar-se” com o próprio corpo. Visto dessa maneira, a manutenção dos usos, ao mesmo tempo em que flexibiliza os limites das normas e regras sociais, as reforça. Desafiar as regras é uma forma de reafirmá-las; portanto, o desafio é disciplinar o uso de drogas.

O uso controlado de drogas não figura nos discursos médicos, nem tampouco, nos debates públicos onde estes aparecem como autoridades legítimas para abordar o assunto. Em princípio, essa é uma possibilidade que não está colocada. Vários estudos na área da saúde são desenvolvidos a partir do uso problemático com pessoas que se encontram em tratamento, visando identificar o desenvolvimento da dependência e problemas associados. A circulação do conhecimento, produzido a partir do uso problemático de drogas, aliado às imagens dos usos em cena pública, reforça a ideia do descontrole e da dependência, sendo reflexivamente incorporada pela sociedade e interferindo nas estratégias de controle desenvolvidas pelos usuários para o uso de drogas.

Os interlocutores fazem uma leitura divergente dos valores morais que condenam o uso de drogas ilícitas, mas não os abandonam; o que fazem é disciplinar o uso de drogas às regras de conduta e valores morais vigentes. O uso não se dá a qualquer momento, não se dá em qualquer lugar, existem limites para a quantidade utilizada. O uso também não deve interferir no trabalho e nos compromissos assumidos. Tampouco prejudicar as relações familiares. Para poder usar *drogas*, *há que ser responsável, há que se ter consciência*.

O uso controlado se dá pela operacionalização das motivações para o controle, através das estratégias postas em prática. *Ter consciência* é saber que o uso pode se tornar problemático, devendo, portanto, estar sob *vigilância constante*. Ser uma pessoa responsável, que cumpre com as obrigações sociais, implica em fazer um uso responsável de drogas, estabelecendo *limites da quantidade utilizada, da quantia gasta e do período de sua utilização*.

A confirmação do sucesso do uso controlado se dá pelo afastamento da figura do usuário descontrolado, com seu comportamento e performance típicos sendo reconhecíveis por todos e não mantendo os compromissos com trabalho.

Ao seguir as estratégias descritas, os interlocutores conseguiram manter um uso controlado de crack e cocaína aspirada, ainda que, em alguns momentos da trajetória, tenham aumentado o consumo ou tenham desenvolvido usos considerados, por eles, como “pesados” ou julgaram ter perdido o controle do uso.

Um dos fatores de o padrão de uso aumentar estava relacionado com alterações em algum aspecto da vida, como: perda de trabalho que gerava tempo ocioso, mudanças de horários e carga de trabalho, rompimentos de relacionamentos afetivos e/ou desilusões amorosas.

Também foi relatado, por dois interlocutores, já em processo de reflexão de parada do uso, que o início de um relacionamento afetivo também contribuiu, de forma decisiva, para deixar a prática. Mas é possível observar, em várias das trajetórias, que o início de um relacionamento afetivo mais sério, com uma pessoa não usuária de drogas, podia gerar diminuição ou interrupção do consumo por um período.

Interessante observar que vários interlocutores não visíveis mencionaram as obrigações com o trabalho, com o estudo, com a família, ter contas para pagar e ter responsabilidades com a administração da própria vida ou a de terceiros foram indicativos do estabelecimento do controle de uso e, ao mesmo tempo, da busca de um momento que fosse só da pessoa e que era conseguido com alguma substância, não apenas pelo prazer com a substância como também pela quebra momentânea do enquadramento moral e pelas exigências para cumprir com suas responsabilidades. *“Despirocar”, “Deixar de fazer tudo certinho”, “Eu quero mesmo me desligar”.*

Fala bastante recorrente foi o ter consciência dos usos poderem chegar ao descontrole e, em alguns casos, essa consciência foi acionada por verem amigos que desenvolveram um uso problemático. E, a partir desse evento crítico, passam a controlar mais o uso ou mesmo a parar de usar. OLIVEIRA e NAPPO (2008) também descreveram esse padrão.

O consumo controlado foi usualmente identificado entre usuários que já houvessem passado pela fase compulsiva de uso de crack. A transição da fase compulsiva à controlada ocorreu depois de anos de consumo,

no momento em que o indivíduo se conscientizou das implicações e concessões feitas em favor da continuidade do uso de crack. O fato de acreditarem não ter mais estrutura física, psíquica ou moral para lidarem com as consequências decorrentes do próprio consumo, assim como a observação da vida desastrosa de colegas de uso, foram os principais motivos para o “despertar” do indivíduo à vida, dirigindo-se ao uso controlado ou até mesmo à abstinência. (p.669)

Em vários dos relatos dos usuários, creditavam o controle ao fato de *ter consciência*. Ter consciência era visto como ter a possibilidade de calcular se deveriam ou não usar a droga: quando parar, quando usavam e quanto usar. Os balizadores desse cálculo estavam relacionados com as responsabilidades de trabalho, estudo, contas a pagar, familiares e de pessoas que dependessem deles. O cálculo determina a criação dos parâmetros de controle que serão mais ou menos flexíveis consoante o momento da vida e a trajetória do uso. Dessa forma, um padrão de uso, que foi considerado não problemático em um momento da vida, será considerado dessa maneira em outro momento. Ter consciência é fazer uma articulação do gosto pelo uso de drogas com o conhecimento dos riscos envolvidos na prática contínua e com a adoção de estratégias que disciplinem, tanto o desejo pela droga quanto a sua utilização, às normas e regras sociais e a valores morais.

O uso de drogas, para os meus interlocutores, não tem relação, necessariamente, com o rompimento das normas; apesar de também o ser, é, antes, uma quebra momentânea da disciplina (no sentido de Foucault) para seguir mantendo as normas. Seus usos de drogas são atravessados pelo dispositivo das drogas.

A busca pelos interlocutores levou a acessar mais que um modo de utilização de drogas, um modo de utilização do corpo. Para eles, o uso de drogas não era referido como uma contestação a normas e regras, mas como uma forma de obter prazer com o próprio corpo, de estabelecer sociabilidades e lealdades, promover um conhecimento de si e de outros em diferentes contextos. Busca de controles para uma prática que visa também quebrá-los por alguns momentos. Estar consigo mesmo, juntar-se, (re)unir-se.

FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA DIMINUIR OU INTERROMPER O USO DE CRACK E/OU COCAÍNA

Entre os fatores que contribuíram para diminuir ou interromper o uso, a quebra de uma regra moral, como: “roubar dos pais” ou mentir a eles para conseguir dinheiro, foi mencionada. Outros fatores foram a percepção do aumento do padrão de uso e/ou que o uso não estava fazendo bem, ou ainda, a dificuldade de manter o consumo no atual momento da vida ou alguma pessoa próxima ter desenvolvido um uso problemático.

Diogo considera que sempre fez um uso “*pesado*” de cocaína e um uso “*saudável*” de crack. O consumo de cocaína chegou a ser de 15 gramas semanais, com o uso diário; e, a utilização de crack, de uma a duas pedras de R\$10,00, de uma a duas vezes por mês. Relaciona seu aumento de uso, tanto de cocaína quanto de LSD e Ecstasy, à maior disponibilidade dessas substâncias e um contexto mais festivo e, em certa medida, a momentos difíceis pelo qual passou. Considera que teve “*crises*” com o consumo porque o uso intenso acentuava, tanto momentos de felicidade como de tristeza. Estar feliz, ou muito triste, era um estímulo para continuar usando de forma intensa:

Usava porque eu sei lá, eu queria é....fazer alguma coisa pra minha dor, porque foi muito fácil, eu lembro que eu tomei escolha, falei: “Não vou mais usar, não vou mais ficar nessa depressão, cansei”. E passou, foi muito fácil nessa época.

Acho que a droga nunca foi a causa, mas ela ajudou, ela foi o que potencializou várias coisas que eu tinha, sabe? Então, as minhas angústias se eu uso, aí foi a coisa da frustração amorosa outra vez aconteceu, aí o uso de droga de repente me fez essa frustração virar uma depressão. E aí poxa, e aí tem que dar o corte, ela sempre foi o negócio que potencializou tanto as coisas boas quanto as ruins, né?

Interessante observar que os limites estabelecidos para o crack sempre foram mais rígidos e respeitados, do que com a cocaína, e isso se deve ao fato das experiências traumáticas pelo qual passaram pessoas próximas, desde seus 14 anos.

(...) a última vez que eu usei crack foi... não faz pouco tempo, foi acho que em novembro, é foi em novembro, que eu até lembro que eu até parei de usar crack por causa do, da... que eu não usei mais porque eu comecei ter uma crise de asma muito forte, depois de um dia que eu passei... eu virei a noite, eu virei a noite fumando crack, aí encontrei os

moleques fazendo samba, aí fiz, era duas horas da tarde eu tava... que por mais que eu ficasse na rua, sempre voltava à noite, assim, quando era coisa do crack, eu sempre, eu sempre... acho por medo da... de ter visto algumas experiências, eu me podava um pouco.

Teve algumas crises de rupturas amorosas e insatisfação com o trabalho que o levaram a ficar deprimido e ter um aumento do uso de cocaína. Mas, as duas últimas tiveram um impacto maior na sua vida, levando a uma reflexão sobre seus usos. A crise de 2013, em um processo de ruptura amorosa, o levou a fazer um uso de uma grande quantidade de cocaína, em uma noite, da qual sabia que tinha potencial de levá-lo a morte:

Aí nesses dias eu não tava muito animado, e eu tava na maior deprê, um dia eu falei: *“Meu, vou fazer uma coisa comigo, vou fazer um metro de cocaína, se eu... ou eu vou morrer ou eu vou parar”*.

E em 2016, em um processo de crise sentimental e frustração com o seu trabalho, começou a ter pensamentos suicidas:

Era o contexto, mas é que o uso é era uma das partes, porque poxa é cê tá ali aí você usa o negócio pra se.... aí você fica mais fragilizado. Pensei: *“Putá, vou acabar me matando”*, sabe? Eu tava já tendo pensamento suicida, falei: *“Meu, vou acabar me matando”*. Que aí eu começo a droga fico mais deprimido, no dia seguinte é muito... era muita depressão, sabe?

Já havia diminuído o uso de cocaína depois da crise de 2013; mas, só depois da última crise, resolveu buscar ajuda de um psicólogo, não para o uso em si, mas para os processos que esse uso intensificava.

Gabriel, quando questionado se em algum momento havia aumentado o consumo das substâncias, disse que sim, que teve picos de uso, mas não os relacionou com nenhum evento crítico na vida e comentou que nunca tentou resolver nenhum problema com as drogas. Na época, em que teve um aumento de uso, começou a se dedicar mais ao esporte e conseguiu diminuí-lo:

Ah, é não sei assim, não lembro exatamente a idade tal, mas foram picos na minha vida assim. Tinha, tinha dias que todo o final de semana eu usava. Tinha dia que... tem uma hora que: *“Não, tô usando todo final de semana, preciso fazer alguma coisa na vida.”* Sempre gostei de fazer esporte, sempre gostei de viajar, então isso era uma saída pra mim, assim. E quando eu comecei a me dedicar aos esportes, por exemplo, o surf, então, final de semana eu queria tá na praia, eu queria surfar e

tal, então eu acabava me desligando do mundo de São Paulo, e das drogas assim, sabe?

Quando estava na praia, relata que mantinha, apenas, o uso de maconha e álcool e não sentia vontade e nem necessidade de usar outras drogas. Mas diz que estar o final de semana em São Paulo é sempre muito propício para utilizar drogas. Porque sai para beber, e o álcool desperta o desejo de consumir outras drogas, e porque tem mais facilidade para consegui-las.

Para Adriano, ter começado a usar crack em casa, após deixar o filho na escola, foi um motivador de parar com o uso. E um acontecimento, em uma dessas vezes, o deixou alerta:

Fazia isso muito, pega o copo, elástico, você coloca o papel alumínio enrola o elástico, papel alumínio, faz um furinho, faz um furo pra boca, acende ali, numa dessa queimei meu nariz... (risos). Foi por aí que eu comecei a achar que tava complicado, né. Eu tava acendendo já, tipo, a terceira vez a mesma pedra, queria mais, não tinha mais dinheiro e não podia sair pra comprar que já tava quase na hora de fazer os rolês de casa, a mulher prá chegar. E aí eu fui acender assim e aí, eu com o isqueiro aceso, aceso, aceso e....nossa, queimou o meu nariz, (risos). Fiquei com o nariz queimado.

E decidiu-se por parar, depois de um episódio em que fez uma caminhada de 25 km, aproximadamente, do seu trabalho na região dos jardins até a sua casa, após ter tido um aborrecimento no trabalho e ter sabido que teria de trabalhar no final de semana. Durante esse percurso:

Ehhh, eu tinha passado antes na favela e já tinha comprado uns quatro papелotes de cocaína, e umas cinco pedras, cinco meias (pezinha), tinha deixado na mochila. Dei uns tiros, trabalhei e tal, na hora que eu saí do trabalho saí possesso, indignado, puto e aí eu voltei pra casa andando (...). Foi uma caminhada que eu acho que eu gastei quase que a mesma coisa que ônibus, porque... de tanto trânsito e eu tava tão puto. Mas foi uma caminhada tensa, assim, de cheirar, pensar e fumando pedra, acho que curtindo o que a mistura com o cigarro, tava misturando no cigarro, né? Jogando cigarro na mão, jogando a pedra, estirando e jogando para dentro assim, no meio da rua andando e olhando pros lados super secado, doido, doido. E acho que depois deste dia, que eu dormi, acordei e não fui trabalhar no sábado nem no domingo, mandei pras pica, falei eu sou músico nessa porra. (...). Já tava meio, meio puto com essa situação. E aí acho que foi a última vez que eu fumei pedra assim durante um bom tempo. Ehhh, não vou mentir fumei pedra no ano passado. Eu comprei é.... duas meias, 10 contos de pedra, fui pra casa

um dia assim, falei: “meu...”, já tava trabalhando na região da Cracolândia (...). Comecei a cheirar entrei naquela pilha: “Putz eu preciso usar mais uma vez” e aí usei e falei: “tá legal”, e aí eu nunca mais usei.

Joaquim começou a se incomodar com o próprio padrão de uso, embora conseguisse mantê-lo sempre aos finais de semana e não deixasse de cumprir com suas obrigações com o trabalho e de arcar com suas despesas regulares.

Começou a desenvolver estratégias para não consumir, quando ia sair, à noite, nos finais de semana, deixava seus cartões de banco com sua amiga Fernanda. Essas estratégias não deram muito certo porque conseguia dinheiro em outros locais. Então, resolveu começar a não sair de casa, porque quando saía e bebia três ou quatro cervejas, já despertava o seu desejo de usar base/crack. E foi ficando cada vez mais preocupado quando não conseguia se manter firme em sua decisão de não consumir.

A motivação para querer interromper o uso foi o fato de que, em suas férias de trabalho, não foi viajar e passou três semanas inteiras usando base/crack, todos os dias, mudando o seu padrão de uso e gastando muito dinheiro com isso:

Foi a vez que eu consumi mais que foi uma altura que eu tinha férias de trabalho, que em vez de férias, acabei por fazer férias a consumir. Em duas semanas, acho que gastei quase 5000 euros, depois arranjei uma miúda, que é quase da minha idade, também filha de pais ricos, que tem um apartamento em uma zona de gente com dinheiro aqui na cidade, então, tivemos três semanas basicamente a fumar e fazer sexo, mais nada.

A seguir, a esse episódio foi ficando muito deprimido e, em um almoço na casa dos pais, decidi pegar a pistola do pai:

Claro que não ia dar um tiro nos cornos, porque se quisesse dava, mas tipo, fui pra frente o hospital, *“Dou um tiro aqui, não foda-se, mas se dou um tiro aqui, posso ficar com o ombro...nunca mais mexo o ombro, se curar, não sei o que.”* Sai de casa com aquilo, meio sem saber. Fui a esquadra da polícia. *“Eu queria entregar isso pra esconder a arma”.* (...) *“Entregar por que?”* *“Pra não dar um tiro nos cornos”*, pronto depois comecei a chorar, depois puseram-me lá num canto, chamaram uma ambulância, fui pro hospital psiquiátrico, tive lá três semanas.

Depois que saiu, ficou sem beber álcool e não usou base/crack por três meses, voltando, depois, ao padrão de consumo anterior, aos finais de semana, por mais quatro anos.

Após fazer esse relato, parecendo um pouco constrangido, comenta:

Um dado que eu, pois... que ainda vem agravar isso tudo, é que eu desde, porque sou, depois é que comecei a tratar sobre isso, tratar... hã, sou uma pessoa que, eh eh eh toma remédios, medicamentos ou... sou uma pessoa que ... o médico diz-me bipolar, mas não um bipolar que, com poucas crises maníacas. Muitos, muitos...períodos muito longos de depressão, portanto um bipolar, quase que não é bipolar, é mais... (sorriso).

Indagado sobre a quanto tempo tem esse diagnóstico, responde: *“Mas de 10 anos, não sei, muito”*. Provavelmente, o diagnóstico é anterior ao início do uso regular de base/crack, muito embora ele não consiga definir datas ou períodos, faz sempre uma aproximação. Mas o que o motivou a buscar o psiquiatra, que lhe deu o diagnóstico, foi ficar muito deprimido e com ideias suicidas, mas sem nunca efetuar uma tentativa.

Considera que perdeu o controle com a base/crack, mas não a associa a um fato ou momento específico da vida, mas *“acho que foi aquele como...um acumulado de frustrações, de uma forma de por escapar fora de...”*

Fazendo uma comparação dos usuários de heroína e os de crack, diz que os usuários de crack ficam piores que os de heroína:

Pior. Heroína não te destrói tanto a cabeça como o crack, o crack destrói completamente o sistema nervoso. Já andaste na Cracolândia, já viste aqueles cadáveres que se arrastam, parecem mortos vivos, comparados com os da heroína.

Fernanda refletiu que o uso de crack que fazia era muito solitário e focado apenas no prazer físico e passou a considerá-lo autodestrutivo, até porque não combinava com sua característica de ser uma pessoa muito sociável.

A grande motivação para interromper o uso foi julgar que havia perdido o controle sobre ele, analisando alguns comportamentos que desenvolveu durante os meses de consumo. Começou a se afastar das pessoas e ficar sozinha em casa, fumando base/crack, gastar mais dinheiro com a compra da base do que havia planejado, chegando mesmo a gastar todo o dinheiro que tinha. Também, por ter acordado a mãe com um telefonema, às duas horas da manhã, e lhe mentir dizendo que precisava de 20 euros emprestado para ir a uma discoteca com os amigos (coisa

que não faria em outra situação). Ainda começou a notar, em si mesma, alguns trejeitos dos usuários que circulam nas zonas próximas às cenas de uso, como: ficar prestando atenção a qualquer ponto no chão que eventualmente se parecesse com uma pedra. O acontecimento que julgou ser o ponto decisivo, somando-se aos demais, aconteceu em uma tarde em que, aguardando no carro a hora de fazer uma entrevista com um toxicodependente soropositivo, para uma pesquisa em que estava trabalhando:

(...) abri o cinzeiro e tava cheio de cinza e comecei a olhar pra cinza e comecei a ficar super nervosa e comecei a fazer cigarros com a cinza e pensei, isto está muito longe de ser normal. E pus-me a ficar mais nervosa com o que fiz. Foi uma coisa compulsiva começar a mexer assim na cinza, nervosamente. Fui fazer a entrevista e quando terminei fui ter com meu amigo que tinha experiência com heroína nos vinte anos dele, há mais de 20 anos agora, ele tem quase a idade do Joaquim, e ele foi...agora já não é, mas na altura ele era narcótico anônimo, portanto, frequentava aquelas reuniões.

Chegou a ir em uma reunião dos NA, com o amigo, mas não se identificou (ou a sua condição) com as histórias relatadas pelas pessoas presentes. Decidiu, então, procurar uma amiga que trabalhava em um local de tratamento para toxicodependentes; foi ficar uns dias em sua casa, quando chegou disse a amiga:

Tome aqui meus multibancos [cartões bancários], não estou a me sentir bem, não me deixes sair com dinheiro. Eu acho que foi um caso melodramático eu tava um bocadinho aflita, assustada. Ela ajudou-me imenso, basicamente, insistiu durante aquele período todo, ela ajudou-me imenso, estava sempre a brincar: *“Não é o produto que tu fumas, as coisas, tu não és uma toxicodependente. Tu estás a construir o discurso que não é o discurso real. Tu tá a colar o discurso da droga.”* Aham... ajudou-me muito! Ao sair comigo andava com meus cartões multibanco. Isso eu também fiz com Joaquim, ficava com os cartões multibancos dele. E depois com os apontamentos que me fez obrigou-me desconstruir um bocadinho o tal discurso do agarrado e do estar **dominado pelo produto** e ajudou-me a desconstruir, efetivamente, esse discurso. Depois passado uma semana voltei pra casa e não voltei a ir as reuniões dos narcóticos anônimos porque não tinha paciência e depois disso...acho que ainda fiz uma vez consumos, talvez dois.

Após os últimos episódios de usos, iniciou um relacionamento afetivo com a pessoa que veio a se tornar seu esposo e tiveram um filho. Não utiliza base/crack há oito anos.

Indagada se no período que iniciou o uso de base/crack estava se sentindo mais sozinha, analisa que, apesar de ter muitos amigos e de sempre estar com eles, sentia-se emocionalmente sozinha, sem um relacionamento afetivo sério e em uma fase de pouco trabalho e pouco dinheiro. Lembra-se de sair do bar, em que se encontrava com os amigos uma vez por semana, e ir embora para casa, sem avisar ninguém; não para usar base/crack, mas porque estava se sentindo deprimida. Porém, não atribui ter iniciado o consumo à fase difícil e sim, que a fase difícil lhe proporcionou condições para se concentrar no uso. Não estar em uma relação afetiva séria, no momento em que começou a utilizar a base, lhe deixava espaço para o tipo de investimento de tempo que este uso requer:

É muito difícil ter um consumo de base, mesmo que seja nos fins de semana, se tiver uma vida muito estruturada com namorado, marido ou filhos ou um emprego, portanto, porque é tão...tão exclusivo e concentra tanto todas as energias e todas as atenções que isto ocupa...se você não tiver uma vida muito organizada, numa certa altura começa a desorganizar, eu naquela altura tinha espaço para isso. Trabalhava part-time, vivia sozinha, não tinha namorado, portanto eu tinha espaço para fumar e dormir em minha casa, não é (...).

Nesse período, em que iniciou o uso de base/crack, seu amigo Joaquim decidiu parar de usar e se sentia responsável por ela ter começado a consumir com ele. Tentava acompanhar o seu processo de uso e alertá-la que devia parar:

Aconteceu-me de eu começar a fumar e Joaquim ficar muito assustado e achar... e dizer-me: *“Está a correr mal, está a correr mal, tu tens que ter cuidado, não sei que”*, e eu a fumar, então, muitas vezes, eu fumava e Joaquim tinha a chave de casa, dormia em minha casa, dormia no sofá ou dormia na cama e qualquer coisa, e eu tava na sala a fumar. Ele não me fazia companhia, mas estava lá e ele não fumava.

Relata que, em algumas noites, tendo acabado seu dinheiro e querendo comprar mais base/crack, pedia emprestado a Joaquim quando este estava dormindo em sua casa. E ele lhe entregava o cartão do banco e lhe dizia: *“Não gastes tudo”*.

Eu acho que é uma coisa fantástica de um amigo fazer por outro, ele dá-lhe o Multibanco (risos) e dizer: *“Não gastes tudo”*, uma enorme confiança porque ninguém, só mãe, faria uma coisa dessas, ninguém faz isso pro outro e eu lhe sou eternamente grata por isso pela confiança e de fato eu só usava eu 20 euros.

Interessante observar que, apesar de ficar sem dinheiro por ter gastado com a droga, relatada como um dos indicadores da perda do controle, ainda conseguia estabelecer um novo limite para o empréstimo e respeitá-lo, limite esse que não foi determinado pelo dono do cartão.

Quando questionada se tinha conhecimento de como ficavam os usuários problemáticos de base/crack quando começou o seu uso, respondeu que sabia, mas não tinha uma ideia muito clara. Como, por força de seu trabalho, atua junto a populações excluídas, em que a toxicodependência está presente, mas como a área das drogas não é o seu campo de atuação, não distinguia, na época anterior ao seu próprio consumo, usuários de heroína de usuários de base, pois os dois consumos estão muito misturados em Portugal. Só com sua própria experiência com o uso foi percebendo, quando procurava as prostitutas para comprar a base e estas compravam duas ou três doses de bases e uma de heroína:

E o que faziam era: consumiam base, base, base e no fim fumavam heroína pra acalmar, portanto são as mesmas figuras. Eh...eu não sei como elas se identificam, se se identificam como heroinômanas ou como consumidoras de base, mas é a mesma coisa, portanto, eu acho que houve aumento do consumo de heroína, é o que as estatísticas dizem, eu acho que elas passaram a consumir base e depois a heroína para acabar com a compulsão, para acalmar, não é? Como é muito difícil separar, portanto, para mim nunca era muito claro que eram consumidores de base. Eh sempre tive a noção que eram figuras muito degradadas, já. Consumidores fim de linha e assim, mas não era uma coisa clara como é com heroína. Agora vê bem claro, são as mesmas pessoas.

Teve conhecimento das notícias sobre o crack que vinham dos EUA, no final de 1980, *“mas eu não percebia que crack e base de cocaína eram a mesma coisa e só percebi, só tomei consciência disso, naquele momento quando consumi com o Joaquim, não é?”*. Tinha informação de que era um consumo bastante compulsivo e que poderia ser aditivo, mas acreditava que era diferente da heroína. E, pondera que:

O fato do Joaquim ser uma pessoa muito próxima e de não me parecer que o consumo dele fosse muito problemático, desproblematizou a questão, ou seja, se ele pode consumir e ter uma vida normal, também consigo. Mas enfim, acho que é por aí. Mas eu acho que crescer com uma consciência clara de que as coisas podem...nós crescemos com consumidores de heroína e acho que ajuda num afastamento. Não

achava interessante ir por aí. Acho que isso foi um dissuasor dos consumos.

João relata que o que o motivou a parar com o uso foi o fato de começar a pegar o dinheiro que recebia para o lanche da escola, para comprar crack e cocaína e, quando precisava de mais, passou a pegar o dinheiro de seus pais sem avisá-los, fato que o deixava com sentimentos muito ruins. E também, quando parou para pensar que ele e um dos amigos, em três anos, gastaram R\$ 30.000,00 com crack e cocaína, dinheiro que o amigo, que era atleta havia ganho em um campeonato mundial.

Na época em que seu consumo era mais elevado, teve um amigo de infância, que havia começado a usar junto com o grupo, que passou a ter problemas com o uso:

E nesse meio tempo, um dos meus amigos, que é uma pessoa que cresceu comigo, desde que a gente tinha um ano de idade, é...entrou... começou a usar droga junto conosco e ele desandou. E ele começou a usar pedra e começou a passar, tipo, três, quatro dias fora de casa. E como ele era uma pessoa muito próxima a mim, começou a me tocar, aquilo. E eu percebi o quão fundo poderia estar se eu não me cuidasse, e do nada, de um dia pro outro, eu acordei decidido que não ia usar mais nada. E desde então perdi a vontade, não tenho nem vontade.

Até hoje, não consegue explicar como, após decidir que pararia de usar, a vontade de usar desapareceu. Como é espírita, credita este acontecimento a uma força maior:

E ainda calhou de eu acordar com esse sentimento e dois dias depois o meu amigo querer se internar. Porque teve uma situação triste, que ele tava três dias fora de casa, tava no carro dele e passou uma viatura da polícia. Ele tava com uma latinha com pedra, ele colocou a latinha debaixo do banco do carro. Os policiais abordaram ele, revistaram, não acharam a latinha. Ele chegou pro policial e falou assim: *“Policial, pelo amor de Deus me leva pra casa, porque eu tô há três dias virado, eu sou usuário de crack e não aguento mais.”* O policial olhou no olho dele e falou: *“Você é usuário de crack?”*, deu três tapinhas no ombro dele e falou: *“Então vai buscar mais uma.”* Entrou na viatura e foi embora, deixou ele ao relento. E ele falou que ele se sentiu tanto lixo, que ele chegou na casa dele, interfonou pra mãe dele e falou: *“O mãe eu quero ser internado.”*

Outro incentivo para parar com o uso foi ter iniciado um relacionamento sério e que durou sete anos:

E aí isso também foi um incentivo pra você parar, né? Porque você tá com a pessoa todo dia, você convivi, você não quer fazer com que a pessoa te ache uma coisa estranha... uma coisa ruim, assim. Não quer passar uma má impressão, então, você não vai fazer aquilo na frente dela. E a convivência acaba te levando pra longe disso.

Também acredita que o fato de ser de uma classe social com mais possibilidades sociais e financeiras o tenha ajudado a não perder o controle. Relatou que, quando já estava utilizando crack e cocaína, sua mãe percebendo algo de diferente levou-o a uma psicóloga e diz que isso o ajudou, muito embora nunca tenha falado abertamente de seus usos. Mas acredita que, por ser psicóloga, ela deve ter percebido:

Mas isso também me deu uma boa noção, porque a psicóloga ela... querendo ou não, ela te dá um acompanhamento que é importante. Por isso que eu acho que ajuda do governo, seria importante pras pessoas dependentes, porque, às vezes, uma pessoa que sente e escuta é muito mais importante do que as pessoas pensam, entendeu?

MODELOS CLASSIFICATÓRIOS DO USO DE DROGAS

João acredita que uma pessoa que tem problemas com drogas, tenha um vício, mas que o vício não deixa de ser uma doença. Também define vício como hábito e este só passa a ser vício quando a pessoa passa a depender daquilo para poder desenvolver as tarefas cotidianas:

Pra mim o vício é o hábito. Você tem o hábito de fumar um cigarro, é um vício, e ele é totalmente feio. Você tem o hábito de jogar bingo, ele é um vício, e ele é ruim porque ele te prejudica, tanto financeiramente... enfim. Você toma cerveja todo dia, também é um hábito que vira um vício, que aí você acaba dependendo daquilo pra fazer suas coisas do cotidiano, aí se torna um vício. Ou aquela coisa não que você dependa... você precisa usar pra fazer, mas, às vezes, você faz pensando que você vai usar depois. Isso pra mim é o que eu descreveria como um vício.

Também define o vício pelo uso contínuo:

Eu acho que é o uso contínuo, o uso contínuo que define o vício. Se a pessoa usa esporadicamente, é uma forma de vício. Mas eu acredito que existem casos, não são todos, que a pessoa consegue se controlar, usar, de repente, final de semana, ou, às vezes, raramente conseguir... tanto que poucas pessoas, muito poucas, dá pra contar em menos de uma mão, que eu conheço, que fazem assim. Mas muitas começaram assim, e hoje em dia, fazem todo dia. Então é aquela coisa, será que

vai acabar fazendo todo dia ou será que vai viver a vida inteira fazendo pouco. Então, é o preço que a gente paga, por qualquer coisa que a gente faz nessa vida.

Também define o vício como doença, pelo fato de ter tratamento:

Só que é uma doença, por que? Porque existe tratamento, existe uma cura, então acho que ela tem que ser encarada como uma doença, como se fosse um diabético, como se fosse uma pessoa que precisa de um auxílio.

Para Adriano, vício e dependência é a perda do controle do uso da substância e não considera que tenha perdido o controle sobre seus usos:

O vício pra mim é o momento que você não controla o seu uso. Que você quer cheirar mais, quer fumar mais pedra. Acho que isso é vício. Acho que é uma linha muito tênue mesmo, assim, é um passinho mais pra cá que você dá que você tá no abismo. Você pode querer vender suas coisas pra cheirar, sabe? Isso é vício, isso é ruim, é ruim. Eu nunca vendi nada meu, assim, pra comprar droga, nunca, nunca. Pra mim é ... Eu tenho vinil, eu tenho coleção de vinil e vinis caríssimos. (...). Tem um brother meu que vendeu vinis pra cheirar, eu nunca faria isso, nunca, nunca. Eu trabalho, eu faço tudo até onde der, se não tem não cheira, se tem cheira e acabou. Eu uso aquilo. Acho que esse controle é que me segura.

Com relação à dependência ser considerada doença, concorda que sim, se aceitarmos o fato de depressão ser uma doença:

Se a gente for pensar que a depressão é uma doença, então sim. Ele pode não ser doente fisicamente, mas mentalmente... ou talvez pode ser doente fisicamente porque no corpo da pessoa tem aquela enzima x, que faz ela depender daquilo pra executar outras coisas. Acho que é muito mais fundo, assim, o buraco, pra você saber... ah essa pessoa é dependente...química. Acho que são n questões.

Gabriel, em vários momentos, se diz **viciado** em maconha, mas faz uma diferença de graduação entre ser viciado e ter ou não ter controle, ter vontade de usar ou não:

Então, éhh o álcool pra mim acho que ele é um vício mas é... focado. Então, por exemplo, eu vou almoçar no meu trabalho, depois do almoço eu penso: "Ah, eu podia fumar um e tal." Mas eu não fumo porque vai atrapalhar minha tarde, e eu vou ficar lesado a tarde inteira, vai dar sono e eu não vou mais trabalhar mais, né? Não sinto vontade de tomar cerveja, por exemplo. Agora se eu sentei aqui, por exemplo, não vou pedir um suco nem nada porque a minha vontade é tomar uma cerveja, né?

Então eu acho engraçado isso porque, às vezes, a gente é viciado e não percebe também. E outra, quando eu usava cocaína todo final de semana, eu era um viciado, eu tava viciado, mas de final de semana. Não usava durante a semana, mas chegava sexta-feira eu precisava usar e queria muito, então, era um vício, assim. E tanto que eu vejo outros amigos também que todo final de semana usam e é um vício pra eles também, entendeu?

Também associa o *vício* com ter efeitos da privação, como os que os fumantes relatam:

Eu falo que é um vício porque quando as pessoas falam assim: “Eu parei de fumar, eu comecei a ficar mais nervoso, eu comecei a ficar, não sei o que...” Com a maconha eu sinto isso também, assim, eu fico agoniado, preciso fazer alguma coisa. Então, por exemplo, ontem eu saí com meus amigos, depois da aula, a gente foi tomar uma cervejinha e tal, eu tava sem maconha. Eu tava louco pra que meu amigo chegasse com a maconha porque eu queria muito fumar, cê entendeu? E, na hora que ele chegou a primeira coisa que eu falei foi: “*Tem um aí?*” Ele falou: “*Tenho*”, “*Então, vamo fumar porque eu quero muito, assim.*” Ai a gente fumou, aí já dá uma relaxada, fuma mais, não sei o que. Mas é um vício assim, é um vício, tanto físico quanto psicológico, acho que bem mais psicológico.

Sobre o termo dependência, faz a seguinte leitura:

Então, por exemplo, eu bebi e tal, então, tô com vontade de cheirar, vamos supor, só que muitas vezes eu falo: “*Não, é melhor não.*” Apesar da minha vontade e desse vício tá chamando e tal, é melhor não. Acho que quando você é dependente (...), você não consegue, entendeu? Porque você depende daquilo mesmo, você fala: “*Preciso ir, eu vou de qualquer jeito, eu vou sozinho, eu vou do jeito que for, com você ou não eu vou e pronto*”, assim.

Pondera que, talvez, o fato de conseguir dizer não, possa ser um estágio para a dependência. Pelo termo adito, entende ser alguém que é dependente e que continua usando a substância. Mas um dependente pode não usar, “*por exemplo, quem é alcoólatra e tal, e para de beber, a pessoa é dependente e sempre vai ser, entendeu?*” O termo viciado, para ele, está sendo visto como um hábito que pode não ser saudável, mas que, em si, pode não constituir um problema. “*É, tem gente que vai precisar de chocolate, sei lá e tal, beleza, é um vício também, a pessoa tem vontade daquilo e não consegue, não dá, o corpo pede aquilo, então*”. E a concepção de dependência, está de acordo com o AA.

Questionado se poderia perder o controle, faz a seguinte avaliação:

Assim, se descontrolar é usar droga um dia, sim. Mas começar a usar droga todo dia, acho que não... difícil. Muito difícil, não aconteceria comigo, não. Muito difícil... assim, na situação que eu tô hoje, assim, entendeu? Não sei se eu tivesse numa situação difícil na minha vida, alguma coisa, se talvez o vício chamasse, o meu gosto pelas drogas chamasse, talvez teria mais facilidade. Porque eu gosto da droga então, talvez se eu... se eu deixar isso levar e tiver numa, sei lá, tô morando na rua e tal, não tenho nenhum compromisso, mas nada pra fazer e aquilo... as pessoas ao meu redor todo mundo usa e tal, talvez meu gosto pelas drogas ajudasse que isso acontecesse. **Mas talvez a estrutura que eu tenho hoje, minha vida, meus amigos, tudo, meus compromissos e tal, me privam disso, assim.**

Diogo, questionado sobre se considerava a dependência uma doença, diz não ter certeza e faz uma reflexão, pois acredita que não se pode generalizar, nem o termo dependência e nem doença, e que irá depender muito da pessoa que está fazendo o uso e de sua relação com a substância em questão. Mas, tentando refletir sobre isso, não só no momento da entrevista, oscila dentro das definições médicas de dependência física e psíquica:

Poxa, deve ser pra algumas, mas é que eu acho que ela não é como ela é difundida. Eu acho que falar que sim ou não é foda, né? Mas é isso eu acho que a dependência... puta tem gente que vai ter dependência, só que a dependência vai ser de qualquer coisa, sei lá, gente cria... eu acho que é uma doença que ela existe corporalmente porque seu corpo tá acostumado, talvez. Mas é que não sei se é doença, uma questão de se habituar seu corpo com coisas, né? É só que eu acho que é mais psíquica né? Porque a gente... é que eu não sei se é doença, é difícil falar que é doença, né?

Continua a sua reflexão, tirando como base o seu próprio uso, analisando suas motivações para usar a substância, identifica que:

Então, eu sei, eu sei que várias coisas que me trazem a usar droga, não são tipo: “ Eu preciso usar a droga”, tipo é, é aquela coisa que eu falei, o crack pô, eu tenho vontade de falar: “Hoje tô a fim de fazer um negócio, sei lá, pra mexer um pouco comigo mesmo, pra mexer”. Assim como faço com ayahuasca, sei lá, tento criar uns ritos em mim de sei lá, de ou ir um pouco pro caos ou ir um pouco pra ordem, um pouco pra cá, um pouco pra lá. E da cocaína era muito de coisas que eu queria fazer, ou de estar no social ou de sair dele ou... e também de sair do certinho, conseguir fugir dessa coisa de fazer tudo certinho: “Vou chegar, vou

dormir, vou não sei que lá”. É, é nunca, nunca foi um negócio: “É porque eu preciso da droga”. É não sei se nunca, mas é generalizar demais.

Ainda completa que suas decisões de usar cocaína, no caso, sempre tiveram um propósito, ou para ficar alegre ou para se socializar, ou para se isolar ou para conversar com uma pessoa; portanto, sempre *“teve propósito, nunca foi uma coisa que é tipo: “nossa, dependo, dependo”. Ah a sei lá... e se existe dependência, acho que sou muito mais dependente de chocolate do que disso daí”*. Acredita que não se pode definir, a priori, que existe uma doença da dependência porque cada um traz as suas subjetividades e motivações e relata um caso, que acompanhou, de um homem que vivia em uma barraquinha montada em frente a uma loja, quando esta fechava as portas, mostrando como ele fazia opções para o uso e para estar naquele lugar. Quando abordado pelos serviços de assistência, queria, às vezes, o de saúde e dizia: *“Eu gosto da minha pedrinha, tenho meu barraco aqui, eu tô num lugar seguro. O meu, cê acha que eu quero, cê acha que eu quero ir pra uma casa, ter que pagar conta, que eu quero ficar com a família. Eu tô aqui, quem quiser se aproximar, vim aqui, se não causar na minha, tá aqui legal, tô aqui”*.

Diogo conclui: *“ Isso é uma doença? Não é uma doença, o cara tá escolhendo só um tipo de vida diferente, ele não dá conta, não dá conta ”*.

Fernanda diz que gosta de ter uma visão positiva e acha que:

As Nações Unidas podem ter inventado a toxicodependência como doença para proteger o toxicodependente de uma versão, de uma outra vertente que acho que é pior que é a do criminoso. Portanto, então, é preferível ver o toxicodependente como um doente se a alternativa for vê-lo como um criminoso. Mas eu tenho alguma dificuldade em vê-lo como um doente, definitivamente acho que estágios muito avançados de consumos de drogas duras ou melhor consumos duros de drogas, podem ser como uma doença, ou seja, a pessoa comporta-se como se estivesse doente de alguma coisa e nesse sentido é quase metafórico. De resto, eu acho que os consumos de drogas são experiências, são lazer e são na maior parte do tempo para a maioria das pessoas, porque a maioria dos toxicodependentes, aliás os consumidores são uma minoria, os consumidores problemáticos ainda são uma minoria mais rara, portanto, apesar de tudo eu acho que há muito mais gente a consumir drogas como lazer, como experiência do que como uma forma problemática, portanto, pra mim, consumir não é sinal de doença.

Joaquim acha difícil definir:

A pá, não sei se é uma doença, mas que pode, que é um foco de atração de mais doenças é, não é? Em si não é uma doença, agora quer dizer, provavelmente, se tem podido fazer a tua vida normal, é uma coisa muito problemática pra considerar uma doença, não sei. Vai saber qual será a definição do que é uma doença. Não sei qual é, quais são os critérios que usam para definir doença.

SOBRE A LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS

João é a favor da legalização da maconha, que considera uma droga muito melhor do que o álcool, porque, segundo ele, o álcool irá causar danos a longo prazo e a pessoa pode ficar agressiva, inconveniente com os outros, ocasionar acidentes de trânsito: *“Porque você não vê ninguém fumando e mantando três atropelados, você não vê ninguém roubar pra fumar um baseado, entendeu?”* Mas não é a favor da legalização de mais nenhuma droga. Acredita que se forem legalizadas, mais pessoas começarão a utilizar e podem se deparar com alguma substância que ela não consiga controlar o uso. *“Então essa pessoa, às vezes, pode encontrar ali uma droga que não vai fazer mal no geral, pode fazer mal pra ela”*. Pensa que se a maconha for legalizada, com locais de venda legais e com boa qualidade, com a planta natural sem mistura, muitas pessoas não vão querer ir buscar outras substâncias com o tráfico, correndo riscos. Outro fator que leva em consideração é a percepção que tem de pessoas próximas conseguirem controlar melhor o uso da maconha, fazendo interrupções por alguns períodos, e não conseguirem fazer isso com a cocaína. E conclui:

Por isso que eu acho que é uma droga que poderia ser legalizada e as outras não. Porque o vício dela é muito menor, entendeu? Porque eu acho que é um vício não só físico... porque a maconha ela afeta o físico, mas muito menos o físico do que as outras drogas, é uma dependência mais psicológica. O crack e a cocaína eu senti que é um vício mais físico, meu corpo necessitava daquilo. A maconha já não, meu corpo não necessita, minha mente que fala: *“Pô, queria dar uma relaxada, vou fumar um baseado.”* Entendeu? Por isso que eu acho essa diferença entre as drogas.

Não acredita no uso controlado de drogas (com exceção da maconha), acha que, em algum ponto da trajetória de uso, a pessoa irá *desandar*⁶⁶:

⁶⁶Perder o controle sobre o uso de drogas.

Olha, assim, é.... pelo que eu conheço, que eu vivi assim, até hoje, eu o.... eu não sei.... Eu sou daquele que é assim, se eu vejo que a pessoa consegue fazer éhh tudo, trabalhar, ter uma vida e usar, no meu ponto de vista, eu acho que é errado. Porque uma hora ou outra ela pode desandar, isso pode se tornar corriqueiro. Por isso que eu sou contra essa legalização, porque e acho que alguma hora pode estourar e ela começar a usar direto e gerar todos esses problemas que eu falei. (...). De repente por algum, algum problema da vida, perde um emprego, fica em depressão, vai procurar abrigo na droga, entendeu? Então nesses fatores que eu acho que precisa pensar no geral, porque...

Adriano é a favor da legalização de todas:

(...) sou a favor de todas. Acho que... a gente tem o livre-arbítrio, se a gente... não tá segurando a bronca, a gente tem milhares de locais que a gente pode acessar pra gente se ajudar. Acho que vai da gente. Eu sou um cara que... eu tenho muito isso de mim... acho que essa coisa de... eu vejo muito isso...hoje em dia eu concordo com as pessoas que falam que eu acabo usando, tô no uso, pra dar uma despirocada no meio do meu sistema, do mês, assim, da família, do meu meio. Mas é.... eu acho que vai da pessoa, acho que vai da pessoa...

Gabriel avalia que a maconha deveria ser legalizada, talvez a cocaína, mas o crack, não:

A cocaína legalizada eu consigo até imaginar, assim, mas o crack legalizado eu não imagino, porque se é uma droga tão perigosa, da pessoa viver daquilo, querer tá ali, porque também tem pessoas que não tão em situação de rua, e vão pra lá só pra ficar usando droga a vida inteira porque aquilo vicia, então, talvez isso atrapalha a sociedade também, assim.

Interessante notar que, mesmo ele fazendo um uso de mesclado e mantendo a sua vida estruturada, a imagem das cenas de uso interfere no seu julgamento sobre a possibilidade de poder ser livre o acesso ao crack.

Tudo bem, é.... mas acho que o.... o crack hoje é associado a pessoas que estão em situação de rua e tal, e a maioria dos usuários de crack são essas pessoas, tanto que se você for numa boca de fumo, quem vai comprar maconha e cocaína é um jeito... é um estilo de pessoa que vai lá, quem vai comprar crack é outro estilo de pessoa, entendeu? Então, você consegue diferenciar essas coisas. E você, por exemplo, colocar um crack legalizado, quem são as pessoas que vão tá utilizando isso daí, entendeu? Então, eu não vejo assim um caminho pra legalizar o crack e de você poder comprar em num lugar específico, você poder

usar o crack e tal, eu não vejo um caminho assim. Acho que pelo fato da droga estar associada ao vício e decadência da vida, assim.

Acredita que se a maconha fosse legalizada, diminuiria o uso de outras drogas porque, segundo a sua própria experiência, teve contato com outras drogas porque tinha de ir até o tráfico para poder comprar maconha e acabava comprando outras substâncias também. E completa dizendo que as gerações de hoje utilizam também outras drogas como:

Lança-perfume, LSD, bala, essas coisas, você encontra com pessoas que você conhece. Agora cocaína e crack, são vistas hoje, mais perigosas, assim, que as pessoas mais são viciadas e tal, você encontra na favela, é lá na boca de fumo que você vai encontrar. Se você começa a privar o jovem de ir na boca de fumo pra comprar maconha, eu acho que com certeza, as novas gerações vão começar a não usar mais essa droga. Não vai resolver problema da Cracolândia, não vai resolver o problema de vício e tal, mas vai fazer com que as novas gerações parem de ter contato com esse tipo de droga assim, eu acho.

Diogo é a favor da legalização de todas as drogas, mas pensa que tem de se fazer um bom trabalho social, de base, pois quem sofre com o proibicionismo são as pessoas que estão em situação desfavorável:

É pra legalizar a droga, a gente criar um sistema mais justo. Antes de legalizar, antes do que só legalizar, um sistema mais justo, onde as pessoas possam ter dignidade, tipo é uma coisa que pra gente tá muito longe, como sonho. É pensar o que é sociedade, né? Que a gente é muito excludente, a gente não, é a gente não pensa na sociedade, a gente pensa só no indivíduo, no indivíduo, o que fez e merece e não sei que lá. É isso, a sociedade é muito...

Refletindo sobre o julgamento moral que recai sobre os usuários que estão na “Cracolândia”:

(...) Puta, eu também sou usuário de droga e a maioria desses caras que estão condenando são, tipo os médicos, os caras, assim. Que o cara [usuários da Cracolândia] vai ser atendido por um médico aí, o cara trata maior mal e o cara sai à noite na festinha e usa pó, e usa pó de primeira qualidade porque pode comprar. E pode comprar, ir pra casa, dormir, tá bem, amanhã toma um remedinho e tá tudo ótimo pra ele. E é isso né, a gente pô, e é um monte de gente numa sociedade que é uma sociedade drogada, então a gente tem que olhar. Proibir o que? Proibir o que? Que que a gente tá [fazendo] é excluindo as pessoas.

Não, a gente, às vezes, tem que deixar a coisa mais solta pras pessoas regularem. É lógico que não é fácil, mas é.... e eu nem acho que isso é tão possível agora, mas eu acho que a gente tem que começar o trabalho de base, a gente tem que começar tá nos lugares, tem que tá nos lugares... sabe? Um cara como o Dória ganhou porque todos os nossos movimentos eles não saíram da Vila Madalena nem da USP até hoje. Não saíram, vão até a, a o Shopping Anália Franco, no máximo e volta, aqui ó essa regiãozinha aqui [referindo-se ao local da entrevista, próximo a região da Paulista]. Poxa, é difícil...

Ainda sobre essa questão, lembrando de sua experiência, relata que dos amigos de infância do bairro que utilizaram cocaína e crack os que tiveram experiências mais devastadora na vida como um todo foram os de piores condições socioeconômicas. Muito embora saiba que a subjetividade de cada usuário pese nos desdobramentos das trajetórias de uso e/ou envolvimento com o tráfico, lembra que um amigo do bairro, que também teve problemas sérios e pode reverter a situação, era de uma classe social mais privilegiada. E, analisando o seu próprio uso, com relação aos mesmos amigos, entende que o fato de ter podido estudar e ter condições de desenvolver outros interesses foi um fator protetor de um uso mais prejudicial:

Pô, tenho vários amigos, isso que eu te falei do bairro, era um negócio que era muito, muito, muitas, muitas classes sociais conviviam juntos para... Então, eram pessoas... e as pessoas de classe mais baixa quase todas se fuderam, mas... que porra, tenho amigo que morreu de overdose e vários morreram por causa do tráfico, sabe? (...) então é um monte de história triste que eu vi com o crack. E eu tipo... fui o que tive oportunidade de mais estudo, de ter um monte de outros contatos, e eu acho que isso me facilitou muito.

Joaquim não tem uma posição formada sobre legalização das drogas:

Isso é um bocado.... Eu não sei dizer, não sei, não tenho assim opinião já formada sobre isso. Sendo o princípio que liberalizadas as drogas, primeiro: quais? Anfetaminas leves e as duras, é uma treta du caracas. O álcool pra mim é tão duro como a heroína. Imagina é.... Legalizavas o consumo de marijuana, hashishi, não a controlavas para maiores de quantos anos, 18 anos? Então, os maiores de 18 anos iam andar sempre a traficar para os de 16. A pá, não sei, não tenho um...

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE VISIBILIDADES E INVISIBILIDADES DO CRACK

Pretendi discutir as estratégias de controle, de e para, utilização do crack, da forma como são entendidas, referidas e acessadas pelos interlocutores dos dois contextos de uso. Considero que a parte mais densa desse trabalho é a das narrativas dos usos que fazem das drogas dispositivos sensoriais e de experiências com as sensações do corpo e com as emoções. Essas experiências passam a ser, digamos, “moduladas” em função do “lugar” em que se encontravam essas pessoas.

Por outro lado, como persegui de certa maneira a linha de pensamento dos interacionistas simbólicos, como BECKER, e de teorias do uso como contextuais, como ZINBERG. Busquei, muitas vezes de uma maneira sistêmica ou esquemática, traduzir os conceitos de controle de situações, tais como: o sujeito, o contexto e a droga de uso; na realização tanto das entrevistas como nas observações de campo. Na verdade, ao tratar do interacionismo, são consideradas para além as questões como o aprendizado do uso e o aspecto simbólico do uso, entendido como atribuição do sentido.

GOMAR (2002), criticando a abordagem dos interacionistas simbólicos, ressalta que eles não conseguem se distanciar de um determinismo farmacológico, pois que, só a partir da ação farmacológica da substância no organismo é que serão atribuídos, pelo sujeito, sentidos e significados, ou seja, os efeitos.

Quero dizer que – mesmo tendo o aprendizado de uso do crack/drogas sendo um aprendizado nos termos do BECKER (percepção e aprendizado sobre a substância e seus efeitos, aprender a distinguir os efeitos, aprender a desfrutar dos efeitos, aprender a ocultar o uso dos não usuários) e também o resultado de rituais sociais (com as sanções informais grupais e personalidade) – os efeitos atribuídos pelo discurso moral e alarmista do uso de drogas também estão reflexivamente presentes e constituindo as subjetividades das pessoas que usam drogas (e crack) e a sua performance com ela, tanto para o desenvolvimento de um uso “controlado” como “descontrolado”. Através do dispositivo, a droga se torna fetiche e, como tal, agencia seus usos e atualiza os padrões morais de normalidade. Infringir a norma é também validá-la/reconhecê-la/retificá-la.

Como o consumo de drogas ilícitas é tomado sempre como problemático e, mesmo podendo ser demonstrado que os usos nas cenas de uso não são homogêneos e que aí, também se encontram usos controlados, o fato de estarem na cena de uso já os desqualifica (segundo a visão mais geral circulante na sociedade) como capazes de fazerem um uso controlado. Portanto, encontrar pessoas que fazem/fizeram esse uso de maneira controlada, fora das cenas de uso e poder comparar suas estratégias e seus alcances, parece uma maneira de poder contribuir para um aprofundamento do conhecimento sobre as relações que os sujeitos estabelecem com os usos de drogas e relativizando o determinismo farmacológico em que a substância tem o domínio de todas as esferas da vida do sujeito ou, como diz DECORTE (2001): “o farmacocentrismo, que é muitas vezes o paradigma implícito da pesquisa sobre drogas”. Tornar-se um usuário de crack de uso controlado pode variar de acordo com os contextos de rua e com os contextos de uso privado. Ainda que algumas generalizações possam ser feitas a respeito da experiência humana com as drogas (e estas serem importantes), focar no sujeito e em suas possibilidades de agência e no seu lugar social é algo mais abrangente do que pensar apenas em usos e controles desenvolvidos que, além de garantir a manutenção de uma vida organizada, garantem a manutenção do uso de forma a desfrutar melhor dos seus efeitos, bem como, nos contextos de uso pode propiciar um conhecimento que não reitere estigmas e preconceitos que terminem por ser mais prejudiciais do que o uso de drogas. E, mesmo quando o sujeito desenvolve problemas com o uso e busca tratamento, sua classificação como dependente que - o tira do lugar do “drogado”, “viciado”, que tem uma falha moral, e o recoloca na categoria do que é “fraco”, “doente”, pois “depende” - não tem mais autonomia. Ainda aí, podemos ver o peso moral, se analisarmos o termo “recaída” (muito empregado no discurso terapêutico que visa a abstinência, visto como uma forma de entender que faz parte do processo de tratamento), esse termo é carregado de moralidade, pois que, só recai quem esteve caído. Recair não é um termo científico, mas passou a ser empregado por profissionais da saúde e, reflexivamente, pelos usuários problemáticos, familiares e amigos. O termo subjetivamente contribui para a estabelecer o lugar da “fraqueza” e do que não conseguiu seguir o caminho, pois que caiu, foi de cima para baixo.

Uma das mais referidas estratégias nos dois contextos foi “ter consciência”, o que significa ter o controle sobre o próprio uso. As pessoas, também em cena pública,

manifestam essa consciência em seu relato. Para se “ter consciência”, reflito, é preciso ter condições mínimas para transformar essa consciência em realidade. O que ocorre é que os dois grupos que apresentei vivem em condições proteção social, materiais e ambientes extremamente diferentes.

Pode-se objetar que pessoas que hoje vivem nas ruas e/ou nas cenas públicas acabaram saindo das próprias casas e passaram a viver em torno do fluxo. As histórias que são contadas a respeito dessas saídas dizem respeito a conflitos familiares, a questões de gênero e/ou sexualidades, por terem se envolvido com algum tipo de delito ou ação ilegal e não tinham acesso a recursos de proteção jurídica, ou de algum circuito da criminalidade, ou por terem saído do seu local de origem e não terem conseguido se integrar no mercado formal de trabalho. A grande linha divisória entre os invisíveis (ou que fazem uso privado) é o fato de terem além de boas situações econômicas e relações sociais, estarem inseridos em um circuito nos quais atividades como trabalho, estudo e lazer lhes propiciavam uma gama de interesses diversificados e vínculos que os mantinham na vida. Também não pesavam sobre eles o estereótipo de drogados.

As pessoas que não utilizavam crack nas cenas públicas o procuravam, para quebrar a observância as regras de conduta, quebrar a conformação às regras e normas sociais. Interessante observar, pelos relatos, que um dos efeitos esperado do crack é a introspeção, o recolhimento, o desejo de ficar sozinho, desfrutar de *uma sensação de estar anestesiado, um desligar-se*. E, para que esse efeito não seja perturbado, faz-se necessária a garantia de que ninguém possa interrompê-lo. Mas, mesmo esse efeito é passível de ser remodelado. Ao contrário do uso privado, na cena de uso público a interação está posta, quer seja com outros usuários, com profissionais da saúde, ativista pelos direitos humanos e pesquisadores. A esse propósito, transcrevo uma passagem do diário de campo que fiz em recente participação em um churrasco, em uma das tendas de moradia improvisadas junto ao fluxo; nela, a fala de um usuário sobre o uso de crack e a interação é reveladora:

Estamos no churrasco e enquanto uns se ocupam de assar a carne e distribui-la aos participantes, um grupo faz um samba animado, alguns usuários dançam, outros cantam, outros conversam e entre essas atividades, também fumam crack. Parafina, um usuário que estava conversando comigo e observando outros usuários que fumavam e

interagiam com várias pessoas ao mesmo tempo fala: *“Isso só acontece porque támo aqui na Cracolândia.”* (Diário de campo 17/12/2016)

Quando os interlocutores se dispõem a utilizá-lo, a presença constante de que é uma substância perigosa está presente e antecede o desejo de uso. As imagens que lhe conferem tal compreensão são as de cenas de uso público associadas ao descontrole, como é possível observar em diversas falas. Isso serve para acionar limites que não se devem ultrapassar, como também, irá modular a percepção dos efeitos. Interessante observar ainda que, quando se está em cenas de uso, com usuários experientes e em um ambiente “protegido”, essa modulação não se apresenta da mesma forma. Usuários são capazes de interagir com usuários e não usuários ao mesmo tempo em que fumam, como nos demonstra a fala citada acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção midiática e demoníaca que foi dada ao crack em perspectivas como a do Brasil foi a grande construção da figura do drogado durante os anos 2000. Em Portugal, como em outros países europeus, a figura do “toxicômano” foi assimilada de forma mais demonizada e menos central no cenário social. Por outro lado, nesses países, a influência de governos social-democratas teve uma intervenção urbana também de gentrificação mais “sutil”, não tão centrado em ações repressivas, e, as políticas públicas assimilaram as noções de redução de danos. O fenômeno da demonização e do poder do crack na cena pública de São Paulo se deu de maneira tão contundente e eficaz que, em Lisboa, encontrei a justificativa de que os efeitos que a mídia performatizava nos usuários de crack não se encontrava nos usuários dali e esses passaram a considerar que não consumiam a mesma substância. Na cena portuguesa, mencionavam que o crack “*não existe em Portugal e tampouco a cocaína*” que julgam de muito baixa qualidade, “*fraco*” em oposição ao que teria no Brasil “*forte*” e, por isso mesmo, capaz de “*viciar*” e de gerar comportamentos descontrolados.

A discussão sobre uso de crack não consegue ficar isenta do caráter alarmista que cerca a discussão sobre o uso de drogas, de uma maneira geral; correndo-se o risco de ver o problema com proporções maiores do que as reais, dificultando o encontro de alternativas para lidar com a situação.

Neste estudo, visei examinar em que medida os usos problemáticos (associados às cenas de uso públicas), e a produção de discursos morais e estigmatizantes, performam as experiências dos usuários de crack de uso não visível, problematizando a ideia de que o uso do crack se daria sem nenhum controle por parte dos envolvidos nesta prática, apresentando-se como um caminho sem volta, como se o indivíduo ficasse totalmente tomado pelo efeito farmacológico da substância, não sendo mais capaz de tomar decisões. No caso do crack, em especial, essa é uma imagem bastante difundida. Busquei também compreender quais percepções de controle e descontrole são acionadas pelos consumidores de crack, visando manter o controle do uso. Esta opção deveu-se à possibilidade de se pensar o quanto essa percepção está atravessada/constituída dos conceitos médico/da saúde acionados como discurso do “biopoder”, apesar da prática de consumo de drogas poder ser considerada um desafio às normas estabelecidas.

No grupo estudado, observei a construção de estratégias/conhecimentos relativos ao modo de usar a substância de maneira a não sentir ou diminuir os efeitos adversos e indesejados, aproveitar ou intensificar os efeitos desejados; o que caracterizaria, segundo BECKER (1977), uma cultura da droga. Pelos relatos dos atores envolvidos nesta prática, notei que existe uma diferenciação entre os usos, ou seja, existem vários usos; e o que os diferencia são características pessoais, de classe, gênero e, fundamentalmente, estarem ou não socialmente protegidos. Nessas circunstâncias, posso dizer que o limite entre o uso privado e o uso público será um peso a mais na situação de tornar-se ou não um “usuário de crack”.

A dificuldade que encontrei para localizar pessoas que usavam crack fora das cenas públicas de uso vai mostrar, claramente, essa delimitação e o peso do estigma que foi atribuído pela imagem pública dessa droga. Os que concordaram em serem entrevistados acabaram contribuindo para que pudesse descrever a complexidade e a riqueza reflexiva e densa que existe em torno dos usos de drogas e das censuras que a sociedade impõe a eles. Por um lado, revelam uma condição contemporânea de valorização dos consumos e das emoções que podem ser sentidas e aferidas através dos corpos, ou, de algum modo, falam de uma revalorização de seus corpos como corpos vivos e que podem ser explorados na extremidade de suas sensações. Há aí um consumo de sensações e emoções. Isso não deixava de ocorrer com os que entrevistei em cena pública. Considero, porém, que na situação de entrevista, a maior proximidade e cumplicidade que pude ter com esses interlocutores, (cujos lugares sociais se encontravam mais próximos, assim como os próprios conteúdos dos discursos compartilhados em uma esfera – do que posso chamar de um estrato mais intelectualizado da classe média – e, além disso, ter realizado essas entrevistas em lugares mais protegidos e livres de influência, como os do chamado “fluxo”, presente na rua) possibilitou-me explorar essa dimensão (repito) densa, rica e complexa da experiência das drogas.

No que posso pensar do que seja o lugar da “saúde pública”, no contexto dos usos do crack, longe de uma intervenção médico sanitária deveria ser a de respeito aos direitos e à cidadania, e a de políticas públicas que garantissem uma maior proteção social desses sujeitos, proteção social inclusive que os afastasse de uma polícia repressiva e de um estado encarcerador. O que constatei foi que a autonomia (e é preciso ter condições de classe para se ter autonomia, principalmente em uma

sociedade como a brasileira) é um fator mais eficaz do que a assimilação de práticas e estratégias, formatadas e universalizantes, de controles de uso. A autonomia e as condições de proteção social garantem, por si mesmas, uma “estratégia de redução de danos”.

Também, segundo o que pude constatar com os interlocutores, foi de que a recorrência a apoios terapêuticos, como recurso à compreensão e interpretação de si, era mencionada como um recurso para seus problemas, muito mais gerais e existenciais, do que como uma forma para tratar dos usos que faziam das drogas. Como referiu uma das narrativas: *“uma pessoa que senta e te escuta é muito mais importante do que as pessoas pensam”* em certas circunstâncias da vida.

Os usos de droga, nesse sentido, estão emaranhados com várias questões da vida, do cotidiano ao trabalho, do lazer a momentos de introspecção e reflexão, a sexualidade e a relações, e nesse sentido, podem revelar muito mais uma complexidade e riqueza existencial do que uma falta ou um problema. O lugar dos usos de uma droga me parece mais próximo a um lugar no qual se realiza, como fala Perlongher a respeito de certas práticas da sexualidade, como a realização de um essencial de si”.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, R. C. F. et al. **O Exercício da Sensibilidade: Pesquisa Qualitativa e a Saúde como Qualidade**. Rev. Saúde e Sociedade. 1994; 3 (2): 172-185.

ADORNO, R. C. F. **Crianças e Jovens em Trânsito para a Rua: Um Problema de Saúde Pública**. Relatório de pesquisa FAPESP/Faculdade de Saúde Pública – USP, São Paulo, 1996.

ADORNO, R.C.F. Os imponderáveis circuitos dos vulneráveis cidadãos: trajetórias de crianças e jovens das classes populares. IN LERNER, J. (coord.) **Cidadania, verso e reverso**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ADORNO, R.C.F. **Atenção à saúde, direitos e o diagnóstico como ameaça: políticas públicas e as populações em situação de rua**. In: Etnográfica, vol. 15 (3) | 2011, 543-567. Lisboa, 2011.

ALVES, Y.D.D. **Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo**. Tese apresentada para a obtenção do título de doutor ao departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

BASTOS, Francisco; BERTONI, Neilane. **Pesquisa nacional sobre o uso de crack. Quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?** Rio de Janeiro: Lis/Icict/Fiocruz, 2014.

BECKER H.S. **Outsiders: studies in the sociology of deviance**. New York, The Free Press, 1966.

BECKER H.S. **Método de Pesquisa em Ciências Sociais**, São Paulo: Hucitec, 1997.

BECKER H.S. **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1977.

BIONDI, K. **Junto e misturado: imanência e transcendência no PCC**. Dissertação Mestrado, São Carlos, UFSCAR, 2009.

BIVAR A et al. **Alma Beat**. Porto Alegre: L&PM; 1984.

BOURGOIS, P. In search of Horatio Alger: culture and ideology in the Crack Economy. In: REINARMAN, C.; LEVINE, H.G. (ed.) **Crack in America: demon drugs and social justice**. University of California Press. Berkeley, Los Angeles, London, 1997.

BOURGOIS, P. **In search of respect: selling crack in El Barrio**. Cambridge University Press, Cambridge, 1995.

BUCHER R. **Drogas e Drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo. EDUSP/Editora 34, 2000.

CALIL, T. G. **Condições do lugar: Relações entre saúde e ambiente para pessoas que usam crack no bairro da luz, especificamente na região denominada cracolândia**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Saúde Pública –USP, São Paulo, 2015.

CARNEIRO, B. H. S. **A Vertigem dos Venenos Elegantes**. Dissertação de mestrado, PUC-São Paulo, São Paulo, 1993.

CARNEIRO, H. **A fabricação do vício**. Texto apresentado na conferência: A construção do vício como doença: o consumo de drogas e a medicina, no XIII Encontro Regional de História – Anpuh em Belo Horizonte, julho de 2002.

CARVALHIDO, A. L. **O estigma e o poder do conhecimento: um estudo sobre a Operação Centro Legal de 2012**. Dissertação de mestrado, São Paulo, Fundação Getúlio Vargas 2014.

CAVALCANTI L. **Toxicomanie et Travail Communautaire: du difficile art de concilier le conflictuel**. Paris: Espoir Goutte d'Or – EGO, 1995

CEBRID – CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS. **Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas**. CEBRID/OBID, São Paulo, 1987.

CHAVES, M. **Da gandaia ao narcotráfico: marginalidade económica e dominação simbólica num bairro de Lisboa**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1996.

DAMATTA R. **A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense; 1985.

DANIULAITYTE, R; CARLSON, R G.; SIEGAL, H. A. **“Heavy Users,” “Controlled Users,” and “Quitters”: Understanding Patterns of Crack Use Among Women in a Midwestern City**, Substance Use & Misuse, 42:1, 129-152, 2007.

- DAS, V; POOLE, D. **El estado y sus márgenes: etnografias comparadas**. Cuadernos de Antropología Social 2008; (27): 19-52.
- DECORTE, T. **Drug users' perceptions of 'controlled' and 'uncontrolled' use**. Intern. Journ. Drug Policy. 2001, 12(4):297-320.
- DE LUCCA, D. **Morte e vida nas ruas de São Paulo**. Anais do Encontro Nacional de Antropologia e Direito. USP. São Paulo, 2009.
- DELPIROU A, LABROUSSE A. **Coca Coke – Produtores, Consumidores, Traficantes e Governantes**. São Paulo: Brasiliense; 1988.
- DUNN, John e ANDREOLI, Sérgio Baxter. **Método de captura e recaptura: nova metodologia para pesquisas epidemiológicas**. Revista de Saúde Pública, dez. 1994, vol.28, no.6, p.449-453.
- EPELE M. **Sujetar por la herida: Uma etnografia sobre drogas, pobreza y salud**. Ed. Paidós, Buenos Aires, 2010.
- ESCOHOTADO A. **O Livro das Drogas – Usos e Abusos, Desafios e Preconceitos**. São Paulo: Dynamis; 1997.
- ESCOHOTADO, A. **HISTORIA GENERAL DE LAS DROGAS**. Editores: CORTÉS, P.; HERRANZ, G. Edición Digital, sin ánimo de lucro, mayo 2007.
- FALCK et al. **Among long-term crack smokers, who avoids and who succumbs to cocaine addiction?** Drug Alcohol Depend. 2008, November 1; 98(1-2): 24–29. Drug Alcohol Depend. Author manuscript; available in PMC 2009 November.
- FELDMAN S. **Segregações Espaciais Urbanas. A territorialização da Prostituição Feminina em São Paulo**. São Paulo; 1988. Dissertação de mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP.
- FELTRAN, G. S. **Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo**. São Paulo, Lua Nova 79:201-233, 2010.
- FERNANDEZ, O.F.R.L. **Coca-light? Usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de “cheiradores” de cocaína em São Paulo**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, 2007.
- FIOCRUZ. **Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?** BASTOS,

F. I.; BERONI, N., organizadores. Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014.
Disponível em:

<http://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Pesquisa%20Nacional%20sobre%20o%20Uso%20de%20Crack.pdf>

FIORE, M. **Usos de “drogas”: controvérsias médicas e debate público**, Campinas: Mercado das Letras/FAPESP, 2006.

FONSECA G. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

FONSECA, C. **O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’**. Palestra proferida na Mesa: Ética e pesquisa etnográfica, durante o Seminário do NACi (Núcleo de Antropologia e Cidadania da UFRGS): Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. 9 de novembro de 2007.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo. Martins Fontes 2008

FRUGOLI Jr, H.; SPAGGIARI, E. **Da cracolândia aos nórias: percursos etnográficos no Bairro da Luz**. Pontourbe, 6, 2010.

FRÚGOLI JR., H.; SKLAIR, J. **“O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification”**. Cuadernos de Antropología Social n.30, FFyL, Universidad de Buenos Aires, Dec./2009, p. 119-136.

GARCIA, E. S. **Narrativas da Bagaceira: Um estudo sobre consumo de drogas e transição para a vida adulta**. Dissertação de mestrado, USP, 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: ed. LTC; 1989.

GEERTZ, C. Estar lá, escrever aqui. **Revista diálogo**. 1989; 22(3): p. 58-63.

GERMAN, D. & STERK, C. E. **Looking beyond stereotypes: exploring variations among crack smokers**. Journal of Psychoactive Drugs, 34 (4), 383-392, 2002.

GÉSERO, M. P. **Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes. O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa**, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Lisboa: FAUTL, 2011.

GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita: O futuro da política radical**. São Paulo: UNESP; 1996.

- GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC, 1988.
- GOMART, E. “**Six effects in search of a substance**”. Social Studies of Science. Vol. 32, n.1, 2002a.
- GOULART, S.; MINGARDI, G. **As drogas ilícitas em São Paulo: o caso da crackolândia**. Coleção Revista ILANUD, São Paulo, vol I n.15, 2001.
- GRANGEIRO, A. O perfil socioeconômico dos casos de AIDS na cidade de São Paulo. In: **AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: ed. Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.
- GRUND, J.P. **Drug Use as a Social Ritual: Functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation**. Instituut voor Verslavingsonderzoek (IVO), Erasmus Universiteit Rotterdam. Rotterdam, 1993.
- HART, C.L. et al. **Alternative reinforcers differentially modify cocaine self-administration by humans**. Behavioural Pharmacology 2000, Vol 11 No 1, 87-91.
- HART, C.L. **Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre drogas**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.
- INGOLD, T. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. New York: Routledge, 2011.
- JACKSON-JACOBS, C. **Hard drugs in a soft context: managing trouble and crack use on a college campus**. The sociological quarterly, 45(4) pp. 835-856.
- KLEINMAN, A; DAS, V.; LOCK, M. M. **Social suffering**. Okland, California, University of California Press, 1997.
- KOWARICK, L. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo, Editora 34, 2009.
- LABBATE, B. et AL. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. 1ª. Ed. Salvador, EDUFBA, 2008.
- LE MOS, M. P. **Estratégias complexas de reabilitação urbana: O efeito combinado da criatividade, espaço público e nobilitação**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, 2014.
- MACRAE, E, SIMÕES, J.A. **Rodas de fumo, o uso da maconha entre camadas médias urbanas**. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2000.

MACRAE, E. A abordagem etnográfica do uso de drogas. In: MESQUITA, F.; BASTOS, F. (orgs) **Drogas e AIDS: estratégias de redução de danos**. São Paulo, Hucitec, 1994.

MACRAE, E. A importância dos Fatores socioculturais na determinação da Política Oficial Sobre o uso ritual da ayhuasca. In: ZALUAR, A., organizadora. **Drogas e Cidadania**. São Paulo, ed. Brasiliense, 1994.

MACRAE, E; VIDAL, S. **A Resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social: dilemas éticos e metodológicos do antropólogo pesquisando o uso de substâncias psicoativas**. Rev. Antropol. Vol. 49 no 2, São Paulo, July/Dec. 2006.

MAGNANI, J. G. C. **A rua e a evolução da sociabilidade. A cidade e a rua**. Cadernos de história de São Paulo. 1993 Museu Paulista - USP. V 2.

MAGNANI JGC. **Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP; 1996.

MAGNANI JGC. **Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles**. SP: 1996. (Mimeografado)

MAGNANI, J. G. C. “Quando o campo é na cidade” In: MAGNANI, JGC. (org.) **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo, EDUSP, 1996.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no Pedaco. Cultura popular e Lazer na Cidade**. São Paulo: UNESP/HUCITEC; 1998.

MALHEIROS, L. S. “Entre sacizeiro, usuário e patrão”: Um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no Centro Histórico de Salvador. In: MACRAE, E. **Crack: contextos, padrões e propósitos de uso**. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 154-227.

MALVASI, Paulo. **Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo**. FSP-USP, tese de doutorado, 2012.

MEDEIROS, R. A importância das redes sociais com dependentes de crack e outras drogas. In: **Vulnerabilidades, resiliência, redes. Uso, abuso e dependência de drogas**. São Paulo, Red Publicações, 2015

MENEZES, L. F. **Entre a saúde e a repressão – políticas públicas na região da “Cracolândia” SP**. FSP-USP, dissertação de mestrado, 2016.

MENEZES, M. **Mouraria: entre o Mito da Severa e o Martim Moniz – Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa**. Coleção Teses e Programas de Investigação, TPI 23, Lisboa, LNEC, 2003.

MENEZES, M. **A Praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da Praça no mapa social de Lisboa**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 301-328, jul./dez. 2009.

MURPHY, S. B., REINARMAN, C. & WALDORF, D. (1989). **An 11-year follow-up of a network of cocaine users**. British Journal of Addiction, 84, 427-436.

OBSERVATÓRIO EUROPEU DA DROGA E DA TOXICODEPENDÊNCIA. **Relatório Europeu sobre Drogas 2016: Tendências e evoluções**. Serviço das Publicações da União Europeia, Luxemburgo, 2016.

O'HARE, P. Redução de danos: alguns princípios e a ação prática. In: MESQUITA, F., BASTOS, F., organizadores. **Drogas e AIDS. Estratégias de redução de danos**. São Paulo: ed. Hucitec, 1994.

OLIVEIRA, Luciano. **Os excluídos existem? Notas sobre a elaboração de um novo conceito**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.33, 1997.

OLIVEIRA, L. G. **Avaliação da cultura do uso de crack após uma década de introdução da droga na cidade de São Paulo**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, L. G., & NAPPO, S. A. (2008). **Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado**. Revista de Saúde Pública, 42(4), 664-671.

PARK R. A cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano. In: Velho O.G., organizador. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: ed. Guanabara; 1987. p.26 -67.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

- PUSSETTI, C. E BRAZZABENI, M. **Sufrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo**. In: Etnográfica, vol. 15 (3) | 2011, 467-478. Lisboa, 2011.
- RAUPP, L. M.; ADORNO, R. C. F. **Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo**. Rev. Ciência e Saúde Coletiva, 2009.
- RAUPP, L.; ADORNO, R.C.F. **Uso de crack na cidade de São Paulo/Brasil**. Revista Toxicodependências, 16(2) pp.29-37.
- REINARMAN, C.; LEVINE, H.G.(ed.) **Crack in America: demon drugs and social justice** . University of California Press. Berkeley, Los Angeles, London, 1997.
- REINARMAN, C.; LEVINE, H.G. Crack in context: America`s latest demon drug. In: REINARMAN, C.; LEVINE, H.G.(ed.) **Crack in America: demon drugs and social justice**. University of California Press. Berkeley, Los Angeles, London, 1997.
- ROLNIK, R. São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política. In: **As Lutas Sociais e a Cidade**. Ed. Paz e Terra / UNRISD, São Paulo, 1988.
- RUI, T. C. **Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- RUI. T.; FIORE, M.; TÓFOLI, L.F. **“Pesquisa preliminar de avaliação do Programa ‘De Braços Abertos’”**. Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD)/Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM). São Paulo, 2016.
- SILVA JUNIOR, R.C et al. **Peritos da PF desmistificam suposta nova droga “Oxi”**. FENAPEF – Federação Nacional dos Policiais Federais.2011. Disponível em: <http://www.fenapef.org.br/33814/>
- SILVA JUNIOR, R.C et al. **Demystifying “oxi” cocaine: Chemical profiling analysis of a “new Brazilian drug” from Acre State**. Forensic Science International Elsevier Journal 221 (2012) 113–119
- SILVA, S. L. **Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso do crack**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Saúde Pública/USP, São Paulo, 2000.
- SIMMEL, G. A Metrópole e a Vida Mental. In: Velho O.G., organizador. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: ed. Guanabara; 1987. p. 11-25.

- SOUZA, J. **Crack e exclusão social**. Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, Brasília 2016.
- TELES, A. A. **Cinema, cidade e memória: a rua do Triunfo**. Ver. Neamp Aurora, 5: 2009. Disponível em: www.pucsp.br/revista_aurora
- TELLES, V.S.; HIRATA, D.V. **Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito**. In: Rev. Estudos Avançados, 21(61), 2007.
- TURNER, V. **O processo ritual – estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, Vozes, 1974.
- TAUSSIG, M. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura**. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1993.
- UCHOA, M.A. **Crack o caminho das pedras**. São Paulo, Editora Ática, 1996.
- UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World Drug Report 2016**, United Nations publication, Sales No. E.16.XI.7.
- VASCONCELOS, L.A. **Heroína. Lisboa Como Território Psicotrópico nos Anos Noventa**. Lisboa, Coedição: Imprensa de Ciências Sociais e Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- VELHO G, VIVEIROS E. **O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas. Uma perspectiva antropológica**. Artefato jornal de cultura, ano I, n.1, 1978.
- VELHO G. A Dimensão Cultural e Política dos Mundos das Drogas. In: Zaluar, A., organizadora. **Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos**. São Paulo: Brasiliense; 1994. p.23-29.
- VELHO G. **Nobres e Anjos. Um Estudo de Toxicos e Hierarquias**. Rio de Janeiro, Tese de doutorado – UFRJ, 1975.
- VELHO, G. Observando o Familiar. In: NUNES, E. O. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- VELHO G. O Estudo do Comportamento desviante: A Contribuição da Antropologia Social. In: VELHO, G., organizador. **Desvio e Divergência. Uma Crítica da Patologia Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.1-28.

VELHO, G. Duas Categorias de Acusação Na Cultura Brasileira Contemporânea. In: **Individualismo e Cultura: Notas Para Uma Antropologia Da Sociedade Contemporânea**. RJ. ed. Zahar, 8ª ed, 2008.

VIANA VARGAS, Eduardo. **Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de "drogas"**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política) – FAFICH-UFMG. Belo Horizonte, 2001.

ZINBERG, N. **Drug, Set and Setting**. New Haven: Yale University Press; 1984.